

AS PALESTRAS DE FÉNIX

por L. Ron Hubbard

A CÉLEBRE SÉRIE DE CONFERÊNCIAS
DADAS POR L. RON HUBBARD PARA O
CURSO PROFISSIONAL,
FÉNIX
ARIZONA, EM JULHO DE 1954

Índice

CAPÍTULO UM

Cientologia, o seu antecedente geral (parte 1) 1

CAPÍTULO DOIS

Cientologia, o seu antecedente geral (parte 2) 7

CAPÍTULO TRÊS

Cientologia, o seu antecedente geral (parte 3) 13

CAPÍTULO QUATRO

Consideração, mecânicas, e a teoria subjacente à instrução 19

CAPÍTULO CINCO

Consideração e is-ness 25

CAPÍTULO SEIS

is-ness 31

CAPÍTULO SETE

As quatro condições de existência (parte 1) 37

CAPÍTULO OITO

As quatro condições de existência (parte 2) 44

CAPÍTULO NOVE

As quatro condições de existência (parte 3) 49

CAPÍTULO DEZ

As quatro condições de existência (parte 4) 55

CAPÍTULO ONZE

As quatro condições de existência (parte 5) 61

CAPÍTULO DOZE

Tempo 67

CAPÍTULO TREZE

Axiomas (parte 1) 74

CAPÍTULO CATORZE

Axiomas (parte 2) 82

CAPÍTULO QUINZE

Axiomas (parte 3) 89

CAPÍTULO DEZASSEIS

<i>Axiomas (parte 4)</i>	97
CAPÍTULO DEZASSETE	
<i>Comunicação duas vias e problema de tempo presente</i>	103
CAPÍTULO DEZOITO	
<i>Procedimento de Abertura 8-C</i>	109
CAPÍTULO DEZANOVE	
<i>Procedimento de Abertura por Duplicação</i>	116
CAPÍTULO VINTE	
<i>A Importância Da Comunicação Duas Vias Durante O Procedimento De Abertura Por Duplicação</i>	1
21	
CAPÍTULO VINTE E UM	
<i>Fio-directo de Ponto de Vista</i>	126
CAPÍTULO VINTE E DOIS	
<i>Remédio de havingness e localizar pontos no espaço</i>	132
CAPÍTULO VINTE E TRÊS	
<i>Processamento Descritivo</i>	138
CAPÍTULO VINTE E QUATRO	
<i>Processamento de Grupo</i>	142
CAPÍTULO VINTE E CINCO	
<i>Cientologia e vivência</i>	149
GLOSSÁRIO	155

CAPÍTULO UM

CIENTOLOGIA, O SEU ANTECEDENTE GERAL
(*Parte 1*)

A palavra CIENTOLOGIA poderia dizer-se que é um anglicismo. Vem do latim SCIO e do grego LOGOS, com SCIO no mais enfático sentido de SABER do mundo ocidental. E OLOGY (de LOGOS) está claro significa “estudo de”.

SCIO é “saber no sentido mais lato da palavra”, e o mundo ocidental reconhece nela e na palavra ciência algo perto da verdade.

Não é “ciência-tologia”, e não é “scio-tologia”, simplesmente porque isso não é bastante próximo da língua.

Logo nós usamos uma palavra bastante fácil de dizer que é simplesmente Cientologia.

Durante algum tempo não usámos a palavra Dianética, mas certamente não porque a Dianética não pertença à Cientologia. Pertence cem por cento. É o assunto da mente e di-lo. Diz DIA-NÉTICA de DIA NOUS (com uma distorção tipo engenharia com em “ÉTICA”) e DIA NOUS quer dizer nem mais nem menos que através da mente.

Está claro que o mundo ocidental pensa na mente como algo que os casos mentais têm, algo daquele tipo, e nós não nos interessámos particularmente em continuar a concentrar-nos nesta coisa chamada mente, embora a mente seja uma palavra perfeitamente útil.

Em Cientologia não vamos “através da mente”, mas estamos a falar de *conhecimento*. A Dianética foi um estudo da mente, não há dúvida, e não há dúvida que é um antepassado muito legítimo da Cientologia, mas a Cientologia é uma coisa de considerável *amplitude* onde a Dianética era, em comparação, uma coisa de facto muito estreita. E, de certo modo, a Dianética pertence ao mundo da psicologia, e a Cientologia não pertence ao mundo da psicologia e não é “uma psicologia avançada”, e não pode ser definida no quadro da psicologia. A Psicologia é uma “portuguezada” que hoje não tem nada a ver com o seu significado original.

A palavra Psicologia é composta por *psique* mais *ologia*, e *psique* é mente ou alma, mas textos psicológicos líderes começam muito, muito cuidadosamente por dizer que hoje a palavra não se refere à mente ou à alma. Para citar um, “tem que ser estudada pela sua própria história”, uma vez que já não se refere à alma, nem mesmo à mente. Logo, não sabemos a que a psicologia se refere hoje. Simplesmente se perdeu. E assim nós temos que ir e pegar numa palavra que de facto signifique o que queremos dizer, ou seja, um estudo do saber, um estudo da sabedoria. Nós temos que usar a palavra Cientologia porque é isso que estamos a fazer.

Agora, filosoficamente, há a palavra epistemologia, e epistemologia é bastante diferente da ontologia, outra palavra da mesma categoria. Em matéria de filosofia, é considerada á parte. O universo físico é considerado numa direcção, o pensamento noutra direcção, e por aí fora. As palavras disponíveis não chegam.

Por isso nós já estamos a ver um vocabulário nebuloso quando olhamos para o campo da filosofia ocidental. De facto, em parte alguma do ocidente podemos encontrar quaisquer qualificações para um estudo que assume alcançar o mais alto nível de conhecimento atingível pelo Homem ou pela Vida. Nós não achamos em parte alguma do mundo ocidental uma palavra ou uma tradição que abranja a Cientologia. Isto cria alguma dificuldade a um auditor (*Auditor*: Cientólogo treinado. Auditor quer dizer “o que ouve” e é uma pessoa que aplica a tecnologia

de audição de Cientologia aos indivíduos a fim de os melhorar) quando tenta comunicar com as pessoas da sociedade ocidental ao seu redor, uma vez que querem saber o que é a Cientologia, e ele fala sem essa tradição.

Eles assumem que a palavra psicologia abarca todo o tipo de excentricidades achadas no comportamento mental. Eles assumem isto, logo não podem compreender de maneira alguma como se poderá dizer que qualquer coisa relacionada com pensamento excede, ou não é a mesma coisa, que a psicologia, e ficam no dilema do não-reconhecimento. Você simplesmente não comunicou com o ocidente quando disse: “nós estudamos a sabedoria”. Se apenas dissesse isso, eles diriam: “Oh sim, está tudo muito bem, eu fiz isso no terceiro grau”.

Agora, devido ao facto que você sai de comunicação, numa sociedade que não tem nenhum padrão de comunicação sobre o assunto de que está a falar, é necessário recorrer a várias mudanças para tentar descrever o que está a fazer. Você tem que encontrar o antecedente que de facto conduz a uma compreensão do seu assunto.

Haveria muitas maneiras disto poder ser realizado, mas peguemos em algo bastante importante para nós e que não esteja limitado por alguma da ignorância que descobrirmos na civilização ocidental. Vejamos o que remonta provavelmente a dez mil anos de estudo da parte do Homem, da identidade de Deus ou deuses, da possibilidade de verdade, do mistério de todos os mistérios internos da banda do tempo. Por outras palavras, o mistério da vida em si mesmo. Nós achamos que durante dez mil anos, números que, a propósito, não concordam hoje com certos historiadores, (entretanto eles não sabem muito dos dados a que eu me refiro) o homem tem estado nesta banda. Nós achamos que o material existente, mesmo na civilização ocidental e na Ásia, granjeou, poderia dizer-se, uma enorme verbosidade. Há algures entre... e eu penso que seria aventureiro declarar um número exacto, 125.000 e 150.000 livros que incluem as bibliotecas Védicas e Budistas. Ora, são muitos livros. É uma tremenda quantidade de dados.

Poderia dizer-se, se todos esses dados existem, então porque é que o mundo ocidental não sabe mais acerca disto? E nós temos que voltar lá e dar uma olhada breve ao que aconteceu há cerca de dez mil anos atrás, e, é claro, isso também é bastante nublado, mas ponhamo-lo no campo da antropologia em lugar do campo da história. E nós descobrimos isso talvez muito antes de há dez mil anos atrás, pois havia uma divisão de populações aqui na Terra, e o ponto de divisão era evidentemente os Montes Urais. Este é material que me foi dado por um Professor de Etnologia da Universidade de Princeton.

Havia evidentemente uma divisão de raças algures na vizinhança dos Urais. Parte da população que está agora no hemisfério norte foi para oriente, e parte dela foi para oeste. O local do nascimento do género humano foi disputado diversamente, mas se não nos preocupamos com local do nascimento e apenas dissermos... isso foi mais ou menos o que ocorreu naquele tempo em que havia uma divisão definida, e aquela parte das pessoas do hemisfério norte foi para oriente e parte delas foi para oeste, nós descobrimos que ocorreu uma diferença singular de personalidade que está no hemisfério norte, a diferença mais observável.

As pessoas que foram para as estepes, para o Gobi, para a China, para a Índia e para as várias ilhas, foram confrontadas com uma enorme cadeia de desertos. Foram confrontadas com privações de grande magnitude, e elas desenvolveram uma filosofia de *resistência*. Isso era a tônica, porque isso era o que o ambiente exigia deles. Tinham que resistir e assim nós encontramos estas raças coloridas, de uma certa maneira para contrariar a investida do sol e da neve. Encontramo-las sem proteção natural no seu ambiente, e por isso capazes de sobreviver muito para além dos que foram na direção oposta.

E é assim que as cores deles, os costumes deles, e assim por diante, são diferentes dos nossos só na medida em que eles podem sobreviver em ambientes tremendamente agrestes, e os ambientes dessas terras são agrestes. Elas, essas raças que lá estão, são capazes de resistir. E, a dizer *alguma coisa* sobre eles, esta é certamente uma declaração clara dos factos.

Eles também são tremendamente práticos. A sua natureza prática é tal que faz cambalear um ocidental. As explicações que eles dão repentina e ingenuamente a uma questão, são sempre de tal radical simplicidade que deixam um ocidental ali especado a fitá-los de queixo caído.

Agora as raças que foram na direcção oposta aos Urais, evidentemente, foram para uma região com uma florestação pesada. Havia muito jogo, e a filosofia do mundo ocidental tornou-se a filosofia da pancada. Se pudesse dar uma pancada de grande magnitude, bastante dura e rápida, você poderia matar o jogo, logo poderia viver. Por causa da vegetação e por causa de muitos outros factores, eles não precisaram particularmente de cores. Os seus próprios costumes não precisavam de ser tão completamente práticos, e eles podiam dispor muito mais facilmente das suas vidas, poderia dizer-se, uma vez que a comida era abundante, como não era na Ásia. E nós descobrimos a filosofia ocidental construir-se no padrão de comportamento da pancada. Entrar rápido, bater duro, o seu jogo abranda e você come. E para além disso, não há muito pensamento ou prática.

Contudo, a verdade disto é que pode ser que haja certamente aqui alguma coisa que dizem ter precedido um período 10.000 anos atrás. Poderia ou não ser verdade. Mas é uma muito rápida explicação disto, e nós vemos imediatamente, olhando para estes dois mundos, que um desses mundos, tendo que resistir, sendo confrontado com enorme privação, iria, é claro, desenvolver uma certa paciência e uma capacidade de filosofar. Uma capacidade de pensar. Levaria muito tempo para alguém pensar nalguma coisa até ao fim. E não é provável que um homem meramente acostumado a bater duro pense nalguma coisa até ao fim. Quando estamos perante a filosofia, nós estamos, feliz ou infelizmente, perante uma tradição asiática.

Esta é uma tradição que não necessariamente é das populações coloridas ou estranhas. Isto, a propósito, surgiria como um grande choque para algumas pessoas do mundo ocidental, descobrindo que na Índia a casta governante é tão totalmente branca quanto qualquer nórdica.

Bem, eles têm, porque têm uma tradição de resistir, registos preservados. Nós não sabemos o que se passou na América do Norte. Só podemos adivinhar. Não sabemos o que se passou na América do Sul. Há algumas ruínas por ali, mas para além disso não sabemos muito. Entramos na bacia mediterrânea e descobrimos que houve um certo tráfico com a Ásia e por isso bastante conhecimento sobre a bacia mediterrânea. Esta filosofia de resistência entrou no Médio Oriente, muito pobemente, mas foi encontrada ali. Podemos manter os registos da Europa numa tremenda interrogação. Por exemplo, eles não sabem onde ou quando tiveram a idade do gelo. Na verdade não podem localizar nada de um milénio para o outro, quem estava onde e o que possuía. De vez em quando têm que escrever uma história, logo, toda a gente entra num bom estado de acordo e alguém escreve uma história, mas tão duvidosa que Voltaire chamou à história Um Mississippi de Mentiras. Agora, no que diz respeito ao mundo ocidental, nós temos registos, registos escritos que remontam supostamente a 3.500 anos. Isto pode ou não ser verdade, mas certamente as escolas do mundo ocidental ensinam-nos que nós podemos remontar àquele tempo através de registos escritos. E no Egipto eles vão até Isis, penso eu, o que para o ocidente é bastante tempo. E eles encontraram registos daquela área particular e guardam-nos como muito antigos. Mas, se está à procura de registos antigos, tenha muito cuidado, seja muito, muito cuidadoso para não deixar o mundo ocidental. A fim de ter uma supressão da história e do conhecimento, você tem que ficar a ocidente dos Montes Urais.

A Leste dos Urais você não descobre nenhuma supressão dessas. Você descobre uma tradição de sabedoria registada que remonta a aproximadamente 10.000 anos. E isso é o rastro mais antigo que nós temos.

Agora é bastante verdade que não necessariamente temos que reconhecer a existência de trabalhos escritos mais antigos do que qualquer antropólogo no mundo ocidental, já se sabe. Contudo, acontece que há um conjunto de *hinos* que me lembro terem sido introduzidos nas sociedades da terra cerca de 8212 AC (o número ocidental favorito põe isso *depois* dos egípcios!) São hinos, e pareceria que se falássemos de hinos eles conteriam muitos modos ou ritos de adoração, uma vez que são religiosos, mas seria só a nossa interpretação ocidental do que é religioso. Eram hinos religiosos, e eles constituem a mais antiga dúvida da Cientologia. A nossa mais antiga dúvida, porque os hinos muito antigos contêm muito do que nós sabemos hoje, e que confere com o que nós redescobrimos, ou o que nós perseguimos, e este material incluiu uma coisa tão comum como o ciclo do universo físico, conhecido em Cientologia como o Ciclo de Ação (*Ciclo de Acção*: criação, crescimento, conservação, decadência e morte, ou destruição de energia e matéria num espaço. Ciclos de Acção produzem *tempo*). E isto está contido em „O Hino para o Amanhecer da Criança”, diversamente legendado e traduzido por tradutores ocidentais, mas toda esta informação lá está.

Além disso, encontramos naquele mesmo jogo de hinos a teoria da evolução, que foi apresentada no ocidente só há cem anos, ou ligeiramente menos, por Charles Darwin. De facto, à medida que olhamos estes hinos, descobrimos quase qualquer informação que queiramos descobrir depois. Quer chamemos a isso ciência ou o que quisermos, eis um tremendo corpo de conhecimento. Supõe-se terem vindo na tradição oral, memorizados, de geração para geração, e finalmente estabelecidos. Agora esta é uma interpretação ocidental do que lhes aconteceu a eles. Eu não me preocuparia com dizer como isto é exactamente correcto, mas posso dizer que hoje estes hinos ainda existem. Eles são muito difíceis de adquirir no mundo ocidental. Você tem que encontrar as traduções especializadas, e são estudados como curiosidade mais do que qualquer outra coisa, mas nós não sabemos que ciências abririam as suas portas de repente se alguém se sentasse e começasse a estudar o *Veda*. Não sabemos o que aconteceria. Mas a informação parece ter transvazado daquela direcção para o Médio Oriente e Europa, bastante constantemente durante milhares de anos.

O homem gosta de acreditar que o homem de ontem era incapaz de caminhar, de viajar, de se mover.

Contudo, nós achamos que tão tarde como 1.200 AC ele certamente tinha cavalos, e os cavalos podem ir quase a toda a parte. Ele pôde abrir caminho aqui e ali através da superfície da Terra e naturalmente quando obtém isto, você obtém uma transplantação de informação. Por exemplo, hoje, quem conhece a China, não descobre nada de muito estranho na arte culinária italiana. E não acharia muito estranho que a arte culinária italiana aparecesse de repente logo após o retorno de Marco Pólo, e de muitos outros viajantes que tinham estado na mesma área. Só porque uma única pessoa escreveu sobre isto, não é razão para que muitas outras pessoas não tivessem lá estado. É sempre um espanto para algum membro do Clube do Explorador ir lá e apanhar toda a informação necessária sobre uma área que é agora selvagem e „completamente inexplorada”, de um branco ou de um chinês, particularmente do chinês, que viveu lá os últimos quarenta anos. E o explorador recupera a informação e publica-a em jornais e disponibiliza-a para as pessoas. A informação recolhida no terreno por aquele homem, branco ou chinês, seria provavelmente transmitida só à família quando voltasse a casa, e não particularmente difundida em absoluto. Logo nós temos que reconhecer que certa informação é amplamente difundida, e outra é meramente levada por aí. Acontece que Marco Pólo, e até Batuta, são escritores, e, como

escritores, escreveram, mas isso não é razão para assumir que foram as únicas pessoas em movimento durante os últimos 3,500 anos.

Por isso não admira que tenhamos descoberto as várias sabedorias do Egipto, surgindo como as sabedorias mais antigas da Grécia. Não admira que olhemos para as bíblias Cristãs e encontremos o *Livro dos Mortos* Egípcio. Não admira que olhemos para o meio do período Romântico da Europa e vejamos que as *Noites Árabes* só tinham sido traduzidas, e que a literatura europeia fez uma revolução completa naquele ponto. Não estamos a acentuar que nada alguma vez foi pensado na Europa, mas a Europa deu tremendos passos em frente, imediatamente depois das portas se terem aberto à informação Oriental.

Porque a tradição Oriental diz que você se pode sentar e pensar, e às vezes alguém no mundo ocidental é lembrado disto, e quando isso lhe é lembrado é atingido pelo facto de que ele também se pode sentar e pensar.

E se alguma coisa nos foi ensinada, foi a paciência do Oriente, que se permitiu deixar de agir tempo bastante para descobrir o como e o porquê.

E é só por aquela tradição que nós estamos muito em dúvida para com a Ásia.

Mas *estamos* nós em dúvida para com a Ásia? É só para com a Ásia, ou meramente para com os homens deste planeta que, partindo-se em dois, poderia dizer-se, foram para oriente e foram para ocidente... os antepassados comuns do Homem. Todos nós temos o mesmo potencial, mas acontece que a informação recolhida durante anos está disponível na Ásia. Ela não foi preservada no mundo Ocidental. Por isso nós vemos coisas tais como o Veda, nós vemos coisas como textos budistas, o *Tao-Teh-King* e outros materiais asiáticos deste género, trazerem até nós informação do passado. Quem sabe se estes materiais não saíram da Europa em primeiro lugar e foram para a Ásia. Nós poderíamos seguir pistas muito duvidosas em todas as direcções, mas sabemos, conforme nos sentamos aqui no mundo ocidental, que o homem tem uma tradição de sabedoria que remonta a cerca de 10,000 anos trás, o que é muito positivamente localizável. E nós vemos o certamente mais antigo antepassado conhecido da Cientologia, o Veda. O Veda é um trabalho muito interessante. É um estudo dos quês e porquês, e de quem o fez e porquê.

É uma religião. Não deveria ser confundido como qualquer outra coisa *além de* uma religião. E a palavra Veda significa simplesmente: *Visão* ou *Sabedoria*. É só o que significa. É só o que alguma vez significou. E assim, nós podemos olhar para trás, através de um certo lapso de tempo, através de um grande número de mentes e de um grande número de lugares, onde o homem foi capaz de se sentar o bastante para pensar, através deste registo mais antigo e encontrar o lugar onde se une com o presente, coisa a que nós, em Cientologia, estamos justamente em dúvida. É que dizer isto avulso e sem antecedentes, que um ocidental como eu deveria desenvolver de repente tudo o que você precisa saber para fazer as coisas que eles estavam a tentar fazer, é uma incredulidade, e uma declaração inacreditável e uma inverdade. Se a informação do Veda não estivesse disponível para mim, se eu não tivesse tido um conhecimento muito apurado de informação anterior de toda esta banda, e se ao mesmo tempo eu nunca tivesse sido treinado numa universidade americana que me deu um antecedente de ciência, não poderia ter compreendido bastante do mundo ocidental para *lhe* aplicar qualquer coisa Oriental, e nós teríamos outra vez apenas o mundo Oriental. Mas o mundo ocidental tem que dar um soco. Tem que produzir um efeito. Tem que chegar lá. Ninguém instou a Ásia para que chegassem lá. Você poderia sentar-se num cume de um monte durante mil anos e isso ser perfeitamente certo para toda a vizinhança. No ocidente, eles prendem-no por vadiagem. Logo, nós combinámos a sabedoria colectiva de todas essas épocas com impaciência e urgência suficientes, com uma suficiente metodologia científica. A propósito, eu penso que provavelmente Gautama Sakyamuni (Buda) tinha um comando melhor da metodologia

científica do que quaisquer das Cadeiras de Ciência em universidades ocidentais. Nós tivemos que depender, entretanto, da metodologia científica e da matemática para catalisar e trazer à cabeça a ambição de 10,000 anos de pensadores.

E se eu adicionei a isto alguma coisa em absoluto, foi simplesmente a urgência necessária para *chegar*, que era o que faltava no mundo Oriental.

CAPÍTULO DOIS

**CIENTOLOGIA,
O SEU ANTECEDENTE GERAL**

(Parte 2)

Do grande corpo de trabalho que inclui a tradição escrita Veda, Dhyantic e Budista de dez mil anos, muito, muito pouco, de facto chegou no mundo ocidental. Só uma pequena quantidade do material foi traduzida.

Levaria muito tempo para atravessar os 125.000 a 150.000 volumes, e isso não foi feito, de forma que a totalidade do que está nesses livros não é mesmo conhecido. O próprio Veda quer simplesmente dizer Sabedoria ou Erudição sagrada, e não pense que é diferente de um sinónimo. Sabedoria sempre foi considerada erudição sagrada, nunca foi diferente de erudição sagrada, e só esteve presente um tempo relativamente curto no mundo ocidental, que está agora mesmo em crescimento, começando a sair do nível onde a erudição sagrada é equacionada com superstição.

O Veda, se se preocupar em examiná-lo, é melhor lido numa tradução literal do Sânscrito. E há quatro divisões principais do Veda, todas elas totalmente valiosas. Muito do nosso material de Cientologia é descoberto mesmo lá atrás. Isto faz da parte mais antiga da Cientologia a sua erudição sagrada.

O próximo trabalho escrito que se supõe ser o mais *antigo*, de acordo com vários estados mentais, é um livro chamado *O Livro do Trabalho*. Ele é indiano e bastante antigo. Provavelmente precede o que é chamado o Antigo Egípcio. E nós descobrimos que este *Livro do Trabalho* continha simplesmente a canseira, sofrimento e necessidade de paciência, de um homem confrontado com um Deus um pouco caprichoso. Agora outros trabalhos, tais como o Livro de Trabalho, estão disseminados ao longo da banda do tempo, e são nossos conhecidos aqui no mundo ocidental como trabalhos sagrados. Pensa-se que vieram até nós do Médio Oriente, mas isso seria um olhar muito curto.

De facto, nós estamos a olhar, no Médio Oriente, para um ponto de *retransmissão* de sabedoria, da Índia e da África para a Europa. E como vê, segue uma rota de comércio em ambas as direcções, por isso você tem as encruzilhadas do mundo no Médio Oriente. Logo esperaríamos coisas tais como o Livro do Trabalho surgissem no Médio Oriente, como escrituras sagradas. Você esperaria que coisas tais como o Livro dos Mortos dos egípcios surgissem no Médio Oriente como parte do Novo Testamento, e assim por diante. Poderia haver muita discussão sobre isto. Alguém que se dedica apaixonadamente à prática em lugar da sabedoria (há aqui duas coisas diferentes que envolvem religião) discutiria consigo. Mas a Cientologia não tem qualquer interesse em discutir nessa linha porque nós podemos fazer esta diferenciação muito, muito clara, aqui mesmo e agora. A própria palavra religião pode envolver erudição sagrada, sabedoria, sabedoria de deuses e almas e espíritos, e ser chamada, num sentido muito lato da palavra, uma filosofia. Logo, poderíamos dizer que há uma filosofia religiosa, e uma prática religiosa. Agora a prática religiosa poderia levar a idêntica fonte, e através de interpretaçãoposta em efeito e assim criar várias igrejas, todas dependentes de fonte idêntica, como S. Lucas. Se pensarmos no número de igrejas Cristãs, olharmos para um livro do Novo Testamento e repararmos que um só livro foi gerador de Baptistas, Metodistas, Episcopais, Católicos, descobrimos um tremendo número de práticas que pode degenerar numa sabedoria.

Logo, vejamos aqui uma diferenciação muito clara entre *filosofia* religiosa e *prática* religiosa. Quando alguém vem até si e diz que isto-e-isto-e-isto é de facto a maneira como se deve adorar a Deus, você pode muito completa, clara e rapidamente parar isto mencionando-lhe meramente que ele está a falar de prática religiosa e você está a falar de filosofia religiosa.

Agora, descendo a banda um pouco mais ordenadamente, nós chegamos ao Tao-Teh-King que é conhecido por nós no mundo ocidental como Taoismo. E nós podemos ter ouvido falar desta prática religiosa na China. O Taoismo, como actualmente praticado, pode ou não alguma vez ter ouvido falar de Tao-Teh-King. Pode ou não alguma vez tê-lo conectado. Mas nós estamos a falar certamente de filosofia religiosa quando mencionamos o Tao-Teh-King.

Foi escrito por Lao-Tzu aproximadamente 529 AC, algo por volta daquele período. Ele escreveu-o logo antes de desaparecer para sempre. E as datas do seu nascimento e morte são por tradição: 604 AC, nascimento, 531 AC, morte. Este é o próximo marco miliário importante na estrada desse conhecimento.

Agora o que era o Tao: significava *a maneira de resolver o mistério subjacente a todos os mistérios*. Não era simplesmente „*a maneira*”, como o mundo ocidental geralmente pensa nisso. Eu suporia que só seria o caso se fossem estranhos ao próprio livro. É um livro, e foi escrito por um homem chamado Lao-Tzu quando lhe foi ordenado que o fizesse por um porteiro.

Lao-Tzu era um fulano muito obscuro. Muito pouco se sabe dele. A sua principal paixão era a obscuridade, e um dia começou a deixar a cidade e o porteiro virou-o e disse-lhe que não podia deixar a cidade antes de ir para casa e escrever este livro. É um livro muito pequeno. Não deve ter mais de seis mil caracteres. Ele escreveu meramente a sua filosofia e deu isso ao porteiro, saiu o portão e desapareceu. É a última coisa que ouvimos dizer de Lao-Tzu.

Bem, quando temos este livro nós começamos a ver que estava aqui alguém a tentar ir algures sem ir a *alguma coisa*. Nós temos o mundo ocidental que define este trabalho como: „ensinar a conformidade com a ordem cósmica” e „ensinar a simplicidade na organização social e política”. Tao-Teh-King fez mesmo isto, e esta seria uma meta muito finita, mas este não era de facto o Tao. O Tao dizia simplesmente que se pode resolver o mistério que fica por trás de todos os mistérios, e seria, mais ou menos, a maneira como se poderia abordar esta questão, mas, é claro, o que você está a tentar resolver não possui em si mesmo as mecânicas julgadas inerentes aos outros tipos de problemas que você resolve. Ele diz que um homem podia explorar o seu Tao de várias maneiras, mas ele teria que praticar e viver de uma certa maneira a fim de alcançar o Tao.

É uma peça de trabalho incrivelmente civilizado. Seria o tipo de coisa que você esperaria de uma pessoa muito, muito educada, extremamente compassiva, agradável, de uma ordem intelectual mais alta do que estamos acostumados. É um livro muito bom. É tipo que simples. Tipo ingénuo, e diz-lhe que deveria ser simples e económico, e diz-lhe como seria uma forma sábia de manejar as coisas. A propósito, é quase a única falha que contém, de um ponto de vista da Cientologia, dizer-lhe que deve ser económico.

E se tomássemos o Tao como está escrito, e sabendo o que sabemos em Cientologia, se tencionássemos simplesmente praticar o Tao, não sei, mas não obteríamos um Theta Clear. (*Theta Clear*: Um indivíduo que, como ser, está certo da sua identidade, aparte da do corpo, e que habitualmente opera o corpo de fora, ou *exteriorizado*). De facto o Tao é meramente um conjunto de directivas sobre como você desceria este caminho, o qual não tem curso nem distância. Por outras palavras, ensina que é melhor sair do espaço e afastar-se de objectos se quiser alcançar alguma consciência de entidade, ou saber as coisas como elas são, e diz que se

puder fazer isto, então saberá toda a resposta e ficará todo resolvido. E isto é exactamente o que nós estamos a fazer em Cientologia.

Tao quer dizer Sabedoria. Isto é outra vez uma tradução literal. Por outras palavras, é um antepassado da Cientologia, o estudo de „saber como saber”. O Tao é a maneira de saber como saber, mas não é dito dessa maneira. Está invertido. É dito assim: esta é a maneira de alcançar o mistério subjacente a todos os mistérios. Agora, embora cru, isto poderia parecer a alguém especializado no Tao que é realmente tudo o que precisamos saber sobre isso, excepto esta coisa: há um princípio conhecido como Wu-Wei que é estranho porque entra logo com o Tao, que também quer dizer o caminho, e provavelmente você está vagamente familiarizado com uma prática conhecida como Judo, ou Ju-jitsu. Wu-Wei é um princípio que se aplica mais ou menos crumente à acção daquele modo. Nós achamos que este princípio é *não-afirmação* ou *não-compulsão*, e isso está aí mesmo no Tao: autodeterminação. Você deixa-os usar a sua autodeterminação. (Um pouco mais tarde com o Judo, você vê que se deixar um homem ser bastante autodeterminado, pode-o vencer todas as vezes, mas isto está de facto fora do âmbito do Tao). É uma coisa interessante de descobrir ali uma das práticas que emanaram do Tao-Teh-King.

Bem, deveria ter havido muitas, muitas pessoas muito inteligentes na Terra naquele tempo porque nós encontrámos na vida de Lao-Tzu uma chamada Confúcio, de quem tanto se ouviu falar, mas infelizmente Confúcio nunca escreveu uma única palavra, evidentemente. Confúcio é referido pelos que andavam à sua volta, os seus discípulos. E ele tirou a maior parte do seu material, ou deu crédito a alguns antigos trabalhos chineses, e um deles, se bem me lembro, é justamente o Livro dos Ventos. E aqueles são muito, muito antigos e eu vi algumas traduções fragmentárias deles. É claro, o próprio Confúcio foi o grande apóstolo do conservantismo, e, como tal, foi desde então o grande filósofo modelo para ter num governo. Ele é adorado neste século por muitos, muitos níveis na China, e você poderia comprar a estátua dele com grande facilidade por todo o norte da China.

Ora, a quantidade de superstição que cresceu ao redor de Confúcio é considerável, mas nós tivemos em Lao-Tzu e Confúcio duas pessoas que nunca pretendiam ser outra coisa além de seres humanos, e que simplesmente apontavam uma forma de vida. Agora Confúcio não tem grande interesse para nós porque ele classificava a *conduta* a maior parte do tempo, e o grande filósofo do dia, embora menos conhecido, era Lao-Tzu.

Nós entramos pois no período principal de Dhyana. O Dhyana tem, como antecedente, uma distância ia quase tão lendária como o Veda, aparecendo na Índia no seu período mitológico, lendário nos seus fundamentos. Dharma era o nome de um sábio lendário hindu cujas muitas consequências foram a personificação de virtudes e ritos religiosos, e nós temos a palavra Dharma quase permutável com a palavra Dhyana. Mas seja o que for usar, você está a usar uma palavra que significa Sabedoria. Dhyana significa outra vez Sabedoria e Vistoria. O Veda, o Tao, o Dharma, todos significam Sabedoria. Isto é o que eles são, e todos eles são trabalhos religiosos, e esta é a religião de cerca de dois terços da população da terra. É de um tremendo corpo de pessoas que estamos a falar. Nós sabemos isto erroneamente e chamamos-lhe Budismo no mundo ocidental, e tem muito pouco a ver com Buda. É de O Dhyana que os budistas falam, e é o seu antecedente.

Nós descobrimos que este Buda primeiro se chamava de facto Bohdi, e um Bohdi é alguém que atingiu a *perfeição ética e intelectual, através de meios humanos*. Isto seria provavelmente um Liberto de Dianética (*Liberto de Dianética*: alguém que, auditado em Dianética, atingiu bons ganhos de caso, estabilidade, e pode desfrutar mais da vida. Tal pessoa está „key-out” ou, por outras palavras, liberto dos mecanismos de estímulo-resposta da mente reactiva) ou algo

deste nível. Foi-me mencionado outro nível, *Arhat*, com que eu não estou particularmente familiarizado, dito mais comparável à nossa ideia de Theta Clear.

Havia muitos Bohdis, ou Budas. E o maior destes era um fulano chamado Gautama Sakyamuni que viveu entre 563 e 483 A.C. Não irei ao ponto de dizer que ele alguma vez leu o Tao-Teh-King porque não há absolutamente nenhuma evidência daquele efeito, a não ser que eles seguiam certamente pelo mesmo atalho. Tanto assim que, quando o Taoismo se transformou mais tarde em Budismo, eles nunca abandonaram o Tao. Princípios taoistas tornaram-se em princípios budistas chineses, em grande medida. E o que nós acabámos de dizer em termos de saber o caminho para a Sabedoria está muito, muito de perto associado com Buda, ou Lorde Buda, ou Buda Gautama, ou o Abençoado, ou o Iluminado. Ele é erroneamente considerado, de acordo com minha convicção, como o fundador do Dhyana. Penso que este já existia muito tempo antes dele surgir, mas ele injectou-lhe vida, ele deu-lhe uma codificação, ele corrigiu-o e pô-lo a correr na banda correcta, e continuou a correr desde então naquela direcção, ele fez um bom e completo trabalho. Era um filósofo científico de tal maneira excelente, tão persuasivo e logo tão penetrante no seu trabalho, que ninguém jamais conseguiu separar Dhyana de Buda Gautama. Esta identificação é de tal maneira próxima, que mesmo em áreas que não têm compreensão qualquer que ela seja dos princípios colocadas por Buda Gautama, nós encontramo-lo ali sentando como um *ídolo*, o que teria sido uma coisa muito, muito divertida para Buda porque ele, como Lao-Tzu, nunca disse que era mais do que um ser humano. Nunca anunciou qualquer revelação de fontes sobrenaturais, que havia algum anjo da guarda nos seus ombros a orar por ele, como no caso de Maomé e alguns outros profetas. Ninguém jamais lhe deu a palavra. Mas ele passou a dar o que tinha às pessoas, nunca pretendeu ser nada mais que um ser humano, e ele era um professor. Um homem tremendamente interessante. Contudo, agora nós encontramos algumas das coisas *escritas* por Gautama, achamo-las muito significativamente interessantes para nós, completamente aparte de Dhyana (que poderia ser traduzido literalmente como „o índio para a Cientologia”, se você desejasse fazê-lo).

Nós achamos em *Dharma-Parda*:

„Tudo aquilo que nós somos é o resultado do que pensamos. É fundado nos nossos pensamentos. É composto dos nossos pensamentos.

“Interessante, não é? E:

„O mal é feito por si próprio. Por si própria a pessoa sofre. O mal fica por fazer por ela própria. Por si própria é a pessoa purificada. Pureza e impureza pertencem a si própria. Ninguém pode purificar outro”. Por outras palavras, você não pode conceder só entidade, e provocar o temor reverencial do preclaro. (*Preclaro*: Uma pessoa que através do processamento de Cientologia está a descobrir mais sobre ele e sobre a vida). Significa que você tem que o ter ali a trabalhar na sua própria autodeterminação, ou não, se lhe quiser dar qualquer tipo de interpretação. Por outras palavras, você tem que lhe restabelecer a *sua* capacidade de conceder entidade (*beingness*), ou ele não faz ganhos, e nós sabemos isto através de testes.

„Você próprio tem que fazer um esforço. Os Budas são só pregadores. Os meditabundos que entram neste caminho são libertados da escravidão do pecado”.

„Aquele que não se levanta quando são horas de se levantar, que, embora jovem e forte, está cheio de indolência, cujos pensamentos são fracos, esse homem preguiçoso e inactivo nunca encontrará o caminho para a iluminação”. O denominador comum da psicose e da neurose é a inabilidade para trabalhar.

E o próximo verso:

„A tenacidade é o caminho da imortalidade, e a Indolência o caminho da morte. Os que são tenazes não morrem, os indolentes já estão como mortos”. Isto é parte daquele material, e, a propósito, um pouco mais tarde no trabalho dele, numa conversa com um Ananda, descobrimo-lo anunciando o facto que você tem que se privar de seis pares de coisas, por outras palavras, doze coisas separadas, e nós reconhecê-las-íamos em Cientologia como as várias partes fundamentais de coisas como espaço, estabelecer e quebrar comunicação e assim sucessivamente. Elas estão todas lá, nomeadas uma após outra. Mas ele disse que você tinha que se privar delas, e a dificuldade principal é, é claro, a interpretação de exactamente o que ele disse. O que foi que ele disse? O que foi de facto escrito?

Porque a verdade é que, privando-se com êxito destas coisas significaria que você tinha que se colocar numa posição onde as pudesse tolerar antes de se poder privar delas. E esse é o principal ponto de rotura de todos estes ensinos: que uma pessoa não reconheceu, que ela simplesmente não negou nada contra tudo e então ficou pura, e a maneira como foi interpretado é: se você foge de toda a vivência, então pode viver para sempre. Essa é a maneira como foi interpretado. Mas compreenda, nunca assim foi dito.

A religião Budista, conduzida pelos seus professores, trouxe, a partir daquele tempo civilização aos barbarismos existentes da Índia, da China, do Japão, do Próximo Oriente, ou de cerca de dois terços da população da terra. Esta foi a primeira civilização que eles tinham tido. Por exemplo, o idioma escrito do Japão, a sua capacidade de fazer a laca, a seda, quase qualquer tecnologia que tem hoje, foi-lhe ensinada por monges budistas que emigraram da China para o Japão, a primeira difusão de sabedoria da qual resultaram culturas muito, muito altas. As culturas que resultaram do Budismo eram muito facilmente distinguíveis das superstições que tinham existido antes. Nada de leve ocorreu ali. Eram só algumas pessoas que tinham a ideia que havia sabedoria, e tendo aquela sabedoria saíram e disseram isso às pessoas, e disseram-lhes que havia maneira de encontrar uma salvação, e essa maneira era tornar-se a sua própria *essência espiritual*. E se você viveu uma vida bastante pura, na ausência da sensualidade e práticas do mal, por outras palavras, actos overt (*acto Overt*: uma acção prejudicial ou contra-sobrevivência), poderia bastante possivelmente quebrar a interminável cadeia de nascimento e morte que eles conheciam muito bem por esses dias.

E, por outras palavras, você poderia realizar uma exteriorização (*Exteriorização*: O estado do theta, o próprio indivíduo, fora do corpo. Quando isto é feito, a pessoa alcança uma certeza que ela é ela própria e não o seu corpo).

Ora, todo esse conhecimento até este ponto foi dado a um mundo que estava, evidentemente, claramente ciente da manifestação de exteriorização, e que estava a viver vidas consecutivas. Dois mil e quinhentos anos depois você esperaria que uma raça fosse enterrada suficientemente abaixo daquele nível para já não estar consciente de vidas sucessivas, mas só de uma única, e assim é o Homem. Mas alcançar a salvação numa vida era a esperança do Budismo. Aquela esperança, através de várias práticas, era de vez em quando, aqui e além, atingida. Mas nunca nenhum conjunto de práticas precisas avançou, que imediatamente, previsivelmente, produzisse um resultado. Você comprehende que muitas das práticas produzissem *ocasionalmente* um resultado. Mas era uma religião que, nessa medida, teve que prosseguir com esperança, uma esperança que se estendeu por muitos, muitos anos.

O material libertado por aquele tempo está atravancado com irrelevâncias. Muito está enterrado. Você tem que ser muito selectivo, e tem que, de facto, conhecer a Cientologia para o desenterrar, clarificar, mas muito menos do que você poderia esperar. Era sabedoria, era realmente sabedoria e hoje é o antecedente de práticas religiosas, mas não pense por um momento sequer que um budista das colinas ocidentais da China sabe as várias palavras de

Gautama Sakyumuni. Não. Ele tem certas práticas. A sabedoria básica está atenuada. Com isso como antecedente eles têm certos ritos religiosos e seguem-nos. Logo, até na China, muito perto da Índia onde isto surgiu e foi *directamente* enviado para a China, nós temos aquela divisão imediata entre a sabedoria e a prática, e vemos quase toda a China de uma maneira ou outra, curvar-se a alguma forma de Budismo, e muito pouco do mundo intelectual sabe de facto os reais antecedentes do Budismo. Mas nós temos ali uma civilização onde antes do Budismo não a tínhamos, o que é bastante importante para nós.

Agora ali, ainda está a sua banda da sabedoria, a qual meramente nos leva até ao início de dois mil anos atrás.

CAPÍTULO TRÊS

**CIENTOLOGIA,
O SEU ANTECEDENTE GERAL***(Parte 3)*

Quando nós olhamos para o Budismo não imaginamos que tenha acontecido uma grande mudança no clima operacional do Homem, o que certamente fez. Roma só veio a soçobrar 800 anos depois. Agora isto foi rápido, porque *toda a sua filosofia* se estilhaçou. A filosofia de todo o estado que opera só pela força, e toda a sociedade barbárica que o Budismo tocou se estilhaçou. A primeira a ir pela borda fora foi, contudo, a própria Índia. A Índia era naquele tempo uma área selvagem e bárbara, como a China. O Japão ainda é muito indelicadamente caracterizado pelos chineses, e a civilização do Japão pelo Budismo teve lugar quase nos tempos modernos. Foi completada pela América. Por isso são tão próximos.

Mas agora, avançando na banda do tempo através de todas estas idades, descobrimos que levou longo tempo para o Veda dar um passo em frente e emergir como um novo conhecimento chamado Dhyana. E foi preciso algum tempo para o trabalho de Buda sair da Ásia. Mas nós vemos o trabalho da própria Ásia, e não necessariamente o trabalho de Buda, deslocar-se para o Próximo Oriente.

Ora, havia rotas de comércio que existiam desde tempos imemoriais. O Homem não tem nenhum rastro real dos seus próprios caminhos, mas as rotas de comércio estiveram bastante escancaradas desde muito, muito cedo. Encontramos os fenícios, por exemplo, a comerciar muito claramente e muito bem ao redor da Grã Bretanha, e a navegar através dos Pilares de Hércules. E eu estivo neste último ano ao pé de uma ruína fenícia que foi anunciada como ruína romana, mas que não era uma ruína romana. Tinha uma inscrição cuneiforme, que é fenícia. E esta dizia 1,000 A.C. Um navio fenício que demonstrava então dez mil anos de tecnologia de navegação comercial, pelo menos. Era um navio muito complexo. E a Fenícia propagou o seu império pela Europa, e exactamente de onde, e o quê e o porquê, nós não temos nenhum rastro real, mas a Fenícia está muito bem no nosso ensino, na nossa própria história. Bem, foi mil anos depois dos fenícios que nós começámos, no mundo ocidental, a afirmar de facto um nível mais alto de civilização. Durante algum tempo, os hebreus, no Médio Oriente, tinham andado com uma adoração numa certa direcção, em certas linhas, e eles tinham como um dos livros sagrados o Livro do Trabalho, e muitos outros dos seus trabalhos sagrados eram imediatamente derivados de fontes semelhantes. E, aparentemente, entrou de repente nesta sociedade outro ensino. O seu trabalho sagrado, nosso conhecido como Antigo Testamento, inclina-se muito fortemente para os antecedentes da filosofia que nós temos estado a visar, mas tem um sabor bastante bárbaro, com todo o respeito ao livro sagrado. Estava muito longe da fonte.

E nós descobrimos o aspecto civilizado daquela religião que conhecemos no mundo ocidental como Cristianismo, que teve lugar, é claro, no ano 1. Agora achamos que isso não tem qualquer importância para nós, a não ser que todo aquele que escreve uma data esteja a falar do mesmo homem que nós quando escreve D. C e quando escreve A.C. Nós estamos a datar o nosso principal calendário a partir deste incidente I que estou aqui a discutir.

Os princípios conhecidos como Budismo incluíam, é claro, amar o seu vizinho, privar-se do uso da força. Estes princípios apareceram na Ásia Menor no começo da nossa própria era, e eu não estou, a propósito, a reduzir, mesmo que vagamente, o trabalho de Cristo, ou o próprio Cristo.

Tradicionalmente supõe-se que Cristo tenha estudado na Índia. Não se ouve falar dele até aos seus trinta anos de idade... e ele era carpinteiro, e assim por diante. Ouvi-se falar de muitas coisas, mas nós também ouvimos esta lenda persistente que ele tinha estudado na Índia. Bem, isto seria, é claro, um dado muito aceitável devido ao facto de a filosofia básica sobre a qual ele falava ser uma filosofia existente na Índia, por esta altura, durante cerca de 500 anos. Um pouco menos de 500 anos. Foi por esta altura que se mudou daquela área, tendo então conquistado dois terços da população da terra, mas nós não reconhecemos nada a nossa Europa, se pensarmos nela como cultura florescente. Nem sequer doze ou treze séculos depois de Cristo ela foi uma cultura.

Um conquistador poderoso parou abruptamente na orla da Europa, porque acabava de deixar todas as áreas de civilização e não viu a mais leve vantagem em atacar uma área onde toda a gente andava de tangas de pele. Foi Tamerlão, Timuri Lang.

Agora, quando olhamos para a imagem do Médio Oriente encontramo-nos a olhar para a criação de uma filosofia que, embora interpretada e mesmo assim utilizada, é, não obstante uma filosofia muito interessante.

Você disse seguramente a um preclaro para tirar a atenção desses fluxos de energia e obter algum espaço. E quando pudesse tolerar isso, ele poderia então mudar as considerações dele. Você acha por um momento que um preclaro pode de facto chegar a algures se continuar a usar força? Bem se nós tentarmos pôr isto na prática pública, como dar a outra face, ou usar isso para Clarificação de Theta, a emancipação da exteriorização de uma alma, nós estamos a olhar para o mesmo facto, certamente. E nós estamos a olhar para as palavras de Buda Gautama, contudo desejamos interpretar isto.

Agora as parábolas descobertas hoje no Novo Testamento, são descobertas antes, as mesmas parábolas, noutro lugar, em muitos lugares. Um deles foi o Livro dos Mortos egípcio que precede consideravelmente o Novo Testamento. Isto é, *ama o teu vizinho*. Isto é com efeito, *sê civilizado*. E é, *abandona o uso da força*.

Mas ao mesmo tempo, nós estamos a falar directamente pela boca de Moisés, logo estamos evidentemente numa encruzilhada de duas filosofias, mas estas duas filosofias são ambas filosofias de sabedoria.

Agora a definição hebraica de Messias é Aquele Que Traz Sabedoria: um professor. Messias é de „o mensageiro”, mas ele é alguém com informação, e Moisés era um desses. E então Cristo tornou-se um desses. Ele era um portador de informação. Nunca anunciou as suas fontes. Falou delas como vindas de Deus. Mas elas poderiam também ter vindo do Deus falado no Hino do despontar da Criança que, a propósito, é bastante difícil de distinguir dos deuses referidos mais tarde. O Deus que os Cristãos adoraram não é certamente o Deus hebreu. Ele parece *muito* mais o que é referido no Veda.

E nós descemos de lá e achamos que estamos a falar de um lugar de reunião, um como que cadiño de práticas religiosas vindas de várias sabedorias, mas a mais alta entre essas sabedorias é aparentemente o Veda, e o ensino de Buda Gautama.

As parábolas vindas do egípcio Livro dos Mortos e de vários outros lugares, não eram provavelmente originárias do Livro dos Mortos, logo não seria verdade que as parábolas de Cristo viessem necessariamente do Egito, embora saibamos muito bem que Moisés fugiu do Egito, e que a história da liberdade da escravidão dos povos judeus entra na história do Egito, não toda a história, mas a história de que eles falam na maior parte do Novo Testamento.

Agora nós temos aqui um grande professor em Moisés. Temos outros Messias, e chegamos então a Cristo, e as palavras de Cristo eram uma lição de compaixão, e eles deram um óptimo exemplo ao mundo ocidental comparado com o que o mundo ocidental estava a fazer naquele momento.

O que é que eles estavam a fazer naquele momento? Eles estavam a matar homens para diversão. Eles estavam a dar os homens para alimentar bestas selvagens por diversão. No meio do reinado de Cláudio descobrimos que 3.500 homens foram soltos, divididos por uma ponte de barcas quatro a quatro e sacrificando-se uns aos outros para diversão dos patrícios. Quanto tempo é que uma sociedade pode ficar de pé quando adora a força nesta medida? Contudo, este ensino foi interpretado, a veia da verdade ainda estava aqui: uma confiança exclusiva na força provocará uma decadência e uma inimaginável terrível decadência. E foi essa a verdade que emergiu. E assim nós encontramos então os princípios budistas de amor fraterno e compaixão a aparecer no ocidente há 2.000 anos atrás.

Agora o Cristianismo propagou-se como fogo por toda a Europa. Mas era necessário alcançar um certo acordo, e, a fim de alcançar esse acordo, muitas das práticas que se conhecem hoje foram *incorporadas* nesta adoração. O Cristianismo básico e antigo não é hoje reconhecível em muitas práticas da igreja. Não é mesmo reconhecível. Está muito nublado. Mas estas igrejas reconhecem elas próprias o Novo Testamento como fonte original, que contém, aparte alguns registos de cortes e algumas lendas, tudo aquilo que nós conhecemos nesta transição particular.

Mas aqui temos nós esta informação pobemente interpretada, mal levada por áreas que não sabiam ler e escrever, e que é bastante diferente da Ásia. E encontramos esta igreja, e aquela igreja, que têm que apanhar e adoptar costumes a fim de garantir alguma possibilidade de entrada nestas novas áreas. Nós descobrimos hoje a adoração do Solstício de Inverno no nosso Natal. Isso é alemão e também é de outras sociedades bárbaras. Quase todo barbarismo existente adorou a partida e o retorno do sol ao hemisfério norte, e nós encontramos isto incorporado no Cristianismo, e encontramos ali algumas coisas mais incorporadas no Cristianismo, entrando todas as vezes uma certa quantidade de superstição nas linhas de informação, ao ponto de não sabermos o que estava nessas linhas de informação, a menos que voltemos às fontes e o localizemos clara e puramente.

Estamos então outra vez, contudo, a trabalhar com *sabedoria*. Que sabedoria? A sabedoria de si próprio para solucionar o mistério da vida.

E quando este Cristianismo foi interpretado e importado para a Europa, houve considerável especulação, ressurgimento e uma enorme esperança. A mesma exacta coisa que os budistas esperavam (e isto é o que é muito interessante) tornou-se a esperança do mundo Cristão. Emancipação em relação ao corpo. Sobrevida e imortalidade da alma humana.

E embora houvesse um culto em Roma que tinha esta ideia, ele próprio não tinha uma grande antiguidade, e tinha, evidentemente, vindo da Pérsia, o qual era ainda mais próximo. O impacto Cristão varreu este outro culto, mas isso foi porque de facto eles eram semelhantes, não se podiam distinguir um do outro e os Cristãos venceram.

Agora nós temos esta imortalidade, esta esperança de salvação, expressa por toda a Europa, e eles expõem-na, e acham oportuno continuar a expandi-la, porque continuam a prometer às pessoas que *está quase a acontecer...* o dia do juízo estava quase a acontecer.

Agora nós podemos tomar isto como uma interpretação como que bárbara do que Buda Gautama dizia, a emancipação, da alma, do ciclo de nascimentos e mortes. Então teremos o facto de que haverá um dia que alguém toca a trombeta tudo acontecerá. Nós não sabemos de

que barbarismo essa superstição veio, mas temos essa superstição hoje na nossa sociedade. O Dia do Juízo.

Primeiro, o Inferno era só o facto que Roma ia desaparecer num mar de lava, e toda a gente queria ver Roma morrer. E isso mobilizou pessoas por todos os lados. Eles garantiam que Roma ia desaparecer fundida num mar de lava. E tentaram provar isso no reinado de Nero, queimando completamente o lugar. Bem, eles não tiveram muito sucesso. Roma continuou a sobreviver e foi finalmente inteiramente tomada, e foi desde então o ponto de orientação do Cristianismo.

Mil anos, ou algo assim, depois de Cristo, começaram a tentar recuperar o verdadeiro lugar de nascimento de Cristo em Jerusalém, e houve, desde então, considerável discussão sobre isto, a torto e a direito.

Mas o ponto de orientação foi colocado no único ponto estável, porque essa era a parte do mundo onde todas as estradas conduziam, e tornou-se o ponto de disseminação de toda essa informação. Mas Roma dividiu-se e a igreja voltou para Constantinopla, e tivemos então o ramo de Constantinopla desta igreja, que, contudo, levou o seu maior estoiro quando a Rússia se tornou de repente completamente ateia. Já não ouvimos falar muito daquela igreja.

Mas ainda ouvimos falar muito desta igreja de Roma no mundo ocidental. Ainda lá está.

O uso do Cristianismo era para produzir um certo estado civilizado, e muita gente enegreceria o Cristianismo dizendo que na verdade reduzia as pessoas a um nível muito inferior. Isto não é verdade. Ele pegou num mundo inteiro de escravos e fez deles homens livres. Isto foi em si mesmo um ganho real. Pegou num mundo que adorava exclusivamente a força e a matéria e fez reconhecer que, mais cedo ou mais tarde, a pessoa teria que se virar para o facto de que tinha uma alma.

Agora, lembre-se que aquele Cristianismo na sua sabedoria básica ainda está disponível no Novo Testamento, e que isto, não importa como atravessou as linhas, é depressa e rapidamente localizável lá atrás no Veda. Nós temos aqui uma banda consistente. A mesma mensagem está a perpassar. O Deus Cristão é realmente muito melhor caracterizado nos Hinos Védicos do que em qualquer publicação subsequente, inclusive o Antigo Testamento. O Antigo Testamento quase que não faz uma declaração, do que os Cristãos pensam de Deus, tão boa como o Veda.

Nós perdemos as rotas do comércio algures cerca de 1,000 DC. Agora, houve ali um período enorme de não-comunicação. O que tinha acontecido foi Ghengis Khan, as várias hordas que tentavam dispersar da Rússia tinham cortado as rotas do comércio repetidamente, o grande desassossego na área e a tomada de Bagdad e Jerusalém por essas pessoas. É claro, isso manteve estas rotas cortadas. Não se podia viajar em segurança entre estes dois mundos. E nós achamos que a comunicação não se abre realmente outra vez, até algures no século XVII.

No meio do século XVII encontramos certas práticas orientais que começam a surgir na França, e há muitos livros publicados dizendo que você poderia fazer isto, e você poderia fazer aquilo, e que alcançaria alguma coisa mais de perto da filosofia religiosa do que a Europa estava acostumada.

Agora, bastante casualmente, durante este período, um navegador que deveria ter tido mais lições de navegação, mas que felizmente não teve, com o nome Cristóvão Colombo, descobriu a América. Ele estava simplesmente a tentar chegar à Ásia, porque toda a gente sabia que toda a gente na Ásia sabia tudo, e tinha tudo, logo tinha que chegar à Ásia. E ele colidiu com a América, felizmente, porque calculou mal o tamanho da terra tão grosseiramente que teria perecido nos intermináveis oceanos se não estivesse ali um continente para o receber.

Ele era um homem muito sábio, que descobriu entre outras coisas uma variação da bússola, mas falhou. Cabia aos Portugueses dobrar o Cabo da Boa Esperança e abrir os caminhos à Europa, e assim que foram abertos encontrámos logo toda esta inundação de informação, informação que começa de repente a aparecer, partes do Veda que começam a aparecer, várias práticas de Budismo, Budismo-Zen e outras coisas começam a semear a Europa, e a par disto, começamos a obter coisas tais como *As Noites Árabes*, e em meados do século XVIII entramos no que se poderia chamar um renascimento da literatura, o nascimento do romance e assim sucessivamente, coincidente com a introdução de *As Noites Árabes* na França. Uma inundação fascinante de informação entrou por volta daquele tempo, e a cultura já tinha, durante o Renascimento, recuperado consideravelmente, mas o Renascimento estava ali mesmo com Marco Pólo, e nós descobrimos que algumas outras rotas interessantes foram abertas durante aquele tempo. As pessoas tinham conseguido passar. Isto não é uma tentativa para lhes dizer que tudo foi inventado pela Ásia, mas a Ásia tinha uma tradição de informação. Eles tinham mantido os seus registos, o que não aconteceu no mundo ocidental, logo a informação estava lá, e você poderia dizer que era um depósito de conhecimento que poderia também ter tido origem no mundo ocidental, ter ido para a Ásia, ter sido posto em arquivo e retornado de novo. Não me importa de que maneira localizaria essa origem, mas ainda achamos que foi o repositório de toda a sabedoria existente no mundo daquele tempo. E continuou mais ou menos assim.

Os filósofos, dos gregos antigos em diante, fizeram a primeira divisão da sabedoria: eles disseram que há a sabedoria da alma, e há a sabedoria do *universo físico*, e há alguma especulação sobre a *vida*. E esta é a tradição do filósofo grego que nos surge representada em pessoas como Kant, Schopenhauer ou Nietzsche, material interessante, e, por estranho que pareça, esses escritos são coincidentes com uma nova difusão de informação asiática na Europa. Se você alguma vez tivesse convencido Schopenhauer que ele não estava a escrever mais do que erudição sagrada, ele teria provavelmente cometido suicídio, mas nunca escreveu outra qualquer coisa.

Agora onde é que nós tivemos este colapso artificial? Aí mesmo no Médio Oriente. O grego avançou, passou por Roma, e a linha sucessiva erudita filosófica veio até nós através de barbarismos. O que nós chamamos ciência hoje veio até nós através de um barbarismo, a Grécia, que se civilizou. É em grande medida um ímpeto independente de informação.

Agora o mundo ocidental especializou-se nisto, e nunca fez com isso avanços suficientes em humanística que o preocupassem. De forma que hoje apagaría alegremente todos os Homens da face da terra muito, muito alegremente, só para encher de *lama* outro tubo de ensaio. Ele está completamente divorciado da humanística.

Quando chegamos à humanística e temos que fazer alguma coisa pela humanística ou com a humanística, vamos lá para trás, tudo lá para trás tanto quanto pudermos, para o Veda, e depois vimos para a frente, e contanto que estejamos naquela banda, nós estamos numa banda que significa melhores homens.

E quando passamos para a outra banda, estamos a falar de mortos. Nós estamos a falar de mortos numa arena. Nós estamos a falar de mortos em campos de batalha. Nós estamos a falar de mortos, nas cidades, debaixo de bombas atómicas. Isso é a tradição do barbarismo. A única coisa que permitiu ao mundo ocidental sobreviver em absoluto foi uma banda inteiramente diferente que remonta à erudição sagrada de há 10.000 anos atrás.

A Cientologia, então, não pôde possivelmente hoje ser caracterizada como ciência, da forma que o mundo ocidental comprehende a ciência. A Cientologia projecta uma tradição de sabedoria que tem a ver com a alma e a solução dos mistérios da vida. Não divergiu.

A única razão porque eu surgiria de repente e faria algo como isto numa cultura ocidental é muito simples. Estudei nos meus verdes anos, e a primeira coisa a que fui exposto nesta vida foi uma fronteira social dura e áspera. Montana. Não havia nada mais duro que Montana, quer em termos de tempo, quer em termos de pessoas. E de lá fui para o Extremo Oriente, completamente suave, dei um longo suspiro de alívio e descobri o que significava fazer parte de uma civilização, e o choque foi tão grande que fiquei profundamente impressionado.

E assim, embora jovem americano, eu prestei atenção. Tinha muitos, muitos amigos nas colinas ocidentais da China, amigos noutros lugares, amigos na Índia, e estava disposto ouvir. Também me dispus suspeitar muito, a ser muito desconfiado, mas nunca pus completamente de parte o facto que havia alguma solução possível para o enigma da origem do homem.

Qualquer trabalho que eu estou a fazer ou fiz, e que qualquer Cientólogo está a fazer, tem um antecedente tremendo e interessante. Nós estamos a aprofundar e a trabalhar com os mais antigos factores de civilização conhecidos do Homem. Qualquer outra coisa é “tarde piaste”. A Cientologia é uma religião no sentido mais antigo e total. Quem ousasse tentar fazer religião somente como *prática* religiosa e não como *sabedoria* religiosa, estaria a negligenciar o maior antecedente do Cristianismo. A sabedoria não tem grande tradição no mundo ocidental.

Mas se nós somos muito industrioso, caberá a nós fazê-lo.

CAPÍTULO QUATRO

CONSIDERAÇÃO, MECÂNICAS E A TEORIA SUBJACENTE À INSTRUÇÃO

Aqui entramos bastante rapidamente nalguns itens que achamos de considerável importância para nós em Cientologia. É material demonstrável, ou doutrina. Esta é a teoria básica subjacente à instrução e doutrinação.

As Considerações estão acima das mecânicas de espaço, energia e tempo. As Considerações são seniores a estas coisas.

Estas mecânicas são o produto de considerações concordadas que a vida mutuamente detém. A razão porque nós temos espaço, energia, tempo, objectos, é que a vida concordou em certas coisas, e este acordo resultou em solidificação. E assim o nosso material concordado é bastante observável.

As Mecânicas tomaram tal precedência no Homem que ficaram mais importantes do que as considerações. „Não importa o que você pensa”, é o tema. As mecânicas de espaço, energia, objectos, tempo, salas, casas, terra, electricidade, Sabão Marfim, estas coisas têm um mais valor do que as considerações do Homem. Por outras palavras, o Homem tornou-se inverso. Tendo concordado tanto tempo com estas coisas, que elas são tão sólidas, ele está agora abaixo do nível de acordo sobre elas, logo as suas considerações não colhem aparentemente tanto poder quanto o seu ambiente imediato. Isto é o que sobrecarrega a capacidade de um homem para agir livremente na estrutura das mecânicas, embora ele as tenha inventado. As suas considerações são agora menos impressivas do que as mecânicas com que ele está a operar. O acordo é mais sólido do que a sua nova consideração. E para ele fazer uma nova consideração tem que colidir com as mecânicas da existência, os seus acordos com pessoas, espaço, energia, objectos e tempo.

Uma meta primária do processamento de Cientologia é *trazer um indivíduo a uma comunicação tão completa com o universo físico, que ele possa recuperar o poder e a capacidade dos seus próprios postulados.* Nós descobrimos um indivíduo num estado inverso, quer dizer, as suas considerações têm agora menos valor do que a parede à sua frente. E, em processamento, por exemplo, no Procedimento de Abertura 8C, nós pomo-lo em comunicação suficiente com a parede que está ali na sua frente, para que ele possa então ver que há uma parede na sua frente. E naquele ponto exato subiu pela escada acima, poderia dizer-se, para uma cognição do que os seus postulados criaram. Ele pode continuar a partir dali e subir até onde as suas considerações têm outra vez precedência sobre as mecânicas.

As mecânicas estão tanto no seu caminho, são barreiras tão observáveis, que se alheou delas.

Agora pareceria como se não devesse ser necessário fazer isto em absoluto. Tudo o que realmente haveria que fazer seria simplesmente conseguir que um indivíduo mudasse de ideias, ter de súbito um indivíduo que pudesse *mudar de ideias*, mas não é mesmo assim. Apenas não funciona daquela maneira. O princípio aqui é: pôr um indivíduo em completa *comunicação* com alguma coisa, e então, tendo ele perdido o medo disso, já não vacilando, demonstrar-lhe que ele pode mudar de ideias sobre isso.

Mas a menos que você o faça ultrapassar a cegueira, a sua irrealidade sobre alguma coisa já concordada, ele está a trabalhar contra si próprio, ele está a combater os seus próprios acordos. Ele concordou que há ali uma parede, logo há ali uma parede, e agora ele está a combater esse acordo, e está a dizer que não há ali parede nenhuma. Está a combater os seus próprios

postulados, logo, os seus próprios postulados são, por isso, muito fracos. Porque a parede está ali, e isso é o seu próprio postulado. E agora, sem desfazer aquele postulado, ele está a tentar mudar de ideias sobre isto e diz: „não há ali nenhuma parede, não há ali nenhuma parede”. E é claro que há ali uma parede.

Logo, é este o estado em que encontramos o Homem. Ele concordou que há um universo físico, e tendo então acordado nisso ele lamenta-o, e agora quer mudar de ideias sobre isso, mas mudar de ideias sobre isso pô-lo-ia errado. Um indivíduo que já disse que há alguma coisa ali, se diz agora, sem mudar o primeiro postulado, que agora não há lá nada, é claro que ele tem se considerar a si próprio errado antes de poder estar certo, e se você está errado, os seus postulados não pegam. É perante isto que o Homem está.

A Cientologia é a ciência de saber como saber as respostas. Isso está um pouco estendido. Nós definimo-la como a ciência de saber como saber, mas, melhor dizendo, é *o que* estamos a tentar saber. Acrescentaremos apenas que é a ciência de saber como saber as *respostas*.

Espera-se que um Cientólogo possa solucionar problemas num grande número de campos especializados dos quais auditar é o primeiro que ele aborda. Se você souber os princípios como, por exemplo, o princípio A-R-C (*Princípio A-R-C: O „triângulo A-R-C”* é Afinidade, Realidade e Comunicação). O princípio básico aqui é que quando qualquer dos três sobe ou desce, os outros sobem ou descem, e que o ponto de entrada chave para estes é *Comunicação*. Quando sabe isto como modus operandi e o mecanismo de acordo (que foi em si mesmo acordado) você pode fazer muitas coisas. Pode pegar numa organização, numa indústria, numa loja, num grupo de escoteiros ou seja o que for, e saberá com certeza „como corrigir esta confusão”.

Nós conhecemos a anatomia das confusões: uma imprevisibilidade, seguida por uma confusão, que então entra num mistério. Há um mistério porque alguém não *previu* alguma coisa, e isto pô-los errados. A única razão porque uma pessoa pensa que as coisas são misteriosas, é que a quantidade de imprevisibilidade ficou grande demais. Logo ele acabou com tudo e disse: „é um mistério!” e: „eu agora não sei nada”.

Se um indivíduo soubesse isso e ARC, alguns dos princípios e aplicações da Cientologia, ele veria que no caso deste grupo de escoteiros ou deste negócio ou desta área de desastre, ou qualquer outra coisa com que ele poderia estar a lidar, seria necessário trazer cá os indivíduos para seguirem um certo padrão a fim de recuperar uma comunicação, e tendo recuperado essa comunicação, bem, ele sabe que outras coisas se remediariam por si. Ele não teria que ser um perito em turbinas para corrigir uma fábrica de turbinas. Tudo o que ele teria que fazer seria provavelmente pôr a administração em contacto com o capataz, e o capataz em contacto com o trabalhador, e o trabalhador em contacto com a administração, e a fábrica faria turbinas. Ele seria um especialista em saber como saber respostas, mas isto não significa que ele tivesse que acumular uma quantidade enorme de informação especializada. O que ele faria seria pegar nas pessoas que têm essa informação especializada e pô-las em comunicação, e o trabalho seria feito.

O mundo é cada dia mais violentamente incutido com mecânicas. A pequena roda que rodopia, rodopia, rodopia é de longe mais importante do que o rapazinho que rodopia, rodopia, rodopia. O cuidado e o transporte do corpo, a condução da electricidade, são mais importantes que qualquer actividade da Vida em si. O mundo é terrivelmente incutido com espaço, e energia, e máquinas, e objectos, qualquer deles parecendo mais importante do que uma mente, a mente que os faz. E isto é curioso, mas derruba uma pessoa, à medida que é cada vez mais incutida com mecânicas, para níveis de *ser* mecânicos cada vez mais baixos. Logo, se você pudesse conceber isso, o indivíduo, o thetan, uma unidade de produção de energia vital, caiu de facto para longe da vista a tal grau que as pessoas nem sequer sabem que são algo mais. Agora isso

é atribuível a uma dependência das mecânicas e à sua validação. Não é que só devêssemos afastar-nos das mecânicas e abandoná-las a todas e irmos todos embora. Não, um indivíduo tem que ser reposto em comunicação com elas, principalmente porque tem medo delas, e depois de o fazer diz: „Agora, olha lá, eu não tenho que depender destas coisas. Isso é tolice!” E a seguir vemos que ele recuperou algum do seu próprio poder e capacidade.

Agora, quando chegamos à fissão atómica, é produzido nesta sociedade um enorme mistério. Não há nada a fazer. É impossível prever. Por exemplo, a primeira bomba foi lançada sem qualquer advertência, e foi certamente uma imprevisibilidade. Ninguém sabia sequer que estava a ser feita. É lindo e imprevisível, não é? De forma que o mundo está a viver na expectativa de um ataque atómico imprevisto. Bem, isso também parece interessante, não é? Mais imprevisibilidade.

Agora vejamos um pouco mais o assunto da confusão. O que é que você acha da imagem de todos estes electrões e protões e “parvalhões” a explodirem em todas as direcções ao acaso? Vê-la-ia, possivelmente, como uma confusão de partículas? Qual seria, a propósito, a possibilidade de localizar cada uma destas partículas individualmente, através de toda a massa? Bem, a possibilidade de o fazer, se estiver em muito boa forma, é muito boa. Mas, eh pá. O público sabe que ele não pode localizar uma das cartas dadas numa mesa (é com isso que os tubarões das cartas prosperam) e muito menos biliões, e biliões elevados a bilhões de electrões e “parvalhões” a explodirem no espaço por toda parte. E isso é uma confusão para ele. Logo tem aqui certamente uma imprevisibilidade e, então, uma confusão.

O que se segue é mistério. E assim temos toda a gente muito secreta sobre quase todas as fórmulas da fissão. Elas só estão disponíveis em todos os livros de estudo das bibliotecas, que estão em todas as bibliotecas em todo o mundo. Eles são muito secretos. Tão secretos que os cadernos de quem tirou um curso de Física Nuclear, *abundam* com as fórmulas básicas do material da fissão atómica. Não é algo descoberto de repente. Eles apenas decidiram *fazê-lo*. Foram precisos biliões de dólares e levou muito tempo para alguém lá pôr tanto dinheiro. Mas eles estão a guardar muito segredo das fórmulas que foram do domínio público, algumas delas, durante cinquenta anos. E todo o material que os EUA estavam a usar no fabrico da bomba atómica já foi transportado para a Rússia por espiões que foram então executados por isso. Logo, de quem estamos a guardar segredo? Bem, talvez não estejamos a guardar segredo de *ninguém*. Talvez seja só um mistério, porque é imprevisível e confuso, por isso melhor seria baixarmos todas as nossas linhas de comunicação, e antes que se saiba, o governo ficará quase totalmente fora de comunicação com a sua própria gente, só nesta base. Você obtém cada vez mais linhas de comunicação cortadas. Há um grande mistério em formação. Bem, como é que se resolveria isto?

Isto poderia resolver-se apontando simplesmente ao governo e às pessoas o facto de que o desastre atómico não iria arruinar o mundo inteiro, e que se aceitássemos e *prevíssemos* o desastre e o que iria acontecer, então poderia solucionar-se a situação. A seguir pediríamos que o estudo da produção da fissão atómica fosse considerado assunto de terceiro ou quarto grau, e doutrinar imediatamente as crianças neste grande mistério, para que não as assustasse. De facto, o que eles estão a fazer hoje em dia é assustar as crianças, o que não é uma actividade honrada para grandes homens, adultos.

Agora o papel da Cientologia é impedir qualquer desintegração em curso no reino da sabedoria. Só impedir isso. Mas se ocorrer uma desintegração, bem, as pessoas que conhecem a Cientologia devem estar mesmo prontas para apanhar os destroços. Você poderia ter uma sociedade tão organizada, com tal esclarecimento e a funcionar desse modo, que não desintegrava as pessoas tão depressa.

Você poderia ter uma onde a própria liberdade poderia ser alcançada.

Mas se, de súbito, você estivesse a olhar para um completo estilhaçar de um estado, de um país ou de uma nação, você ainda, sabendo os princípios da comunicação, e só o um Cientólogo treinado os sabe, poderia representar um papel muito extenso apanhando os destroços resultados de qualquer desintegração.

A desintegração com que estaria a lidar não seria de mecânicas, mas uma desintegração de sabedoria.

Agora desde que qualquer política se tornasse uma ocupação da Cientologia, eu diria, sem pensar, que provavelmente cortaria para uma linha democrática, não do Partido Democrático, mas de princípios democráticos, por causa do nosso dado da autodeterminação, mas isso não necessariamente faz a Cientologia ter uma opinião política. Um corpo de conhecimento não pode ter *opinião* em coisa alguma. Simplesmente amplifica o que é achado verdade, onde quer que seja achado verdade, para maiores verdades. É só. E se algo é verdade, está bem. E se algo é falso, bem, a pessoa simplesmente reconhece que é falso. No que respeita a opinião política, a Cientologia como tal não poderia ter e não tem qualquer opinião. Sabe que certos tipos de governo poderiam ser muito degradantes para um povo. Sabe, por exemplo, que o fascismo, o controlo militar de áreas, e assim sucessivamente, resultaria em cortes das linhas de comunicação que seriam muito, muito insalubres para essa área particular.

Mas isto, no campo da Cientologia, e não no campo da política. E deveríamos lembrar-nos bem que a Cientologia não tem opiniões ou fidelidades políticas. Se uma prática política funciona melhor do que a outra, de acordo com Cientologia está bem, mas o que está a funcionar é a Cientologia e não a prática política. Nunca se desvie disto aqui, porque se o fizer, você perde.

Agora o que vem a seguir é: a Cientologia tem qualquer crença religiosa? Bem, nós temos outra vez o facto de que um corpo de dados não tem opinião. Conheci muitos feiticeiros que fazem sentido mais do que muitos padres. E conheço muitos padres que fazem sentido mais do que muitos pregadores. Vi os registos históricos e descobri que o Império Romano não matou muitos Cristãos. De facto num dos anos *daquela* confusão, os Cristãos mataram mais Cristãos na cidade de Alexandria do que o Império romano durante toda a sua existência. Num ano foram mortos cem mil Cristãos por Cristãos em Alexandria. Bem, foi por causa de uma crença: força sem sabedoria. Tem que ter havido algum tipo de crença contra a algum tipo de crença, e, em termos de opinião neste tipo de coisas, você pode ver isso na base de: isto demonstra que deverá ter havido um ARC realmente mau algures por ali! Mas, além disso, poderia ser algo divertindo como um dado, mas na verdade não significa *nada* em relação ao corpo de *dados*.

Logo as crenças sociais, religiosas e políticas de um Cientólogo ou de quem quer que seja, seriam as que ele considera verdadeiras e para as quais foi orientado. Treinado para ser democrático no ponto de vista dele, e treinado para ser protestante, bem, então ele é, do ponto de vista dele, certamente democrático e protestante, a menos que veja razão para alterar as crenças até certo ponto, porque uma maior sabedoria parece ter penetrado essas reais crenças. O que faria ele naquele caso? Provavelmente modificar simplesmente as suas crenças para melhor.

Mas uma das coisas mais antigas introduzidas no treino de homens sábios de que eu tenho conhecimento, foi simplesmente isto: a fé básica na qual o indivíduo foi treinado, e a fidelidade política básica do indivíduo, não devem ser falsificadas pela Ordem que o treina. E foi a própria Ordem que o escreveu. Isso é muito, muito antigo. Estavam a treinar homens muito sábios, e isso foi a primeira coisa que eles garantiram não fazer. Não se conciliaram com estas coisas. Se

o próprio indivíduo cuidasse de alterar estas coisas ninguém lhe diria sim ou não. Ninguém o persuadiria mesmo que vagamente. Pode ser que no decurso do seu estudo ele tenha encontrado certas coisas que os homens tornaram risível, ou confuso, ou ele encontrou certas coisas que os homens tornaram remediáveis, mas ninguém estava ali especulado a tentar conduzi-lo a uma mais alta *crença* religiosa ou política. E é esse o caso da Cientologia.

Se você fosse ensinar Cientologia uma população tribal nos bancos do Rio Yap-Yap e eles acreditassesem no Grande Deus Boogoo-Boogoo, só estaria a desperdiçar o seu tempo para começar a treiná-los na base de que o grande Deus Boogoo-Boogoo não tinha um mas três metros de altura. Isso era provavelmente quase *tudo* o que realizaria. Você convencia-os provavelmente que ele não era assim tão alto, ou algo assim. Um Cientólogo não tem nada que andar às voltas com as convicções políticas ou religiosas de um membro de uma tribo selvagem, ou com as convicções políticas de um muito, muito aculturado, super-cultivado Potentado Oriental. Os seus costumes são dele, definitivamente. Você produziria, na melhor das hipóteses, convicções novas, mas isso é força, e não a maneira de libertar um *thetan*!

Há muitas, muitas, muitas maneiras de viver. Todas elas podem ser derivados da mesma fonte e das mesmas fontes. Só porque podem ser assim derivadas não significa que não sejam diferentes umas das outras. Logo a Cientologia não mexe com a religião ou convicções políticas de um indivíduo. O império de um Cientólogo e da Cientologia e suas organizações são um império só de *sabedoria*.

Agora, com base nas mecânicas, espera-se que um auditor siga o Código do Auditor de 1954. É uma compilação muito sólida das coisas que um auditor pode fazer mal, e diz para não as fazer. Cada uma dessas coisas tem importância considerável. Há uma que diz que corra um comando de audição até a Demora de Comunicação estar esgotada („*Demora de Comunicação esgotada*”: o tempo que um preclaro leva a dar uma resposta à exacta pergunta de audição, ou a levar a cabo o exacto comando de audição. „*Demora de Comunicação Esgotada*” é o ponto em que a pergunta de audição ou comando já não está a produzir mudança na Demora de Comunicação). E então há um que lhe diz que corra um processo até o processo estar esgotado. („*Processo esgotado*”: Um processo é continuado contanto que produza mudança e não mais, momento em que o processo está „*esgotado*”).

Estas são as duas partes mais importantes daquele Código. As duas partes muito, muito mais importantes do Código. Você deverá saber esse Código. Foi compilado para nos impedir de cometer erros. A sua autoridade só depende disto: quando é desobedecido em processamento um auditor tem muito mais trabalho pela frente. Essa é a sua autoridade. Vigora por si próprio.

Não é como o Código de um Cientólogo. O Código de um Cientólogo é compilado nesta base: uma sociedade aberrada contém alguns indivíduos que tentariam impedir a organização e organizações de Cientologia de fazer o seu trabalho, *cortando as suas linhas de afinidade*. E a primeira parte do Código de um Cientólogo: *ouvir ou dizer alguma palavra depreciativa à imprensa, público ou preclaros a respeito de qualquer dos meus colegas Cientólogos, da nossa organização profissional ou desses cujos nomes estão conectados de perto com esta ciência*, é simplesmente um deslize arbitrário perante aquele código. Quando nós não permitimos que as nossas linhas de afinidade sejam cortadas, de auditor para auditor, dos auditores para organizações e de organizações para auditores, prosperamos muito seguramente melhor e sobrevivemos muito melhor, e ficamos de certeza muito mais contentes. E à medida que descemos pelas várias partes deste Código abaixo, é outra vez simplesmente conhecimento que, se tivéssemos começado a segui-lo muito do início, teríamos tido de longe menos dificuldades do que às vezes tivemos.

E o último parágrafo do Código de um Cientólogo diz para não se envolver em disputas impróprias com ignorantes sobre o assunto da Cientologia. Isto não é um esforço para manter o material da Cientologia fechado. Não é isso. Nós mantemos as linhas abertas e a fluir. Mas quando alguém vem, que talvez seja um mestre em frenologia na universidade de alguma qualquer coisa e começa a protestar dizendo: „Bem, eu não acredito”, e „É a sua convicção ...?”, porque é que não começa a falar do tempo. Quer dizer, por favor, um convite para não entrar numa briga sobre assunto de demonstrar a alguém que, de qualquer maneira, não tem nenhuma consciência para falar de Cientologia. Nós sempre nos pusemos à frente mais depressa quando não nos sentámos e nos pusemos aos socos verbais com quem discordou de nós sobre o assunto Dianética e Cientologia. Ele não tem qualquer informação sobre isso, e, agora, você vai sentar-se ali e dar-lhe um curso completo de Auditor Profissional? Bem, você faz ideia de quanto trabalho e organização são precisos para trazer alguém através do nível de HCA? (HCA: Auditor Certificado Hubbard) Muito trabalho é gasto para trazer alguém tão longe. Hoje em dia, com treino classificado, pode ser mais fácil, mas você não vai fazer isso numa sala de visitas.

E esta parte do Código diz com efeito: por favor reconheça a coisa e não torne a festa terrível para outras oito pessoas enquanto você e um estudante de psicologia discutem.

Um repórter entra, ele „quer saber tudo acerca disto”, embora vá escrever alguma coisa inteiramente diferente, ou, mais provável, a história dele já foi escrita antes de vir „descobrir tudo acerca disto”. Ele vem de uma profissão que funciona deste modo. Melhor será falar do tempo.

Nunca deveria depender da habilidade de ninguém em relação à sociedade em geral, ou para levar a palavra à sociedade. Nunca dependa da habilidade de ninguém, mas da sua própria. Outras pessoas, organizações e assim sucessivamente, vão ajudar em tudo o que puderem. Mas não dependa daquela ajuda. Dependa de si próprio.

CAPÍTULO CINCO

CONSIDERAÇÃO E IS-NESS

Agora eis o fundamento mais fundamental que pode haver abaixo do nível de consideração. Eu não escrevi muito sobre considerações. Realmente não há muito a dizer sobre o assunto da consideração. Se alguém está confuso no assunto é porque consideração é consideração, e todas as coisas são uma consideração da consideração, de forma que se você considera alguma coisa que é considerável, bem, você já considerou isso.

Fenómenos como espaço e energia, tempo, matéria e assim sucessivamente, são produzidos com base na consideração.

A Consideração de A é sénior a A. A Consideração de R é sénior a R e a consideração de toda e qualquer parte de C é, é claro, sénior a toda e qualquer parte de C.

Quando está a lidar com A, R e C (Afinidade, Realidade e Comunicação) você entrou num nível muito antigo de anatomia em termos de actividade da vida, mas não está no primeiro e imediato nível de anatomia quanto a mecânicas.

Há um nível que fica entre Considerações e A, R e C, e isto é Is-ness. É a consideração de Is-ness. As coisas são porque você considera que elas são, e por isso alguma coisa que é, é *considerada* que é. Se você não considera que é, isso, é claro, pode ser considerado qualquer outra coisa. Mas se você reconhecer que é uma consideração, só tem que reconhecer que é. E se você reconhecer que alguma coisa é, então reconheceu meramente que é uma consideração. Assim que reconheceu que alguma coisa é, É, e você reduziu isso a uma consideração, e é só. A pessoa tem afinidade porque considera que tem afinidade. A pessoa tem realidade porque considera que tem realidade. A pessoa tem acordo porque considera que tem acordo. A pessoa tem discordância porque considera que tem discordância. A pessoa tem uma Dinâmica (*Uma Dinâmica*: qualquer uma das oito subdivisões do Princípio Dinâmico da Existência, SOBREVIVE, que são: O desejo de sobreviver como, ou de sobrevivência de, (1) Si próprio, (2) Sexo e família, (3) Grupo da pessoa, (4) Género humano, (5) Qualquer forma de vida, (6) MEST: Matéria, Energia, Espaço, Tempo, o universo físico, (7) Theta, espírito; Thetan, um ser espiritual, pensamento, etc., (8) Ser supremo, „Dinâmica do Infinito”), a pessoa tem uma Dinâmica porque ela considera que ele tem uma Dinâmica.

Qualquer das oito partes do Princípio Dinâmico da Existência, qualquer parte do Ciclo de Ação, de Criar-Sobreviver-Destruir, de Afinidade-Realidade-Comunicação (O Triângulo ARC), o Quadro de Atitudes topo e fundo, (*Quadro de Atitudes*: um quadro no qual em 1951 L. Ron Hubbard traçou com os valores numéricos da Escala de Tom Emocional o gradiente de atitudes que ficam entre os estados mais altos e baixos das considerações sobre a vida. Exemplo: topo: CAUSA; fundo: EFEITO TOTAL). A escala inteira de emoções (A Escala de Tom Emocional), a Escala de Saber-a-Mistério (*Escala de Saber-a-Mistério*: a escala de Afinidade de Saber para baixo através de Olhar, Emocionar, Esforçar, Pensar, Simbolizar, Comer, Sexo, e assim por diante até não-saber, Mistério. A escala de Saber-a-Sexo era a versão anterior desta escala) todos estes são precedidos por uma consideração. Por outras palavras, são postulados para a existência. Mas mesmo com a consideração temos a mecânica mais nativa e íntima que precede todas as outras mecânicas, e aquela mecânica é Is-ness. Nós temos que considerar que podemos considerar antes de podermos considerar um Is-ness. A pessoa considera que considera, e por isso o que a pessoa considera é, É!! Qualquer coisa que é, é considerado como ser. O que é, é, como é considerado que é.

Agora no momento em que reconhece, o Is-ness de qualquer coisa, ela desaparecerá. Para ter alguma coisa, para ter qualquer coisa particularmente por um período longo de tempo, você tem que se precaver de reconhecer o que é. Porque se olhar para isso com um reconhecimento do que é, o seu Is-ness simplesmente... este simples reconhecimento, é claro que o faz desaparecer. Logo, se quiser alguma coisa, você tem que ter o cuidado de não reconhecer o que é. Agora uma das melhores maneiras ter alguma coisa muito tempo é pôr algo no seu bolso e então esquecer que está lá, e terá alguma coisa no bolso. Você terá alguma coisa no bolso embora esquecesse que está lá. E isso é o método mais seguro de posse, esquecer que tem essa coisa, porque se se lembrar que a tem você não a terá.

Ora tudo isto seria desesperado se não houvesse outro factor acima de consideração, e isso é Sabedoria. Você sabe tudo aquilo que quer saber e sabe o que aconteceu.

Agora vejamos a pessoa que está a usar fac-símiles, (*Fac-símile*: Um quadro de imagem mental) para lhe dizerem o que aconteceu. Ele olha para o fac-símile, o fac-símile contém certas imagens e símbolos, então ele sabe o que aconteceu. Bem, para criar um fac-símile daquele incidente ele tinha que saber o que acontecera. Agora, sabendo o que aconteceu, poderia criar um fac-símile do incidente, e faz isto a nível de desconhecimento. E acima deste nível ele pode então olhar para a imagem e saber o que aconteceu. Mas teve que saber o que aconteceu antes de fazer a imagem.

Ora se a imagem tivesse total e completamente desaparecido ele ainda saberia o que aconteceu, a menos que tivesse a consideração de que teria que ter uma imagem a fim de provar a ele próprio o que aconteceu.

Qualquer pessoa saberia o que aconteceu se não tivesse que provar isso. Prova, crença, é em si mesmo um nível muito antigo de aberração. Assim que você tem que começar a provar e a convencer as pessoas de coisas, bem, então você tem que entrar em acordo com elas, e, a fim de fazer isto, tem fazer Alter-is. Você tem que ter alguma coisa a persistir bastante tempo para eles a verem, de forma que então possam compreender o que é. Logo para que eles realmente compreendam o que é, você não pode possivelmente apresentar alguma coisa que eles compreendam o que é, porque se eles vissem completamente o que é isso desapareceria, logo você não teria podido provar isso.

Espero que siga isto muito de perto! Porque de facto o que eu estou a dizer aqui faz facilmente sentido se ligado e olhado de uma forma racional. Mas se você tentar Fazer Alter-is disso, se tentar mudá-lo, então poderá lembrá-lo perfeitamente, mas se meramente aceitar exactamente o que eu estou a dizer em cada ponto, você já sabe isto, logo não existirá. Ora estou a ver que isto é uma coisa muito má, logo o melhor para mim seria colorir, se eu realmente quisesse lembrar esse material, colorir o material de forma que surgisse como qualquer coisa diferente. Eu poderia fazer isso, por exemplo, falando do seu ovo libido, e do seu re-consciente. Eu poderia citar autoridades que nunca existiram. Isso é sempre melhor, já se sabe. Isso é *realmente* batota, já se sabe. Ninguém jamais poderia vê-las, logo nunca podem desaparecer. E eu poderia citar estas autoridades que nunca existiram, mas que você não poderia contestar, e podíamos continuar à procura do contra-reflexo da paralisia do seratopol e do og libido, do bog libido, do sog libido e do mog libido, e como nós categorizámos estas coisas como explicativo para o comportamento de uma preservação do feeshee por parte de jacarés jovens, e esta cretinice, é claro, seria então totalmente comprehensível porque poderia assim ser lembrada em cada detalhe, particularmente se fosse alterada do que eu realmente estava a falar... ao tentar falar-lhe de sistemas turbo-eléctricos, por exemplo, com aquela quantidade de dados injectados.

Nós poderíamos ir a esse ponto no campo e você veria que começava a ficar pendurando nestes factos non-sequitur. Você já experimentou este tipo de coisas.

À medida que uma pessoa fica incapaz reconhecer o Is-ness das coisas, ela já não pode aceitar piadas. Cada dado que entra tem que ter uma significância. Nunca lhe ocorre que não tenha uma significância, e ele está seguro que deve haver uma significância mais profunda, de forma que alguma coisa permaneça. Isto responde pelo muito obstruído banco de fac-símiles (*Banco de fac-símiles*: quadros de imagens mentais; os conteúdos da mente reactiva; coloquialmente, „banco”) de um indivíduo, particularmente quando esse banco de fac-símiles está muito obstruído.

Ele *adicionará* significância a tudo e alcançará certamente uma preservação dos dados. Ele, somando toda essa significância às coisas, está a fazer Alter-is. Logo ele obtém a *preservação do banco de fac-símiles*.

Agora olhemos as várias categorias de Is-ness. Nós achamos que cada uma tem uma escala de gradiente, e primeiro há As-is-ness. Este é o primeiro nível que encontramos e é de facto o nível do desaparecimento.

Na medida em que nós estamos contentes com, e podemos aceitar as coisas como elas são, elas não existirão. Isso é absoluto.

Porquê? O simples reconhecimento da sua existência estoirá-las-ia para ficarem uma consideração. Uma parede. Que parede? Quando nós realmente sabemos o que é uma parede, não haverá parede. Isso é As-is-ness, e nós podemos ver isso mecanicamente. Nós temos uns estratos mecânicos inferiores do que é uma duplicata perfeita. Se fizermos uma duplicata perfeita de uma parede, buum, não há parede. Certo, isso pode ser só para o thetan, mas não há certamente *nenhuma parede*. De qualquer maneira, pelo menos eu conduzi-lo-ei pela banda abaixo acreditando que você não está a ponto de destruir o universo físico.

Eu não gostaria que você fugisse dos processos que vêm destes dados só porque eles eliminam o universo físico.

A próxima fase para baixo na linha de As-is-ness é Alter-Is-ness, o esforço para preservar alguma coisa alterando as suas características. Nós fazemos isso como simples consideração e então alteramos o método pelo qual o fizemos. Por outras palavras „vamos sofismar sobre isso”. Tendo-o engendrado nós sofismaremos agora e diremos que foi o José que o fez. Bem isto está tão longe da verdade quanto necessário para alguma coisa existir, mas você alterou ligeiramente um As-is-ness a fim de o impedir de ser perfeitamente duplicado no seu próprio tempo, no seu próprio espaço, com a sua própria energia e massa deixando assim de existir.

Logo entramos no campo de Alter-Is-ness como método de preservação. E procuramos, quando fazemos um objecto ou espaço, fazer isso existir dizendo simplesmente que outrem o fez, ou que é um tipo diferente de espaço, ou que o método de construção foi diferente. A consideração é alterada só o bastante para que uma continuidade da coisa seja conseguida.

Nós dizemos „foi Deus que fez isto”, ou qualquer coisa que lançasse alguém para fora desta banda. Bem, supondo que Deus o fez, isso estaria certo. Deixaria de persistir se você olhasse para isso reconhecendo que Deus o fez.

As pessoas entram em Alter-Is-ness simplesmente pela experiência de ter feito desaparecer muitas coisas.

Por isso nós vemos uma pessoa que perdeu muitas coisas a tentar mudar tudo. Ela está a tentar mudar o As-is-ness de tudo. Ela está a tentar mudar de As-is-ness para Alterar-Is-ness e

tem que mudar a significância e a estrutura e os antecedentes e tudo à volta dele de forma que então estas coisas continuem a existir, e isso é o seu primeiro impulso.

Por exemplo, nós construímos uma casa de tijolo, depois cobrimo-la com ripas e então insistimos que é de madeira. Você entraria numa discussão com pessoas que ao tentar comprar a casa poderiam ver claramente que não era totalmente de madeira, o suficiente para elas ficarem transtornadas e preocupadas com isso, e é provável que a casa permaneça na posse da pessoa durante algum tempo, se ela apenas fizer esse tipo de coisa. Vemos então Alter-Is-ness, totalmente mecanicamente, como um método das coisas manterem a sua existência, e isso é um facto importante.

Embora esta nomenclatura seja simplesmente escolhida ao acaso, é uma nomenclatura satisfatória porque diz *exactamente* o que significa.

O caso de controlo, a pessoa que controla coisas obsessivamente, é ela própria, um Alter-is, tem que mudar, mudar. Bem, ela perdeu demais. Agora tem que mudar tudo, mas não está satisfeita com coisa alguma. Se caminhasse pela rua abaixo de uma forma flexível e solta, ela pensaria que tinha que ir para uma forma presa, etc. Fica ansiosa com o desaparecimento das coisas, logo, é claro, ela tem que alterar tudo o que vê a fim de impedir essas coisas de desaparecerem.

Agora vejamos a próxima categoria, Not-is-ness. Eis alguém que alterou coisas até ao ponto em que elas começam a persistir. De facto está transtornado com essa persistência. Ele acha que não é coisa boa ter uma caixa negra a fitá-lo o tempo todo, ou as paredes da sala parecerem ter 50m de altura embora tenham só 3m. Não é uma coisa boa esse Alter-Is-ness, concluiu ele. Ele mudou muitas coisas e perdeu-se na banda. Não está bastante seguro sobre o que as coisas eram a princípio, de tão frequentemente as mudar. Ele é como o rapaz que disse tantas mentiras que já não se consegue lembrar das mentiras que disse, logo está preso nas mentiras, e logo torna-se um ser humano. Agora o próximo passo naquela linha, Not-Is-ness, manifesta-se, e é em si mesmo, o mecanismo que conhecemos como irrealidade.

Há mesmo uma categoria de pleno Is-ness. Isto, é claro, não é uma coisa má. No seu nível mais elevado é o que nós chamamos realidade. Mas poderíamos escrever isto com maiúsculas cada vez maiores. Poderíamos continuar a escrever „É“ com maiúsculas cada vez maiores e cada vez maiores e finalmente pôr-lhe um ponto de exclamação, que representaria um psicótico. Há um dragão no meio da sala, e ele sabe disso. Há muitas outras coisas que ele não sabe, mas ele sabe isto. Se lhe pedir um mock-up de um ponto âncora para definir um espaço, ele faz uma pirâmide de ferro sólido. E quando lhe é pedido para mover um dos seus próprios mock-ups, um objecto ou espaço conscientemente criado, ele *sabe* que não tem tanta força assim. O mundo é demasiado real.

De vez em quando, quando alguém está quase a matá-lo ou a cortar-lhe a garganta, ou a comê-lo, ou a prendê-lo ou algo deste género, você obtém um enorme clarão de Is-ness, um reconhecimento da situação. Eh pá, isto é que é um real, GLUP! Um momento depois é provável obter ou postular uma reacção imediata de Not-Is-ness: „Não é real“. Um fulano faiscará, e ofuscará, de Is-ness para Not-Is-ness muito rapidamente numa emergência súbita.

Agora Alter-Is-ness, Not-Is-ness e Is-ness seriam então as categorias que podem ser aberradas, mas lembre-se, não são basicamente aberrações. Só se tornam aberrações quando passam inteiramente para além da capacidade da pessoa de re-reconhecer As-is-ness. Quando uma pessoa perdeu inteiramente a capacidade de reconhecer As-is-ness, foi-se. Ela está presa, e só tem, Alter-Is-ness, Not-Is-ness e Is-ness, todas as três ou uma ou duas das três, alguma dessas combinações, sem As-is-ness. Por isso tudo está a persistir à sua volta. Tudo fica cada

vez menos mutável, e ela entra numa espiral descendente, porque perdeu a qualidade de As-is-ness. Isso é tudo que ele perdeu.

Mande-a tocar algumas paredes. Basta mandá-la tocar algumas paredes por um bocado, e, de súbito, ele dirá: „é uma parede!“ E logo se sente muito melhor.

Ela sabe que está em comunicação. Bem, tem um caso de Not-Is-ness „não há nenhuma parede“, ou Is-ness, „há paredes por toda a sala e por toda a minha mente, e eu tenho barreiras em toda parte, em toda parte, em toda parte“, ou „não há nenhuma barreira em parte alguma, em parte alguma, em parte alguma“. Apenas variações de Not-Is-ness e Is-ness. E você mostrou-lhe agora que havia paredes, e estas paredes eram concordadas, e, é claro, isso é em cima na escala, porque você lhe demonstrou alguma coisa mais próxima de um As-is-ness. Agora cada uma destas é uma escala de gradiente, e você sabe que pode reconhecer bastante pobramente o verdadeiro As-is-ness de alguma coisa. Você apenas retira um pedaço minúsculo do As-is-ness de alguma coisa, por outras palavras, mete-se a fazer só um pouco de Alter-Is-ness, ou só um pouco de Not-Is-ness, ou só um pouco de Is-ness, a fazer um pouco *mais*, e a coisa persistirá muito satisfatoriamente. É claro, se você for até essa coisa e simplesmente a atingir com As-is-ness, já lá não estará.

Siga isto muito cuidadosamente porque é muito importante, e a tecnologia que nós estamos a usar é elementar e você descobre que muitas filosofias poderiam ser julgadas segundo estas quatro categorias. E, acredite, qualquer filosofia existente *foi* julgada segundo estas quatro categorias. Esta é a rota de toda a filosofia, assim como de toda a existência, e você está aí mesmo no mais minúsculo co-ponto entre mecânicas e considerações até agora por nós atingido.

Você poderia desenvolver muitas filosofias a partir disto, e a primeira e mais perigosa seria simplesmente esta: „Bem, eu apenas tenho que aceitar tudo como é, e, por isso, o que realmente é suposto produzirmos disto é apatia, porque se eu tivesse que aceitar tudo como é, não permaneceria senão apatia, porque se eu não posso... ou... alguma coisa ou outra..., mas eu entrarei em apatia. Sim, eu sei o que o auditor quer, ele quer que eu fique apático sobre a coisa toda“. Isto é uma filosofia muito fácil. É a filosofia de Zeno (fil. Grego). Você não pode fazer nada por isso, logo pode também aceitá-lo e toda a gente entra em apatia e corta a própria garganta de qualquer maneira.

Nós temos um enorme número de coisas que poderíamos dizer, listar ou categorizar em termos desta filosofia, e esta é a única que atingirá o seu preclaro. Você vê, ele tem que poder aceitar a sua própria inquietação antes de poder estar inquieto. Ele tem que aceitar a sua própria repugnância da coisas antes de poder repugnar as coisas. Ele tem que aceitar alguma coisa antes de a poder ter, porque tem recuperar algum As-is-ness antes de poder ter qualquer As-is-ness. Ele tem recuperar algum As-is-ness antes de poder ficar fluido na sua prática de As-is-ness, Alter-is ness, Not-Is-ness e Is-ness.

A actividade da vida exige-lhe que ele seja bastante capaz em todas as quatro categorias, e não só em As-is-ness.

Você não está particularmente especializando nisto. Mas quando vem para este universo descobrirá que, à medida que devolve o seu preclaro para As-is-ness, as coisas desaparecem. Isso pode ser lamentável, pode ser interessante, pode ser isto e aquilo, mas essas coisas, também, tal como as opiniões de arte, são meramente considerações.

Agora, o primeiro passo em que nós nos aventurámos seria um passo endereçado imediatamente a uma coisa como exteriorização. Recuperar a capacidade do theta de *ser*, fora do corpo. Você iria meramente achar na audição que parte do corpo seria aceitável para o

preclaro. Que parte do corpo é que ele era capaz de aceitar como é. E nós continuaríamos a fazer esta pergunta, e a fazer esta pergunta, e a fazer esta pergunta.

Nós poderíamos variar isto perguntando que parte do corpo ele teria a liberdade de alterar em termos de posição ou forma.

Ou que parte do corpo seria aceitável numa base de ausência. Que parte do corpo seria aceitável numa base muito mais presente, por exemplo, uma mão a andar por aí sozinha.

Processos indicados. De facto este processamento é tão bom que pode tirar quase qualquer parte dele e trabalhar só com isso. Um processo indicado em As-is-ness é simplesmente feito com aquele comando: „que parte do teu corpo é aceitável para ti?” ou, „que parte do ambiente seria aceitável para ti?” E põe-o meramente a melhorar as suas considerações, e se ele ficar muito tempo pendurado você poderá dizer: „Podes aceitar a tua antipatia com...?” e, é claro, a coisa evolui mesmo. Ele poderia apenas observá-lo. A coisa como que se vai embora. É terrível! A primeira coisa que ele pode reconhecer é o facto que não detestava o ambiente? Certo. Bem, ele pode *aceitar* a sua antipatia pelo ambiente? Assim que faz isto ele reconhece o As-is-ness da sua antipatia, momento em que ela estoirará. Você pode fazê-lo reconhecer a existência de qualquer coisa como tal, e isso desaparecerá. Basta que consiga que ele aceite partes do corpo neste simples comando de audição: „que parte do corpo poderias aceitar? Diz-me outra parte do corpo que poderias aceitar” há nisto tremendas demoras nas respostas. Você poderia dizer: „Como teria que ser alterada para a aceitares?” ou: „o que estaria bem estar ausente deste corpo?” Então nós podemos virar-nos e dizer: „qual o nível de aceitação (*nível de Aceitação*: o grau da verdadeira vontade de uma pessoa para aceitar as pessoas ou coisas, monitorado e determinado pela sua consideração do estado ou condição em que essas pessoas ou coisas devem estar para ela ser capaz de o fazer) do teu corpo em relação a um *thetan*?“ Ele não faz isto através de mock-ups, compreenda-se. Este é o truque. Consiga que ele se concentre no corpo real. Ele aceita o *thetan* deste modo, daquele modo ou como? „A que *distância* a sua cara poderia tolerar um *thetan*?“ Já tínhamos isto em processamento de exteriorização, mas sem este facto aqui acentuado, o qual neste caso faz a diferença entre uma técnica exequível e uma técnica inexequível. Que *distância* é aceitável? Que *distância* da sua face ao *thetan* seria confortável? Onde é que a sua face aceitaria um *thetan*? E a primeira coisa que você sabe é que localizou o preclaro (a face parece tê-lo localizado) então ele localiza-se a si próprio. Mas a coisa toda correria fora em absoluto sem qualquer dessas complexidades de comandos. Você perguntava meramente: „o que é aceitável para ti no ambiente?” Olhar à volta e simplesmente examiná-lo item por item melhorará as suas considerações, que é o modus-operandi atrás de Procedimento de Abertura 8C. Faça isto bastante num preclaro e ele achará certamente todo o ambiente em que está a trabalhar, muito, muito aceitável para ele. Poderíamos mesmo continuar a correr isto como: „que parte do ambiente é aceitável para ti?” e ele começaria a dar baixa dessas partes e chegaria finalmente ao corpo. Pegaríamos nas partes do corpo: que parte do corpo é aceitável para ti?, sem parar, e, tendo chegado a isso e tomado conta do espaço à volta do corpo, ele ficaria lá fora atrás da cabeça. Agora esse é o método mais fácil de exteriorização que conheço e o método que uso comumente quando sou impedido por um preclaro. É um processo fácil e certo. É realmente um processo bastante curto. Você apenas lhe pede que apanhe o As-is-ness do seu ambiente e corpo, e se realmente o reconhecer, acredite, ele estará fora. De vez em quando ele diz: „Bem, eu realmente detesto” isto e aquilo. Corra: „podes aceitar a tua antipatia com isso?” Isto desenvolverá a coisa, sendo o único comando adicional que eu alguma vez usei. Logo nós temos As-is-ness, Alter-Is-ness, Not-Is-ness e Is-ness. Todos os casos entram nestas categorias.

CAPÍTULO SEIS
IS-NESS

Nós partimos do início, ou de qualquer ponto do caminho, com isto como a mais alta verdade.

Nós estamos a lidar com *um estático que pode considerar*. O facto de poder considerar e então perceber que o que considera, torna-o uma unidade de produção de espaço-energia-massa-tempo.

Agora nunca fique pendurado em se a realidade produzida é ou não uma realidade. Esta é a forma errada de abordar este problema. É a forma como as pessoas têm abordado este problema, há tanto tempo que o problema permaneceu completamente enigmático. Que você possa aperceber-se de alguma coisa e que possa aperceber-se que outrem também se apercebe de alguma coisa, qualifica uma única destas condições de existência, e isso é Is-ness. E isso é realidade: *Is-ness*.

Agora, que você diga simplesmente que está ali alguma coisa, e então se aperceba que está ali, significa simplesmente que você pôs alguma coisa ali e apercebeu-se que está ali. É isso que significa. Não é menos um Is-ness. Que ninguém esteja ali para concordar consigo na ocasião em que faz isto não reduz o facto de que criou um Is-ness. É um Is-ness. Existe. Existe, não „só para si próprio”. Apenas existe, veja. Ora se desejasse que isso persistisse, então teria que passar por um certo passo mecânico, você teria que ter a certeza que não *duplicou perfeitamente a coisa*, o que quer dizer *criá-la outra vez, no mesmo tempo, no mesmo espaço, com a mesma massa e a mesma energia*, porque já não estaria ali.

Mas o que é que você realmente fez quando o fez?

Deu apenas só uma completa vista de olhos.

E aquilo que você cria desaparecerá se simplesmente olhar para a coisa, a menos que use este truque. A menos que você use o truque da coisa ser alterável, e de a alterar. Agora se diz que a alterou, e agora esqueceu o momento exacto em que foi feita e o seu carácter, pode então persistir, é claro. Porque você pode olhar para tudo o que lhe aprouver, com o seu primeiro olhar, poderia dizer-se, e não desaparecerá.

Não olhe contudo com um seu segundo olhar porque a coisa terá sumido.

Por exemplo, se nós olharmos para a frente de uma sala e virmos um objecto, nós teríamos que simplesmente olhar para ele e conceber termos feito a sua exacta duplicata, ou a sua contraparte, o que quer dizer conceber tê-lo feito. Nem mais nem menos do que isso. E é claro que ficará *bastante sumido*. Para alguns, que estão a passar um mau bocado com condições de existência, ficará cada vez mais e cada vez mais e cada vez mais luminoso primeiro, e então cada vez mais e cada vez mais e cada vez mais sumido, e desaparecerá para eles. É uma coisa curiosa, mas é imediatamente sujeito, e você pode sujeitá-lo a uma prova muito exacta.

Olhemos muito cuidadosamente para isto, para o que é realidade. Realidade é uma *realidade* postulada.

Uma Realidade não tem que persistir para ser uma realidade. A condição de realidade é simplesmente Is-ness. Essa é a condição total de realidade.

Agora nós obtemos uma realidade mais complexa quando entramos na fórmula de comunicação, porque isto conduz a *outrem*. Nós temos que dizer que somos outrem agora a ver isto, e que não sabemos quando foi feito, ou onde foi feito, para obter uma persistência do objecto para esse outrem.

Mas, digamos, nós entramos mais ou menos accidentalmente em comunicação com outrem, e temos uma discussão, um bate-boca de um lado para outro, sobre o que é esta coisa.

Se aquela outra pessoa duplicar perfeitamente o que nós exactamente criámos, isso desaparecerá outra vez.

Realmente não importa quem o criou, ele só tem que *assumir* que o criou para isso desaparecer para ele. Por outras palavras ele tem que duplicar isso no seu mesmo espaço, com a mesma energia, a mesma massa, no mesmo momento em que foi criado, e desaparecerá para ele. Logo você e ele deveriam alterar esta coisa que você fez de forma que ambos a possam perceber.

Então nós obtemos o que é conhecido como realidade concordada, e isso é um Is-ness com acordo.

Agora, de facto, a própria palavra realidade é aceite comummente como aquilo que nós apercebemos. Esta é então a verdadeira definição de realidade, a que é comummente usada, e isso seria: um acordo com um Is-ness. Isso seria uma realidade.

Um Not-Is-ness é um *protesto*. A prática comum da existência, é claro, é tentar desvanecer Is-ness usando-o para se destruir a si próprio, pegando num mockup, como um edifício, ou algo do género, e tentar destruí-lo estoirando-o com dinamite. Esta é uma aplicação muito prática... este material. Não é esotérico, não se aplica só ao Banco de Engramas. (*Engrama*: Um quadro de imagem mental de uma experiência que contém dor, inconsciência, e uma real ou imaginária ameaça à sobrevivência. É uma gravação na mente reactiva de alguma coisa que de facto aconteceu a um indivíduo no passado e que continha dor e inconsciência, ambos registadas no quadro de imagem mental chamado engrama. „*Banco de engramas*” é um nome coloquial para a mente reactiva. É aquela porção da mente de uma pessoa que funciona numa base de estímulo-resposta). Isto é só existência.

Is-ness pode ser traduzido bastante geralmente como existência. Nós temos um Not-Is-ness a ser forçado sobre um Is-ness pela qualidade do próprio Is-ness, ou por um novo postulado com que o indivíduo está a dizer que a coisa não está ali.

Este novo postulado no qual você simplesmente diz: „não está ali”, não faz o padrão das mecânicas de criação do Is-ness, o tempo exacto da criação, o espaço exacto, a Continuidade exacta, mesma massa, mesmo tempo mesmo espaço. E como consequência, ao dizer: „certo, não está ali”, provavelmente desvanecer-se-á para si. Mas você teria que fazer mais qualquer coisa. Você tem que montar um ecrã negro, ou repeli-lo, ou mascá-lo, ou fazer-lhe qualquer coisa, em lugar de uma duplicata perfeita.

Logo é um Not-Is-ness quando dizemos que alguma coisa não existe, sabendo muito bem que existe.

Agora você tem que saber que alguma coisa existe antes de poder tentar postulá-la para fora de existência e por isso criar um Not-Is-ness.

A definição de Not-Is-ness seria simplesmente: tentar pôr fora de existência, por postulado ou força, alguma coisa que se sabia existir. A pessoa está a tentar falar contra os seus próprios

acordos e postulados com os seus novos postulados, ou a tentar pulverizar algo com a força de outro Is-nesses a fim de causar uma cessação do Is-ness que ele objecta.

E é o uso de massa para manejar massa, de força para manejar força, e é definitiva e positivamente errado se você quiser destruir alguma coisa.

Isso é a maneira de você se destruir a si próprio, o que é a razão porque as nações se ocupam disso. Força contra Força. Nós vemos uma interpretação muito mal-entendida disto nos primeiros tempos Cristãos com a introdução da ideia de que se você fosse atingido deveria dar a outra face. A verdade é que deste modo teria feito muito mais sentido: quando encontrar força não aplique mais, e uma nova força, para conquistar a força exercida, porque se o fizer ficará então num caos de forças, e em breve você não poderá localizar nada através deste caos de forças. Assim, dar a outra face é na verdade muito exequível se significar que simplesmente não deve ser usada força para combater força. A maneira de manejar devidamente tal situação é só duplicá-la perfeitamente.

Agora vamos entrar nesta coisa da duplicata perfeita. Uma *duplicata perfeita*, é criar a coisa mais uma vez, no mesmo tempo, no mesmo espaço com a mesma energia e a mesma massa. Uma duplicata perfeita não é feita imitando a coisa ao lado de si mesmo. Isso é uma cópia, ou mais tecnicamente um fac-símile, um fac-símile executado. A propósito, cópia e fac-símile são sinónimos, mas nós concebemos um *fac-símile* como uma imagem que foi, sem saber ou automaticamente, feita a partir do universo físico, e uma *cópia* seria alguma coisa que um thetan simplesmente fez segundo a sua própria vontade a partir de um objecto do universo físico com total conhecimento. Por outras palavras, ele copia-o e sabe que o está a copiar. Um fac-símile pode ser feito sem o conhecimento da pessoa por maquinaria mental, ou pelo corpo, ou algo desse tipo.

Nós estamos aqui a falar de uma duplicata perfeita, mecanicamente, mas é mais importante reconhecer isso nos termos das nossas quatro categorias de existência. É AS-IS-NESS. Se podermos reconhecer o total As-is-ness de qualquer coisa, essa coisa desaparecerá. Às vezes, se tivesse muitos componentes teríamos que reconhecer o As-is-ness total, incluindo o As-is-ness de cada parte componente. E nisso assenta o segredo de destruir verdadeira matéria. E a verdadeira matéria pode ser destruída por um thetan, se ele estiver disposto a incluir no As-is-ness, o qual ele está agora a postular para qualquer objecto existente, para qualquer Is-ness, o As-is-ness de cada parte componente.

Um thetan criou um mockup, e este mockup foi muito amplamente concordado, e outro processo, Alter-Is-ness, foi-lhe endereçado, e isso ficou cada vez mais sólido e cada vez mais sólido, e então um dia alguém cortou isso ao meio e arrastou uma parte para cima da colina para fazer a soleira da porta de alguém.

Já está fora de localização. O *mesmo lugar* faz parte de uma duplicação, e já foi removida do lugar onde foi imaginada e foi movida até ao topo da colina, e agora está a fazer de soleira da porta de alguém. As próprias pessoas não se lembrariam nada de onde a soleira da porta teria vindo, se lhe perguntassem de repente, mas depois de um tempo, essas casas ali em cima, (a propósito, só mockups como tudo mais), são demolidas, e alguém apanha esta soleira e a tritura para piso de estrada, atira-a para lá para ser usada como estrada.

E a estrada que eles fazem com ela corre muito bem, e corre junto a algum cais, e um dia a estrada já não está a ser usada. Eles têm agora um longo cais de aço enorme que vem por ali fora, e alguém usa uma pá mecânica para apanhar uma carrada de pedras e cascalho, esvazia-os no porão de um navio que vai para a África do Sul, e eles descarregam este lastro na África do Sul, e os nativos usam-no para o jardim, e finalmente há uma explosão vulcânica que a

enterra debaixo de 3m de lava, e o tempo avança, e esta coisa está a ficar cada vez mais remota quanto ao tempo concordado, à sua posição original concordada e ao momento em que foi postulada, em relação ao espaço de tempo das pessoas que concordaram com isso.

Você vê, eles concordaram com um espaço de tempo, logo esta coisa está a envelhecer, e eles também concordaram com este espaço, e está a ser movido neste espaço, e aqui, átomo por átomo, à medida que as eras passam, este objecto que fazia parte de um mockup original está agora distribuído por todo o planeta.

Tudo seria bastante duro de localizar a menos que, como theta, você desse de repente uma boa olhada nisso e como que o interrogasse, ou o localizasse facilmente.

E a lei da conservação da energia estoira aqui mesmo.

Devido ao facto de que o próprio tempo é um postulado, é muito fácil de reassumir o primeiro momento de qualquer coisa. Da mesma maneira que você pede a uma pessoa em audição de Dianética para „voltar ao momento em que...”, ela poderia reassumir o tempo, e se nós só adicionássemos „o lugar onde...” e então disséssemos „Certo, agora *duplica-o com a sua própria energia*”, bem, teria estoirado.

Não é um processo que usemos hoje particularmente, mas algo que você deverá saber.

Para criar um As-is-ness teria que criar o As-is-ness do próprio objecto e de todas as suas partes, e só nesse momento ele escaparia à lei da conservação da energia. A conservação da energia depende do caos de todas as partes de todas as coisas misturadas com todas as partes de todas as coisas. Por outras palavras, não poderíamos ter qualquer conservação de energia, a menos que todos nós estejamos completamente em dúvida sobre onde ou aquele átomo teve origem. E se estivermos totalmente em dúvida quanto à criação original no espaço do átomo, molécula, protão ou seja o que for, se permanecermos totalmente ignorantes, nós, é claro, não o poderíamos destruir, porque a força não o destruirá. A Força não destruirá nada feito de força.

Devido ao facto que você teria que fazer tantos postulados, praticamente tantos As-is-nesses quantos átomos estão no objecto, bem, parece imensamente complexo, a menos que a sua atenção pudesse abranger tanto e tão rapidamente, ponto em que você seria capaz de fazer um As-is-ness disso, e o seu nível operacional seria tal que a conservação da energia (em si mesmo uma consideração) seria excedida.

Agora nós cuidámos do As-is-ness pelas mecânicas de uma duplicata perfeita. O As-is-ness seria a condição criada outra vez no mesmo tempo, no mesmo espaço, com a mesma energia e a mesma massa, o mesmo movimento e a mesma quantidade contínua de tempo.

Este último, a mesma quantidade contínua de tempo, só casualmente é importante. Só surge como importante quando se cruzam universos, e as partículas não se cruzam entre universos. Uma partícula só é tão boa quanto estiver montada na sua própria quantidade contínua de tempo. Destrua a quantidade contínua de tempo, e, é claro, nenhuma actividade pode acontecer daquele momento em diante.

Digamos que o Grupo A fez uma série de postulados que lhes dão uma certa energia e massa, e aqui está o Grupo B, e eles juntam-se e concordam aceitar as massas um do outro. Isto nunca chegaria ao ponto da massa criado pelo Grupo A e a massa criada pelo Grupo B se permutarem. Alguém que foi parte e pacote da criação da massa visada tem que estar sempre à volta, pelo menos por acordo, e então nós obteríamos um tempo contínuo, nós obteríamos uma consciência contínua. É disto de que eles estão a falar quando falam de Consciência Cósmica, que é uma palavra muito fantasiosa, para dizer: „Bem, já cá estamos todos há muito tempo”.

Agora vamos pegar neste As-is-ness e descobrimos que uma *coisa* desaparecerá se um *mockup* desaparecer, e isso também pode muito facilmente ser sujeito a prova.

Se um *mockup* se pode desvanecer criando-o simplesmente no mesmo tempo e no mesmo espaço com a mesma energia e a mesma massa, por outras palavras, bastando repetir o postulado, se isso desaparecesse no momento em que se lhe aplicou As-is-ness, então as pessoas começariam a evitar As-is-ness a fim de ter Is-ness, e isso é feito por Alter-Is-ness.

Nós temos que mudar o carácter de alguma coisa, nós temos que mentir sobre a coisa para ela existir, e logo nós temos qualquer universo como um universo de mentiras.

Quando este universo de mentiras o instiga a dizer as suas verdades, você pode ficar muito confuso.

Voltando atrás na história, encontramos pessoas por toda a parte que nos dizem: „Bem, talvez tenha existido uma pessoa como Cristo, ou talvez não, e talvez ele tenha dito isto, ou talvez não, e talvez o material viesse daqui ou dali”, e, eh pá, eles estão a dar-lhe sobrevivência! A própria Sobrevivência depende de Alter-Is-ness.

A fim de fazer um As-is-ness persistir é absolutamente necessário que o seu momento de criação seja mascarado. O seu momento, espaço, massa e energia, se duplicados, fará a coisa deixar de existir. O reconhecimento do As-is-ness provocará uma nulidade, um desaparecimento. Por outras palavras, um retorno ao postulado básico. Você teria que fazer o postulado todo outra vez, e então, para levar a coisa a existir mais tempo, bem, teria então que ir adiante e mudá-lo de tal maneira que as pessoas não pudessem na verdade reconhecer a sua fonte em absoluto. Você tem que obscurecer completamente a fonte para obter persistência. Garantir isso. Teria que dizer que veio de algures, de alguém, diferente da verdadeira fonte.

As pessoas têm feito isto com coisas tais como a Dianética. Uma divagação pelo assunto reivindicava que foi realmente inventada nos fins do décimo século oitavo por um fulano de nome Hicklehogger ou Persilhozer ou algo do género. Isto é um facto. Aqui nós tínhamos algo que poderia ser muito facilmente desfeito, porque tinha sido montado para ser desfeito, para chegar ao As-is-ness das coisas, e devido ao facto de ser feito para desfazer, torna-se então muito, muito fácil dizer simplesmente que o seu As-is-ness foi tal e tal e etc., e teria praticamente desaparecido se você continuasse a afirmar que o As-is-ness foi o que o As-is-ness de facto foi. A fim de obter persistência de qualquer tipo, teríamos que fazer algo muito estranho e peculiar, isto é, teríamos que alterar a coisa. Nós teríamos que entrar na prática de Alter-Is-ness. E se tentarmos alterar alguma coisa má, também faremos essa coisa persistir.

Sabendo que a vida é basicamente uma consideração de um Estático, que não está localizado no tempo-espacó, que não tem massa, energia ou comprimento de onda, e sabendo também que As-is-ness é uma condição que se desvanecerá ou desaparecerá, você tem que praticar Alter-Is-ness a fim de obter um Is-ness, e que depois de um Is-ness ter ocorrido o mecanismo de manejo é postular um Not-Is-ness, ou usar força para provocar um Not-Is-ness, e que qualquer Alter-is-ness adicional praticado nisso só continuará a criar um Is-ness desta nova condição, e que cada novo Is-ness se vai cruzar com os postulados ou força-de manejo do Not-Is-ness, e que cada Not-Is-ness vai ser seguido por um Alter-Is-ness que vai resultar em persistência do que nós temos agora, e começamos a ver depois de algum tempo que não há saída deste pequeno labirinto vertiginoso de espelhos, excepto este reconhecimento de que temos um estático que pode considerar, e que o padrão pelo qual nós chegámos ao que chamamos realidade, solidez, está contido nestas quatro condições.

O ciclo da existência é, então, um estático considerar um Is-ness como um As-is-ness. Ele apenas diz: *existe*, e então altera o As-is-ness, mesmo para o seu próprio reconhecimento, e

obscurece a sua sabedoria sobre esse As-is-ness para obter um Is-ness. Então, tendo obtido um Is-ness, usualmente pode contar-se que ele mais cedo ou mais tarde pratique o Not-Is-ness, e, não gostando do resultado, uma vez que o Is-ness contestado não desaparece, este fica simplesmente pendurado, e ele infeliz com isto. Ele praticaria agora um novo Alter-Is-ness o qual obteria uma confirmação do Not-Is-ness que tem agora, o qual então persistiria.

E nós vemos que a própria vida pode entrar num ciclo muito, muito vertiginoso, e estas inversões prosseguem então: o novo Is-ness é tratado com um Alter-Is-ness, seguido por um Not-Is-ness, e seguido outra vez por uma condição nova que está a persistir, um novo Is-ness. E assim nós vemos isto a “serrar presunto” para trás e para a frente.

Agora tudo isto depende de um postulado básico segundo o qual nós concordámos que as coisas prosseguem bastante em ordem, ou a uma taxa uniforme de espaçamento ou velocidade ou tolerância ou algo do género.

O Tempo tem que ser introduzido ali, e nós temos que ter tido um postulado ali mesmo à frente de todos estes Is-nesses que determinaria *quando*, e na ausência daquele você não obteria nenhum contínuo de tempo, logo nunca haveria tal coisa como uma persistência. Logo, o tempo encaixa ali mesmo.

Agora está ver o progresso destas várias condições? Penso eu que o problema da existência se reduz agora a isto: um exame dos verdadeiros acordos do tempo para estoirar todas as condições de Is-nesses. Mas os acordos sobre o próprio tempo condicionam o que foi criado na corrente do tempo, e nós obtemos ali um postulado básico resistente a todos os efeitos, como o *próprio tempo*.

Bem, estas são as quatro condições de Is-nesses e as várias definições que as acompanham, e explicarão qualquer manifestação da vida, comportamento humano, matéria, energia, espaço ou tempo.

CAPÍTULO SETE

AS QUATRO CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA

(Parte 1)

Tudo o que precisamos saber sobre a existência é que ela é. Qualquer complexidade que tenha, ainda é. Nunca é “*foi sempre*”, o que é uma coisa muito interessante quanto a esta nomenclatura particular. Não há nenhum “*vir a ser*” (will-be-ness) e não há nenhum “*foi*” (was-ness). Simplesmente há é (Is-ness). Fale de existência e as pessoas adicionam-lhe espontaneamente will-be-ness e was-ness. Logo, existência não é a palavra que nós queremos. Nós queremos a palavra Is-ness. Queremos só a palavra que estamos a usar. Queremos aquilo que é.

O *Dhyana* comete o erro do „tempo sem princípio nem fim”, mas isso realmente não é um erro. Provavelmente é um erro na medida em que envolve a tradução dos símbolos. Nós não sabemos que os símbolos usados por Gautama para descrever esta manifestação entram na nossa língua como tempo se princípio nem fim. Já saltámos uma língua, logo sabemos menos do que ele de facto dizia. Mas seria uma coisa interessante que você pudesse representar isto com uma linha contínua que se juntasse a si própria. Um qualquer tipo de complexidade circular, por outras palavras, representaria o facto que tínhamos algo sem princípio nem fim.

Agora, isso é uma explicação muito complicada. Devido ao facto que o tempo depende de um postulado, você poderia dizer, sim é sem princípio nem fim. Também poderia dizer que é linear. Também poderia dizer que é contínuo. Também poderia dizer que é um Padrão Oriental, ou Sideral, não importa agora como o qualifica, depois de ter feito o postulado uma vez pode então continuar a fazer postulados. Ninguém vai limitar ninguém a fazer postulados.

Mas acontece haver, por incrível que pareça, uma verdade atrás do tempo. O tempo é um postulado. Nem sequer tem que ser concordado. Você poderia por si só ter um espaço de tempo. Você poderia fechar os olhos e dizer: „e agora, estive aqui sentado durante um milhão de anos”.

„Nos próximos dois segundos”, você poderia dizer: „vou-me sentar aqui durante um milhão de anos”. Não há nada desconhecido de cerca disto, isso é tempo autêntico. Também não fique confuso se sonhar durante cinco segundos com um espaço de cinco horas. Você acabou de repostular algum tempo, é tudo.

A menos que continue a postular tempo, você não tem tempo. E isso é, antes de mais nada, a coisa que você pode saber sobre tempo.

Aquele fulano que depende de um relógio lá em cima para mover o tempo para ele, vai entrar em apuros mais cedo ou mais tarde. Ele vai ficar, „preso na banda”, e „fora de compasso com o seu semelhante”, porque ele depende do acordo sobre tempo para lhe dar tempo. A única maneira dele poder ter tempo é continuar a postular tempo.

Um das coisas mais duras que você descobrirá com quem entrou em apuros com o caso, é mandá-lo colocar alguma coisa na banda do tempo futura. Ele olhará para isso e dirá: „OH NÃO!” Você diz a alguém: „vamos marcar uma hora. Digamos às 2.05 da tarde”.

Oh não. Isso é perturbador. É por isso que quando fala com alguém na rua, você não lhe diz que venha „mais tarde ao seu gabinete”. Você apanhou indubitavelmente alguém que tem a

atenção no assunto de postular tempo. O que há a fazer é levá-lo de imediato para o seu gabinete, agora mesmo, se possível. Não lhe ponha algo na banda do tempo futura mais do que lhe é possível, porque esta pessoa aqui, que realmente está em dificuldade, que tem todas as dificuldades humanas habituais, doenças psicossomáticas e assim sucessivamente, deixou de postular tempo. E assim que deixa de postular tempo, ela não tem tempo.

Agora, quanto tempo tem o fulano, e quanto tempo se está a adiantar, e quanto tempo está sentado imóvel com... todas estas perguntas são muito interessantes a não ser que tudo dependa apenas deste facto: o seu indivíduo está ou não está a postular tempo ele próprio?

Examinando uma carreira muito atarefada, posso definitivamente ver o factor velocidade de composição como derivando estritamente de um postulado. Eu escrevia cerca de 100,000 palavras num mês a três horas por dia, três dias por semana. Agora, são muitas palavras, mas nunca me ocorreu que eram muitas palavras. Se simplesmente postular que há toda essa acção e que ela se pode ajustar a tanto tempo, você postulou o tempo. Não há ninguém que se sente ali, concordando consigo ou discordando. De facto, você está mesmo livre. Bem, podem também postular-se oito milhões de palavras numa hora por mês. Bastaria dizer quanto tempo do universo físico poderia ser alocado ao espaço de tempo que eu estava a usar e no qual compor. Você obtém isso como uma diferença.

Vejamos alguém que está a fazer um trabalho. Você encontrará alguma coisa muito, muito peculiar. Encontra alguém que está a trabalhar como louco, ele só está a trabalhar, a trabalhar, a trabalhar, só tem que ter tudo feito, tem que ter tudo feito, e o fim do dia chega e ele não tem nada feito. É tudo num confusão. Esteve muito ocupado todo o dia mas nada aconteceu.

E no dia seguinte ele sai e está tão ocupado, tem mesmo que fazer isto, e tem que fazer aquilo, e finalmente você encontra-o sentando, imóvel, apresentando uma imagem muito engraçada e tola. Está sentado, quieto, nem sequer se mexe, nem sequer fala, nem sequer escreve, não realiza absolutamente nada, e agora vem dizer-lhe como está terrivelmente ocupado, e como não tem tempo, e colapsará finalmente ao ponto de não ter tempo algum, de qualquer tipo, qualquer que seja, para empregar em qualquer coisa, e é por isso que ele está ali sentando. Mas isso é-lhe perfeitamente razoável. Isso é perfeitamente razoável.

Ele ficará de uma forma que não pode *começar* nada. Não tem tempo algum com o qual começar, muito menos para terminar. Logo ele começa por dizer: “bem, não tenho tempo para terminar isto”, depois, “não tenho tempo para o fazer bem”, depois, “não tenho tempo para o fazer”, depois, “não tenho tempo nem sequer para o começar”. Depois, finalmente, nem “posso pensar em fazer isto”.

E isso é o que acontece à operacionalidade (doingness) de uma pessoa. É a sua capacidade de postular a quantidade de tempo, e a única confusão quanto a isto é o facto de nós termos um espaço de tempo concordado.

Mas você poderá reconhecer que o tempo, para toda uma nação e para toda a terra, poderia por isso falhar.

Quanto é que se pode fazer numa hora? O que é uma hora? Uma hora é a extensão de tempo que o sol leva para se mover quinze graus no céu. Agora o *sol* não está a fazer nada. Que coordenação é esta?

Quando um país ainda pode postular tempo, ou um mundo ainda pode postular tempo, uma hora seria então uma tremenda quantidade de doingness. Eles teriam um festival ao amanhecer e um par de jogos, e então até cerca de meio-dia, bem, um festim, e isso deixa-lhes toda a tarde... isso deixa-lhes *toda a tarde* completamente vazia, e isso seria um tempo bom para

andar de barco, e então teriam tempo para praticar o baile que iam dar naquela noite. E então eles terminariam cerca da meia-noite e diriam, meu Deus, que dia inactivo! Esta é a quantidade de tempo que eles poderiam postular em termos de doingness.

Temos tempo, ou não temos tempo para fazer isto? Eis a questão.

Agora devido ao facto de que o próprio tempo é meramente um postulado, isto é muito simples de compreender. Se é um postulado, tem uma anatomia como tal? Bem, sim, é uma complexidade de postulados, a maneira como você o olha neste momento, neste universo particular, mas não realmente muito complexo. Tempo depende de mudança. A fim de ter tempo você tem que alterar coisas, porque Is-ness tem uma condição por trás chamada Alter-Is-ness, que tem que acontecer para alguma coisa persistir. Esta é a maneira como os postulados se juntaram, o que constitui este universo, e não da forma teórica como eles se *poderiam* ter juntado para compor um universo.

Tome estas coisas como coisas diferentes. Você poderia tratar isto tudo de um modo inteiramente diferente, e postular tempo e ainda ter tempo, mas não necessariamente seriam os postulados que foram feitos, e são feitos, e que estão neste universo aqui e agora. Não necessariamente o mesmo conjunto de postulados, se repentinamente apenas sonhássemos.

Logo nós temos que sujeitar os postulados de tempo a uma pequena prova subjectiva, e fazer-lhes um teste. E nós achamos que podemos fazer as coisas persistir mudando-as. Se continuarmos a mudar alguma coisa, e a mudamos, e a mudarmos, e a mudarmos, e a mudarmos, estamos a obter persistência. Mas de facto, o que nós estamos a fazer é postular o tempo para a coisa persistir nele.

E quando um indivíduo deixou de postular tempo ele deixou de perceber. A percepção e o postulado de tempo são fenómenos idênticos. Percepção e postulação são aqui a mesma coisa.

Você deveria reconhecer, em audição, muito claramente, que o tempo é um postulado. Quando você está a trabalhar com um preclaro com dificuldade de perceber, você sabe que há algo errado com o postulado do tempo. Por isso há algo errado com mudança.

Alter-Is-ness é aquela parte do postulado de tempo que nós podemos uniformemente e de perto observar. E descobrimos que mudar as coisas traz tempo à existência. Isso causa uma persistência, e o mecanismo de Alter-Is-ness dá-nos uma percepção de tempo.

Nós achamos que alguém que está num estado em que acredita estar a ponto de perecer, tentará então mudar tudo na sua vizinhança, até ao ponto em que ele sabe seguramente que está a perecer, momento em que simplesmente sucumbirá, bang, e ele deixará de existir ou persistir como individualidade particular, e como ele próprio, sem aquela individualidade, prosseguirá e apanhará outro corpo.

Nós temos uma tremenda quantidade de mudança ou realização que têm que ter lugar imediatamente antes da morte. Temos aqui pessoas por todo o lado que não estão a fazer nada. As actividades delas estão numa condição horrível.

Se levarmos uma malinha preta e um estetoscópio (é o Distintivo de Gabinete, mala preta e estetoscópio. Não se sabe bem o que eles *fazem* com o estetoscópio, mas é *interessante*. Nem sequer detectará se uma pessoa está morta ou não. Um estetoscópio é de facto uma dramatização reactiva da Serpente de Caduceus) e se chegarmos ao pé alguém e lhe dissermos: „meu caro, devo informá-lo...” (tendo batido com o estetoscópio contra o tórax dele para que saiba que está a ser atingido por uma serpente) „devo informá-lo que acabámos de ver através desta diagnose que você só tem três meses de vida”. O que é estranho nisto é que você veria prontamente um homem ocupado. Ele realmente ficará ocupado. Sentar-se-á triste por um

momento ou dois. Isso é só o impacto. Então dirá: vejamos. Tempo. Tempo. Oh. Alter-Is-ness, Alter-Is-ness, Alter-Is-ness, Alter-Is-ness, mudar, mudar, tenho que corrigir o meu testamento, tenho que corrigir isto, tenho que corrigir aquilo, tenho que mudar a Mary para a outra casa que eu construí. Tenho que ter isto e aquilo, e os meses passam e os anos passam e ele ainda está vivo.

Bem, ele diria que o médico estava enganado. Não, o médico não estava enganado segundo as condições daquele momento. A sua experiência demonstrou-lhe que as pessoas que tinham esta doença (a quem não tinha sido dito que tinham só três meses de vida) morriam em três meses. O que ele omitiu foi este factor sobre as pessoas a quem foi dito que só tinham três meses de vida. Você diz a alguém que tem só três meses de vida e ele engrenará no único mecanismo disponível para causar persistência neste universo. E isso é Alter-Is-ness. E ele mudará, mudará, mudará. Ele tem que mudar imediatamente a sua condição. É a primeira coisa em que ele pensa. Ele poderia pensar que é simplesmente natural fazer isso. Não. Nós estamos a falar num escalão mais alto de filosofia. Você diz-lhe que só tem três meses de vida, este é um facto inaceitável, por isso tem que mudar a sua condição. Não, pior que isso. Pior que isso. Se não tem *persistência de tempo*, ele tem que mudar de *condição*. A coisa que ele pode fazer com a qual pode ganhar persistência é Alter-Is-ness. Se simplesmente mudasse a mobília do gabinete, porque o pode fazer com êxito, ele viveria um pouco mais. São as mudanças *fracassadas* que fixam uma pessoa e provocam Not-Is-ness.

Agora *fracassado* e *bem sucedido* são eles próprios postulados. „Eu sou este indivíduo e este indivíduo deverá persistir” contra „eu sou este indivíduo e este indivíduo não deverá persistir”. Você poderia compor o seu postulado tanto de uma maneira como da outra.

Mas a cadeia aceitável das considerações que vão fazer, por exemplo, crítica de arte, avaliação, ganhar-perder e assim por diante... nós apenas temos um jogo de considerações. Estas mudanças têm êxito contanto que *o indivíduo* as esteja a fazer, e fracassam contanto que outrem ou alguma outra coisa o esteja a fazer. E isso faz parte do factor ganhar-perder, e também do factor tempo. Isso é autodeterminação. A pessoa fez meramente um postulado que, contanto que essa pessoa o faça, ela tem êxito. Contanto que a pessoa possa realizar o postulado isso constrói ganhos. “Agora vou apanhar o meu dedo direito. Apanho o meu dedo direito. Ganhei. Quer dizer, eu fiz o postulado bem”.

O que aconteceu ao preclaro é que ele fez o postulado e então alguma coisa contrariou esse postulado a tal grau que ficou fixo. Ele está fixo e não pode mudar.

Funciona assim mesmo neste universo, não necessariamente o esquema óptimo que poderia ser feito. Quando você fez um postulado e então não realizou a meta postulada naquele postulado (lembre-se que estava a postular tempo para postular uma meta), quando foi incapaz de alcançar essa consecução particular, então, é claro, você não tinha mudado nada.

O tempo é feito mudando a posição de alguma coisa no espaço, e logo nós temos todos os neutrões que vibram a uma grande, mas uniforme, velocidade, mudando as suas posições no espaço. Bem então nós podemos dar uma olhada a algumas destas partículas como o sol, terra e outras coisas, ver que elas estão a mudar umas em relação às outras no espaço a uma taxa uniforme, e tendo percebido isto, bem, então é claro, nós estamos a olhar para uma mudança de tempo.

O tempo não existe como artigo, não é nada que possa ser deitado de um balde para outro, entretanto não acontece até um postulado ser feito relativo a ele. E neste universo o postulado teve que ver com mudança de localização no espaço. E quando isso ocorreu, então ocorreu tempo.

Você poderia mudar a localização de alguma coisa no espaço simplesmente mentindo sobre isso. E obteria persistência. Sairia do As-is-ness. No momento em que a localização de alguma coisa no espaço é mudada, você afasta-se do As-is-ness e a coisa não se desfaz, logo obtém persistência.

Agora, um indivíduo está em tão boa forma quanto puder mudar a localização das coisas no espaço. Olhando as Pre-lógicas que precedem as Lógicas e Axiomas de Dianética, descobrimos que elas têm a ver com uma energia, e elas dizem que um theta é uma unidade de produção de energia-espaco, que um theta pode mudar a localização de objectos no espaço, e, logo a seguir, nós temos o facto de um theta poder criar objectos para mudar no espaço, da sua própria criação. Por outras palavras, ele pode fazer todas estas coisas, e nós temos, neste universo (e isto é muito comum em universos) esses postulados como os postulados condicionantes do universo. Então fazemos outro postulado segundo o qual algo pode persistir, e este postulado é representado como tempo, logo quando localizamos algo no espaço, nós estamos de facto a trabalhar com o postulado tempo... persistência.

Se você observar que alguém falhou frequentemente, então o que é que quer dizer com falhou? Ele decidiu mover algo no espaço e não o fez. Neste universo é a anatomia total do fracasso.

É claro, ele poderia simplesmente postular que falharia e isso é outra anatomia do fracasso. Ele é sempre livre de fazê-lo. Você próprio pode fazê-lo. Não remediar nada como procedimento de audição, ou qualquer coisa do género, mas simplesmente dizer a si próprio que falhou, não por qualquer causa, razão ou qualquer outra coisa, mas apenas: „eu falhei e por isso tenho que me sentir de uma certa maneira” e então sente-se daquela maneira.

Você poderia fazer isto, ou simplesmente postular, “eu ganhei”, e não “eu ganhei alguma coisa”. Postular apenas que ganhou, e as condições de vitória sabem bem, o que faz parte da trama e urdidura dos postulados, „E por isso sinto-me bem”, dando-lhe uma razão para se sentir bem.

Porque é que não postula apenas que se sente bem?

Não importa em que se mete fazendo isto. Não há aqui nenhum nexo sensato. Nós só estamos a falar de um nexo *concordado*. Este universo, e os postulados que o formaram, não necessariamente é o melhor universo que poderia ser feito. Acontece apenas ser o universo onde nós estamos, e acontece ser o universo no qual os nossos postulados estão a ser feitos, e desfeitos, e apenas acontece que se formou nestas quatro condições de As-is-ness, Alter-Is-ness, Is-ness e Not-Is-ness, e estas quatro condições entretecidas fazem este universo agir como age, e comportar-se como se comporta, e daí-lhe ideias do que é um ganho, e do que é uma perda, e é tudo na base de postulados.

Mas a manifestação mais curiosa em tudo isto é a manifestação do tempo, e nós temos esta matéria do tempo que ocupa uma parte considerável do campo da aberração. E isso é porque tempo é aquele postulado onde um indivíduo começa a depender de alter-determinações, mais que qualquer outra coisa.

Nós vemos o sol mover-se e pegamos na deixa do sol quanto ao tempo que temos. Nós vemos relógios moverem-se e pegamos nesta deixa quanto ao tempo que temos. E isso diz-nos quanta persistência temos. Logo nós estamos a ser informados por estes objectos se podemos viver ou não. E essa é mesmo a mais curiosa das coisas deste universo, dar a deixa sobre se a pessoa persistirá ou não, conforme o sol se moveu ou não numa certa direcção e distância. É idiota. Logo o sol fez um oito. Se eu não depender da luz solar, certamente não vou deixar de viver só por causa do sol. E um theta não depende da luz solar. Totalmente ao contrário, o

bem-estar de um thetan depende dele produzir a sua própria bela velha energia. Ele não depende do sol para lhe produzir a sua energia. Isso é só uma intrincada cambulha. E que outra vez depende de postulados.

O postulado tempo poderia simplesmente ser feito com limpeza nalgum universo dizendo: „Bem, haverá agora uma Continuidade para todos e cada um”, e isso bastaria. Mas não foi assim que foi feito neste universo. Foi feito na base de que, quando o As-is-ness é postulado a fim de obter persistência, nós temos que praticar Alter-Is-ness. Temos que mudar a localização de alguma coisa para obter persistência.

As pessoas ficam inversas nisto neste universo, de forma que pegam num Is-ness, elas mudam de localização, e ele começa a *desaparecer*.

Suponha que manda uma pessoa mover um postulado à volta com uma massa de energia. Ele começa a movê-lo e a massa da energia começa a desaparecer.

Mas o que começou a desaparecer foi a massa de energia, não foi? Não foi o postulado, particularmente. Ele apenas se acostumou àquele postulado e assumiu-o finalmente como o seu próprio postulado. E uma pessoa poderia finalmente dizer: “bem se eu movo alguma coisa ela desaparecerá.

Ela fez um contra-postulado.

Ela tem perfeita liberdade de fazer um contra-postulado, mas este não é o postulado sobre o qual este universo é feito. Este universo é aparelhado de forma que aquele postulado não seja útil para um indivíduo. Isso faz parte das considerações que o constituem. Se você tem alguma coisa e então diz que não existe, você está preso a isso.

Eis este universo.

O alter-Is-ness produz uma persistência, entretanto nós obtemos dois tipos de persistência. Obtemos persistência como Is-ness e obtemos uma persistência como Not-Is-ness. O fulano está a persistir, mas ele não quer estar ali. Bem, ele está a persistir *porque* não quer estar ali. Isto também é uma mudança, embora ele esteja fixo num lugar. E em segundo lugar há o fulano que está a persistir porque quer estar ali, e ele está a persistir por causa de mudança. Eles são ambos Alterar-is-nesses. O desejo de um indivíduo mudar continua a persistência dele no ponto onde ele está, se não se pode mover. Mas ele teve que postular que não se pode mover antes disto poder acontecer. E assim nós temos a espiral descendente do universo MEST.

Nós às vezes vemos a manifestação de um acumular de energia num preclaro. Cada vez que um preclaro disse: “Agora eu vou-me mover”, e não se moveu, ou disse: “Agora eu estou-me a mover e vou continuar a mover-me”, e é parado (caminhando rua abaixo, vai contra um candeeiro), sempre que isto ocorreu, ele perdeu, quer dizer, tem um contra-postulado. Logo ele liga *perda a estacionário*.

Este universo marca tudo o que não se está a mover como inocente. E as coisas que se estão a mover são sempre culpadas. Logo ele está perdido. Bem, então como é que você perde? Sendo fixado numa localização. Isso é como você perde. Um indivíduo que é incapaz de mudar objectos de uma certa localização, acaba por chegar a uma posição em que, quando ele tentar mudar estes objectos desta localização, reconhece um fracasso, logo entra em apatia. Ele diz: „não tenho energia bastante para fazer isto”.

Que tolice! Se ele não tem energia bastante para mover energia, porque é que apenas não a postula noutro qualquer lugar? Mas isso é outra coisa. Ele poderia dizer que é como é, e ela desapareceria, e então postular a sua existência noutro lugar, e então mudá-la para que não

pudesse ser eliminada outra vez, e tudo ficaria resolvido. O que é que ele anda a fazer, a apanhar coisas?

Um exercício: movendo simplesmente coisas e repondo-as outra vez no mesmo lugar, solucionará este fracasso contínuo, consistente, e assim você obtém um processo como Procedimento de Abertura por Duplicação e a sua tremenda eficácia. Se for feito com objectos um pouco mais pesados do que é costume, então um indivíduo reconhece muito completamente que pode apanhar e repor no lugar o mesmo objecto e ganhar, e não falhar. Você mudou o postulado básico pelo qual ele está a trabalhar neste universo, que lhe está a dizer que se não puder mover ele falhou.

Contudo pode ser que tenhamos estas várias condições, e o ponto imediato aqui é que tempo depende, neste universo, de Alter-Is-ness. Pelo menos o desejo de mudar. Qualquer pessoa que deseja mudar está a persistir no tempo, e as pessoas que não querem mudar não persistem no tempo.

Todo o Universo está aparelhado com estes postulados.

CAPÍTULO OITO

AS QUATRO CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA

(Parte 2)

Descobrimos que há processos extremamente elementares que poderiam ser projectados quando olhamos os vários factores em Cientologia, a que nós chamaríamos factores de escalão muito superior.

Quanto em termos de processos é que nós poderíamos obter a partir do conceito de Is-ness? Só daquele dado. De facto poderíamos conseguir muitíssimos.

Mas deixe-me chamar abruptamente a sua atenção para o facto singular de que, dar ao theta ou exercício de *obter ideias*, é de uma utilidade mínima. Um theta pode sempre mudar as suas considerações de uma forma ou de outra, mas tudo depende do âmbito em que ele está disposto a mudá-las.

Um indivíduo, num ponto, digamos o ponto de recepção da fórmula de comunicação, sentir-se-ia limitado na medida em que tivesse que estar no ponto de recepção. Logo ele sentiria então que a consideração de que estava no ponto de recepção, ou de que estava a ser efeito da existência, seria monitora da sua capacidade de fazer considerações.

Quer dizer: ele não sentiria então que era livre de fazer qualquer outra consideração acima do nível do facto de estar no ponto de recepção. E todas as outras considerações dele cairiam abaixo deste nível.

A fórmula de comunicação, „Causa-distância-efeito” é a declaração mais elementar disso, „envolvendo também atenção e duplicação”. Nós descobriríamos que se um indivíduo tivesse como monitora uma consideração básica, as considerações dele cairiam então *abaixo* dessa, e a sua capacidade de mudar de ideias cairia então abaixo daquela consideração básica.

Uma consideração básica poderia ser: „eu estou num ponto de efeito. Eu estou a ser o efeito de muitos fluxos, e mensagens, e esse tipo de coisas, e *isto é muito mau*”. As considerações dele são várias. „Eu devo sair deste ponto”. Ou: „eu estou neste ponto de efeito e não gosto disto”. Por isso ele faz a consideração de que deve sair deste ponto. Bem, qual é o monitor da consideração de que ele deve sair daquele ponto? O facto de lá estar, é claro.

Agora tomemos o lado inverso, um indivíduo que se encontra no ponto *fonte*. Ali está ele no ponto fonte e a ser causa. Ele está a ser a fonte dos impulsos ou partículas que atravessam a distância e que estão a atingir o ponto efeito. E então este indivíduo está a dizer: „bem agora eu não devo causar nada de mau. Tenho que causar só coisas boas” e ele tem que fazer isto e aquilo, por isto ou por aquilo.

E qual é o monitor desta hoste de considerações? É claro, o facto de ele estar num ponto causa. Ele está num ponto fonte de uma comunicação. (Sinónimos: causa e fonte, efeito e recepção). E se se encontra de repente no lado da recepção de alguma coisa, este fulano fica realmente desanimado. Aqui ele tem esta consideração básica que está a ser o ponto causa, e então, de súbito, recebe alguma coisa! Ora isso seria um desarranjo, básica e principalmente do seu Is-ness. A realidade dele.

Ele pode então ter uma quebra de realidade só na medida em que essa alter-determinação põe em questão o postulado no qual ele está a operar. Veja, você só poderia ter uma quebra de

realidade na medida em que aquele martelar alter-determinado provoca uma invalidação do postulado no qual ele está basicamente a operar.

Ele diz: “eu sou causa, e estou a ser um fulano bom, e estou a fazer isto e estou a fazer aquilo”, e, de súbito, ele é encarcerado. Meu Deus, isto é perturbador. Mas qual é a sua consideração básica? Que ele está a ocupar um ponto causa.

Tomemos o exemplo de alguém que está numa condição e que está a tentar mudar esta condição. Agora nós entramos noutro nível. Entramos em Not-Is-ness e então entramos em Alter-Is-ness. Ele tem um mal terrível. Tem esta dificuldade mental. Tem uma dificuldade ou outra, e diz agora que não deve existir. E na próxima revelação diz: “ora bem, já não existe”.

Bem, o que se sabe é que continua a existir. Bem, certo, ele diz: “vou mudar isso numa escala gradiente. Vou limar-lhe as arestas.

Ele decidirá finalmente que não pode fazer nada por isso.

Uma das acções que ele finalmente faria seria tapar a coisa toda com uma cortina negra. É uma das reacções básicas de Not-Is-ness. Ele diz: “agora, olha, eu não posso mudar isso em absoluto, logo tenta efectuar um Not-Is-ness usando Alter-Is-ness. O Not-Is-ness não aconteceria por postulado, descobriu ele (ou pensou que descobriu), logo a coisa básica que tem que fazer imediatamente é então começar a mudá-la numa escala de gradiente, quer dizer, Alter-Is-ness, e apenas fica aí mesmo. Ele já está a incorrer num postulado falhado de Not-Is-ness. A sua actividade de mudança é então procedente do postulado básico de que não deve ser, que é procedente de outro postulado básico de que é, que é procedente do postulado básico que ele está ali em primeiro lugar. Você vê que nós só procedemos do postulado básico de que deve haver um ali, onde ele estar.

Logo nós fomos atrás destes postulados básicos e descobrimos aqui uma pequena regra. *Um indivíduo tem uma condição, e a condição continua a existir contanto que o indivíduo tenha uma condição.* Parece uma pequena regra idiota, mas é uma pequena regra muito, muito verdadeira. Ela continuará contanto que ele tenha uma condição. Bom, porque é que ele tem uma condição? Ele tem que ter um postulado sobre a condição antes de ter a condição. Logo cada vez que encontra uma condição, há um postulado.

A fim de superar alguma coisa você tem que ter postulado que tem essa coisa. A fim de recuperar, você tem que postular que tem alguma coisa da qual recuperar. A fim de passar pelas acções de esvaziar um bolso, você teve que ter postulado que ele estava cheio e deveria ser esvaziado.

A pessoa é muito propensa a olhar para a existência e dizer: “bem, está ali uma existência e agora vamos fazer alguns postulados. Não. Não é bem esta a direcção da corrente. Você teria que fazer o postulado para ter ali existência, a fim de poder fazer alguns postulados para recuperar de ter ali a existência. E qualquer condição, para ter qualquer existência ou persistência, deve ser baseada nalgum tipo de tempo. Deve haver um postulado de tempo.

E nós achamos que um indivíduo não tem tempo, a menos que ele o continue a postular, e deixará de ter tempo na medida em que deixa de o postular.

Quando eu digo para deixar de postular tempo, não quereria por um momento sequer que obtivesse a ideia de que há qualquer bruxaria envolvida, que você tivesse que pegar em teias de aranha e misturá-las com quatro quartos de luz solar matutina e misturá-las com bigodes de gato. Não há qualquer bruxaria envolvida neste postulado. É simplesmente este tipo de postulado: *Continua*. Basta obter a noção de continuar alguma coisa e terá uma continuidade de tempo. Obtenha a ideia de um pedaço de espaço na sua frente e a noção, “Continua”, sobre

este espaço. Isso está a fazer tempo. Você fez tempo. Existe só o postulado. Nem sequer existem as palavras: „Agora eu vou fazer algum tempo, e vou fazer o tempo persistir e continuar”. Não, é só continua. Você não *disse*: “continua”.

Este tempo contínuo é uma coisa tremendamente interessante, particularmente devido ao facto de que tantas pessoas concordaram com isso, mas o seu aparente acordo conduz a que dependa de outras pessoas, finalmente, para o acordo continuar enquanto elas apenas se sentam ali. E, quem diria, finalmente elas só se sentam ali. Você achará muitas pessoas neste estado, simplesmente sentadas em sua casa, na sala, só ali sentadas. Bem, não poderiam ter qualquer movimento, dizem elas.

O movimento consiste nisto: *posições sucessivas num espaço*. Teria que conceber que havia algum espaço, e que teria movimentos sucessivos nesse espaço.

Se pudesse pedir a tal pessoa para ir lá fora e aparar a sebe, nem mais nem menos do que isso, ou se lhe pedisse para ir pôr pedaços de giz de dois em dois metros na calçada, em toda à volta do bloco, você veria uma considerável recuperação no caso dela. Porquê? Bem, ela sabe que teria que ir dar a volta ao bloco, ou que acabar de aparar a sebe, ou que se aproximar outra vez da porta dele no bloco, ou que dar a volta pelo outro lado do pátio. Por outras palavras, ele pode continuar a postular um tempo contínuo contra os objectos que já estão ali.

Bastaria dizer a este fulano: “obtém a ideia de mudar este prato. Agora move-o. Agora obtém a ideia de mudar outra vez este prato. Obtém a posição para onde o vais mover agora. Agora move-o. Agora obtém a ideia de mudar este prato, agora obtém o lugar para onde o vais mover e move-o”. Bastante surpreendentemente um indivíduo às vezes ligará numa reacção corporal violenta com isto.

O que é que dá o coice ali atrás? É o acordo do theta com o corpo, ao ponto de dizer que ele é o corpo, o corpo é ele próprio, por isso tudo o que acontece ao corpo acontece-lhe a ele, e tudo o que lhe acontece a ele acontece ao corpo. Por outras palavras, ele está numa super-identificação. E ele atravessaria isto sairia para onde pudesse ter algum futuro.

Com que postulado é que este indivíduo já se está a mover? Vamos dar uma olhada à Is-ness disto. Ele tem que conceber que tem um corpo antes de se poder recuperar de um corpo.

E nós obtemos o facto saliente e horrível que toda esta coisa é monitorada por Is-ness. Não importa quanta Not-Is-ness está a ter lugar, você vê Not-Is-ness sempre a perseguir o Is-ness. Não importa quanta Alter-Is-ness acontece, você tem um As-is-ness, depois o Alter-Is-ness tem que acontecer para obter um Is-ness. Is-ness é alguma coisa que está a persistir num contínuo. É esta a nossa definição básica de Is-ness. As-is-ness é alguma coisa que só é postulada, ou só é duplicada, e nenhuma alteração acontece.

As-is-ness não contém qualquer contínuo de vida, qualquer contínuo de tempo. Apenas será, cada vez que postula uma duplicata perfeita para qualquer coisa: o mesmo espaço, o mesmo objecto, o mesmo tempo, buumm! Se você o postulasse em toda a linha, sem qualquer postulado limitador em absoluto pendurado ali à volta, ele teria desaparecido e acabou. Teria desaparecido também para todos os outros.

Agora isto, então, Is-ness, é o seu postulado monitor. Não é possível um indivíduo entrar em apuros com As-is-ness. A menos que considerasse perder tudo o que o incomoda, mas ou estaria a perder coisas que agora não queria, ou cuja existência acabara de postular.

O que o As-is-ness está a fazer é meramente aceitar a responsabilidade por ter criado, e qualquer pessoa pode aceitar a responsabilidade por qualquer coisa. É só o que As-is-ness é, quando opera como duplicata perfeita.

Há dois tipos de As-is-ness:

Há o As-is-ness em que postula a coisa no espaço e tempo, você postula-a ali mesmo e existe ali.

E então há o As-is-ness onde você repostula a coisa. Você apenas a postula outra vez.

O objecto já existe, há um Is-ness a ser aproximado como As-is-ness, e então torna-se um As-is que não é. Torna-se, então, um verdadeiro Not-Is-ness. Logo, se você criasse isso, se apenas criasse isso como As-is-ness, a menos que o alterasse rapidamente obteria este Not-Is-ness. E se aproximasse exactamente um Is-ness como As-is-ness, você obteria o mesmo resultado outra vez. O mesmo resultado ambas as vezes, um Not-Is-ness. As-is-ness, perfeitamente feita, se não seguida por Alter-Is-ness, torna-se um Not-Is-ness. Rápida e imediatamente. Você viu isso como auditor, apagando partes do banco reactivo, fac-símiles, etc.

Ainda não ocorreu a NINGUÉM, felizmente, aproximar simplesmente o corpo com precisão! Trate o corpo como um As-is-ness e siga o seu caminho. Bem, você diz que o corpo tem muitos fac-símiles e assim sucessivamente. Certo, trate-os como o mesmo As-is-ness, tudo numa operação, buumm. É claro, você teve que assumir que tinha um corpo antes de lhe ser possível fazer As-is dele.

Agora, existência funciona assim: este é o único erro que você poderia fazer, e este é outro método, ligeiro, de obter uma Continuidade, porque é um Alter-Is-ness. Há um Alter-Is-ness aí mesmo, entre Is-ness e Not-Is-ness. No momento em que disse: „Aí está, agora eu não quero isto e isto não existe”, você postulou mudar a coisa. É um tipo muito abrupto e particular de Is-ness, pois é um Not-Is-ness.

Se em vez de seguirmos Is-nesses com Not-Is-nesses, os seguíssemos com As-is-nesses, ninguém poderia jamais entrar em apuros. A maneira de se meter em apuros é seguir um Is-ness com um brusco, troante, Not-Is-ness. (1) Está ali. (2) Eu não quero isto. (3) Não está ali. Oh ho! Qual a diferença entre estas duas operações? É uma diferença muito interessante:

Você tem um Is-ness. Você tem um cinzeiro, já não quer o cinzeiro, logo, aquela operação, a correcta da sua parte se realmente já não o quer, seria simplesmente fazer um As-is-ness. Uma duplicata perfeita. Foi-se. Você já não tem um cinzeiro. Seguir um Is-ness com um Alter-Is-ness leva a um *verdadeiro* Not-Is-ness aí mesmo.

Ou, por outro lado, você *não fez* um As-is-ness. E fez o quê? Recusou a responsabilidade por ter criado isso e disse que outrem o criou, e “eu não quero isto”. Você disse *outrem*. Postulou a existência de outrem a respeito desta coisa e disse: „uma alterdeterminação está a colocar esta coisa diante de mim e por isso eu não a quero, logo vou dizer que não existe, mas que realmente pertence a outrem. Nós temos que postular uma alterdeterminação, quer dizer, recusar a responsabilidade por ter criado o objecto, antes que possamos obter tal coisa como Not-Is-ness.

Agora, um indivíduo pode falhar totalmente. O que nós estamos a ver aqui é um grupo muito curioso de fenómenos, e, é claro, nós não tivemos nenhum intento sério com estes fenómenos, o que é uma coisa afortunada. Caso contrário, alguém que reparasse exactamente como isto é feito, iria, mais cedo ou mais tarde, talvez desfazer o Partido Republicano ou a Rússia, deixando um buraco, e, é claro, para fazer isso, teria que aceitar o ponto de vista de 200 milhões de Russos. Você poderia desfazer a Rússia se fizesse aquilo, mas teria que tomar total responsabilidade.

O que é responsabilidade total? Responsabilidade total diz meramente: eu criei isto. Quando você pede alguém para fazer uma duplicata perfeita, ele está a passar pelas suas mecânicas de

criação, por isso a coisa desaparece. Ele sabe, a menos que lhe lance alguma alterdeterminação, por outras palavras, que pratique algum Alter-ismo no seu criador, que isso não vai existir em absoluto.

O universo físico, como nós o vemos aqui mesmo à nossa volta, é um Is-ness por uma só razão. Todos nós concordamos que outrem o criou, quer seja Deus ou Mugjub ou Bill. Nós concordamos que outrem trouxe estas condições à existência, e desde que estejamos totalmente de acordo, eh pá, temos tudo sólido. E no momento em que concordamos o contrário, e dizemos: "Bem, nós fizemos isto", começa a atenuar. Isto preocupará um preclaro por momentos. É mesmo como sentir que nunca mais poderá fazer outro. Ficará *ténue*.

No processamento de realidade, então, se manejasse Is-ness por si próprio você teria um indivíduo simplesmente a começar olhar para o que ele consideraria existir. E a sua mais sólida manifestação seria o espaço da vizinhança, as paredes da vizinhança e assim por diante. Seria o processo mais elementar que poderíamos fazer. Começar só a localizar espaços e paredes, e deixar que aconteça o que acontecer. É tudo. Basta pedir ao indivíduo para continuar a localizar coisas, muito permissivamente. Suponha que ele continuava a olhar para elas com a sua visão física, nós descobriríamos que ele subiria para um certo nível, e então começaria a ter somáticos (*Somáticos*: percepções, originárias do Banco Reactivo, de dor física ou desconfortos passados, restimulados em tempo presente), porque fazendo o corpo fazer isto continuamente, está de facto a processar uma realidade vagamente na direcção de As-is-ness. Não abrupta ou nitidamente na direcção de As-is-ness. É só pedir-lhes para processar isso um pouco nessa direcção: „vejamos os espaços aqui à volta mesmo como tu os vês”. „Toma os espaços aqui à volta mesmo como os vês”. „Olha para um ponto. Olha para outro ponto. Toma só estas coisas como as vês”. E, é claro, pouco depois as paredes ficarão cada vez mais vivas e cada vez mais gastas e... foram-se.

Bem, quando elas ficam mais vivas, está bem. O corpo ainda se sentirá bem, mas quando começa a entorpecer, o corpo não gosta disso. Ele não pensa que é esta a melhor coisa a fazer. Não recomendaria isto como matéria para um artigo numa revista de musculação. Porque o corpo sabe que cairá se estiver no espaço. Por isso, este processo muito, muito simples, não necessariamente teria que ser completado remediando o havingness, mas apenas mandando o fulano fechar os olhos e localizar qualquer coisa que ele pudesse ver, não importa quão vagamente, *como thetan*. Localizar apenas qualquer coisa que ele visse. Se ele vir um nada (nothingness), O.K., se ele vir uma qualquer coisa (somethingness), O.K. Só o manda localizar. Não nos importa o que ele vir. Poderíamos indicar-lhe várias direcções, mas cometeríamos um erro muito grave se lhas indicássemos em relação ao corpo. À tua direita. À tua esquerda. Acima da tua cabeça. Oh não, não. Apenas lhe pedimos para olhar em volta, e, no que ele vir, localizar um par de pontos. Fizeste isso? Agora, outra coisa, localiza mais um par pontos nisso. Bem, nós já sabemos que se corremos isto permissivamente no ambiente, ele tem que os apontar e caminhar para eles. Ele obedecerá às ordens. Agora que nós o temos num ponto em que obedecerá aos comandos fisicamente, podemos confiar nele para fechar os olhos e localizar pontos, ou localizar espaços, ou qualquer coisa ele queira localizar, de olhos fechados. Continuamos simplesmente a localizá-los, e isso seria o processo mais elementar que existe em Cientologia.

CAPÍTULO NOVE

AS QUATRO CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA

(Parte 3)

As quatro condições de existência são de facto variações da própria existência. Elas são certas atitudes sobre existência, e são as atitudes básicas da existência. Agora, nós poderíamos incluir um grande número de atitudes, e veríamos que estaríamos a derivá-las todas destas quatro. Mas poderíamos pegar nestas quatro e descobrir que as estaríamos a derivar todas de um Is-ness, ou realidade.

Tem que haver um Is-ness antes de poder fazer um Alter-Is-ness. Tem que haver um Is-ness antes de poder fazer um Not-Is-ness, a menos que, é claro você queira postular isso ao contrário.

Mas nós estamos a falar agora deste universo particular e como chegou aqui, e descobrimos, à medida que olhamos ao longo da banda, que estas quatro condições de existência, que toda a existência, pressupõe o postulado conhecido como TEMPO.

Ora tempo é só um claro postulado ordinário que diz que, a partir de uma entidade não-consecutiva que não existe para sempre, obteríamos então uma parada de tempo. Uma quantidade contínua de tempo.

Não há qualquer “para sempre”, que esteja só ali... não há nenhum para sempre, nenhum momento envolvido. Não existe qualquer existência consecutiva em absoluto. E então, a partir disto, teríamos que fazer o postulado de que haveria agora existência sucessiva, existências, ou uma série sucessiva de estados.

Agora um indivíduo que está simplesmente a ocupar espaço sem qualquer energia envolvida, qualquer que seja, não se sente bem com isto. Sem qualquer espaço ele poderia sentir-se bem. Sem qualquer espaço, energia, continuidade, ele poderia sentir-se bastante bem, mas quando se mete a ocupar espaço, agora tem este sentimento de eternidade desfeito. Ele torna isso desconfortável para si próprio, logo vai agora criar estados sucessivos de existência. Ele pode ter um jogo. O espaço é necessário para começar este jogo, mas quando só tem espaço e nada mais, é bastante insuportável. Você já está a ocupar, logo há uma existência ali, mas não é uma existência com qualquer diferença sucessiva de estados. E isso é mesmo pobre. Este é um tipo de sentimento que você encontra na ópera espacial.

Aqui temos, então, um estado de existência, que é condicionado por um postulado de tempo, que incluiria uma manifestação de espaço-energia, e isto seria uma simultaneidade.

Não haveria qualquer questão sobre se você fez o postulado de espaço e energia antes de fazer o postulado de tempo. Não há qualquer questão quanto a qualquer postulado antes ou depois, porque você não postulou o que provoca um antes ou um depois, e aquele postulado seria tempo. Então, de facto, para ter um jogo deve haver uma acção simultânea por meio da qual você postula espaço-energia-tempo, espaço, energia, existência contínua. Que é um As-ness de espaço alterado, energia alterada, tempo alterado. Logo estes itens têm que ter o postulado de tempo, contendo Alter-Is-ness a fim de obter persistência. É como isso é feito neste universo. Você não „tem que fazer isto todo o tempo”. Mas quando esses três postulados sucessivos são feitos simultaneamente, bem, nós temos então uma continuidade de existência, demarcada por diferenças de posição da partícula no espaço, e nós temos tempo muito

nitidamente marcado. Temos que alterar posições a fim de obter continuidade. Temos que dizer: isto está aqui, agora está aqui, agora está aqui, agora está aqui.

Há outra maneira de realizar tempo. Nós dizemos espaço, nenhum espaço, espaço, nenhum espaço, espaço, nenhum espaço, espaço, nenhum espaço. Você está contudo a postular que pode fazer isto antes de poder dizer espaço, nenhum espaço, espaço, nenhum espaço. Ora bem, este postulado é tão fácil para um *thetan* que poderia ser considerado uma parte nativa da sua maquilhagem. Logo, nós temos antes deste um estado ideal, quer dizer, um estado idealizado ou teórico. Este estado teórico segundo o qual temos meramente um Estático, que não tem nenhum espaço, nenhuma massa, nenhum comprimento de onda, nenhum movimento, nenhum tempo, que tem a capacidade de considerar, e nós estamos a lidar com os materiais básicos da vida. Só por definição.

É muito estranho que: „nós nos diluíssemos em toda esta energia, etc., e lá para baixo da banda, a partir do tempo em que este postulado foi feito”. Você vê alguma coisa capciosa na forma como essa observação é coerente, (lá para baixo da banda a partir do tempo em que este postulado foi feito), muito difícil e muito estranho que pudéssemos até *discutir* este estado mais alto de existência, a qual foi feita há trilhões de anos atrás? Não. Você vê, deveria ter sido em simultâneo com isto, aqui mesmo, logo não usamos a palavra existência, nós usamos a palavra „É”. Não usamos a palavra „então” ou „será”, não regressamos ao passado ou entramos no futuro em absoluto para esta continuidade. Apenas É.

Agora, em tempos idos era só: „Bem, realidade é realidade e você terá que a aceitar. Não há mais nada que possamos saber sobre isto”. Oh sim, há muito mais a saber sobre realidade, do que simplesmente É.

Logo, É não é uma definição completa e abrangente de realidade. Não é completa e abrangente, porque realidade tem uma certa estrutura mecânica, e aquela estrutura é composta destes quatro estados de existência. E seriam de facto precisos todos estes quatro estados de existência para perfazer o tipo de existência que nós estamos a viver agora, e isso quer dizer que teríamos que ter *Is-ness*, então *Not-Is-ness* e *Alter-Is-ness*, e já pensou que antes disso nós poderíamos ter esquecido, e poderíamos nunca ter sabido, e isso poderia não ter sido chamado directamente à nossa atenção, este outro estado? Nós sempre tivemos estes três estados, *Alter-Is-ness*, *Not-Is-ness* e *Is-ness*.

Alter-Is-ness e *Not-Is-ness*, é claro, são variações de *Is-ness*, e dependem de *Is-ness*. Mas há uma quarta e isso é *As-is-ness*. E essa condição existe nativamente, num momento de criação, e contudo também pode ser feita existir outra vez sempre que qualquer pessoa a queira fazer existir outra vez, dizendo simplesmente *Como É (AS IS)*. Se alguém verdadeiramente e de facto aceitasse a realidade e fizesse todos os seres seus semelhantes aceitar simplesmente a realidade, nós não a teríamos. Mas a realidade de quem? A realidade de quem em cada caso? A de outrem. Logo esta realidade era de facto outra condição, *As-is-ness alter-determinada*. *Alter-determinada*, o que é *Not-Is-ness*!

A maneira de obter *Not-Is-ness* é dizer: „*As-is* criado por você”. Isso é uma coisa terrível, isso é uma grande volta, e isso é *Not-Is-ness*. É um *As-is-ness* criado por outrem, o qual, é claro, não é um *As-is-ness* em absoluto. É um muito capcioso *As-is-ness*, e naturalmente o mundo iria como que parecer irreal a toda a gente se José Blow e Doutor Stinkwater e a Fortemente Carregada Ordem de Pirâmides tudo dissesse: „*Esta é a realidade e isto é Como É e o melhor é aceitar isto*”. Isso é um *Not-Is-ness*, não é?

Logo se tudo começar como que a extinguir-se para si, e você vir as coisas como que a fugirem, e a ficarem como que resistentemente diáfanas, tudo transparente, mas que estão lá,

ou „tudo com folhas negras penduradas”, você tem que assumir naquele momento que enfrentou muitas As-is-nesses que outrem criou.

Outro diz: „as coisas são assim mesmo”, e você está feito. Você apanha essa operação na conversação: „e ontem você disse-me... assim que me levantei, você disse-me: não trabalhas, seu vadio. Lembra-se disso, não lembra?” Penso que cada unidade familiar de thetans deveria ter sempre, não uma Bíblia, mas tais e tais Regras da Prova, aí mesmo, para recorrer a elas em qualquer altura, e um Tribunal em cada bairro para o qual você pudesse recorrer e decidir se sim ou não isto seria um As-is-ness ou um Not-Is-ness.

Agora o que é um Not-Is-ness? Um Not-Is-ness surge naquela manifestação exacta, ou simplesmente por postulado separado: „bem, É, e eu lamento isso. Não É”. Já sabe, você poderia tê-lo feito e então ter dito que não Era. Por estranho que pareça, se o fez e *sabe* que o fez, tem um caso especial que é o de estar em posição de dizer em qualquer altura: „não existe agora”, e não existirá, também se aceitou a responsabilidade por ter criado algo e disse: „eu fiz isso”. Logo nós vemos que há duas condições diferentes de Not-Is-ness.

Uma delas é puro desaparecimento.

A outra é um Is-ness que alguém está a tentar postular para a inexistência dizendo simplesmente: „não É”.

Um Not-Is-ness, na nossa terminologia, seria este segundo caso especial *de um indivíduo a tentar eliminar alguma coisa sem tomar responsabilidade por a ter criado*. Definição definitiva, positiva e precisa.

E o único resultado de fazer isto é tornar tudo irreal. Torná-lo esquecido. Fazê-lo „atrás da tela negra”. Fazê-lo transparente. Fazê-lo esmorecer. Entregá-lo a uma máquina. Usar óculos. Qualquer coisa possível para obter uma palidez de um Is-ness.

E isso é feito dizendo só isto, só esta precisa operação e nenhuma outra: „eu não fiz isso. Não É”. „Eu não fiz isso, logo não existe”.

E isso provocará sempre esta segunda condição, aquela a que nós chamamos Not-Is-ness.

„Eu não criei isso. Eu não tive nada a ver com isso. Eu não tenho em absoluto qualquer responsabilidade por isto, logo não existe, no que me diz respeito”.

Um indivíduo não tem que operar em absoluto nestes postulados, mas ele está a operar nesta maquilhagem de postulados. Ele, é claro, activará então todo o resto dos seus postulados, e eles referenciá-lo-ão para o prender aí mesmo. Ele fez Not-Is disso e tramou-se.

Agora ele pensa que a única maneira de se poder livrar disso é ofuscá-lo, e ofuscá-lo.

Você pode processar um preclaro numa escala gradiente de mudança nalguma coisa, e isto é de grande interesse para nós, *se a escala gradiente se voltar para a sua aceitação de responsabilidade por ter criado a coisa*. Não seria bastante, como em Dianética, descobrir simplesmente que a sua mãe o fez, que „foi o que a sua mãe disse”. Isso não seria o bastante. O exacto composto de postulados nos quais um indivíduo está a operar está construído na trama e urdidura da banda.

Você teria que ir a este ponto: teria que postular: (1) que momento em que a Mãe o disse foi AGORA, e, (2) que momento em que a Mãe o disse causou o key-in do momento em que eu o disse (um milhão ou quinze biliões de anos atrás). [Key-in (Verbo): mm momento anterior de perturbação ou experiência dolorosa é activado, estimulado, pela semelhança de uma situação, acção ou ambiente mais recente, com a anterior].

Cada vez que outrem pode pôr uma das suas próprias peças de maquinaria mental, ou um dos seus engramas, em restimulação, é só porque pode trabalhar nalguma coisa nativamente criada por si próprio. Todas as coisas carregam o germe da sua própria destruição.

Logo, qualquer engrama, como o estávamos a operar em Dianética, era de facto um key-in. Quando descobri que a banda toda ia atrás, atrás, atrás, ATRÁS, foi „Oh! Estamos de volta onde o sujeito o fez em primeiro lugar!” Bem foi muito interessante, e um resultado foi o ensaio sobre responsabilidade em *Procedimento Avançado e Axiomas*. O ensaio sobre responsabilidade total.

Bem, um fulano fez... ele criou a condição da qual está agora a sofrer, e nem sequer a criou de modo diferente daquele que está a sofrer agora. Mas fez key-in e ele consentiu até o seu key-in.

Nada está realmente a traer ninguém. Isto é uma coisa horrível, não é? As pessoas nem sequer tornaram isto pior. Mas nós estamos num bom jogo. Se esse jogo é um jogo chamado doença psicossomática, amante roubado, bebé abandonado, ainda é um jogo. E, como tal, o indivíduo ainda está a representar todos os papéis.

Agora o que acontece é que, à medida que um indivíduo vai pela linha afora, ele começa a identificar-se com o ponto fonte e com o ponto de recepção da linha de comunicação. Como uma criança, ele identifica-se com aquele a quem se fala. Muito raramente você descobre uma criança que dá uma boa palestra à mãe. Se descobrisse, você provavelmente lembraria com grande satisfação a boa palestra que deu à sua mãe.

Eis uma condição na qual o indivíduo se identificou com um ponto de efeito contínuo, ou com um ponto causa contínuo, e tendo dito: „eu estou agora neste ponto”, ele faz agora as suas considerações abaixo do nível daquele ponto. Ele *considerou* que estava naquele ponto. Daqui em diante todas considerações são monitoradas por esta consideração, segundo a qual ele está num ponto, contanto que ele considere que está naquele ponto. E ele teria que reconhecer que estava no ponto (um As-is-ness) antes de sair do ponto.

Imediatamente nos ocorre um processo nesse nível. Se você simplesmente fizer repetidas e repetidas vezes a um indivíduo uma pergunta como esta:

„Onde é que tu poderias estar, onde é que tu estarias disposto a reconhecer e reparar que estavas?”

E você percorria uma escala gradiente pela linha toda acima até ao ponto onde o indivíduo reconhecesse, finalmente: „já sabe, eu estou sentado aqui mesmo!” Não haveria qualquer misticismo envolvido nisto.

Agora, estas condições de existência são compostas segundo uma inter-dependência entre si. Um Is-ness só existe por causa de As-is-ness. As-is-ness aconteceu em primeiro lugar. Foi criada. Então nós tivemos que alterá-la ligeiramente para obter um Is-ness. Tivemos que prescindir de um pouco de responsabilidade pela coisa, e tivemos que a mudar. Um Not-Is-ness existe então a fim de fornecer um jogo.

Um jogo é um Is-ness que está a ser manejado por Not-Is-nesses. Um jogo de futebol poderia ser acrescentado nos termos destas condições de existência. Um lado tem a bola, e o outro lado deve fazer Not-is do lado que tem a bola, e o lado que tem a bola tem que ganhar, por outras palavras, tem que chegar a um ponto de recepção.

Nós temos a própria fórmula de comunicação como estando abaixo das condições de existência, e temos afinidade, realidade e comunicação simplesmente como método pelo qual

a existência é administrada. Não é a interacção de existências. Logo estamos a lidar com um escalão mais alto do que ARC agora mesmo.

Afinidade é realmente a mera consideração de *quão bem vai a coisa*. No acordo ou realidade estamos a falar de Is-ness e esse é o ângulo por onde entramos neste triângulo ARC. Nós apenas deslizamos para aquele triângulo Afinidade-Realidade-Comunicação nesse ponto Is-ness de realidade, e então isso é modificado por afinidade e comunicação, que, é claro, surgem simultaneamente. Nós descobrimos então que estas condições de existência se juntariam a todas as manifestações do comportamento. Haveria um grande número delas. Seria, contudo, um número finito. Seria o número de combinações possíveis, singularmente, duplamente, triplamente ou quadruplicamente, destas quatro condições de existência. Nós temos este indivíduo que só 75% da vida dele é que está a tentar dizer Not-is, outros 10% está a dar um Alter-is, um centésimo de um por cento está a dar, ou a tentar dar um As-is, e o remanescente é Realidade. Realidade aceitável. E isso seria só a maquilhagem de uma personalidade.

Se dizemos que há uma escala gradiente de Is-ness, uma escala gradiente de Alter-Is-ness, uma escala de gradiente de As-is-ness (que não há) e uma escala de gradiente de Not-Is-ness, bem, podemos então ver que você poderia pegar nestas escalas gradientes e numa e outra combinação, e compor um carácter a partir delas.

A caracterização deve ser composta, em grande medida, destas condições de existência. Algum espaço, um pouco de energia e as considerações Is-ness, Not-Is-ness e Alter-Is-ness. Não diríamos que alguma parte da caracterização fosse feita de As-is-ness, porque se fosse não estaria ali.

A pessoa também foi treinada para acreditar que a perda é má. Isto é só um postulado inverso feito para manter a vida interessante. A perda é má, por isso ela tem tendência para evitar As-is-ness. Por isso evitará a duplicação, evitará todos os tipos de coisas. Ela tem medo de ser desfeita. Tem medo de se desvanecer. Aqui está ela presa, em cinco metros e tal de espessura, e você não a pôde sacar com um berbequim pneumático, tudo programado para voltar para a área entre-vidas (área *Entre-vidas*: As experiências de um theta no período entre a perda de um corpo e a assunção de outro. Veja *Uma História do Homem* por L. Ron Hubbard) e escolher outro bebé. Coisa tola, não é? Mas não importa muito. Qualquer vida ou a sua Continuidade, para ele, começou a ser melhor do que nenhuma vida em absoluto.

Você poderia dizer: “bem, então porque é que processaria alguém? Bem, vejamos isto. A fim de realizar uma comunicação de dois sentidos, logo após o básico e a maior parte da lengalenga rudimentar, eu começaria por perguntar a alguém porque é que estava a ser processado. E você sabe, eu sou suficientemente mau para continuar durante *horas* a perguntar a razão porque pessoa está a ser processada, até que ela possa encontrar pelo menos uma razão. É um processo muito interessante. Um preclaro entra a dizer: „processe-me”, e você sempre supôs que eles sabiam. Bem, neste momento eles não fazem a menor ideia da razão porque querem ser processados.

Um processo bastante poderoso seria: „que erro ou que coisa errada acharias que outras pessoas aceitariam de ti?” ou „o que é que tu poderias fazer de errado que outras pessoas aceitassem?” e então „com que erro de outra pessoas poderias concordar?”, de trás para a frente, e da frente para trás. Os modos do sujeito, o seu padrão social, o seu padrão de comportamento, e tudo mais irá pela borda fora correndo apenas esse processo, mas ele não poderá dizer-lhe logo por que razão é que está a ser processado.

Ele não poderá dizer-lhe que quer sentir-se mais livre. Não articulará nenhuma destas coisas. Apenas se sentará ali e quererá ser processado. Para onde? Até você conseguir que ele

ponha um pouco tempo na banda, ele usará „para sempre” em processamento, porque ele está ali sentando para sempre. Não está a mudar a quantidade contínua do tempo. Bem, se você não o pode processar para uma qualquer meta, ou nalguma direcção, ele faz apenas processamento do fim de tudo, e continuará a ser processado para sempre. Mas se vai ser processado para sempre, terá que agarrar para sempre as aberrações dele, caso contrário não pôde ser processado para sempre, ou pode? E é por isso que alguns casos ficam tanto tempo em processamento. É de facto tão elementar quanto isso.

Logo, eu fui fortemente tentado a alterar aquele antigo passo da audição para apenas isto: „Bem agora, dá-me algumas metas tuas em processamento”.

E mantém isso até já não ser para sempre, e o preclaro tem futuro.

CAPÍTULO DEZ

AS QUATRO CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA

(Parte 4)

Aqui nós pegamos nas várias razões.

Nós temos em Cientologia muito a ver com razões, mas o facto é que um fulano que anda sempre à procura de razões, usualmente não está particularmente em boa forma.

Mas há muitas razões porque os estados e condições de existência estão reunidos da maneira que estão, desta forma extravagante na qual As-is-ness seguido por Alter-Is-ness nos dá Is-ness, que seguido por Alter-Is-ness, ou o desejo disso, nos mete em Not-Is-ness, o qual então nos mete em Alter-Is-ness, o qual nos mete em Not-Is-ness, o qual nos mete em Alter-Is-ness, o qual nos mete em Not-Is-ness.

Há uma boa razão para tudo isto. Uma razão excelente para tudo isto.

Nós estamos a falar aqui mesmo do fundamento de toda a aberração que é, por acaso, o fundamento de toda a existência.

Encontra-se aqui uma condição estranha. Se um theta ficasse com um As-is-ness ele não teria nada depois disso. Por isso, imediatamente depois de postulado um objecto, é necessário, através de mecânicas, e acontece ser assim justamente neste universo (não é razoável, é assim só neste universo, o que põe logo no campo da mecânica) que o As-is-ness seja logo alterado a fim de se tornar o que nós chamamos realidade. E por isso as pessoas tentam vários mecanismos.

Um desses mecanismos é o dispositivo de Deus. Ora, nós não estamos a dizer que não há um Deus. Mas se nunca tivesse havido qualquer tipo de alter-ego, não haveria uma realidade permanente.

Existe um Deus, por um lado, e totalmente outra coisa para toda a gente culpar de tudo. As manifestações mais bárbaras que temos incluem geralmente uma divindade. O selvagem lá das Ilhas de Gullaby está a praticar isto. Ele diz que a culpa é das árvores e do Duende do Rio, e assim sucessivamente. Estou a falar-vos agora do mecanismo em lugar da identidade, quando menciono Deus.

Certo, Deus, então, é para culpar. Se nós fazemos alguma coisa e temos alguma dura sorte, algo assim, da maneira como se nos apresenta aqui nesta fase de desenvolvimento, nós podemos então dizer: „Bem, Deus fez-nos isto e Ele afigiu-nos”.

Bem, além disso, todas as pessoas primitivas têm a lenda de um *criador*. Elas têm que ter uma lenda de um criador, caso contrário nunca teriam nada. A utilidade imediata e íntima da lenda do criador é *continuar uma existência*.

Quer tenha construído a coisa ou não, você pode fazer desaparecer alguma coisa vendendo-a simplesmente *como é*. Outrem pode fazer um tipo ou outro de mock-up, e, meramente apercebendo-o e fazendo uma duplicata perfeita, você pode dissipá-lo. Não é necessário dedicar-se exclusivamente ao desvanecimento das coisas que você fez. Isso não é necessário

para levar a cabo este ciclo. Outrem poderia ter feito a coisa e você poderia ter feito uma duplicata perfeita dela, um As-is-ness, e ela teria desaparecido.

Agora nós estamos a falar de alguma coisa muito fácil de trabalhar e que pode serposta a prova objectiva. Eu posso pedir-lhe que faça uma duplicata perfeita de alguma coisa, ou seja, colocá-la no mesmo espaço, no mesmo tempo contínuo, usando a mesma massa, e a sua duplicata perfeita causará primeiro, provavelmente, se você está a passar um mau bocado, fulgor, e então desvanece-se. A seguir, embora tenha feito uma duplicata perfeita muito pobre, bem, você como que obtém a ideia de *olhar através* deste item, e é assim com toda a existência. A menos que, por outras palavras, haja uma lenda de alter-criação que não a sua própria, você não poderia jamais ter alguma coisa.

O primeiro e mais fundamental princípio de havingness é: *deve ter sido criado por outrem*. E por isso nós obtemos Is-ness. Quando se pede a uma pessoa que remedeie *a sua próprio havingness*, está perfeitamente certo. Você está a pedir-lhe que faça “nada de alguma coisa”. Ele na verdade pode fazê-lo. Mas a razão porque isto lhe faz tão bem é que ele se tinha esquecido que podia fazê-lo.

Num Remédio de Havingness você pede ao preclaro para imaginar alguma coisa e puxá-la para ele. Por outras palavras, pede-lhe para imaginar a coisa e *alterá-la*. Porque é que não remedeia o havingness de uma pessoa imaginando simplesmente alguma coisa, obtendo só um mockup? Não remedeia o havingness porque se ele deixa isso ali, simplesmente desaparecerá. Muitos preclaros ficam muito transtornados porque todos os seus mockups desaparecem. Ele põe ali um mockup e desaparece. Bem é porque ele não lhe altera a posição. Ele põe ali o mockup e deixa-lo onde está e, é claro ele dissipase e desaparece. Agora esses preclaros que põem ali um mockup, deixam-no no mesmo lugar e não desaparece, estão a trabalhar com maquinaria mental que lhes faz os mockups, maquinaria pela qual eles não têm „nenhuma responsabilidade”. Ele não os está a fazer com uma máquina porque é maluco, mas porque esta é a única forma de os fazer persistir. A máquina muda-os, e ele próprio sabe que não pôs ali o mockup. Ele sabe disso. Se não soubesse, o mockup desapareceria outra vez. Logo, não estamos a trabalhar com um facto muito encoberto.

Vejamos esta lenda do criador. Nós descobrimos que é bastante uniforme. Encontra-se em todas as tribos selvagens. Encontra-se por toda a face da terra e ao longo deste universo. A lenda do criador. Muito bem, nós podemos dizer que houve um criador, e ele criou tudo, e isso está bem. E se fosse o caso, bom, também está bem, porque não desapareceria. Por outras palavras, as coisas não desapareceriam se houvesse um criador que tivesse feito tudo. Você poderia até usar isto como uma tremenda discussão para provar que havia tal coisa como um criador, e que ele fez tudo, só pelo facto que está aqui, e se você o tivesse feito e continuasse a aceitar a responsabilidade, isso não estaria aqui, logo deve ter havido um criador. Você poderia abordar isto com este tipo de lógica. Contudo, funciona assim: se outrem, que não você, fizesse uma massa de energia, o que você teria que fazer seria pescar à volta o seu momento aproximado de criação e duplicá-lo, e então desapareceria. Logo, se o criador criou tudo ou não, o que é certo é que você, a fim de continuar com um universo físico, tem, em certa medida, que culpar alguma outra identidade.

Por isso este postulado, quer tenha sido ele ou você que criou isto, não entra na questão em absoluto. Se você o duplicasse ele desapareceria sem olhar a quem o criou. Nós estamos a falar agora de um fundamento muito básico segundo o qual é necessário manter o postulado de que outrem o criou coisa para que exista.

Agora isto é um pouco difícil de provar. Você tem que trabalhar um pouco com um preclaro. Mas a dificuldade principal da prova que fica nesta banda, é simplesmente provar que ele fez o

mockup em primeiro lugar. Você vê, se desaparecesse porque o duplicou, bom, então, provavelmente foi você que o fez. Mas então não importa se nós usamos isto de uma maneira ou de outra. Nós não temos que admitir que podemos fazer desaparecer qualquer coisa, quer a tenhamos feito ou não. Não temos que admitir isso para continuar com esta prova. Aonde nós estamos a chegar aqui é a esta matéria de responsabilidade.

Nós aprendemos em Dianética que as pessoas não aceitariam responsabilidade pelos seus próprios actos, e de facto elas estão em tão mau estado quanto não aceitem a responsabilidade pelos seus próprios actos. Os indivíduos são alter-determinados na medida em que não aceitam tal responsabilidade.

De facto, você descobre uma dianometria completa, uma cientometria, o que lhe quiser chamar, um jogo completo de testes que demonstrarão uma relação directa entre a saúde e capacidade da pessoa, e a sua vontade para aceitar responsabilidade. Mas a parte engraçada é que isto só vai até certo ponto, e quando você alcança aquele ponto de aceitação de responsabilidade, então havingness como tal, e o universo, ou aquela parte do interesse da pessoa no universo, desapareceria.

Agora eis o Bodhi. Eis o indivíduo que aspira à consecução da serenidade perfeita. Ele não pode ter uma serenidade perfeita e *ter* alguma coisa, porque teria que ceder uma certa quantidade de responsabilidade a fim de essa coisa continuar a existir. O Havingness só persistiria desde que ele sentisse que outrem tinha tido uma mão a criar a coisa. E o momento em que disser: „eu criei isto” cem por cento, ele não terá coisa alguma. A duplicata perfeita é o que aqui estamos a ver outra vez. Por isso, a condição de um Bodhi é a condição de não ter nada.

Um theta é muito capaz ter alguma coisa ou nada, à vontade. Mas acontece que sente muito frequentemente um apelo na base de que toda e qualquer coisa, incluindo espaço, desapareça. Ele pensa que poderia ser uma coisa boa. O único protesto e um theta, de facto, é contra “uma qualquer coisa”.

Se quiser dizer o que está errado com um theta, você dirá: „uma qualquer coisa”, e disse-o. Ele tem qualquer coisa. Há qualquer coisa em existência.

Ele está perfeitamente disposto a ter muitas “quaisquer coisas”, mas daí a pouco, a fórmula de comunicação entra em efeito e ele fica frenético. É algo terrivelmente elementar. Apesar de ser tão profundamente penetrante como é na vida e existência, é terrivelmente simples. É um destes factores estupidamente elementares que toda a gente poderia ter negligenciado para sempre. Eles teriam *tido* que negligenciar isto. Nem sequer ousara pôr o pé nas extremidades temendo que tudo estoirasse ou desaparecesse.

Certo. Um theta faz alguma coisa, e ele próprio é nativamente um Estático, capaz de consideração, sem massa, sem forma, (como espírito não tem forma) sem comprimento de onda, ele só tem potencial. Tem o potencial de localizar objectos no espaço, e o potencial de criar espaço, energia e objectos, e a acção de localizar esses objectos naquele espaço.

E com isto como potencial, no momento em que faz alguma coisa, ele viola a sua própria fórmula de comunicação.

Um theta, numa excelente condição, pode comunicar facilmente com qualquer coisa. Ele pode simplesmente mudar de ideias sobre qualquer coisa, e trabalhar com isso. Mas a fórmula de comunicação nasce com a criação de espaço, energia e massa, e essa fórmula é, é claro, *Causa-distância-efeito, tendo lugar em Efeito uma duplicação perfeita do que emanou de Causa.*

Isso é a Fórmula de Comunicação. E isso torna-se a fórmula no momento em que tem espaço. Até àquele momento, você tem toda a causa e todo o efeito capaz de ocupar a mesma exacta localização, uma vez que não há localização.

Então um thetan é perfeitamente capaz, pela escala acima, de ocupar o espaço de qualquer coisa, e assim duplicar essa coisa. Mas a sua fórmula, quando ele está a fazer isto, não é causa-distância-efeito. É só causa, efeito. Essa seria a fórmula com a qual ele operaria, porque não comunicaria com alguma coisa através de uma distância, uma vez que não estaria a ocupar qualquer ponto, causa ou efeito.

Mas se ele fizer isto não pode ter um jogo.

Se fizer isto ele não pode ter massa.

Se cada vez que seleccionar um inimigo e então comunicar com o inimigo e simplesmente se *tornar* inimigo naquele ponto, ele não pode ter um inimigo muito tempo, ou pode?

Se ele disser que é completamente responsável por tudo, e que agora fará um lote de terra, e imaginar algum espaço e um lote de terra, e que é completamente responsável por isso, o que acontecerá?

Foi-se. Se o tivesse imaginado e alterado ou mudado, poderia então provocar o fenómeno de persistência, que é em si mesmo tempo.

Quando diz sobrevivência, você está a dizer tempo. Reúna esses dois e faça-os sinónimos, e compreenderá tudo que quer saber sobre tempo. É *uma consideração que conduz à persistência de alguma coisa*, e você pode meter todas as mecânicas no tempo que quiser, e pintá-lo da forma que quiser, e escrever livros sobre isso, e testar isso, e comprar relógios e cronómetros fantásticos, e montar observatórios para medir o movimento das estrelas, e ainda ter: „tempo é uma consideração que provoca persistência”. E a mecânica que provoca aquela persistência é alteração. E logo nós temos Alter-Is-ness acontecendo imediatamente depois um As-is-ness ser criado, e logo obtemos persistência. Por outras palavras, temos que mudar a localização de uma partícula no espaço.

Vamos voltar para esta fórmula de comunicação.

Uma duplicação perfeita seria causa e efeito no mesmo ponto do espaço, não seria? Logo, comunicação, como nós a consideramos através do espaço, não é um sistema de comunicação perfeito.

Você, num ponto do espaço, comunica com alguma coisa noutro ponto do espaço, e se continuar a interpor uma distância, ou espaço entre as coisas, obtém mesmo assim o básico da persistência. Tudo que tem a fazer é pôr aquela distância ali, e temos aquilo a ter lugar.

Um thetan não pode duplicar uma massa. Quer dizer, não pode de facto ser uma massa. Ele pode conceber que é dizendo: agora olha para toda esta massa que outrem pôs em cima de mim. Eu não criei esta massa.

Ele pode *conceber*-se como massa. Mas começa a ficar muito infeliz sobre comunicar com uma “qualquer coisa”, porque está aqui este factor de distância e ele é um nada. Agora se ele pode *ser* a coisa no mesmo ponto do espaço onde ela existe, então sente-se muito, muito bem com coisas. Ele sente-se bem simplesmente porque está a ocupar o mesmo espaço. Bem isso é comunicação perfeita para ele. Isso é uma duplicata perfeita. Mas se ele o ocupasse totalmente no seu momento inicial, a coisa desapareceria.

Logo, ele é apanhado entre não querer comunicar com alguma coisa e querer ter alguma coisa. Você vê que para realmente ter alguma coisa ele teria que ocupar o mesmo espaço. Para

comunicar com alguma coisa ele tem que ficar a uma distância e fingir ser uma coisa. Comunicação, como nós a conhecemos neste universo, é *causa, distância, efeito*. Comunicação perfeita, como duplicação perfeita, é: o ponto, o ponto, há alguma coisa neste ponto. O theta também pode ocupar este ponto, por isso pode ter alguma coisa, ele pode comunicar com alguma coisa, mas se disser que lhe pertence totalmente, e está a ocupar o seu ponto básico, essa coisa desaparecerá.

Por isso, ele tem que ter outro criador. Tem que ter algum outro autor do universo. Se não tiver, bem, esse universo desaparecerá.

Agora, nós poderíamos investigar uma certa extensão da tremenda complexidade e do porquê disto tudo. Um theta deveria poder dizer simplesmente por postulado, bem, é como é e vai persistir como é, e nós faremos apenas este postulado, e isso será tudo. Mas a coisa engraçada é que apenas não funciona deste modo, e é como se tivéssemos aqui um arbitrário que foi introduzido de um ou de outro quadrante, o qual nós não compreendemos completamente, nem mesmo neste momento. Mas este universo juntou-se nesta base: AS-IS igual a DESVANECEMENTO. Você faz um tal e qual como é, (tudo o que tem que fazer é *fingir* que o estava a fazer neste momento) e buuum, foi-se.

Você vê então a necessidade, pelo menos neste universo, de ter uma alterdeterminação a funcionar. Bem, isto é só um ponto. Nós vemos isso depois em termos do Criador. Está bem. Isto não coloca a questão se há ou não há um Deus. Estamos a falar de as pessoas *culparem* Deus ou não, ou da razão porque culpam Deus ou porque colocam coisas sobre Deus.

Bem, se não o fizessem não teriam nada.

O outro ponto aqui envolvido é o caso de pessoas que se culpam umas às outras. Elas estão ali e uma diz: você disse-o, e isso é culpa sua, e esta é a razão porque temos esta briga, e assim sucessivamente. E a outra pessoa diz: não, não foi assim, foi totalmente diferente, na verdade foi você que começou tudo isto.

Nós falamos com um preclaro e queremos saber o que está errado com este preclaro. Bem, é assim: „o que a Mãe lhe fez” e não o que ele fez a si próprio. Nós não podemos conceber que um indivíduo possa de facto ficar aberrado sem o seu próprio consentimento, e é bastante certo que não pode. Não pode ficar aberrado ou transtornado, ou magro ou gordo ou espesso ou estúpido ou qualquer outra coisa, sem o seu próprio consentimento, porque ele faz parte do padrão de acordo, e a menos que ele próprio concorde com as outras entidades do acordo, bem, ele não será preso por qualquer tipo de padrão.

Agora vejamos como isso se acumula. Nós achamos que se um indivíduo, para ter alguma coisa entrou em acordo com alterdeterminação e disse que esta alterdeterminação causou tudo aquilo, ele poderá sentar-se ali confortavelmente com alguma coisa a persistir. Mas o que é que teve que fazer? Basicamente ele disse: a fim de ter qualquer coisa eu tenho que entrar em comunicação com esta alterdeterminação e culpá-la ou fixar a responsabilidade de causalidade nestes outros.

Assim, a criança culpa os pais. Ela entra na idade da puberdade, ela colide com o sexo, o sexo diz-lhe que não pode sobreviver (é a manifestação básica de sexo), diz-lhe que não pode sobreviver e ele começa a preocupar-se com este facto. Bom, aqui está ele todo equipado para fazer outra geração, ele que mal começou a viver esta, e isso é um facto confuso e perturbador. Ele já está avisado com antecedência que algum dia vai morrer. Para ver algo realmente mórbido leia algumas coisas da adolescência. Você nunca viu em lugar algum uma tão completa tristeza. Bem, foi-lhes dito que podem morrer, e o aparecimento do sexo, fisiologicamente, disse-lhes que poderiam morrer. Eles ficam então ansiosos com sobreviver, logo têm que se

virar e culpar alguém de alguma coisa, qualquer coisa, e simplesmente culpando alguém obtêm uma Continuidade de qualquer condição em que eles estejam nesse momento. Por outras palavras, podem continuar simplesmente a sobreviver virando-se e dizendo: bem, o meu problema é tudo o que o meu pai e a minha mãe me fizeram. Logo, se você pegasse em alguém e o levasse para muito, muito perto da morte e lhe fizesse passar pelo pescoço uma respiração fria, você vê-lo-ia muito brevemente a culpar qualquer outra coisa menos ele próprio. Mas ele está num ciclo com isto. Descobre que a situação é insustentável. Então ele culpar-se-á.

Porque é que ele se culpa naquele ponto?

Ele quer dissipar isso. E, na verdade, esqueceu os mecanismos da dissipação. Culpando-se, chamando isso a si, tomando-o no seu próprio seio, ele pensa: agora que a culpa é minha tudo se dissipará, e fica muito surpreendido quando não se dissipar. Fica meramente transtornado. E, a outra forma é que acha a sua condição de sobrevivência desejável, e quando a acha desejável, mesmo que vagamente, não importa se ele é um escravo no fundo de uma mina de sal a cumprir pena por ter votado, ou seja o que for, o facto é que este indivíduo obtém uma continuidade culpando outros. Então ele passa por um ciclo de Culpar outrem, e isso significa eu tenho que, ou eu quero, ou eu não tenho escolha senão sobreviver, e a melhor resposta é sobreviver, por isso apenas culparei todos os outros.

E o mecanismo de se culpar a si próprio é desvanecer-se a si próprio. Desvanecer-se a si próprio e a massa com que ele é imediata e intimamente cercado. As pessoas passam por estes dois ciclos e invertem-nos, e isso é a inversão básica. Eles começam por dizer que outrem foi responsável pela criação de tudo isto. Eles estão bastante contentes com tudo isto e saem para fora e olham para isso e então começam a cansar-se de comunicar com esta qualquer coisa, porque não podem entrar numa duplicação perfeita. Eles não são nada, é uma qualquer coisa, e eles começam a ficar impacientes com isto pouco depois, logo decidem dissipá-lo. Olham para isso e dizem: eu fiz isto. Bem, há aqui algo errado. Vamos lá, vamos lá, vamos lá. Eu fiz isto. A coisa continua. Eles não o criam na mesma parte do espaço em que foi imaginado inicialmente, não tentam duplicá-lo com a sua massa original.

Elas omitem alguns dos passos básicos da declaração “eu fiz isto” e tentam ir contra o postulado com que o fizeram.

Tendo feito este postulado e dito que pertencia a outrem, agora tentam recuperá-lo, e o seu próximo movimento é tentar espremer estas massas de energia, usar mais força a fim de esbater a força, e este theta está no seu próprio caminho, logo ali, você vê, ele está no seu próprio caminho. Porque quanto mais tenta usar energia para derrubar energia, tanto mais energia que ele vai obter, e quanto mais deslocadas as partículas básicas daquela energia e ele obtiver mais persistência, e se continuar a protestar por aí abaixo, apenas ficará cada vez mais sólido, e cada vez mais sólido porque está a afirmar que é uma alterdeterminação, e então protesta dizendo que é culpa sua. Agora eu vou desaparecer e morrer e isso deixar-te-á triste. Mas outra vez ele está a introduzir um protesto na linha.

Logo nós obtemos esta coisa básica da responsabilidade de outros homens, ou „Deus é responsável”, como fundamento de persistência e sobrevivência. Temos que ter uma alterdeterminação em acção ou não obteremos nenhuma persistência, qualquer que ela seja.

E assim obtemos estes postulados alterdeterminados, e quando você reconhece isso claramente no seu preclaro, e na própria criação, deixará de ser tão completamente confuso como pode ter sido no passado.

CAPÍTULO ONZE

AS QUATRO CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA

(Parte 5)

Com os dados que temos destas condições podemos aqui falar um pouco de como o seu preclaro poderia possivelmente recuperar do estado em que se concebe.

Nós consideramos agora que o padrão de existência através da qual ele passou é uma banda muito definida. É uma banda que começa com As-is-ness, e isto, é claro, inclui espaço. Você possivelmente poderia perder completamente um preclaro em audição se não reparasse que As-is-ness tem que começar com espaço. A pessoa poderia concentrar-se e ficar tão frenética sobre objectos e energia, que este factor espaço poderia ser completamente perdido. Um thetan pode comunicar com espaço com grande facilidade. O corpo foi longe demais nesta banda para fazer isto facilmente. O corpo acha totalmente doentio comunicar com espaço, mas um thetan pode comunicar bastante facilmente com espaço, e o As-is-ness começa com espaço, e então entram, é claro que simultaneamente, energia e massa.

Agora a consideração de espaço, energia e massa, é tudo simultâneo. Não há aqui nenhuma consideração relacionada com tempo.

Nós temos que mover os pontos âncora do espaço a fim de obter uma Continuidade do espaço, e mover a própria energia no espaço, e mudá-lá de uma qualquer forma a fim de obter a Continuidade daquela energia, e quando isto não foi introduzido não postulámos tempo. Um thetan que faz isto passaria teoricamente de As-is-ness a Alter-Is-ness imediatamente. Ele teria que fazê-lo, ou não teria nenhuma continuidade de qualquer tipo.

Por outras palavras, a coisa não existiria a menos que a pretendesse mudar. Ele teria que ter a intenção de mudança simultânea com a acção da criação. E se não o fizesse obteria um desaparecimento imediato daquela massa.

Ele passa então para Alter-Is-ness, o que é uma acção simultânea com As-is-ness no princípio, e então, é claro, imediatamente se torna uma acção de continuidade, e nós obtemos Is-ness, que é esta realidade de que falamos: espaço, energia, objectos.

Exactamente porque nós consideramos esta combinação uma realidade, que realidade é Is-ness, é um pouco baço, porque o facto é que a própria realidade, para continuar como realidade não seria um Is-ness em absoluto, mas uma contínua Alter-Is-ness.

Logo nós temos Is-ness, de facto como um estado hipotético.

Agora, o facto que o thetan é um Estático não é hipotético ou teórico. O facto que ele é um Estático que pode considerar, e que pode produzir espaço e energia e objectos, não é hipotético. É uma verdade.

Nós temos factos, factos, aqui por toda a parte, até que chegamos a esta coisa chamada realidade e descobrimos de repente que Is-ness é hipotético.

Em todo o campo de As-is-ness, a criação de espaço, energia, objectos, de Alterar-Is-ness, Is-ness, Not-Is-ness e mais Alter-Is-ness, há só um estado hipotético. E esse é Is-ness. Nunca existe. Jamais pode existir. Tem que ser Alter-Is-ness ou As-is-ness, e, é claro, As-is-ness *pode* existir. As-is-ness pode existir. Realmente teria que poder existir, se você o pudesse repetir. se

Tem que ser uma existência uma vez que a possa repetir e causar o desaparecimento de mockups, ou objectos, ou espaços... logo eles existem, obviamente.

Mas isto não é verdade para o Is-ness.

A realidade não existe. É que ela diz que há uma paragem. E não há qualquer paragem. É Alter-Is-ness contínuo, e quando as pessoas deixam de alterar as posições das coisas e deixam de alterar os pontos âncora, e deixam de empurrar coisas de uma forma ou de outra, quer digam que são eles a fazê-lo quer digam que está a ser feito por alterdeterminação, ou apesar de no momento em que relaxam com esta coisa toda, eles obtêm a condição na qual seu preclaro se encontra bastante comummente, que é já não postular tempo. Você vê o mecanismo de dizer: „continuará porque eu estou a dizer que outra pessoa é responsável” é de uso limitado. É de uso muito limitado.

Vamos entrar nisso um pouco mais de perto. Você montou esta máquina, ou algo assim, para continuar e trocar e mudar os pontos âncora do espaço, produzir a energia envolvida e cuidar dos objectos. Você monta esta máquina e diz: eu já não sou responsável por isto. Já não tenho qualquer responsabilidade por isto, e por isso o espaço é outro, e vai continuar a acontecer, e por isso eu posso continuar a ter este espaço, porque outrem o está a fazer. Você vê, nós poderíamos entrar nesse atalho bastante manhoso, e logo poderíamos então ter, não por muito tempo, mas nós poderíamos ter um consistente Alter-Is-ness, e esta alteração continuaria a ter lugar contanto que ele tivesse pelo menos uma unhazinha minúscula aqui nesta máquina. Não veria se a tinha lá, mas contanto que tivesse aquela unhazinha a tocar naquela máquina, estaria bem. Nós só dissemos que só essa parte é nossa.

No momento em que um indivíduo relaxa inteiramente e diz: tenho tudo preparado, lindamente preparado, e tudo correrá automaticamente, e já não tenho que me preocupar com isto, afinal de contas um fulano criou este universo, outras pessoas é que provocaram tempo, elas dizem-me quando me levantar, quando me deitar, e eu tenho tudo tratado e agora é totalmente alterdeterminado, torna-se mesmo totalmente alterdeterminado, mas também, para o indivíduo, isso vai pela borda fora.

Ele já não está a postular uma persistência, ele já não está a mudar qualquer objecto no espaço, logo, simplesmente se sentará. Tudo ficará muito escuro, tudo ficará muito diluído. Bem, a parte engraçada disso é que naquele estado ele nem sequer poderia continuar uma aberração. Mas a sua Alterar-Is-ness foi tão praticada depois do facto do Not-Is-ness, que embora se sinta imóvel, ele continuará a mudar alguma coisa, e essa condição é conhecida como matutar, ou o que nós chamamos pensar. Ele tenta mudar alguma coisa, e sente: bem, eu sento-me apenas aqui e penso, e isso continuará a mover o universo, continuará o tempo. O único problema com isto é que ele está a lidar basicamente com os materiais da raiz que faz universos, mas agora que ele está afundado naquela categoria onde não está a fazer nada senão considerar outra vez e não a criar ou mover alguma coisa, ele vai passar um mau bocado. De facto tudo vai ficar cada vez mais escuro e cada vez menos real.

O que persistirá ali é o que ainda está a mudar, que é a preocupação com as suas aberrações.

Isto não é esotérico ou difícil. A única coisa que continua a persistir é o que uma pessoa está a trabalhar para mudar activamente. Você só pode ter as coisas que maneja. Você só pode ter as coisas que movimenta.

Mas um indivíduo entra num tremendo protesto contra a *massa*. Ele decidiu que a sobrevivência contínua das coisas é muito má. Por outras palavras, começa a combater a própria sobrevivência com Not-Is-ness. Agora, como você sabe, Not-Is-ness é uma actividade altamente especializada. É de facto a actividade de fazer alguma coisa desaparecer, ou

entorpecer, ou tornar-se menor, simplesmente porque É demais. Há Is-ness a mais, considera o fulano. Ele tem persistência a mais, sobrevivência a mais. José Jinks que o tinha à sua mercê num banco e lhe levou todo seu dinheiro, e, bem, havia mesmo muito Is-ness, e o melhor era provocar Not-Is-ness, e vamos lá combater contra tudo.

Para exemplo, vejamos uma guerra. Uma guerra é simplesmente cada lado a dizer que o outro lado tem que deixar de existir, e fazem isso com tiros, granadas, chumbo, dinamite, lanças, setas, armadilhas, e usam energia para extinguirem outras coisas. Bem, isto estava perfeitamente certo contanto que você estivesse a construir o seu campo, já se vê, mas se começasse de repente a combater numa guerra contra alguém no outro lado da montanha, pela qual você diria que ele tem que deixar de existir, você estava a combater a persistência causando persistência. Se quer saber porque é que uma guerra, que não deveria levar mais de um par de dias, continua e continua, e continua, e continua, e continua, (eles ficaram tão mal alguns séculos atrás que tiveram cem anos de nada mais que guerra), é que toda a gente diz que todos os outros se têm que se extinguir, e continuam a mover os objectos para acabar com a sua existência. Agora você vê como estes postulados poderiam ser completamente emaranhados.

E o theta faz isto porque tanto adora o problema, e é o maior problema que existe. O theta adora um problema, e isso é o básico de problemas. Você movimenta massa, o que basicamente causa persistência a fim de fazer a cessar persistência. Cem por cento paradoxal. Não pode existir, nunca pode acontecer, nunca aconteceu, e ainda assim ele fará isto. Mas nunca está contente com fazê-lo. Não há qualquer serenidade nisto. Torna-se nada mais do que um completo caos. Provavelmente a única alegria de qualquer soldado numa guerra (e não propague isto, porque a sociedade não acha que se deveria dizer) a única alegria que qualquer pessoa tem numa guerra é brincar a transformar alguma coisa em absolutamente nada. Quer sejam as tropas inimigas, quer tanques ou navios, ou qualquer coisa, há um grande ENA ali, algures, uma grande excitação. As tropas sabem disto. Só quando deixam de fazer “nadas” à vontade, aparentemente, é que ficam muito desanimadas.

Dificilmente alguém poderia compreender o que é conhecido como derrota militar por meio da qual um corpo de tropas, de repente, instantânea e imediatamente desanimou, retirando total e completamente. É um fenômeno estranho. É bastante incompreensível a rapidez com que as tropas farão numa retirada precipitada. Digamos que eles continuam a atirar contra um castelo numa colina. E apenas continuam a atirar contra este castelo, e a atirar neste castelo, o castelo continua a ripostar, e eles continuam a fazer fogo contra o castelo, e o castelo continua a ripostar. Bem, a moral deles começa a ficar em pedaços. Eles não podem desfazer algo em nada. Visivelmente, o castelo continua a viver. Eles atolam-se nisso bastante mal, ficam bastante 1.5, e de facto isso é a manifestação de 1.5 na escala de tom. Pessoas que usam força para fazer nada de algo que continua a existir apesar disso. E elas cairão de repente. Não é uma curva lenta. Elas entram nisso bastante lentamente, e então ficarão de repente em pedaços, porque a única compensação que têm da guerra é o facto de, como theta, eles poderem observar que estão, pelo menos, a passar pelos movimentos de, e a ter a manifestação de, *desfazer a forma em nada*.

E a sua tristeza subjacente a isso é o facto de realmente não desfazerem essa coisa.

Ainda assim, para além deste ponto, têm lugar todos os tipos de sofrimento e tristeza, e isso continua e continua, mas você começa a mover todas essas partículas com toda essa velocidade, como um Alemão 88 (canhão anti-tanque), e obterá persistência. Isso estoirará, e nós não achamos que o fulano a cuja vizinhança isso chegue ainda lá esteja, mas há persistência. Alguém tem que passar pelos seus efeitos, e então alguém tem que escrever uma carta casa a dizer que ele morreu herói, outro tem que dar as notícias, então há as pessoas em casa e deixou um buraco na sociedade de uma forma ou de outra, e isto continua e continua, e então, anos

mais tarde, eles escavam o que resta dele, mandam-no de volta e põem-no num cemitério. Verifica-se aqui persistência. E o que é que está a persistir? Bem, havia aquela partícula, ela estava certamente a mover-se com rapidez, e quando nós pomos uma partícula a andar com esta velocidade obtemos um pouco de persistência, e, numa guerra, eles só podem pensar em termos de cada vez mais e mais partículas, movendo-se com cada vez mais velocidade para causar cada vez menos persistência do lado do inimigo.

Se você quisesse saber a razão porque a nação alemã continua a combater e a extravasar as suas fronteiras, bem, é que não pode fazer outra coisa qualquer nesta altura. Dos tempos das Legiões para cá as pessoas têm entrado ali a dizer: „tu não deves persistir, e estas partículas rápidas que te estamos a fazer manejar farão isso mesmo”. Oh, a sério? Isto não pode ser.

Quando encontramos qualquer coisa extremamente confusa para o Homem, nós vamos directamente para uma pequena fórmula que é o mecanismo de fazer as coisas persistir: vamos usar partículas para fazer as coisas não persistir.

E sempre que você encontra qualquer pessoa em dificuldade, ou no meio de um problema, basta olhar a anatomia básica de um problema, porque a anatomia é essa.

É assim: „vamos causar uma não-persistência através do uso dos mecanismos que causam persistência”.

E terá um jogo... ocorrerá indubitavelmente aqui um jogo. Vão haver muitos problemas.

Se quiser saber desmontar um problema basta ver onde a pessoa está a usar partículas que você sabe que, mudando-as, causarão persistência, a fim de fazer uma não-persistência.

Ele estará a usar Alter-Is-ness, a criar um Not-Is-ness, e, é claro, a obter um Is-ness constante e continuamente. O que é um estado contínuo. É um estado hipotético, porque você nunca pode pará-lo, nunca pode prendê-lo, nunca pode olhar para ele. Você sabe que sempre que realmente reconhece um Is-ness, não em estado de mudança, bem, desaparecerá, desaparecerá ou desmaiará, alguma coisa acontecerá relacionado com isso, logo, você tem que olhar sempre para a *mudança*.

Este é o fulano que vive na banda do tempo, este é o fulano que vive no passado. Ele está a olhar para as mudanças e não está a ver a realidade.

De facto isso é um estado mental muito saudável.

O fulano está a olhar para as mudanças, ele está a olhar para o que virá, está muito contente com as partículas que pode mover e que pode colocar em existência ou persistir, ou conhece o *modus operandi* apropriado a desvanecer as coisas que quer destruir, o As-is-ness. E isso destruiria isso perfeita e adequadamente, e ele poderia começar outra vez.

Para olhar as mecânicas básicas de qualquer problema que cause quaisquer apuros, basta encontrar a matéria das partículas, o movimento das partículas, por outras palavras a Alter-Is-ness que aponta para a meta Not-Is-ness e é uma impossibilidade. Você verá que é o seu preclaro que está a cessar fogo em processamento. Ele está a fazer isto. Está a usar partículas para derrubar cristas. (*Cristas*: acumulação sólida de velha energia mental, inactiva suspensa no espaço e tempo), alguma coisa desta ordem.

De facto ele sentir-se-ia muito melhor se simplesmente saísse e aparasse a sebe. Deixe-o mover alguma coisa não totalmente danosa, mas com a mesma meta, porque se ele está todo baralhado com o banco de engramas, e se está todo baralhado com tremendas cristas e cristas negras e esse tipo de coisas, e se senta ali como theta a criar partículas e a bombardear estas cristas, o que é que ele vai obter? Ele vai obter uma persistência das cristas. É por isso que

nunca usamos fluxos em processamento. Você pode processar objectos, se quiser, você pode processar espaço, se quiser, mas afastamo-nos de fluxos como princípio geral.

Agora o seu thetan tem uma grande objecção por causa da fórmula de comunicação como é usada neste universo, uma grande objecção a “qualquer coisa”. Ele olha através de uma distância e vê uma qualquer coisa, e isto começa a dizer-lhe pouco depois que ele também tem que ser uma qualquer coisa, e ele não gosta disto. Realmente não desfruta disto, porque é uma qualquer coisa alter-determinada que ele tem que ser. Ele está a olhar para uma parede, ele tem que ser uma parede. E isso é o que este universo lhe está a ditar. De facto, bem, porque tudo é uma consideração em primeiro lugar, ele não tem que cair naquele pequeno túmulo. Não tem que fazer aquele tipo de troca, em absoluto. Ele poderia dizer simplesmente: eu estou a olhar para a parede. Mas pouco depois entra nas mecânicas da percepção, nas mecânicas da comunicação. Está a usar energia a fim de comunicar com energia. Não há nada errado com isso, excepto na medida em que ele perca a sua fluidez. Contanto que pudesse manter a ideia que simplesmente estava a comunicar por postulado, que *ele* estava a comunicar, estaria bem, mas quando cai abaixo daquele nível e você lhe força a comunicação, quando é mandado ficar ali parado a ouvir, quando é mandado ficar ali a segurar aquela crista, quando é mandado sentar ali e absorver aquele livro de ensino, quaisquer destas coisas, ele fica sob este bombardeamento e começa a combater a fórmula de comunicação.

É claro, então nós obtemos uma persistência da fórmula de comunicação deste universo.

Lembre-se que este universo tem uma fórmula de comunicação, e que essa fórmula é baseada no facto que duas coisas não podem ocupar o mesmo espaço e assim imediatamente cairmos fora de causa, efeito e sem distância. Causa-e-efeito sem distância, onde uma identificação completa nunca de facto ocorre, não é a mesma coisa que a manifestação da escala do fundo. Ainda há uma leve distância não importa quanto descer na escala. É só escala acima que se pode obter uma identificação perfeita entre o ponto causa e o ponto efeito. Estes dois pontos podem ser coincidentes lá para cima da escala. Bem, se eles podem ser coincidentes para cima da escala, o indivíduo poderia interpor-lhe uma distância, ou seja o que for que ele queira, mas, na medida em que ele começou a concordar com este universo, nós obteríamos a manifestação de „ter que haver uma distância para olhar”, porque ele não pode ocupar o mesmo espaço do objecto para que está a olhar.

Isto é a fórmula deste universo, e do qual, a propósito, muitos universos são nativos. É como tudo se mantém bem separado. Você diz que duas coisas não podem ocupar o mesmo espaço, por isso temos que ter muitos espaços e coisas mais ou menos fixadas nestes espaços, e temos que as manter todas separadas e por isso objectos separados, e nós entramos na fórmula de comunicação. Causa, Distância, Efeito.

Como o indivíduo concorda que duas coisas não podem ocupar o mesmo espaço, e como ele concorda com esta fórmula de comunicação, entra então numa situação em que diz: „agora olha para todas estas coisas aqui à volta. E realmente eu sou basicamente um nada, por isso, se eu tenho que as duplicar tornando-me alguma coisa, não gosto. Não posso reter a minha própria forma nativa. Estou aqui em má forma. Não posso voar e ser um espírito. Tenho que ficar pregado aqui em baixo. Tenho que ser uma massa de energia a fim de olhar para essas massas de energia”, e ele não gosta disso. Ele está contra isso. E assim nós obtemos a outra manifestação na banda.

A única objecção que um thetan tem, sendo uma grande objecção, é contra *alguma coisa*. Mesmo uma coisa, qualquer que seja. Então isto, é claro, inverte-se-á, e tendo objectado contra alguma coisa com bastante força, ele virar-se-á pouco depois e começa a objectar contra um nada.

Ora, como é então que nós obtemos qualquer mudança em absoluto, se Not-Is-ness não funciona? Bem, há o sistema conhecido como valências: a pessoa deixa de se ser ela própria e torna-se outra coisa qualquer, como método exclusivo de mudança. Está a ver? Ele está a causar persistência dizendo que as coisas não devem persistir, e continua a dizer: não deve persistir, não deve persistir, e a coisa continua a persistir, e ele usa cada vez mais partículas e cada vez mais partículas e cada vez mais partículas, e, em breve, o Exército dos Estados Unidos está a usar capacetes dos baldes de carvão. Assim mesmo. E o Governo diz: „abaixo Karl Marx, abaixo Karl Marx, abaixo Karl Marx, e agora toda a gente vai ser taxada de acordo com sua a capacidade de pagar”.

Logo nós obtemos outro tipo de mudança. Duas coisas não podem ocupar o mesmo espaço, por isso nós somos uma identidade persistente, por isso, a melhor maneira de mudar isso e obter uma mudança absoluta, é simplesmente ser outrem. Por outras palavras trocar completamente de valência, e porque nós queremos ganhar sempre, bem, naturalmente, trocar para valências vencedoras comparadas a si próprio. Se a pessoa pensa que está a perder, então *qualquer coisa* pode começar a parecer uma valência vencedora. Um mendigo sem dinheiro algum, quase a morrer, pareceria uma valência vencedora para algumas pessoas. E nós obtemos a troca de valência em paralelo com: „duas coisas não podem ocupar o mesmo espaço”. Logo um indivíduo sai de um ponto para outro ponto, e quando ele está a operar muita Not-Is-ness, você pode esperar que ele faça muitas trocas de valência. Não pode continuar a ser ele próprio porque não está em comunicação com nada.

Naquele momento ele começará a acreditar que tem que ter um nada. E vai dali para ter que ter uma qualquer coisa, e dali para ter que ter um nada através de uma troca de valência, e de facto não há nenhum outro significado profundo para isso.

CAPÍTULO DOZE

TEMPO

O Tempo é um assunto que foi introduzido muito cedo neste universo, e ficou.

Aquilo que é muito óbvio no tempo é que ofuscou o tempo.

Tempo é algo de que poderemos facilmente não ter bastante, e ao mesmo tempo ter demais.

E ao mesmo tempo não estarmos a tempo.

Todo o assunto do tempo é um assunto confuso porque é uma consideração que teve lugar *juntamente...* nem depois nem antes, porque não havia tempo no momento em que a consideração chamada tempo foi feita. Aconteceu juntamente com espaço-energia.

Logo, foi, espaço-energia-tempo, ou energia-espaço e tempo.

O Tempo foi criado imediatamente depois destes postulados básicos, com o postulado de mudança, ou a introdução da política, e assim que a política ou considerações novas são introduzidas, começamos a obter tempo consecutivo.

As primeiras Minutas do Organigrama de qualquer corporação são mais ou menos nebulosas quanto a tempo. Todas elas podem também ter tido lugar em zero minutos no início do mundo. Você vê que isso não importa. As pessoas que elegem o Quadro de Directores são do Quadro de Directores antes de elegerem o Quadro De Directores.

Agora você é o espaço antes de fazer o espaço. Você é a energia antes de fazer a energia. Depois de fazer a energia você está antes da energia. O tempo, que é postulado naquele ponto, é postulado num momento em que não há tempo, o qual não é tempo algum em absoluto, e que pode também ser agora como então. Você pode também estar a postular tempo neste preciso momento, que é o tempo que postulou no início deste universo.

Este instante na ausência da consideração chamada tempo, é o momento da criação deste universo, e é o momento do fim deste universo. Se nenhum tempo fosse postulado, todo o tempo seria um momento.

Um preclaro que deixa de postular tempo deixa de ter tempo. E isso é a primeira coisa que se pode aprender sobre tempo. A menos que esteja constante e continuamente a pôr coisas na futura banda do tempo, você não terá banda do tempo, porque, será que havia um Quadro De Directores ou um único Director no início da banda deste universo que fez todos os postulados e o elegeru depois para os Quadros? Ou você já fazia parte dos Quadros?

Bem, você poderia estar a operar nisto muito bem sendo simplesmente recrutado para esta organização particular chamada Universo Físico. Você poderia ser, e foi, recrutado depois, mas no momento em que foi recrutado só poderia ter sido recrutado se tivesse concordado com o tempo contínuo. Por outras palavras, se você tivesse concordado com uma taxa uniforme de mudança, e tendo concordado com esta taxa de uniforme de mudança, então teria uma taxa uniforme de mudança. Caso contrário você estaria em 1776, ou em 2060, enquanto todos os outros estavam em 1954. Você estaria algures, nalgum dia e seria alguma coisa.

Bem, devido ao facto que as próprias partículas deste universo são assunto de consideração, nascem da consideração, são elas próprias consideração, o espaço no qual essas partículas existem é consideração, então não estarmos a lidar nunca com outra coisa senão considerações.

Nós estamos a lidar com considerações, e estas considerações só são complicadas e fixas na medida em que elas são concordadas.

Se concordou solidamente com estas considerações, bem, então tem as considerações com que você concordou.

Não foi necessário ser você o primeiro motor para fazer parte deste universo.

No momento em que concordou com as considerações que compõem este universo, você está na sua origem, você está no seu fim, você está no seu presente, mas a operar sob a consideração de que o tempo está a ter lugar. E contanto que esteja a operar sob aquela consideração, você diz, óptimo, nós seguiremos ao longo da banda do tempo. Maravilhoso. O Tempo está em progresso. Você começa a olhar para os relógios. Os relógios estão a manter o tempo para mim, o horário do autocarro está a manter o tempo para mim, o movimento da terra está a manter o tempo para mim, a precessão de planetas e estrelas estão a manter o tempo para mim, tudo está a manter o tempo para mim, a minha esposa mantém o tempo para mim servindo o pequeno-almoço num certo momento, toda a gente mantém o tempo para mim... tempo? Tempo? Tempo... o que... que tempo? Que horas são? Eu tenho tempo?

Não, você ficou imóvel. Ficou dependente de tudo para manter o tempo e fazer as considerações, e então não continuou a concordar com as considerações feitas. O que você teria que fazer era só continuar a concordar com essas considerações, mover-se ao longo da banda do tempo tão belamente quanto quisesse. Mas se apenas sai fora da base da consideração, se abandona a sua própria consideração do facto de o tempo está a ter lugar, nesse momento o tempo deixa de ter lugar.

Porque tempo é uma consideração e estas outras coisas são considerações, não significa então que depois desta consideração ter sido feita todas as considerações comecem a mexer. Se fizermos a consideração de que há tempo, então isto não põe todas as considerações imediatamente em movimento, nem cria mais nada do que já foi criado com considerações, com o factor variável do tempo.

A definição de tempo é em si muito importante. Tempo é a co-acção de partículas. Você não pode ter acção de partículas em absoluto a menos que tenha espaço. Se você tem espaço, então pode ter mudanças no espaço, e quando tem uma mudança no espaço, então tem um tempo diferente.

Há o tempo a partir do momento em que a partícula estava na posição A, isso é um tempo. Ora, outro tempo, é quando a partícula foi movida para a posição B. Poderia não ter tido lugar nenhum movimento, qualquer que fosse, a menos que você tivesse feito um postulado de mudança da posição A para a posição B, e que tivesse feito esta consideração „da posição A para a posição B”. Então você teria movimento e teria tempo, porque você disse que a posição B é, pois, um tempo mais recente do que o da posição A.

Um tempo mais recente... o que é esta palavra tempo? Você pode também dizer isto: „há uma sucessiva mudança de posição”. Você pergunta a alguém: „que mudança sucessiva de posição é essa?” E se lhe respondesse verdadeiramente ele diria: „é a posição do 15º grau depois do zénite do sol na sua 200ª revolução desde o seu Solstício de Inverno”. Doze e um quarto para si. 200º dia do ano. Isso é tempo. Se o sol não tivesse mudado 200 vezes você não teria tido 200 dias.

Mas não é isso que está a fazê-lo, simplesmente porque o marca. Vejamos isto agora. Só porque está a fazer isto nem por isso está criá-lo. É simplesmente uma partícula que se está a mover no espaço. A Terra é uma partícula que se está a revolver no espaço.

E o sol não estaria ali, a menos que nós operássemos na consideração básica e acordo de que está ali.

Eis um exemplo daquela simples ideia de mudança-de-posição: eu apanho um livro e apenas considero tudo estático neste momento, nenhum movimento neste momento, nenhum tempo, nenhum movimento. Um momento novo, você vê que não exige articulação, ou verbalização ou qualquer outra coisa. É tão simples que é negligenciado. A fim de conceber que este livro se pode mover na secretaria de uma posição para uma segunda posição, basta ter concebido um novo conjunto de considerações sucessivas em cada posição do movimento para esta nova posição. E cada uma destas é *depois* da consideração que o livro estava aqui. Agora é muito embaraçoso quando um auditor corre o processo Procedimento de Abertura Por Duplicação e diz ao preclaro, cada vez ele apanha um objecto, para o duplicar. Se o auditor se esquece de o mandar considerar que está ali outra vez, porque é uma invalidação do preclaro... o preclaro faz uma duplicata perfeita do objecto e o objecto não está ali. Quando volta àquele objecto numa nova unidade de tempo o auditor, se usar: „faz uma duplicata perfeita disso” como parte da rotina, melhor será então também dizer logo antes de o mandar de volta para este livro: „Considera que há um livro ali”. Porque, no que ao preclaro diz respeito, ele acabou de o desfazer, e se você está a trabalhar com um preclaro que está a ficar em boa forma, aquele livro será invisível. Logo ele tem que considerar que há um livro ali, depois tem que considerar que se moveu para ele acolá, e ele tem que considerar que todas estas coisas estão a ter lugar, e se o fizer ele tem tempo. Tempo é a co-acção de partículas.

Agora o tempo com que estamos a lidar é um tempo com que nós podemos ficar de bom acordo. É uma taxa uniforme de mudança. Por outras palavras, nós estamos a considerar, e a considerar, e a considerar, e a considerar. Poderíamos estar a fazer isto muito rapidamente com respeito, por exemplo, a uma partícula na parede. Nós consideramos que está ali, e, digamos, a parede está a ser puxada deste modo... nós consideramos que está ali, está ali, ali, ali, por outras palavras, mantemos a consideração que aquela partícula está a ficar mais próxima. É precisa uma consideração nova de cada vez para ter uma partícula e um espaço onde ela se mover. Cada vez que vemos uma partícula mexer, realmente, algures um pouco automaticamente e assim por diante, não queremos saber do mecanismo... há que considerar: espaço-partícula-posição, espaço-partícula-posição, espaço-partícula-posição, espaço-partícula-posição. Você obtém movimento. Você obterá um avião lá por cima, e para o ver lá por cima terá que dizer: espaço-avião-posição, espaço-avião-posição, espaço-avião-posição, espaço-avião-posição, e você verá um avião a jacto através do céu. Mas se não concordou pelo menos com isto, não verá nenhum avião através do céu, não terá nenhum espaço e não terá certamente nenhuma posição.

Agora o que acontece a um indivíduo quando o seu factor tempo começa a ficar em pedaços? Ele está preso no tempo. Está preso nesses momentos em que é suficientemente agitado, confuso ou transtornado, por outras palavras, é dada uma nova consideração de que tudo é confuso, e ele não tem naquele momento tempo para fazer novas considerações de que há tempo, ou para concordar com o facto de que há tempo, ou ele ressentir-se do facto que há tempo, logo ele perde tempo, logo ele fica preso na banda do tempo.

Não é energia que cola qualquer pessoa na banda do tempo. É este facto. Alguém lhe disse que se movesse e ele ressentiu-se, logo não se moveu. O que é que ele fez? Abandonou o acordo sobre progresso de partículas.

A própria comunicação foi usada para trocar a sua consideração sobre considerações. Alguém lhe demonstra completamente que estas são tempo. Elas dizem-lhe que fique num lugar. Você pode muito facilmente demonstrar isso a um indivíduo com uma bala. Ele anda,

bela automação, só a imaginar coisas a voar aqui, e coisas a voar ali, regimentos de soldados a marchar aqui e a marchar ali, e de uma maneira ou de outra, bem, ele tanto faz parte do inimigo como de si próprio, mas tem a consideração nova que faz parte de si próprio, e esta bala surge através do espaço, e se ele fosse capaz de a ver, uma bala de canhão da guerra civil, por exemplo, poderia tê-la visto muito facilmente, elas só andam a cerca de 100 Km à hora, e teria feito este espaço-partícula-posição, já sabe, espaço-bala de canhão-posição, espaço-bala de canhão-posição, espaço-bala de canhão-posição, espaço... BUUM. Ele considerou-se numa confusão completa, não foi? Considerou-se mesmo abaixo da linha de impacto, logo ele diz: „agora olha, a melhor coisa a fazer, quando vires qualquer coisa mesmo que debilmente semelhante a uma bala de canhão, não digas espaço-partícula-posição, espaço-partícula-posição. Não, não digas. Não digas Nada”. O fulano aprendeu a calar a boca.

„Nós não vemos balas de canhão”. Não senhor. Mas ele está de acordo com o homem à direita e ele está de acordo com o homem à esquerda, e eles estão de acordo com o homem à direita e à esquerda, e ele está com os pés no chão e está de acordo com o corpo, e todas estas coisas estão completamente de acordo com o fulano que disparou a bala de canhão, logo, a bala de canhão virá de qualquer maneira por aí fora. E, eh pá, ele agora está invalidado! À direita e à esquerda, e atrás e abaixo, concordou com todas as outras coisas que concordaram com a taxa de mudança. Ele concordou com todas estas outras coisas que estavam a dizer espaço-partícula-posição, logo ele está a dizer „espaço-partícula-acordo”, de má vontade, sem querer. E isto deixá-lo-á realmente pendurado. Isto deixá-lo-á com uma certa Irrealidade.

Bem, ele não postulou tempo nenhum, logo pode ficar preso na banda do tempo. Está a ver? Só que o seu mockup é como que débil, porque a solidez dos mockups, como no universo material, dependia também dos mockups de toda esta outra gente. Toda a gente a fazer mockups. Ele só está a ficar de acordo com toda a gente, e não tem nada que os imaginar (mockup), logo, o que é que ele tem agora? Uma dependência do acordo de manter tempo para ele. Logo, se ele fez isto, então perdeu o poder de desfazer (unmock) tudo completamente, não foi?

O tempo, como você o concebe, o tempo que está a correr no seu relógio, é simplesmente o movimento de um grupo de pequenas rodas, um par de ponteiros e um ponteiro de segundos. E isso são só movimentos sucessivos. São mudanças no espaço. E para onde quer que você olhe, mecanicamente achará que o tempo não é mais do que a mudança de posição de uma partícula no espaço. Você vê que temos aqui duas condições. Se alguma coisa está a postular uma mudança de posição de uma partícula no espaço, e você está a concordar com essa coisa, obterá então uma mudança de posição da partícula no espaço. É só uma consideração consecutiva, mas isso é o que o tempo sempre foi. A mudança de posição da partícula no espaço. Para ver qualquer coisa você tem que ter espaço-partícula-posição.

Agora, a fim ser um bom acordo, seria uma coisa muito, muito boa ter uma taxa uniforme de mudança, não era? „Vamos agora cantar todos juntos” (o universo está a dizer) cantemos todos juntos: espaço-partícula-posição, espaço-partícula-posição, espaço-partícula-posição, e cantaremos juntos de forma que digamos isto todos uniformemente, e teremos então tempo, porque nós estamos a dizer isso, e não por qualquer outra razão. Nós estamos a postulá-lo. Logo nós temos espaço-partícula-posição, espaço-partícula-posição, espaço-partícula-posição como hino ao próprio tempo. E vai continuando a correr por aí fora anos a fio, porque isso é que são os anos.

Não nos dividamos outra vez no assunto de: „bem, agora há pensamento”. A velha teoria Theta-MEST é uma teoria tremendamente interessante simplesmente porque conduziu à ideia de que havia um universo, e que havia pensamento: theta sem comprimento de onda, sem massa,

sem tempo, sem posição no espaço, e isto era Vida. E isso foi impingido em qualquer outra coisa chamada Universo Físico, uma entidade mecânica que fazia coisas de uma forma peculiar, e estas duas coisas juntas, THETA-MEST, interagindo, deu-nos formas de vida. Entretanto temos um refinamento adicional disto.

Nós achamos que o próprio universo físico é simplesmente esta cantiga espaço-partícula-posição, logo, MEST surge do próprio pensamento, logo, o que é que temos? Temos o aparecimento do Universo Físico que é perito em mecânicas. Parece estar acima de consideração por causa dos acordos com tanta gente relativos à sua continuidade.

Continuidade em si é outra palavra que poderia ser suplantada por tempo, logo é sobrevivência. Ora, a que chamaríamos então denominador comum do tempo? Consideração.

Abaixo deste nível, no campo da mecânica, a que chamaríamos denominador comum de tempo? Mudança. Esta é a coisa que nós poderíamos chamar o denominador comum de todos os tipos de tempo em qualquer lugar, de qualquer maneira, em qualquer universo.

Agora não percamos essa. Um certo jogo de partículas, ou um certo corpo de formas de vida individualizadas ou uma automação postulada por essas formas de vida, poderia continuar a dizer-se que há um certo jogo de partículas, que estão a mover-se a uma taxa uniforme, e que estão a postular o mesmo espaço repetidas vezes... e nós obteríamos, naquele momento, um tempo contínuo uniforme. E isto é uma condição que tem que existir num universo, e é o que torna um universo peculiar. É o tempo contínuo daquele universo. Por outras palavras, é este cântico concordado. É onde cantamos e com quem contamos, que faz o universo.

Logo, nós temos as pessoas da terra e deste universo entoando cânticos, ou simplesmente concordamos com alguma coisa que está a entoar: espaço-partícula-posição. E assim nós temos tempo, tempo, tempo, tempo, tempo.

Se de súbito o cântico parasse, nada se moveria. Você ainda poderia ter algum espaço numa ressaca de uma consideração passada ou algo assim, mas não teria qualquer nova partícula a mover-se em parte alguma. As paredes simplesmente se desvaneceriam, o espaço desapareceria, num grau muito marcado. Tudo pareceria como um V Negro (*V Negro*: um caso pesadamente ocluso caracterizado por imagens mentais de massas de negrume. Isto é um „Passo V“ em procedimentos primitivos como Procedimento Operacional Standard 8) a desmoronar-se sobre si próprio. Isso surgiria mesmo assim, se isto parasse. Pareceria assim mesmo porque foi isso que ele fez.

Então, para que uma pessoa tenha tempo, para estar em tempo presente, é necessário estar em contacto, pelo menos em contacto, com essas partículas que estão a ser formadas por este contínuo hino ao tempo. É pelo menos necessário estar em contacto com as partículas. Se não, ficamos sem tempo.

Se simplesmente estamos a concordar, então estamos fora de tempo, e estamos presos na banda do tempo, presos em fac-símiles antigos, tudo misturado... não estamos a postular qualquer tempo em absoluto, e não estamos a olhar para quaisquer partículas temporais, nem a olhar para quaisquer partículas ou a mudança delas, e, como resultado, onde é que alguém vai buscar tempo?

Também ele tem que começar com o cântico espaço-partícula-posição, espaço-partícula-posição, espaço-partícula-posição, até pôr o tempo outra vez a andar para si próprio, ou você manda-o sentir as paredes, e sentindo as paredes, dirá: „ah, quem diria?“. Ele está a entrar no tempo.

O acordo é uma coisa muito importante porque o thetan começa a depender de que o universo mantenha o seu próprio cântico, e ele próprio deixa de o entoar.

O que acontece se ele fizer isto? Ele tem que concordar com alguma coisa que está a vibrar, não é? Logo ele torna-se massa. E isso é como um thetan se torna massa. Já não está a cantar, logo entra cem por cento em acordo com alguma coisa que o está a fazer, e então abandona o acordo de que dependia para continuar a concordar.

Ele depende daquela parede, decide que a parede lhe é prejudicial e já não está a entoar o cântico. Ele já não está em contacto com a parede porque é perigoso.

Onde é que ele vai buscar tempo?

Não vai conseguir tempo nenhum. Pode andar à pesca e contactar outro tempo contínuo noutro universo e estar vagamente em contacto com aquele tempo contínuo, outro corpo inteiro de seres e automações entoando: espaço-partícula-posição, espaço-partícula-posição, espaço-partícula-posição, espaço-partícula-posição. Outra canção em marcha.

Um preclaro fica sem tempo. Ele próprio é como que um acordo imaginado, por isso fica a vibrar, e, como thetan, vibra *desfasado de...* Ele está a vibrar bobobobobop, e as paredes estão a vibrar bap bap bap bap bap. Oh, diria ele, *que horas são?*

Ele teria que obter algum tipo de *duplicação* para correr isto fora ou alinhá-lo. Só mandando-o contactar as paredes de qualquer universo pelo Procedimento de Abertura S.O.P. 8C você corrige as suas vibrações, e ele deixa de ser tanta massa... metendo-o simplesmente num bom acordo.

Se o denominador comum do tempo é mudança, então porque é que você pensa que um preclaro está tão ansioso por mudança? Que ansiedade é a dele por mudança? Bem, ele está duplamente invertido. Finalmente ficou a depender só de acordo. Já não postulava tempo e só dependia deste universo para dizer mudança, mudança, mudança, mudança, mudança, mudança de posição de partículas no espaço, mudança de posição de partículas no espaço, mudança, mudança, mudança.

Ele (1) dependia disso, (2) deixou de depender disso, (3) afastou-se para longe disso, e (4) diz: „Olha. Espera um minuto. Para ter alguma sobrevivência ou para continuar com quaisquer destes itens ou quaisquer destas responsabilidades, ou qualquer coisa, algo tem que mudar aqui à volta. Assim mudemos, mudemos. Mudemos outras coisas. Oh, não posso mudar essas. As pessoas são fáceis de mudar, assim tentemos mudá-las... Bem, eu não posso mudá-las. Mudarei eu próprio, eu mudo, mudo, mudo, mudo, mudo, mud, mud, mu, mu, mu, mumumu... BUUM”.

Banda-do-tempo-pessoal-totalmente-auto-fixa-sem-acordo-nenhures, o que parece uma massa sólida, porque está a mudar tão depressa e não há ninguém a concordar com isso, e ele saiu pelo fundo.

E é por isso que as pessoas entram em mudança compulsiva.

O Procedimento de Abertura 8-C tirará as pessoas disso. O Procedimento de Abertura por Duplicação solucionará isto, porque está a mudar a uma taxa uniforme, e você, o auditor, está de acordo com ele, e, como resultado, ele poderá sair para fora disso até se re-contemporizar.

Um preclaro que está com alguma dificuldade, a primeira coisa que estaria errado com ele seria estar fora do tempo, como um carro fica obsoleto e o seu motor não funciona bem. Ele sai do seu próprio factor tempo que, para ser aberrativo, teria que ser totalmente automático. Ele teria que o ter fixado, e agora estar inconsciente disso. Ele está fora do tempo, e é por isso que

está a mudar obsessivamente, e é por isso que o indivíduo que está pior quererá mudar mais rápida e mais duramente, e tem a maior compulsão e obsessão com isso.

Por isso nós vemos de que se trata este assunto do tempo, como é possível processá-lo, e vemos que o temos vindo a processar.

CAPÍTULO TREZE

AXIOMAS

(Parte 1)

Os Axiomas de Cientologia são uma lista utilizável ou de verdades auto-evidentes, e uma parte principal da informação técnica de um Cientólogo.

Com estes, nós estamos agora a operar em apenas cinquenta axiomas e definições, enquanto que os Axiomas de Dianética de 1951 eram mais de duzentos e noventa. Nós chegámos a estes cinquenta Axiomas de Cientologia através de muitas mudanças, de muitos desenvolvimentos maiores, tudo na direcção de uma mais alta funcionalidade e simplificação.

Não se espera que um estudante treinando em Cientologia leia estes Axiomas. Espera-se que os *absorva*, os cite literalmente e pelo número, os comprehenda e os aplique.

O *Webster* diz que um axioma é uma verdade auto-evidente.

Comparando os Axiomas de Cientologia com axiomas de outro assunto, estes são certamente tão patentes quanto os de, por exemplo, geometria, que é de facto um assunto relativamente cru na medida em que se prova a si próprio, por si só, uma limitação que a Cientologia não tem.

Os Axiomas de Cientologia são provados pela totalidade da vida.

Em geometria encontramos o silogismo Aristotélico que corta arbitrariamente todo o assunto. Em Cientologia precisámos de uma base melhor do que o silogismo, e temos uma melhor.

A plataforma na qual fundamos a nossa compreensão é que, se alguma coisa não funciona quando aplicada, nós mudamos o que estamos a fazer e encontramos alguma coisa que funcione. Nós não nos curvámos certamente ao grande Deus da “Não Mudança”.

Bem, é bastante verdade que estes Axiomas são verdades auto-evidentes. Mas eles não são tão completamente auto-evidentes que saltem da página e se lhes apresentam a si. Você tem que se lhes apresentar a eles.

O primeiro dos Axiomas é um pouco de compreensão, coisa que se não tivesse e de facto não compreendesse muito bem, você não poderia fazer coisa alguma com a Cientologia.

É mesmo tão brutal como isso.

AXIOMA UM: A VIDA É BASICAMENTE UM ESTÁTICO.

E o que é este estático?

Definição: um Estático de Vida não tem qualquer massa, movimento, comprimento de onda, localização no espaço ou tempo. Tem a capacidade de postular e perceber.

Este é um estático peculiar e particular, e tem estas propriedades e uma peculiaridade adicional que nós encontramos no próximo Axioma.

AXIOMA DOIS: O ESTÁTICO É CAPAZ DE CONSIDERAÇÕES, POSTULADOS, E OPINIÕES.

Você não pode medir este Estático.

Quando encontra alguma coisa que não tem qualquer massa, localização, posição no tempo e comprimento de onda, o facto real de que não pode ser medido diz que você tem as mãos na própria Vida.

Você não pode medi-la, contudo, todas as coisas mensuráveis partem dela. Deste Estático partem todos os fenómenos.

Você não pode medir um cão pelos excrementos e não pode medir este Estático pelos fenómenos que partem dele.

O Espaço é um desses fenómenos. Você poderia dizer que a Vida é uma unidade de produção de *espaço-energia-objecto e de localização* porque é isso que faz. Mas quando os mede você não mede a Vida.

Um thetan está muito, muito perto de um puro Estático. Ele não tem praticamente comprimento de onda. De facto um thetan está numa muito, muito pequena quantidade de massa. De algumas experiências conduzidas há cerca de quinze ou vinte anos atrás, um thetan pesava aproximadamente 45g! Quem fez estas experiências? Bem, um médico fez estas experiências. Ele pesou pessoas antes e depois da morte, retendo toda a massa. Ele pesava a pessoa, cama e tudo, e viu que o peso caía no momento da morte cerca de 45g, e algumas delas 60g. (Esses eram thetans pesados).

Logo, nós temos este thetan capaz de considerações, postulados e opiniões, e as suas qualidades mais nativas, por outras palavras, as coisas que ele mais provavelmente postula são estas qualidades que você encontra nos „botões” do topo do Quadro de Atitudes. „Confiança”, „Responsabilidade total”, etc.

Logo, nós de facto descrevemos um thetan quando obtivemos os Axiomas Um e Dois. Sem estes bem sabidos um auditor passaria um mau bocado para exteriorizar alguém (*Exteriorizar, exteriorização*: o estado alcançado no qual o thetan pode estar fora do corpo com certeza), porque se você pensa que chegava lá dentro com um par de fórceps e tira alguém de dentro da cabeça, bem, isto não é assim. Você não estaria a pensar num thetan. Exteriorizar alguma coisa que não pode ser agarrada, é um truque e tanto.

Um thetan tem que postular que está dentro antes de o poder pôr a postular que está fora. Mas se ele postular pesadamente que está dentro, agora, o seu truque como auditor é fazer o quê? Sobrepor os postulados deste thetan? Isso ficaria no campo do hipnotismo, ou talvez você pudesse fazer isso com um taco, mas como nós fazemos isso em Cientologia é um pouco mais delicado. Nós pedimos-lhe simplesmente que postule que está fora, e se o puder fazer e o fizer, bem, ele está fora. E se não puder, bem, ainda está lá dentro.

Os thetans pensam em si próprios como estando no universo MEST (*universo MEST*: o universo físico, das iniciais de **matéria, energia, espaço, tempo**). É claro, também isto é uma piada. Como o Estático, eles não podem estar num universo.

Mas podem postular uma condição, e então podem postular que não podem escapar a esta condição.

AXIOMA TRÊS: ESPAÇO, ENERGIA, OBJECTOS, FORMA E TEMPO SÃO O RESULTADO DE CONSIDERAÇÕES FEITAS E/OU CONCORDADAS, OU NÃO, PELO ESTÁTICO, E SÃO APERCEBIDOS SOMENTE PORQUE O ESTÁTICO CONSIDERA QUE OS PODE APERCEBER.

O segredo da percepção está aí mesmo. Você acredita que pode ver? Bem, certo, prossiga e acredite que pode ver, mas é certamente melhor acreditar que há ali algo que ver ou você não

o verá. Assim que há duas considerações para a visão, e elas são cobertas imediatamente aqui na medida em que você tem que acreditar que há algo que ver, e então que pode vê-lo. E assim você tem percepção. Todo o tremendo número de categorias de percepções vem sob este título, e é coberto por aquele Axioma. De forma que esse Axioma deverá ser muito, muito bem sabido.

AXIOMA QUATRO: ESPAÇO É UM PONTO DE VISTA DE DIMENSÃO.

Sabe que a física já vem do tempo de Aristóteles sem o saber? Ainda assim nós lemos na Enciclopédia Britânica de há muitos anos atrás (a Décima primeira Edição, publicada em 1911) que espaço e tempo não são um problema da física. São problema de quem trabalha no campo da mente. E diz que quando o campo de psicologia resolver a existência de espaço e tempo, então a física poderá fazer alguma coisa com isso. E todos esses fulanos, Drs em Filosofia, de facto, não há séculos, mas há várias décadas (parecem séculos se alguma vez ouviu as conferências deles), voltando aos dias de Wundt, O Único Wundt, por volta de 1867, eles não leram a Enciclopédia Britânica e não descobriram que tinham a responsabilidade de identificar espaço e tempo de forma que a física pudesse seguir o seu caminho.

E porque eles evitaram esta responsabilidade é que nós temos aqui que deitar mãos à obra e descobrir e desenvolver a Cientologia, não para trabalhar no campo da física, contudo, mas para trabalhar no campo da Humanística. Mas aconteceu que eu descobri muito, muito cedo enquanto estudava física nuclear na Universidade George Washington, que a física não tinha uma definição para espaço, tempo e energia. Definia energia em termos de espaço e tempo. Definia espaço em termos de tempo e energia, e definia tempo em termos de energia e espaço. Andava em círculo. Primeiro saí daquele círculo colocando-o no comportamento humano, *ser, fazer e ter*, o qual você achará em *Cientologia*: 8-8008, mas o ponto aqui é que sem uma definição para espaço, a física e estava e está à deriva. Um dos nossos auditores esteve recentemente a falar com um engenheiro numa central de Comissão de Energia Atómica, e aconteceu comentar: „bem, nós temos uma definição para espaço”. Este engenheiro disse, „Ah tem?” e ficou instantaneamente interessado. É claro que nós não fizemos esta definição para a física nuclear, mas certamente poderia ser usada por ela. O engenheiro perguntou: „qual é a definição de espaço?” e o auditor disse: „espaço é ponto de vista de dimensão”. Este fulano apenas se sentou ali um momento, e ele sentou-se ali, e então de súbito correu para o telefone, discou um número e disse: „fecha o número cinco!” Ele tinha reparado de repente que uma experiência em progresso estava quase a explodir, e um das razões porque soube que ia explodir é que tinha descoberto o que era o espaço. Isto é de grande interesse para os físicos nucleares, mas eles obterão uma destas definições e então começarão a matutar, matutar, matutar, matutar. Eles não tomam nem a usam a definição como tal. Eles matutam-matutam, e perdem-na.

Usando o processo R2-40: *Conceber um Estático* (em *Criação da Capacidade Humana*) dá uma compreensão de exactamente a razão porque cada vez que apanham uma destas definições a perdem.

AXIOMA CINCO: A ENERGIA CONSISTE DE PARTÍCULAS POSTULADAS NO ESPAÇO.

Agora, nós temos espaço: um ponto de vista de dimensão.

Você diz: „eu estou aqui a olhar numa direcção”. Nós temos de facto que ter três pontos ali fora para olhar, temos que ter espaço tridimensional. Se só tivéssemos espaço linear teríamos um só ponto de dimensão. Um ponto para ver. E energia consiste de partículas postuladas no espaço, logo demarcaremos estes três pontos ali fora para ter espaço tridimensional, e teremos estas partículas a que chamaremos pontos âncora, e teremos energia.

E logo nós chegamos a objectos.

AXIOMA SEIS: OBJECTOS CONSISTEM DE PARTÍCULAS AGRUPADAS.

Se apenas continuássemos a pôr partículas além e a juntá-las, ou se disséssemos de repente: „há um grupo grande de partículas além”, nós teríamos o que é comumente chamado um *objecto*. Quando um objecto ou partícula se move em qualquer parte de um espaço, por outras palavras, num ponto de vista de dimensão, nós temos movimento.

E voltamos ao assunto do tempo.

AXIOMA SETE: O TEMPO É BASICAMENTE UM POSTULADO DE QUE ESPAÇO E PARTÍCULAS PERSISTIRÃO.

Tempo, no seu postulado básico, nem sequer é movimento. A aparência de tempo, uma taxa de mudança concordada, torna-se tempo *concordado*. Mas para um indivíduo, tempo é, por si só, simplesmente uma consideração. Ele diz que alguma coisa persistirá, e já tem tempo. Agora, se ele arranja outrem para concordar com o que está a persistir, os dois podem estar então de acordo. E se os itens estão imóveis, então eles não podem ter acordos sobre quão rápida ou lentamente estão a persistir, logo põem-nos em movimento. Isto dá-lhe um relógio. Logo, você anda com um relógio no pulso.

Mas tempo não é movimento. Vamos escapar desta agora mesmo. É um erro. Nós chamaremos a isso uma heresia.

Mas isto dá-nos outro Axioma:

AXIOMA OITO: A APARÊNCIA DE TEMPO É A MUDANÇA DE POSIÇÃO DE PARTÍCULAS NO ESPAÇO.

Agora, se virmos partículas a mudar no espaço nós sabemos que o tempo está a passar, mas se tivéssemos um pedaço de espaço e algumas partículas, e se estivéssemos ali simplesmente sentados a olhar para essas partículas sem absolutamente qualquer mudança nelas, seria muito difícil descrever, mesmo para si próprio, se o tempo estava a passar ou não.

E assim, a aparência do tempo é a mudança de posição de partículas no espaço.

AXIOMA NOVE: A MUDANÇA É A MANIFESTAÇÃO PRIMÁRIA DE TEMPO.

Se estivesse a olhar para partículas imóveis você não poderia dizer se estava a passar tempo ou não porque poderia estar a olhar para um momento ou outro. Então, para provar o tempo, você poderia dizer que elas se moveram para esta distância a tal e tal velocidade, ou algo assim. E você poderia dizer: „Por isso passou este tempo”. Logo nós podemos dizer que a mudança é a manifestação primária de tempo. Agora, por estranho que pareça, você tem o seu „Cinco Negro”, caso ocluso (nenhuma imagem, só negrume) aí mesmo. Um Cinco Negro está a tentar mudar-se a si próprio simplesmente porque está de acordo com partículas em movimento. E isso é tudo. Ele simplesmente está a agir numa compulsão ou obsessão para mudar, e se você lhe perguntasse muito de repente em que direcção está a tentar mudar, ele não seria capaz de lhe dizer. Ele não tem nenhuma real meta. Não quer ser particularmente melhor, não quer ser particularmente pior, mas tem que mudar. Ele tem que mudar freneticamente. Bem, porque é que ele tem que mudar? Porque tem estas partículas ao seu redor que lhe estão a ditar a mudança. Elas estão a dizer: „Tempo... tempo... tempo... tempo... tempo... mudança... mudança... mudança”.

Por outras palavras, ele está de acordo com a aparência do tempo, e fugiu para longe, para longe da mera consideração de tempo. Logo não concebe o tempo. Ele torna-se um físico nuclear.

AXIOMA DEZ: O PROPÓSITO MAIS ALTO DO UNIVERSO É A CRIAÇÃO DE UM EFEITO.

Nós poderíamos fazer muitíssimo só com este Axioma, e, em processamento, descobriríamos então uma boa razão para ter espaço, e ter partículas, e como todas estas coisas chegam ali. As pessoas querem criar um efeito, e elas entram em estados mentais muito interessantes sobre este tipo de coisas. Elas dizem a si próprias: “bem, vejamos agora, eu provoquei aquele efeito, mas aquele efeito é horrível. Por isso não posso admitir que eu provoquei aquele efeito, logo introduzirei uma mentira aqui e direi eu não causei aquele efeito”. Então elas tornam-se efeito. Se não podem ser causa elas tornam-se efeito. Elas são o efeito do que provocaram sem admitir que o provocaram. Mas pode ficar até pior do que isso, pior do que ficar em total efeito. Elas vão pela linha abaixo, para o ponto onde são *a causa de qualquer efeito*, ali no fundo. Por outras palavras, elas culpam-se. Um homem em Sandusky cai e quebra um copo de limonada, e uma pessoa que está na ocasião na San Diego ouve falar disso e sabe que deve ser ele o culpado. Isto é uma reversão completa.

Uma pessoa pode entrar num estado simultâneo de causa e efeito. Quer dizer, ele torna-se instantaneamente qualquer efeito que comece a provocar. Ele diz: “acho que o vou matar”, e ele sente-se como morto. Assim mesmo. Agora nós temos que ter tempo a fim de testemunhar um efeito. Como exemplo poderíamos observar que a ciência é dedicada a observar o efeito, e não tem nenhuma outra meta real. De vez em quando você vê um cientista que também é um idealista. Ele quer usar os seus materiais para melhorar o Homem. Mas a ciência em geral, e particularmente quando invadiu o campo da mente, tem sido simplesmente uma perseguição sem metas, sem alma, totalmente só para observar efeitos. Eles nem sequer estão realmente a causar efeitos. Andam apenas a observar efeitos. E enchem cadernos e cadernos e cadernos, de efeitos, efeitos, efeitos, e você vê que eles continuam as experiências sem provar nada, sem fazer nada, mas apenas a observar efeitos. Eles passam e pregam um alfinete no rabo de um rato, e o rato salta e grita, e eles dizem: „Ah”, e anotam cuidadosamente: „Quando se espeta um alfinete a uma polegada da ponta do rabo de um rato ele guincha”. De facto o rato guinchou. Bem, foi a observação de um efeito, e a forma como isso é registado pela ciência. Vai ao ponto de um cientista líder do dia, um Einstein, dizer que o que um observador tem direito a fazer é só olhar para uma agulha. Se andassem só a observar efeitos, eles poderiam finalmente construir uma bomba atómica, e dizer: „bem, não é culpa minha. Eu não tenho culpa”. Os poucos cientistas que se sentiram mal com isto e se uniram a organizações para tentar fazer alguma coisa, foram prontamente despedidos pelo governo. Eles tinham alguma responsabilidade.

AXIOMA ONZE: AS CONSIDERAÇÕES QUE RESULTAM EM CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA SÃO QUATRO.

E aqui estão na forma exacta de axiomas:

(a) AS-IS-NESS é a condição de criação imediata sem persistência, e é a condição de existência que existe no momento de criação e no momento de destruição, e é diferente de outras considerações na medida em que não contém sobrevivência.

(b) ALTER-IS-NESS é a consideração que introduz mudança e por isso tempo e persistência num As-is-ness a fim de obter persistência.

(c) IS-NESS é uma aparência de existência provocada pela alteração contínua de um As-is-ness. Isto é chamado, quando concordado, Realidade.

(d) NOT-IS-NESS é o esforço para manejar IS-NESS reduzindo a sua condição através do uso da força. É uma aparência e não pode superar inteiramente um Is-ness.

AXIOMA DOZE: A CONDIÇÃO PRIMÁRIA DE QUALQUER UNIVERSO É QUE DOIS ESPAÇOS, ENERGIAS OU OBJECTOS, NÃO DEVAM OCUPAR O MESMO ESPAÇO. QUANDO ESTA CONDIÇÃO É VIOLADA (DUPLICATA PERFEITA) A APARÊNCIA DE QUALQUER UNIVERSO OU QUALQUER PARTE DELE É ANULADA.

Alfred Korzybski, em Semântica Geral, teve muito cuidado ao demonstrar que dois objectos não podiam ocupar o mesmo espaço. Por outras palavras, ele estava a dramatizar: „Preserva o universo, preserva o universo, preserva o universo”. Agora esta declaração diz-lhe que, se dois objectos podem ocupar o mesmo espaço, você não tem um universo, e, bastante seguramente, se perguntar apenas a um preclaro repetitivamente: „que objecto pode ocupar o mesmo espaço que tu estás a ocupar?”, ele trabalhará nele, e trabalhará nele, e trabalhará nele, e a primeira coisa que você sabe, bem, é que ele é capaz de fazer muitas coisas que não podia fazer antes. O seu espaço corrige-se. Ele pode criar espaço outra vez. Meramente porque este universo MEST lhe tem dito tão frequentemente que dois objectos não podem ocupar o mesmo espaço é que ele começou a acreditar nisso. E acredita que esta é a lei mais completa que ele tem. Assim que nós encontramos um sujeito que está perfeitamente contente num corpo, e que acredita que ela é um corpo. Bem, ele sabe que ele, um thetan, não pode ocupar o mesmo espaço de um corpo. Ele sabe que isto é impossível. Dois objectos não podem ocupar o mesmo espaço. Ele é um objecto, e o corpo dele é um objecto, logo os dois não podem ocupar o mesmo espaço.

Isto é muito interessante porque você verá que dois universos podem ocupar o mesmo espaço, e de facto ocupam o mesmo espaço. Você verá que o universo de um thetan está a ocupar o mesmo espaço do universo físico, mas assim que declara que ambos estão a ocupar o mesmo espaço, você obtém uma condição interessante.

Agora, eu não vou tentar pegar na duplicata perfeita neste ponto, mas basta dizer que dois objectos estão a ocupar aquele espaço, a ocupar aquele espaço identicamente, e puuf, foi-se. É assim que se fazem as coisas desaparecer. Isso é obter o seu As-is-ness, e esta é a razão porque As-is-ness funciona e as coisas desaparecem quando obtém o seu As-is-ness. Este é um Axioma importante.

Agora, eis a coisa mais antiga que o Homem sabe:

AXIOMA TREZE: O CICLO DE ACÇÃO DO UNIVERSO FÍSICO É: CRIAR, SOBREVIVER (PERSISTIR), DESTRUIR.

Ora, isso é a coisa mais antiga que o Homem sabe, que esteve na base de morte, nascimento, crescimento, decadência, morte, nascimento, crescimento, decadência, morte, nascimento, crescimento, decadência e assim por diante. Ele sabia que havia tempo envolvido aqui, numa linha linear. A coisa estranha aqui é que você tem de postular morte para obter um ciclo de acção, e tem de postular tempo para obter uma linha linear, logo, estamos aqui a lidar com uma das coisas mais íntimas da existência. Encontramos isto, a propósito, no Rig-Veda. Esteve com o Homem desde há cerca de 10.000 anos que eu saiba, e nós achamos que este é o ciclo de acção do universo físico: criar, sobreviver, destruir.

Em Dianética, eu isolei só uma porção desta linha como denominador comum de toda a existência, que foi Sobrevivência, e bastante seguramente que qualquer forma de vida está a sobreviver. Está a tentar sobreviver, e isso é o seu normal impulso para a frente. E isso tem, eventualmente, um formidável impacto, mas isto tem duas outras partes, e essas são criar e destruir. Criar, sobreviver, destruir. E sobreviver significa meramente persistir. Logo todas estas coisas são baseadas no tempo, e nós temos o Axioma Treze subjacente a esta consideração primária de que há tempo.

Ora nós podemos continuar e descobrir que as condições de existência se ajustam a estas várias porções da curva da sobrevivência. E isto seria dado como segue:

AXIOMA CATORZE: A SOBREVIVÊNCIA É REALIZADA POR ALTER-IS-NESS E NOT-IS-NESS PELAS QUAIS É GANHA PERSISTÊNCIA CONHECIDA COMO TEMPO.

Isso é uma persistência mecânica. Por outras palavras, nós andamos a mudar coisas dizendo que não são, e a mudá-las, e depois a atirá-las fora e a reformá-las e a tentar desvanecê-las. Usando energia para combater energia, obteremos certamente sobrevivência. Nós obteremos persistência.

AXIOMA QUINZE: A CRIAÇÃO É REALIZADA PELO POSTULADO DE UM AS-IS-NESS.

Agora tudo o que você tem a dizer de facto, é: „Espaço, energia, tempo, As-is. Assim é que é, e agora vai persistir”. Você adicionou-lhe tempo. Se imediatamente depois você simplesmente olhasse para isso e obtivesse o seu As-is-ness outra vez, desapareceria. Tudo o que tinha a fazer era ir ao mesmo momento, com o mesmo postulado de tempo, e a coisa desapareceria. Você poderia criar isso outra vez e desapareceria. Faria As-is.

AXIOMA DEZASSEIS: A DESTRUIÇÃO COMPLETA É REALIZADA PELO POSTULADO DO AS-IS-NESS DE QUALQUER EXISTÊNCIA E DAS SUAS PARTES.

Destrução completa seria simplesmente desvanecimento. Não restaria qualquer pedrinha. Quando estoira alguma coisa com armas você obtém estilhaços. Pergunte a qualquer pessoa que esteve na última guerra. Haveria certamente espalhada uma terrível quantidade de tijolos em pedaços. Se qualquer pessoa tivesse realmente estado a trabalhar nisto, de uma boa maneira sensata, e realmente quisesse a destruição total, ela simplesmente teria obtido o As-is-ness da situação e tudo teria desaparecido, e teria sido o fim de tudo. Se ela tivesse querido declarar todo o As-is-ness de um país, se ela tivesse podido abranger toda essa atenção e referir essas partículas todas, assim tão depressa, aos seus pontos originais de criação, ele iria, é claro, obter um desaparecimento, e isso é destruição completa. Destrução é então As-is-ness, e As-is-ness é simplesmente uma existência postulada.

O que nós estamos a ver a maior parte do tempo neste universo é:

AXIOMA DEZASSETE: O ESTÁTICO, TENDO POSTULADO AS-IS-NESS PRATICA ENTÃO ALTER-IS-NESS, LOGO ALCANÇA A APARÊNCIA DE IS-NESS, LOGO OBTÉM REALIDADE.

Por outras palavras nós obtemos uma alteração contínua, e obtemos esta aparência chamada Is-ness.

AXIOMA DEZOITO: O ESTÁTICO, AO PRATICAR NOT-IS-NESS, PROVOCA A PERSISTÊNCIA DE EXISTÊNCIAS INDESEJADAS, LOGO PROVOCA IRREALIDADE QUE INCLUI ESQUECIMENTO, INCONSCIÊNCIA, E OUTROS ESTADOS INDESEJÁVEIS.

Um Axioma muito importante e muito verdadeiro.

AXIOMA DEZANOVE: LEVANDO O ESTÁTICO VER O AS-IS DE QUALQUER CONDIÇÃO, DESVALORIZA ESSA CONDIÇÃO.

CAPÍTULO CATORZE

AXIOMAS

(Parte 2)

É uma coisa notável que a vida possa ser codificada em termos de Axiomas. Isto nunca tinha sido feito antes. A primeira vez que foi tentado foi em 1951 quando eu escrevi as *Lógicas e Axiomas*, o que eu fiz simplesmente para dar alinhamento ao próprio pensamento. E de facto foram enviadas cópias destes Axiomas para a Europa em 1953, e encontrei-os em Viena *todos traduzidos em alemão*. É bastante notável. Ali eles ficaram terrivelmente impressionados, simplesmente porque isto nunca tinha sido feito antes. Ninguém tinha antes codificado a vida a este ponto, e ninguém tinha codificado a psicoterapia. E eles não ficaram impressionados por os Axiomas estarem certos ou errados, mas só porque ninguém o tinha feito antes. Nestes Axiomas de Cientologia não estamos a fazer a exactamente a mesma coisa. Esses Axiomas de Dianética de 1951 eram bastante complicados, e estes cinquenta Axiomas que nós temos agora não são nem de perto nem de longe tão longos, mas o seu alcance é maior e eles contêm muito mais ímpeto.

Chegamos aqui ao assunto interessante de uma prova de verdade última. Se alcançámos uma verdade última, então alcançámos uma solução última, e, quem diria realmente que uma verdade última ou uma solução última pudessem ser submetidas a prova mecânica? Nós fizemos isso mesmo. Descobrimos o fenómeno de uma duplicata perfeita.

AXIOMA VINTE: LEVANDO O ESTÁTICO A CRIAR UMA DUPLICATA PERFEITAS PROVOCA O DESAPARECIMENTO DE QUALQUER EXISTÊNCIA OU PARTE DELA.

Se você pode levar alguém a fazer uma duplicata perfeita de qualquer coisa, essa coisa desaparecerá. Nós temos uma duplicata perfeita claramente definida:

Uma duplicata perfeita é uma criação adicional do objecto, da sua energia e espaço, no seu próprio espaço, no seu próprio tempo, usando a sua própria energia. (E poderíamos juntar a isso „as considerações relacionadas”, porque não poderiam ser senão considerações).

E: Isto viola a condição que dois objectos não podem ocupar o mesmo espaço, e provoca o desaparecimento do objecto.

Se você pedir a um sujeito para simplesmente fazer uma duplicata perfeita de, por exemplo, um vaso, exactamente onde ele está, ele começará a desvanecer-se para ele, e ele pode fazer isso a quase qualquer coisa.

Porque é que não se desvanece para outrem? Isto é bastante notável. Tudo neste universo está deslocado ou mal-localizado. Quando falamos de uma mentira, realmente não queremos dizer que mudar simplesmente a posição de alguma coisa seja uma mentira. Nós temos que alterar a consideração acerca da coisa para perfazer uma mentira. Realmente não é uma mentira que tudo está misturado neste universo. Está misturado. Só no último momento ou dois, vários raios cósmicos atravessaram o seu corpo. Eram partículas que emanaram de algures e chegaram onde você está. Elas estiveram *em rota* durante cem milhões de anos. Para fazer desaparecer um desses raios cósmicos teríamos que achar seu ponto de criação, e teríamos que fazer uma duplicata daquele raio no momento da sua criação, e então teríamos que fazer uma duplicata de ter feito isto. Naquele momento o raio cósmico desapareceria.

Isto é muito interessante para os físicos, é muito interessante para quase qualquer pessoa, e é demonstrável. Você pode *fazer* isto. Eu pedi a um auditor, uma tarde, para simplesmente „olhar além para a parede da garagem”, escolher uma área muito pequena, „encontrar átomos e moléculas naquela parede, pôr uma unidade de atenção”, um ponto de vista remoto, „próximo de cada um e segui-lo imediatamente atrás para onde tinha sido criado”. Ele estava apoiado no guarda-lamas do carro, e ele fez isto e caiu do guarda-lamas do carro abaixo como se tivesse sido alvejado. O próprio objecto, esta porção minúscula do objecto, *tinha começado a desintegrar-se*. E ele correu para lá para o segurar com as mãos! Porque é que o universo todo não desaparece? Bem, provavelmente no local exacto deste edifício houve outro edifício uma vez, e esse edifício foi todo partido e os tijolos removidos, e parte disso está ali fora na rua, e parte disso ainda está no solo, e parte disso, talvez algum pó de tijolo, seguiu na pasta de alguém que foi para a Segunda Guerra Mundial, e parte disso está na Alemanha e está espalhado por todo lado, e eis todas estas ondas e raios cósmicos por todo o universo, e para levar cada um deles ao seu momento de criação no tempo e espaço, e para fazer uma duplicata perfeita de tudo isso, seria uma tarefa e tanto. Não é um trabalho impossível. Exige uma capacidade de abrangência de atenção. Você faria desaparecer um objecto físico tão completamente que todos os outros saberiam que ele sumiu.

Você vê que não é verdade que um objecto que está na sua frente neste momento, ou a sua cadeira, esteve sempre naquela posição. Nem é verdade que os materiais daquela cadeira estiveram sempre naquela posição, nem é verdade que os átomos que compuseram a cadeira na forma de matéria-prima estiveram sempre naquele filão particular, ou naquela árvore particular. Logo, você vê, é bastante complexo. Este universo mesclou-se.

Isso não significa contudo que não o possa fazer desaparecer.

Como nós podemos produzir este fenómeno, sabemos que temos uma solução última. A duplicata perfeita foi o fio do trinco que abriu a porta a uma verdade última.

Bem, o que seria uma verdade última? Uma verdade última é um estático, e uma solução última é um estático. Por outras palavras, uma verdade última e uma solução última são *nadas*. Obtenha o As-is-ness de qualquer problema, faça uma duplicata perfeita de qualquer problema e o problema desaparecerá. Você pode facilmente sujeitar isso a prova. Logo, se pode fazer um problema desaparecer simplesmente obtendo o seu As-is-ness, então você tem a solução para todos os problemas, ou a solução última. Bem, o próprio universo MEST é mesmo um problema, logo, se você pudesse obter o seu As-is-ness, ele desapareceria. Desapareceria para toda a gente. Bem, vamos estudar isso, percebê-lo muito bem e ver que a definição está ali nos Axiomas e Definições. Esta é, a propósito, a solução total para o desaparecimento de engramas, coisa que nós estivemos a manejar em Dianética. O desaparecimento de cristas, de todas as formas de energia e manifestações, tudo isto pode ser simplesmente realizado fazendo as respectivas duplicatas perfeitas. Isso não significa que você deva agora desfazer em nada todas as coisas, ou mandar o seu preclaro tentar desfazer em nada todas as coisas, mas isso pode mesmo ser feito.

AXIOMA VINTE E UM: COMPREENSÃO É COMPOSTA DE AFINIDADE, REALIDADE E COMUNICAÇÃO.

Nós compreendemos a compreensão um pouco melhor quando vemos que é simplesmente a capacidade de obter o As-is-ness de alguma coisa. Por exemplo, poderíamos dizer: „eu não percebo nada deste carro. Não percebo nada do que está errado com ele. Não pega”. E nós andamos à volta dele e olhamos para ele, e então descobrimos que não ligámos a chave. E ligamos a chave. Por outras palavras, nós compreendemos a coisa. Tínhamos apagado o facto que a chave não foi ligada e ligámos a chave (o que na verdade é praticar Alter-Is-ness). Se

andarmos à volta de um carro e dissermos „não comprehendo este objecto... não comprehendo este objecto... AH! é um carro!”, sentiremos imediatamente alívio. Sentir-nos-emos muito melhor com a coisa, mas se obtivéssemos a sua total As-is-ness ficaria ali só um *buraco*.

Logo, comprehensão é As-is-ness, e comprehensão, na sua totalidade, seria um Estático, e assim nós temos o facto de que a Vida sabe basicamente tudo o que há a saber antes de ser complicada com muitos dados, meramente porque pode postular todos os dados que conhece. Toda a sabedoria é inerente ao próprio estático. Um thetan que está em forma sabe tudo o que há a saber. Ele sabe o passado, o presente e o futuro. Ele sabe tudo. Isto não significa que saiba dados. Significa meramente que pode fazer As-is de qualquer coisa, e se pode fazer As-is de qualquer coisa, acredite, ele pode comprehendê-la.

A salvação do homem, eu disse várias vezes, depende do seu reconhecimento da sua fraternidade com o universo. Bem, interpretemos isto mal só um pouco e digamos: a salvação do Homem, se o quiser salvar do universo, dependeria da sua capacidade para fazer As-is-ness do universo físico, momento em que não teria um universo e seria a comprehensão total.

A comprehensão tem três partes: Afinidade, Realidade e Comunicação.

Você pode de facto compor, a partir de ARC, todas as matemáticas. Pode combinar ARC com matemática. Pode realizar tudo o que quiser com ARC. Lógica Simbólica, até cálculo, poderiam ser extrapolados de ARC.

Afinidade depende de Realidade e Comunicação. Realidade depende de Afinidade e Comunicação. Comunicação depende de Afinidade e Realidade. Se não acredita, tente um dia comunicar com alguém sem qualquer afinidade. Fique realmente furioso com alguém e então tente comunicar com ele. Não consegue. Tente que alguém seja razoável quando está muito zangado e descobrirá que a realidade dele é muito pobre. Ele não pode conceber a situação. Dirlhe-á algumas das coisas mais esquisitas. Não há mentiroso que minta como um homem zangado.

Se elevar a afinidade de alguém você elevará a realidade e comunicação. Se elevar a realidade, você elevará a afinidade e a comunicação. E a tônica deste triângulo acontece ser comunicação. Comunicação é mais importante do que afinidade ou realidade.

AXIOMA VINTE E DOIS: A PRÁTICA DE NOT-IS-NESS REDUZ A COMPREENSÃO.

Por outras palavras, está ali alguma coisa e nós dizemos que não está.

Alguém está a guiar estrada abaixo como um maluco e há um pedregulho enorme no meio da estrada, e quase qualquer pessoa, logo antes do estrondo, dirá que o pedregulho não está ali. E, caramba, está ali. E isto fá-lo sentir um thetan fraco. Ele falhou. E a parte engraçada é que se dissesse imediatamente: “faça-se As-is de um pedregulho da estrada”, em vez de negar que está ali, e se pudesse fazer uma duplicata perfeita, o pedregulho desapareceria.

Ele não o faz desta maneira. Como que põe alguma energia e empurra-a contra o pedregulho, e diz: „não está ali, não está ali. Eu nego”.

Bem, ele terá uma comprehensão sumamente débil da coisa toda.

Não quer comunicar com essa coisa, logo diz que não está ali. Não quer ter qualquer afinidade em absoluto por isso, logo diz que não está ali. E acredite, a sua realidade reduz-se. A prática de Not-Is-ness reduz a comprehensão, e isso é o que o Homem está constantemente a fazer. Ele está a tentar admitir que alguma coisa que não está ali, está ali, e que alguma coisa

que está ali, não está ali, e entre estas duas coisas, sem qualquer As-is-ness em absoluto ou sem novos postulados de qualquer tipo, ele está a passar um mau bocado.

AXIOMA VINTE E TRÊS: O ESTÁTICO TEM A CAPACIDADE DE TOTAL SABEDORIA. TOTAL SABEDORIA CONSISTIRIA DE TOTAL ARC.

Aqui nós temos uma condição de existência que é As-is. Isso seria sabedoria total. Bem, se tivéssemos alguém que pudesse dizer „As-is” a todas as coisas, e localizasse atrás todas as partes de tudo no seu tempo e localização originais, e simplesmente as tornasse como realmente eram, é claro, não ficaria nada a não ser um Estático. Teríamos zero. Nem sequer teríamos espaço.

Se, a propósito, quisesse fazer desaparecer todo este universo, você teria que ser capaz de abranger todo este universo. Teria que ser tão grande como o universo. Você poderia exercitar alguém até o ponto poder fazer isso.

AXIOMA VINTE E QUATRO: ARC TOTAL TRARIA O DESAPARECIMENTO DE TODAS AS CONDIÇÕES MECÂNICAS DE EXISTÊNCIA.

Todas as *condições* mecânicas de existência. Não provocaria a morte súbita de tudo. Provocaria a exteriorização de tudo. Significaria o desaparecimento de todo o espaço e de toda a forma, mecânicos.

Diferencie uma consideração, um postulado, de uma mecânica. Assegure-se de obter a diferença entre uma qualidade, como confiança total, uma qualidade como responsabilidade total, por outras palavras, as qualidades do topo do Quadro de Atitudes, e as mecânicas. Uma pessoa que quer á viva força as mecânicas e não tem nada a ver com considerações, acredita completamente que as considerações são sem valor, e que as mecânicas são a coisa („Você pode pôr as mãos nisso, pode sentir isso, pode tocar isso”), esta pessoa teria que ser completamente familiarizada com a existência destas mecânicas antes de poder fazer As-is delas suficientemente para alcançar um nível onde teria a capacidade de considerar. Ela desceu abaixo do nível das mecânicas.

É por isso que o Procedimento de Abertura 8C, que familiariza a pessoa com o seu ambiente imediato, funciona como o faz.

Bem, quando dizemos mecânicas, queremos dizer espaço, energia, objectos e tempo. E quando alguma coisa contém essas coisas, estamos a falar de algo mecânico. É aquilo que desapareceria se fizesse As-is de toda a existência, só as mecânicas, e você poderia dar logo meia volta e postular tudo outra vez, também com grande facilidade.

AXIOMA VINTE E CINCO: A AFINIDADE É UMA ESCALA DE ATITUDES QUE SE AFASTA DA COEXISTÊNCIA DO ESTÁTICO ATRAVÉS DE INTERPOSIÇÕES DE DISTÂNCIA E ENERGIA PARA CRIAR IDENTIDADE, ATÉ UMA ESTREITA PROXIMIDADE COM MISTÉRIO.

Afinidade, em termos de mecânicas, é simplesmente uma questão de distância. Afinidade é basicamente uma consideração, mas representa-se a si própria mecanicamente. Por exemplo, *Sabedoria Total* desce para *Olhar*. Você tem que olhar para descobrir. Bem, vamos diferenciar isto de simplesmente saber sem olhar. Nós desemos para Olhar, agora vamos só um pouco mais para baixo. (Esta escala de Saber-a-Mistério é, a propósito, uma escala de Afinidade). Nós entramos em *Emoção*, e então já não obtemos conhecimento olhando. Temos que ter conhecimento através de emoção. Gostamos disso, repugnamos isso. Há partículas em emoção: „eu não gosto disso”, por outras palavras „tenho algumas partículas de raiva sobre isto” ou

„tenho algumas partículas de ressentimento”, e, a propósito, um preclaro tem a mente reactiva cheia destas partículas de emoção.

Agora se eu „tiver que sentir a coisa para saber que está ali”, entro imediatamente em *Esforço*. E a minha afinidade por alguma coisa seria boa se eu pudesse senti-la, e não seria boa em absoluto se a não pudesse sentir. Você tem um Passo V, um V Negro, que está a jurar pelas mecânicas (e por todas as formas de vida) e constrói bombas atómicas e coisas que tais, e diz-lhe que não pode contactar a vida. Ele não pode contactar esta coisa chamada Estático, por isso „não pode acreditar nele”. Isto é muito interessante. Você pergunta-lhe porquê, e ele diz: „Bem, eu não posso senti-lo”. Ele está a torcer a serpente ao contrário, logo comer-lhe-á o rabo. Está a provar tudo de cima abaixo e de trás para a frente. Diz que não pode perceber a existência de algo que não pode sentir. E a parte estranha disso é que nós podemos medir electronicamente a existência de vida. Há um pequeno aparelho de medida em que fizemos alguns testes e de facto podemos demonstrar que o indivíduo pode ligar outro indivíduo a alguma distância uma corrente eléctrica considerável, bastante para fazer esta pequena máquina sentar-se e cantar. E a outra pessoa pode liga-la à vontade, e a pessoa em que está a ser ligada não pode pará-la. Eis uma manifestação que pode ser medida. Também aqui nós fizemos o impossível. Fizemos o impossível em muitos lugares em Cientologia. Você não pode medir um Estático, mas nós fizemo-lo tendo uma pessoa a uma distância a pôr uma mecânica em existência.

Quando uma pessoa baixa para Esforço nesta escala, então está num nível onde „tem que trabalhar”, *tudo* tem que ser trabalho. Ela tem que tocar tudo, sentir tudo, antes de poder saber qualquer coisa. Uma pessoa na faixa de Esforço, a propósito, e à medida que desce à parte inferior daquela faixa, tem fac-símiles. Ela tem quadros de imagem mental. Fará mesmo coisas esquisitas como isto: obterá uma imagem para saber *o que lhe está a acontecer a ela*. Por outras palavras, obterá um quadro de imagem mental de um incidente passado a fim de obter uma ideia. Ele obtém a imagem e então obtém a ideia. Não obtém a ideia e então a imagem. Você vai querer observar isso. Algum dia encontrará um preclaro que está a fazer isto. Você estará a dizer: „certo, obtém a ideia de ser perfeito”. E o seu preclaro senta-se ali e dirá: „já está”. Você vai querer perguntar-lhe: „Como fizeste isso?” É uma pergunta maravilhosa para fazer a um preclaro em qualquer altura. „Como fizeste isso?” E ele dirá: „bem, é claro, tal como toda a gente. Eu obtive esta imagem e esta imagem surgiu e eu olhei para a imagem e ela disse: ‘sê perfeito’, e mostrou-me um círculo, e um círculo... bem está perfeito”. É como o seu preclaro estava a fazer isso. Ele não estava a fazer o postulado em absoluto. Estava à espera que uma imagem viesse e lhe dissesse de que se tratava.

Agora descemos de Esforço para Pensamento e obtemos o nosso caso de „matutar”. Este caso é difícil de se dar bem. *Ele não pode trabalhar*. Vida não é particularmente composta de pensamento. É composta de espaço e acção e todos os tipos de coisas. O Estático pode fazer todas estas coisas, e não necessariamente ser „todo pensamento puro”. Pensamento surge na escala no nível abaixo de Esforço. E entra como matutar-matutar-matutar-matutar-matutar. Agora uma pessoa pode *postular* sem *pensar*, e se isso é o que nós queremos dizer com pensamento, está bem. Mas usualmente o que as pessoas querem dizer com pensamento é matutar-matutar. „Vou matutar nisto e obterei uma computação e um cálculo, e adiciono isto... agora deixa-me ver... podes ir ao cinema? Não sei”, o tipo de resposta que uma criança recebe. „Agora deixa ver. Terei que reflectir sobre isso. Dá-me alguns dias”.

Nós não sabemos como toda esta mecânica entrou num postulado, mas eles deixaram-na entrar ali. De forma que é o nível de *Pensamento*.

Agora descemos pela escada abaixo de Pensamento, e entramos em *Símbolos*. *Um símbolo contém massa, significado e mobilidade*. Um símbolo é alguma coisa que está a ser manejada

a partir de um ponto de orientação, um ponto imóvel em relação ao símbolo. Está imóvel, e o símbolo está em movimento, e tem massa e significado e mobilidade. „De onde és?” „Eu sou de Nova Jersey”. Este fulano está a dizer-lhe que é *de* um ponto de orientação chamado Nova Jersey. É imóvel, e à medida que corre à volta do mundo, ele é sempre de Nova Jersey. Ele tem massa e significado e mobilidade. Tem um nome. Quando uma pessoa cai na escala abaixo de matutar-matutar, ela está num ponto onde *matuta com símbolos*. Agora isso é uma condensação, não é? Cada um destes foi uma condensação.

O próximo abaixo, abaixo de Símbolos, é *Comer*. Animais comem animais. Animais são símbolos, e eles comem outros símbolos e pensam que têm que ficar vivos comendo outros símbolos. Isto é realmente giro, e comer é bastante importante, é claro, e pode ser muito divertido, mas aqui você tem uma *real* condensação. Por outras palavras, o Esforço ficou tão condensado que se transformou num tipo de Pensamento invertido, e isso tornou-se tão condensado que empacotou pensamento, foi o que aconteceu ali, tornou-se tão condensado que se tornou um Símbolo. Por exemplo, uma palavra é todo um pacote de pensamento. Logo, um pensamento empacotado é um símbolo, e símbolos acumulados são um prato de feijões.

Abaixo disso, quando uma pessoa já não acredita que pode comer, quando ela pensa que não vai sobreviver, ela entrará na faixa do *Sexo*. Se o gado passar fome começará a procriar durante algum tempo, e se o alimentar muito bem ele parará com a procriação. Bastante irracional, mas quem disse que isto era racional? O gado que passa fome ou tem falta de certos elementos de comida decidirá: bem, viveremos outra vez numa outra qualquer geração, e criaremos muitos bezerros. Claro que não há nada para alimentar os bezerros, mas eles não prestaram muita atenção a isso. No Arizona temos um facto interessante, nós temos algum gado muito bonito que tem deixado de procriar. Só que foram alimentados bem demais. A maneira desse gado procriar outra vez seria simplesmente começar a passar fome. A propósito, Freud estava tão condensado que teve que chegar ali ao fundo, àquele nível de condensação do *Sexo*, „a fim de o descobrir”.

Abaixo de *Sexo* nós temos um nível novo de sabedoria, o nível de *Mistério*.

Mistério é claro é o deslocamento completo de tudo, e tudo numa confusão formidável. A anatomia do *Mistério* é imprevisão, confusão e então oclusão total. Primeiro ele não podia prever algumas partículas, e então tudo lhe parecia terrivelmente confuso, e então ele apenas fechou tudo e disse: „não olharei mais para isso”. É isso o que *Mistério* é, e os Passos Cinco estão, a propósito muito, muito preocupados com *Mistério*. Eles estão muito envolvidos em Pensamento e a tentar resolver o *Mistério*. Bem, o *Mistério* já está resolvido numa verdade última. A solução última, é claro, é simplesmente o *As-is-ness* do problema. E o *As-is-ness* de um *Mistério* é simplesmente o *Mistério*. É realmente só o que há nisso. Realmente não há nada a saber de um *Mistério*, excepto o próprio *Mistério*. É só *As-is-ness*. Mas *Mistério* é o nível de pretender sempre que há algo a saber anterior ao *Mistério*.

Resumindo, temos, sob o Axioma Vinte e Cinco: pela prática de *Is-ness* (Entidade) e *Not-Is-ness* (recusa de Ser) a individualização progride da *Sabedoria de completa identificação para baixo através da introdução de cada vez mais distância e cada vez menos duplicação, através de Olhar, Emoção, Esforço, Pensar, Simbolizar, Comer, Sexo, e, através disto, para não-sabedoria (Mistério)*. Até o ponto de *Mistério* ser alcançado é possível um pouco de comunicação, mas até em *Mistério* continua uma tentativa de comunicar. Aqui nós temos, no caso de um indivíduo, um afastamento gradual da convicção de que se pode assumir uma completa Afinidade até à convicção de que tudo é um *Mistério* completo. Qualquer indivíduo está algures nesta escala de *Saber-a-Mistério*. O Quadro original de Avaliação Humana era a secção de *Emoção* desta escala.

CAPÍTULO QUINZE

AXIOMAS

(Parte 3)

Estes Axiomas de Afinidade, Realidade e Comunicação são inerentes a tudo o que estamos a lidar em Cientologia.

Eles são de uma importância e utilidade extremas. Se você quer ver de onde vem uma quebra numa linha de comunicação, bem, procure uma pequena de falta de afinidade, e se quer auditar alguém que está a passar um mau bocado, então é preferível auditá-lo com considerável afinidade. Se demonstrar bastante afinidade de uma forma ou de outra, você poderá superar a sua relutância de comunicação.

É muito importante compreender que todas estas coisas são basicamente considerações. Temos que considerar que elas existem antes que elas existam. Nós cobrimos nesta banda as considerações segundo as quais o Homem compôs a sua existência.

O homem decidiu que certas coisas existem, e concordou muito completamente com elas, logo elas existem para todos os homens. E se nunca tivesse decidido estas várias existências, elas não existiriam.

Então nós olhamos para Afinidade, Realidade e Comunicação. Estamos a olhar para uma longa série de considerações que o Homem tem em comum. Estas não são considerações simplesmente porque nós em Cientologia consideramos que elas existem. Nós podemos fazer coisas enormemente importantes com esta informação, esta codificação da organização deste universo, que abrangeu um período algo da ordem de magnitude de setenta e seis triliões de anos, e para ser capaz de estourar isso e desagregá-lo é uma autêntica, interessante façanha.

Ao olhar o assunto da afinidade vemos que a primeira coisa a saber é que é uma consideração, e então que no triângulo ARC, a distância da comunicação é representada pela afinidade num grau marcante, e pelo tipo de partícula.

Eles dizem que a ausência faz crescer o afecto no coração. Acontece que isto é uma mentira, mas você poderia postulá-lo daquela maneira e fazê-lo surgir. Também poderia dizer-se que separando duas pessoas para bastante longe, é provável que se zanguem uma com a outra. Um país luta com outro país como resultado de estarem bastante longe para se poderem zangar. Alguém muito furioso consigo está no outro lado de uma linha telefónica. Quando o foi ver ele já não estava furioso consigo. Isso é uma inversão da situação. Você encurtou a distância, logo alcançou uma melhor afinidade. Há muitas maneiras de manejar isto, mas, outra vez, é basicamente uma consideração.

AXIOMA VINTE E SEIS: A REALIDADE É A APARÊNCIA DA EXISTÊNCIA CONCORDADA.

Todo o assunto da Realidade é confuso para as pessoas que não adicionam à Realidade Afinidade e Comunicação. Não é „Esta é a minha realidade e essa é a sua realidade”.

A pessoa pode postular qualquer coisa que ela queira, e tem uma realidade pessoal. Ela simplesmente poderia dizer: „está ali”, ou „isso é real”. Ou pode surgir-lhe um fac-símile mais real para ela do que o verdadeiro universo à sua volta: o psicótico para quem os fac-símiles são de longe mais reais do que qualquer outra coisa que existe. Bem, estas são duas condições que

nós não reconhecemos como realidade. Por um lado a pessoa postula meramente uma realidade, de forma que é a realidade dele e as outras pessoas não concordam com ela. Por outro lado também é uma realidade não concordada, e isso é uma realidade *alter-determinada*. Alguém lhe deu um fac-símile que realmente o impressionou, logo isto parece-lhe mais real do que a realidade. Por outras palavras, nós temos postulados autodeterminados completos, e postulados alter-determinados completos, nenhum dos quais é o que nós consideramos *realidade*. Trata-se de extremos.

O que nós na verdade consideramos realidade está *no meio* deles. Ou seja: *aquilo com que nós concordamos é real*. Você e eu concordamos que há ali uma parede, e há ali uma parede. Nós concordamos que há ali um tecto, e há ali um tecto. Isso é real simplesmente porque você e eu concordámos, seguramente, que é como é. Agora se alguém entrasse na sala e olhasse para quarenta pessoas sentadas e dissesse: „o que é que todos vocês representam?” bem, você teria alguma tendência para acreditar que havia alguma coisa errada com este fulano. De facto a sociedade usa a *selecção natural* para descriminar pessoas que tem muita realidade pessoal e muita realidade alter-determinada. Se esta pessoa entrasse e dissesse: „o que é que todos vocês representam?”, se ele fizesse isso constantemente com vários coisas e dissesse: „o que é que aquele leão está a fazer a andar pelo tecto?” haveria uma tendência para o encarcerar. Por outras palavras, ele seria apartado da sociedade onde não procriaria. Por outras palavras, pelo menos tiraríamos de facto estas pessoas do alinhamento genético. São chamados loucos.

Agora nós temos aqui em Realidade um assunto muito abrangente, porque Realidade é de facto *Is-ness*. E irrealidade é *Not-Is-ness*. Um esforço para eliminar coisas com energia. Tentar eliminar coisas com energia foi referido com graça em lugares tais como a Bíblia e diziam: „quem vive pela espada morre pela espada” e alguém disse uma vez: „dá a outra face”, e o que estas pessoas estavam a dizer de facto era: lutar contra força com força não provoca nada que se pareça como uma duplicata perfeita.

Talvez não soubessem que estavam a dizer isso. Mas usar força para combater força provoca Irrealidade. Por estranho que pareça, usar força para *construir* força provoca realidade.

A alteração contínua dá um *Is-ness*... um *Not-Is-ness*, dizer que isso não existe, dá irrealidade. Assim ali nós temos Realidade e Irrealidade definidos.

Agora como é que você pode usar este princípio de Realidade em audição?

Realidade é basicamente acordo. Um acordo *mecânico* é: duas formas precisamente iguais. Por outras palavras, uma forma é a cópia da outra. Isso é mímica, e nós aprendemos por mímica, que é o nível mais baixo de entrada para ARC, e, em qualquer caso, é muito bom um auditor sabê-lo. O que nós sabemos então como realidade é: a aparência da existência concordada.

AXIOMA VINTE E SETE: UMA VERACIDADE PODE EXISTIR PARA UMA PESSOA INDIVIDUALMENTE, MAS QUANDO ELA TEM A CONCORDÂNCIA DE OUTROS, PODE ENTÃO DIZER-SE REALIDADE.

E nós achamos que essas coisas que ficaram sólidas para nós, muito fixas, têm que ter sido concordadas por outros.

A anatomia da Realidade está contida em Is-ness, que é o composto de As-is-ness e Alter-Is-ness. Is-ness é uma aparência, não uma Realidade. A Realidade é As-is-ness alterada para obter persistência. A irrealidade é a consequência e aparência da prática de Not-Is-ness.

Este acordo faz parte do As-is-ness total deste universo.

Se perguntar um preclaro: „algumas coisas com que não se importaria de concordar”, ou „alguma coisa que poderias fazer com que outra pessoa concordasse”, e assim por diante, você notará uma mudança no caso. Porquê? Nós estamos a melhorar o seu nível de acordo. Ele está realmente subjugado por certas considerações, e até que ele postule diferentemente, continuará com essas considerações. É assim que alguém é *fixado* a alguma coisa.

Toda a existência deste universo é de facto percorrida muito como um transe hipnótico.

O pior de um grupo é, quer dizer, quanto menos comunicação eles têm mais comunicação pode de facto ser forçada neles, e você vê ali uma forma de hipnotismo, mas a coisa interessante é que eles devem ter sido preparados por um número enorme de acordos antes de entrarem naquele estado. Por outras palavras, outrem os preparou, logo não se importaram com quem concordaram pouco depois. Quando alguém de uniforme de um grau mais alto vai até um soldado e lhe diz que faça alguma coisa, o soldado fá-lo-á. Bem, esta é uma forma de hipnotismo. Você poderia levar um grupo a concordar: primeiro que você simplesmente estava ali, e então o próximo acordo que poderia conseguir seria o facto deles o estarem a ouvir a si, e então dar-lhes-ia algumas pequenas coisas com as quais eles concordariam, e a certa altura poderia dizer-lhes que o mundo estava a arder, e a audiência correria lá para fora para descobrir, ou talvez apenas se sentassem ali e ardessem.

Agora de que se trata? Isso significa que quem provoca um acordo provocaria hipnotismo? Oh, não.

A razão porque em Cientologia nós não provocamos hipnotismo mesmo em Procedimento de Abertura por Duplicação, é que nós estamos a *desfazer* os acordos que as pessoas têm feito durante setenta e seis triliões de anos. Nós estamos a desfazê-los, por isso a audição torna uma pessoa cada vez mais livre, e cada vez mais livre.

Agora, este fulano no palco que simplesmente consegue da audiência concordância e concordância e concordância e concordância, e então lhes diz que o lugar está a arder, realmente não está na direcção de os tornar mais livres, ou está? Sua A intenção é inteiramente diferente. Não é que intenção esteja acima de acordo, mas é que *consideração* está sempre acima de acordo, e ele está a tentar trabalhá-los para uma situação em que eles aceitem o que ele diz sem perguntas. Em Cientologia não estamos interessados em que alguém aceite o que nós dizemos sem perguntas. Nós pedimos-lhes que questionem a coisa. Nós pedimos-lhes por favor que olhem para o universo físico, por favor que olhem para as pessoas, para a sua própria mente, e compreendam *desse modo* que o que estamos a dizer acontece ser verdadeiro. Esta é a série de acordos. Estes *são*. Eu poderia conseguir que as pessoas concordassem comigo em muitas coisas, e de vez em quando lançar-lhes uma bola com efeito. Podia imperceptivelmente introduzir um dado falso na ciência, e houve quem fizesse este tipo de coisas, mas podem ir atrás neste desenvolvimento e ver que o que estamos a fazer é traçar o mapa do que aconteceu em setenta e seis triliões de anos de um universo.

Os seus acordos chegaram finalmente ao ponto em que você acredita que este universo está todo aqui, e aquilo com que está a concordar, felizmente, são as muitas coisas que aceitou. Nós não lhe estamos a dar coisas novas, estamos é a dar-lhe velhas coisas, e, compreendendo estas coisas velhas que redescobrimos, você fica livre.

Que sentimento de Irrealidade é este que as pessoas têm, esta inconsciência, perturbação e esquecimento e assim por diante, uma lista de desconfortos dos seres. De facto o esquecimento vem de um esforço para fazer desaparecer coisas, pressionando-as com energia. Você pode imaginar que, se fizermos bastante força contra um pensamento e dissermos que não está ali enquanto ainda lá está, bem, tornar-nos-emos seguramente esquecidos. E se forçarmos o

bastante ficaremos inconscientes. Mas lembre-se que tivemos que postular que podemos esquecer, e tivemos que postular que podemos ficar inconscientes antes de qualquer destas coisas poder acontecer. As pessoas agitam-se à espera de ir dormir, então dizem: „vou dormir”. Bem, inspeccione a R2-40 e compreenderá porque é que a coisa apropriada a fazer é simplesmente dizer: „estou a dormir”. „Bem”, eles dizem: „isso é mentira”. Não, não é mentira, a menos que você considere que está acordado. Agora, se dissesse: „eu estou acordado, e agora vou dormir”, bem, é claro, você não iria dormir. O ponto aqui é que você poderia fazer em qualquer momento um primeiro postulado.

Chegamos à fórmula de comunicação.

AXIOMA VINTE E OITO: A COMUNICAÇÃO É A CONSIDERAÇÃO E ACÇÃO DE LANÇAR UM IMPULSO OU PARTÍCULA DE UM PONTO DE ORIGEM ATRAVÉS DE UMA DISTÂNCIA PARA UM PONTO DE RECEPÇÃO, COM A INTENÇÃO DE CRIAR NO PONTO DE RECEPÇÃO UMA DUPLICAÇÃO DO QUE EMANOU DO PONTO DE ORIGEM.

Agora compreenda esta palavra *duplicata como cópia*, e nós temos *duplicata perfeita*, o que significa As-is. Quando nós falamos de uma duplicata, significa meramente uma cópia. Cópia, fac-símile, duplicata, são bastante a mesma coisa, e quando estamos a dizer duplicata perfeita queremos dizer o objecto criado outra vez no seu lugar, no seu tempo, com a sua própria energia. Logo, nós enviamos um telegrama de Nova Iorque que diz: „amo-te” e chega a São Francisco dizendo: „abomino-te”. Algo aconteceu ali de que não temos uma duplicação. Bem quanto mais mecânico um indivíduo se torna menos ele pode duplicar e menos pode fazer duplicatas perfeitas, logo não pode fazer As-is de nada. Ele cai para um ponto onde não pode fazer uma cópia. Você diz: „vira ali aquela esquina e diz à Betty que eu a amo”, e ele vira a esquina e diz: „o José disse uh... que lhe dissesse que a abomina”. Numa linha de soldados nós sussurramos uma mensagem: „hora H às 10”, e quando passa deste modo por uma dúzia de soldados achamos no outro extremo: „comemos feijões à ceia”. É uma inabilidade para fazer cópias. E é uma coisa muito destrutiva, e a mais importante em comunicação. Uma declaração exequível da fórmula de comunicação é simplesmente: *causa, distancie, efeito com uma boa cópia em efeito do que emanou de causa*. Isso realmente é tudo o que você precisa saber sobre comunicação.

AXIOMA VINTE E NOVE: PARA QUE UM AS-IS-NESS PERSISTA HÁ QUE ATRIBUIR À CRIAÇÃO OUTRA AUTORIA QUE NÃO A PRÓPRIA. DE OUTRO MODO, VÊ-LA PROVOCARIA O SEU DESAPARECIMENTO.

Qualquer espaço, energia, forma, objecto, indivíduo, ou condição do universo físico, só pode existir quando ocorreu uma alteração do As-is-ness original para impedir uma visão casual de os desvanecer. Por outras palavras, qualquer coisa que está a persistir tem que conter uma „mentira” para que a consideração original não seja completamente duplicada.

Se o José criou alguma coisa e então disse: „foi o Bill que fez isto”, isso é uma mentira, logo obtém persistência emanando de um segundo postulado, a mentira.

AXIOMA TRINTA: A REGRA GERAL DE AUDIÇÃO É QUE, QUALQUER COISA QUE É INDESEJÁVEL E QUE AINDA ASSIM PERSISTE, DEVE SER TOTALMENTE OBSERVADA, MOMENTO EM QUE DESAPARECERÁ.

Se apenas parcialmente observada, a sua intensidade pelo menos diminuirá.

AXIOMA TRINTA E UM: BONDADE E MALDADE, BELEZA E FEIURA, SÃO CONSIDERAÇÕES SEMELHANTES E NÃO TÊM NENHUMA OUTRA BASE A NÃO SER OPINIÃO.

AXIOMA TRINTA E DOIS: QUALQUER COISA QUE NÃO É DIRECTAMENTE OBSERVADA TENDE A PERSISTIR.

É verdade que se você não Faz As-is e já disse que a coisa vai estar ali, bem naturalmente estará ali. Mas é pior do que isso. Você encontra alguém a trabalhar e prestando alguma atenção ao trabalho, mas nunca prestando qualquer atenção à máquina. E você vê que ele tem fac-símiles da máquina empilhados em toda parte. Ele nunca fez As-is da máquina. Ou você encontra alguém que olhou sempre para objectos iluminados em quartos escuros e nunca olhou para a escuridão vendo finalmente nada mais do que escuridão quando fecha os olhos. Por outras palavras ele terá um „o banco negro”.

AXIOMA 33. QUALQUER AS-IS-NESS ALTERADO POR NOT-IS-NESS (PELA FORÇA) TENDE A PERSISTIR.

AXIOMA 34. QUALQUER IS-NESS QUANDO ALTERADO PELA FORÇA, TENDE A PERSISTIR.

AXIOMA 35. A VERDADE ÚLTIMA É UM ESTÁTICO.

Um Estático não tem massa, nem significado, nem mobilidade, nem comprimento de onda, nem tempo, nem localização no espaço, nem espaço.

Isto tem o nome técnico de „Verdade Básica”.

AXIOMA TRINTA E SEIS: UMA MENTIRA É UM SEGUNDO POSTULADO, DECLARAÇÃO OU CONDIÇÃO CONCEBIDA PARA MASCARAR UM PRIMEIRO POSTULADO O QUAL É PERMITIDO PERMANECER.

Exemplos:

Nem a verdade nem a mentira é um movimento ou alteração de uma partícula de uma posição para outra.

Uma mentira é uma declaração de que uma partícula tendo-se movido, não se moveu, ou uma declaração de que uma partícula não se tendo movido, moveu-se.

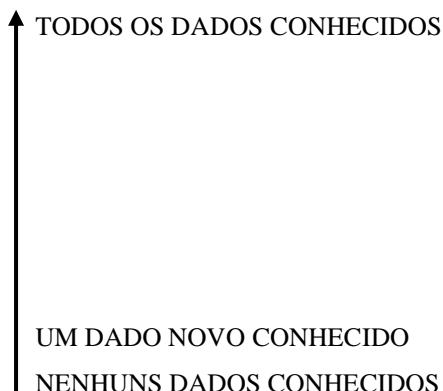
A mentira básica é que uma consideração que foi feita, não foi feita ou que foi diferente.

AXIOMA TRINTA E SETE: QUANDO UMA CONSIDERAÇÃO PRIMÁRIA É ALTERADA MAS AINDA EXISTE, A PERSISTÊNCIA É ALCANÇADA PELA CONSIDERAÇÃO ALTERANTE.

Toda a persistência depende de uma verdade básica, mas a persistência é da consideração alterante, pois a verdade básica não tem nem persistência nem impersistência.

Agora nós chegamos a algo tremendamente interessante porque é a prova do facto que alcançámos uma verdade última e uma solução última. E aquela verdade última é, ela própria muito, muito importante para um auditor, porque isso lhe diz se a Cientologia é ou não um assunto total.

Nós poderíamos mostrar através de uma linha que representa conhecimento, de baixo para cima para cima a partir de nenhum conhecimento como segue:



De nenhum dado a um dado novo, para finalmente, no topo, TODOS os dados conhecidos.

Mas isto é de facto um círculo. No topo está NENHUNS DADOS CONHECIDOS, logo antes o topo é TODOS OS DADOS CONHECIDOS, à medida que vamos para o topo e então voltamos a NENHUNS DADOS, vamos então para o próximo ponto de UM DADO NOVO CONHECIDO, e assim por diante à volta do círculo para cada vez mais, e então TODOS os dados, e então outra vez nenhum dado:



Você vê que neste círculo tudo conhecido e nada conhecido são adjacentes.

Bem, nós alcançámos aquele ponto em Cientologia porque sabemos que a verdade última, a solução última, é o Estático.

A solução para um problema é o As-is-ness do problema, porque com solução queremos dizer: o que fará este problema dissipar-se e desaparecer. Com As-is-ness nós alcançámos a solução para todos os problemas. Nós alcançámos uma verdade última. De forma que sabemos que temos em Cientologia um assunto total.

AXIOMA TRINTA E OITO:

1. A ESTUPIDEZ É A IGNORÂNCIA DA CONSIDERAÇÃO.
2. DEFINIÇÃO MECÂNICA: A ESTUPIDEZ É A IGNORÂNCIA DO TEMPO, LOCAL, FORMA E EVENTO.

Ele sabe que alguma coisa aconteceu, mas não sabe o que aconteceu. Não pode adicioná-lo. Não pode fazer nada com isso. Nós chamamos a isso estupidez.

1. A VERDADE É A CONSIDERAÇÃO EXACTA.

2. A VERDADE É O TEMPO, LOCAL, FORMA E EVENTO EXACTOS.

Assim vemos que o fracasso na descoberta da verdade origina estupidez.

Assim vemos que a descoberta da verdade origina um As-is-ness por experiência real.

Assim vemos que a verdade última não teria tempo, local, forma ou evento.

Assim, então, percebemos que só podemos conseguir persistência quando mascararmos uma verdade.

Mentir é alterar o tempo, local, evento ou forma.

Mentir torna-se alter-is-ness, e torna-se estupidez.

(O negrume dos casos é uma acumulação das mentiras do caso do próprio ou de outrem).

Tudo o que persistir, tem que evitar o As-is-ness. Assim, para que algo persista, tem que conter uma mentira.

Ele diz: „eu sou um homem”, logo ele é um homem. Isso é a consideração exacta. Ele não está a mentir enquanto disser que é um homem e então mascarar ou esconder o facto de que ele é um homem, e disser: „eu sou uma mulher”, Agora a parte estranha disso é que ele fez uma verdade quando fez o primeiro postulado. E o que negou essa verdade persistiu então. O *segundo postulado* persiste sempre. Eu dou-lhe R2-40. A dissertação em R2-40 do Manual (A Criação da Capacidade Humana) torna isto muito mais claro. O segundo postulado introduziu tempo. Persistência é tempo, e é tudo. Mortalidade, imortalidade, é uma questão de tempo. Também é uma questão de Identidade, mas é basicamente tempo. Aquilo que está a persistir quer dizer que está dar tempo. E se você assumir que depois de fazer um postulado teria então algo que lhe permitisse fazer outro postulado, teria que postular tempo ali, não teria? É bastante interessante. De forma que o seu segundo postulado introduziu então tempo, meramente porque é o segundo postulado. Você teve que introduzir tempo. Você vê, não há tempo no Estático, nativamente. Tempo é só uma consideração. Certo. Logo você introduz tempo. Você obtém uma mentira. Agora sempre que o primeiro postulado é mascarado (isto é a propósito mecânico, é assim que funciona) e você pôs um segundo postulado na frente do primeiro postulado, é o segundo postulado que persiste, mas a sua força deriva do primeiro postulado.

Este dado, segundo o qual estupidez é a ignorância da consideração, foi introduzido na solução deste assunto de Cientologia e da vida. Bem, então verdade é *conhecimento* da consideração, não é? Logo ali nós temos aquela duplicata perfeita. Nós descobrimos que quando obteve o As-is-ness de qualquer coisa, fazendo uma duplicata perfeita, essa coisa desapareceria. Logo, a verdade é uma duplicata perfeita. Mas isso é um desaparecimento. Bem, se isso é então um desaparecimento, tudo que resta é o Estático. De forma que a verdade é o Estático. E isto prossegue tão claramente como isso. É uma prova mecânica. É tão mecânica quanto qualquer tipo de prova desejada em qualquer campo da matemática. É totalmente mecânico.

Agora, outra vez, um problema só é uma solução quando você obtém o As-is-ness do problema. Nós obtemos o As-is-ness do problema, por isso o que é que nos resta? O As-is-ness do problema, e não temos nada. Oh, mas nós não temos nada... nós temos um Estático. Logo descobrimos que a verdade última também é a verdade básica, que não contém tempo, nem movimento, nem massa, nem comprimento de onda, e também que a solução última não contém tempo, nem movimento, nem massa, nem comprimento de onda. Logo voltamos a alguma coisa que não é um imponderável: um destes Estáticos existe e pode existir? Sim, também isso nós podemos sujeitar a prova, e podemos sujeitar isso imediatamente a prova, instantânea e facilmente. Sem problemas.

Você apenas pergunta a alguém que não esteja numa condição muito má: „fica um metro atrás da tua cabeça!”. Você pode pedir-lhe para estar em qualquer lugar, aparecer em qualquer lugar do universo, e ele pode fazê-lo. Você pede-lhe que construa espaço e energia, e ele pode fazê-lo. Você pode inspeccionar se de facto isto está ou não a acontecer. E descobre que está a acontecer, e descobre que o Homem é basicamente um Estático. Logo ele não se move. Ele *aparece*. Por isso nós temos esta coisa chamada Estático. Nós temos a duplicita perfeita, o As-is-ness. Nós temos uma verdade última e nós temos uma solução última. Neste ponto da Cientologia encerramos o assunto. Há um grande número de pontos fortes na banda onde estão muitos dados escondidos, e caos e confusões e esse tipo de coisas, que ultrapassámos, muitas coisas que não descrevemos adequadamente; por exemplo eu nem sequer estou completamente satisfeito neste momento com nossa descrição de Afinidade, mas posso dizer isto: são pontos conscientemente ultrapassados.

A outra noite (às duas da manhã)achei de repente que tinha chegado à beira de um precipício e estava a olhar para o Fim de Banda. Não há mais estrada para além, e é tudo, porque nós voltamos ao Estático e descobrimos o que este Estático é, podemos demonstrar a sua existência, podemos demonstrar o que faz, podemos provar isso e podemos todos concordar com aquela prova, e podemos fazer coisas maravilhosas e milagrosas com isso. Os quarenta processos contidos no Manual do Auditor* podem fazer essas coisas assim mesmo.

Quando se sabe bem este material e se pode aplicar em alguns dos primeiros destes processos, você estará a fazer muito, muito bem.

*O Manual de auditor: 1954 edição do livro que, grandemente expandiu, tornou-se A Criação de Capacidade Humana por L. Ron Hubbard.

CAPÍTULO DEZASSEIS

AXIOMAS

(Parte 4)

Tendo estes Axiomas interessamo-nos agora particularmente por todo este assunto da verdade e o seu verdadeiro uso em audição. Nós vemos imediatamente que qualquer problema de qualquer carácter ou âmbito é assunto básico de um Cientólogo. Se você tem alguém que quer saber de soluções, é certamente melhor não lhe dar uma solução para um problema, mas a solução para problemas, e que, é claro, seria uma verdade básica e última. Bem, se puder descrever uma verdade básica e última, e a descrever exactamente, você não tem nenhum problema em absoluto com resolver problemas.

Nós vemos que o fracasso em descobrir a verdade provoca estupidez. Uma pessoa começa a acreditar que é estúpida se não puder fazer As-is.

Nós vemos que a descoberta da verdade provocaria um As-is-ness, através de verdadeira experiência, e por isso vemos que uma verdade última não teria qualquer tempo, lugar ou forma. Fosse o que fosse que tivéssemos ali, desapareceria simplesmente se descobrissemos uma verdade última. A verdade última é uma duplicata perfeita e por isso um Estático. E, operacionalmente, alcançar um Estático seria fazer uma duplicata perfeita.

Nós vemos que uma mentira, como nós a compreendemos, é uma alteração de tempo, local, evento ou forma, e que só mentiras persistem.

Temos que ter um postulado básico, e então outro postulado, antes de obtermos tempo. Dois postulados. Não podemos ter tempo com um postulado, a menos que seja o postulado de que haverá tempo. Isso poderia ser um postulado. Mas normalmente, em operação, vemos que são necessários dois postulados para alcançar tempo.

Agora qual destes postulados persistirá se os dois postulados se negam um ao outro: o segundo vai persistir, porque é um postulado de tempo.

Mentir torna-se um Alter-Is-ness, e torna-se estupidez. Por outras palavras, nós não descobrimos onde a coisa está, nós não descobrimos exactamente como é, logo não podemos desfazê-la, e pronto. A única coisa que podemos possivelmente fazer com isso é Not-is ou um pouco mais Alter-is, ou fazer o mesmo que um V Negro, agitá-lo e esperar que desapareça. Ela não faz As-is. Não desaparece.

Por estranho que pareça, a mentira desenvolver-se-á em estupidez. Também se desenvolve em mistério, para este negrume com o qual os indivíduos estão tão transtornados. É só uma alteração de tempo, local, evento ou forma, depois do facto de ter sido criado.

Haveria aqui dois tipos de mentiras. Uma mentira *mecânica* não conduz a negrume. *Mentira mecânica*: fazemos um mock-up de algum espaço e pomos um objecto nesse espaço, e então movemo-lo. O momento em que nós o movemos, mentimos sobre isto. Nós dissemos que está ali quando de facto foi criado na primeira localização. Agora, devido ao facto que há só consideração, isto, é claro, provocaria mecanicamente uma mentira. Não desaparece, não faz nada peculiar movendo-o simplesmente. O mero manejo de energia não provoca estupidez. Além de simplesmente mover alguma coisa é preciso outra consideração para provocar uma oclusão.

Agora, qualquer coisa, para persistir, tem que evitar As-is-ness, e por isso, qualquer coisa, para persistir, para realmente persistir, tem que conter uma mentira. E eis o próximo Axioma:

AXIOMA TRINTA E NOVE: A VIDA COLOCA PROBLEMAS PARA A SUA PRÓPRIA SOLUÇÃO.

Agora o que é que nós achamos aqui, num problema? Encontramos algo que está a persistir cujo As-is-ness não pode ser prontamente obtido, e isso seria a definição de um problema. Agora, para resolver esse problema seria necessário obter o seu As-is-ness. Bem, como é que nós impedimos alguma coisa de fazer As-is, por outras palavras, desaparecer? Introduzimos-lhe uma mentira.

AXIOMA QUARENTA: QUALQUER PROBLEMA, PARA SER UM PROBLEMA, TEM QUE CONTER UMA MENTIRA. SE FOSSE VERDADE DESFAZIA-SE.

Quando o preclaro *está a ser um problema*, nós sabemos muito bem que há uma mentira algures na banda cujo As-is-ness ele está a tentar obter. Não necessariamente é a sua mentira, mas é certamente uma mentira. E sob Axioma Quarenta obtemos:

Um „problema insolúvel” teria a maior persistência.

Também conteria o maior número de factos alterados. Para fazer um problema há que introduzir um Alter-Is-ness.

Por outras palavras, este problema deve ter sido consideravelmente movido, e deve ter sido trocado, e deve ter sido empurrado para ser insolúvel.

AXIOMA QUARENTA E UM: AQUILO EM QUE UM ALTER-IS-NESS É INTRODUZIDO TORNA-SE UM PROBLEMA.

Sempre que faz Alter-is de alguma coisa você tem um problema nas suas mãos.

Todo este universo é, então, um problema. Por isso todo este universo tem que conter uma mentira para continuar a persistir como o faz. Contém certamente Alter-is. Certamente contém uma mentira. Contém uma variedade de mentiras sobre a sua criação, e há todos os géneros de coisas sobre este universo que causam a sua persistência, e todas essas coisas se resumem ao facto de que devem ser fundadas numa mentira, e muito definitivamente devem ser alterações.

O Axioma Quarenta e um diz-nos que foi a alteração que meteu o preclaro num problema, por isso nós vemos qualquer criança que se moveu extensivamente, que teve a casa mudada, que foi empurrado para várias partes do mundo, tornar-se finalmente um problema, primeiro para o ambiente e então para ele próprio.

AXIOMA QUARENTA E DOIS: MEST (MATÉRIA, ENERGIA, ESPAÇO, TEMPO) PERSISTE PORQUE É UM PROBLEMA.

É um problema porque contém Alter-Is-ness.

Os físicos estão atarefados a tentar desfazê-lo, mas estão a desfazê-lo por Not-Is-ness. Eles estão a usar força para alterar força, e porque continuam a alterá-lo, muito naturalmente apenas fica cada vez pior. Não resolverão nada com uma bomba atómica. Eles simplesmente tornam as coisas piores, mais complicadas, mais confusas, mais dispersas. A bomba atómica é um beco sem saída e é loucura, uma grande loucura.

Se uma bomba atómica fosse introduzida numa guerra, o número de partículas e a quantidade de MEST que seria alterado, descobriríamos imediatamente, teria introduzido um grande número de mentiras na situação, teria deteriorado a sociedade e tudo mais. Se fôssemos bastante tolos, por exemplo, para lançar a bomba atómica na Rússia, ou se a Rússia fosse tola

bastante para lançar a bomba atómica nos Estados Unidos, bastante confusão teria provavelmente sido introduzida nas culturas da terra de forma que não haveria nenhuma outra escolha senão afundar-se num barbarismo, na ausência de uma compreensão da própria vida.

AXIOMA QUARENTA E TRÊS: O TEMPO É A FONTE PRIMÁRIA DE INVERDADE.

O tempo expõe a mentira de considerações sucessivas.

Eu chamo a sua atenção para *interesse*, como uma coisa interessante a observar. Há duas classes de interesse, e nós queremos saber por que razão estamos a pensar nisto em termos de tempo, e isso é porque tempo é a mentira básica atrás de todas as mentiras. Nós acreditamos que há momentos sucessivos. Vemos movimentos sucessivos, e isto é tudo muito agradável, nós concordamos com isto, e só é quando os mascaramos com algum intento maligno é que realmente obtemos um coice do progresso do tempo.

Mas nós descobrimos aqui que, em matéria de interesse, temos duas facetas: uma é „interessado”, e a outra é „interessante”.

Um thetan está *interessado*, e um objecto é *interessante*. Um thetan não é interessante. Ele está interessado. E quando uma pessoa fica terrivelmente interessante ela tem muitos problemas, acredite. Isso é o abismo atravessado por todas as celebridades, por quem é tolo bastante para se tornar famoso. Ele passa de estar interessado na vida para ser interessante, e as pessoas interessantes já não estão realmente interessadas na vida. É muito confuso para um jovem a razão porque não pode conseguir que uma mulher bonita se interesse por ele. Pois bem, ela não está interessada, ela é interessante.

AXIOMA QUARENTA E QUATRO: THETA (O ESTÁTICO) NÃO TEM NENHUMA LOCALIZAÇÃO NA MATÉRIA, ENERGIA, ESPAÇO OU TEMPO. ELE É CAPAZ DE CONSIDERAÇÃO.

Nós pusemo-lo ali mesmo outra vez só para o levar a cabo como deve ser. Não há tempo neste Estático. O Tempo é uma mentira.

O Tempo pode ser postulado pelo Estático, mas é só uma consideração, e, a partir daí, um thetan obtém a ideia de que está a persistir através de um lapso de tempo, e não está.

Ele não está a persistir. Os objectos atravessam tempo e energias, e os espaços estão a mudar, mas ele não. Na verdade ele nunca muda. Ele tem que *considerar* que está numa cabeça antes de poder ser posto fora dela, e que está fora antes de poder ficar fora.

Um Passo V, ou Cinco Negro, é bastante interessante quanto a isto. Ele está sempre a pensar que o auditor vai lá dentro e o arranca da cabeça. Está à espera de qualquer outra coisa para o fazer! É claro, você poderia provavelmente hipnotizá-lo e dizer-lhe que estava fora, e ele reagir provavelmente de várias maneiras, mas *ele* tem que dizer: „agora eu estou fora da minha cabeça”, e então estará fora da cabeça. Mas „esperar para ver” se está ou não fora da cabeça é tolice completa. A única forma de conseguir qualquer coisa, é considerar que está feita, ou considerar que é a condição existente.

AXIOMA QUARENTA E CINCO: THETA PODE CONSIDERAR-SE LOCALIZADO MOMENTO EM QUE FICA LOCALIZADO, E, NESSA MEDIDA, UM PROBLEMA.

Sempre que nos afastamos do Axioma Um, que é repetido como Axioma QUARENTA E QUATRO, descobrimos que temos menos Estático do que antes. Por outras palavras, apenas *localizado* este Estático fica menos Estático. Um thetan, então, pode ter um problema só por ser localizado. A juntar a isso, ele deixa de ser tão completamente interessado.

Localizando-se a si próprio ele pode safar-se. Isto não é muito difícil para ele. E ele pode aperceber-se a partir deste novo lugar, e assim sucessivamente, mas desde que esteja localizado será menos Estático. Lembre-se disso. Ele é nessa medida um problema.

AXIOMA QUARENTA E SEIS: THETA PODE TORNAR-SE UM PROBLEMA PELAS SUAS CONSIDERAÇÕES, MAS ENTÃO Torna-SE MEST.

Um problema é até certo ponto MEST, MEST É um problema.

O que é este MEST? Nós achamos que um thetan *interessado* é um thetan, mas que um thetan *interessante* se tornou MEST. O que é MEST? Bem, é na verdade simplesmente um composto de energias, partículas e espaços concordados e visualizados.

Nós temos a diferença entre afluxo e efluxo. Um thetan interessado está simplesmente a efluir. Interessado, efluir. Interessante, afluir. Ele quer a atenção de outros para afluírem para ele: interessante. Isso é MEST. A atenção de outros fluxos vai para ele. Isso não lhe diz que o MEST é só uma série de Thetans apanhados.

Diz é que é um tipo de vida que está a ser interessante, ao contrário de algo que está interessado nela.

Agora, o Número QUARENTA E SEIS: *Theta pode tornar-se um problema pelas suas considerações, mas então torna-se MEST*, é seguido por isto: MEST é um problema, e sempre será considerado um problema, e não é mais do que um problema. *MEST é aquela forma de theta que é um problema.* É tudo. Por isso, é aquela forma de theta que contém uma mentira. E logo, é claro, é um problema.

AXIOMA QUARENTA E SETE: THETA PODE RESOLVER PROBLEMAS.

AXIOMA QUARENTA E OITO: A VIDA É UM JOGO EM QUE THETA, COMO ESTÁTICO, RESOLVE OS PROBLEMAS DE THETA COMO MEST.

Agora isso significa que theta, o é Estático, e theta o é objecto? Sim, de facto. Pode ser de ambas as maneiras.

Tudo depende de qual o interessado e qual o interessante. E nós vemos que um preclaro fica tanto mais sólido quanto mais interessante se torna, e mais problemático se torna. Quanto mais problemas tem e quanto mais matuta nesses problemas, tanto mais sólido ele ficará.

AXIOMA QUARENTA E NOVE: PARA RESOLVER QUALQUER PROBLEMA BASTA TORNAR-SE THETA, O SOLVENTE, EM LUGAR DE THETA, O PROBLEMA.

Este é um Axioma muito, muito importante. Isso diz a razão porque o Procedimento de Abertura SOP 8C funciona. Funciona porque a forma principal de theta que achámos desejável, que tem mobilidade, que tem liberdade, que está contente, que é alegre, que tem todas as qualidades do topo do Quadro de Atitudes, é um *observador de problemas e um solvente de problemas*. Logo se você mandar alguém simplesmente olhar à volta do ambiente, ele deixará de ser um problema e tornar-se-á o solvente de problemas. É tudo. Basta olhar.

Mande-o olhar à volta e reconhecer alguns problemas, e ele sentir-se-á bem. Então, alguém que constantemente se está a preocupar consigo próprio, bem, está todo baralhado num problema, e a afinidade enclausurada neste problema. Ele está a passar um mau bocado. Bem vamos pegar nisto e revirá-lo e mandamo-lo observar-se a si próprio como um problema, e obtemos aquela parte do processo que é „Problemas e Soluções”. E, naturalmente, se pedíssemos a um thetan bastante frequentemente para ser uma solução, ele tornar-se-ia por fim um Estático. É tudo. Se lhe pedíssemos que *observasse* problemas durante bastante tempo, ele tornar-se-ia simplesmente um Estático. Por outras palavras, sairia disso de ambas as formas.

Um Thetan poderia tornar-se um problema, mais problema, mais problema, mais problema, cada vez mais e cada vez mais e cada vez mais... estático. Você vê, ele poderia „sair pelo fundo”.

Ou, poderia ir: menos problema, menos problema, menos, menos... estático. Poderia sair de qualquer modo. Assim não há que evitar nada, você vai sobreviver de qualquer forma, assim como os seus preclaros, mas, fazendo isso, vamos ter um mundo melhor.

AXIOMA CINQUENTA: THETA COMO MEST, TEM QUE CONTER CONSIDERAÇÕES QUE SÃO MENTIRAS.

Por outras palavras, não há um único pedaço de MEST no mundo que não esteja nalguma medida a mentir.

Olhando para isso, então, nós achamos que o único crime que você poderia cometer neste universo é estar aí. Não importa *onde*. Este é o único crime que você poderia cometer. E é só a isto que os seus pais objectaram, e é só a isto que todo o preclaro objecta quando você o está a auditar e ele lhe rosna. Eles introduzem tremenda significância nisto, mas aquilo a que eles objectam permanece ali. Agora, se você correu o Procedimento de Abertura SOP 8C, e o correu muito, muito definitivamente com aquele postulado: obter o facto que a parede está ali, obter o facto que a cadeira está ali, que qualquer outra coisa está ali, etc., será provável que você aplane o seu preclaro nalgum ponto. Não estou a aconselhar esta forma de Procedimento de Abertura. É um processo violento. Se você pegar em quase qualquer preclaro e apenas o mandar ficar em pé no meio da sala, e lhe disser: „obtém a ideia”, para aquele espaço vazio ali na tua frente, „que estás ali”, estás ali, estás ali, a mãe dele aparecerá, e oito ou nove das esposas dele e todos os géneros de outras coisas aparecerão todos o ali bem ao fundo a linha. Ele terá todos os tipos de pessoas na sua frente. Estão todos „ali”. Mas esse é o único crime que um thetan pode cometer. É uma mentira, já se vê. Que theta possa estar ALI é uma mentira, e a única coisa má que qualquer pessoa alguma vez fez é estar ali. Agora, é só, de facto, o que o corpo está a fazer. Ele tem um corpo, e é *visível*. Ele vai estando ali. E nós temos que ter introduzido uma mentira. E a mentira básica introduzida é Tempo.

É interessante notar que é o segundo postulado que persiste, porque persistência significa tempo, e é o segundo postulado que introduz tempo, e isto torna-se elementar. Agora vejamos este aqui, vejamos este fulano que está muito doente. Ele está terrivelmente doente. Eh pá, ele é um problema. Ele é um problema para si próprio, um problema para a família e um problema para o auditor. Ele é um problema. Ele é formidável.

Você sabe que ele tem que ter tido o postulado original de que estava bem, antes de poder fazer o segundo postulado de que estava doente. E você sabe que o postulado de que estava doente deve ter negado o postulado de que estava bem, logo a sua doença original era uma falsidade e ele soube-o na ocasião em que o fez. Na verdade sabia isso bem. Ele sabia, quando disse que estava doente nesse dia para não ir escola, que era uma mentira. Ele sabia que era uma mentira e obteve a persistência da doença, e agora está aqui com oitenta e nove anos, todo incapacitado, e nós descobrimos que o postulado básico era o facto que estava bem. Como é que a doença poderia ganhar algum poder senão através da saúde?

Agora nós olhamos por baixo de cada mentira para descobrir que foi a verdade, o próprio Estático, que lhe deu poder. A mentira em si não tem qualquer poder, porque é uma perversão. A persistência não tem poder que não seja baseado no próprio Estático. Logo nós temos o alinhamento básico sempre e em todos os lugares, em que a mentira é autorizada pela verdade. A verdade é uma boa condição ou qualidade devem ter existido antes de uma má condição ou qualidade.

Como estudamos o problema da bondade e da maldade no mundo, nós descobrimos que temos que estudar o segundo postulado, porque é só isso que persiste.

Agora vejamos uma situação onde alguma coisa está a persistir, e isso é *bom*. Nós poderíamos dizer que isso parece dever ter sido baseado num postulado anterior que era *mau*. Mas você não pode fazer um postulado principal que seja uma mentira. Se obtiver só a ideia de que não há nenhum postulado, que você não fez postulado algum de qualquer tipo, que não há qualquer postulado que tenha sido feito, faça agora um postulado. Seria um postulado principal. Aquele postulado *não pode ser* uma mentira. Agora faça um segundo postulado negando o que acabou de fazer. Isso é uma mentira. Agora qual destes dois vai persistir? É claro, o segundo. E vai obter o poder do primeiro postulado.

Não importaria o postulado principal. Isso aqui não interessa. Nós não vamos na base da maldade ou da bondade. Uma consideração é uma consideração.

Agora, quereremos nós dizer que vá lá atrás da banda e encontre estes postulados? Que vá lá atrás e os corra fora com fio-directo? Não, porque não existe tempo, e toda a demanda do passado... toda a demanda do passado e toda a demanda do futuro estão na verdade a validar uma mentira. Só existe *agora*. Nunca houve nada a não ser agora. Há uma mudança consistente e uma série consistente de postulados a acontecer que nos dão uma continuidade do agora, mas a continuidade do agora é uma mentira.

Você pode mover objectos, e isso é bastante honesto comparado com uma contradição. Mas nós estamos aqui a olhar para dois tipos de mentiras, e descobrimos que quando estamos a tentar que uma condição mude, temos que simplesmente postular a condição oposta como se existisse em tempo presente.

Logo, alguém que odeia o género humano deve tê-lo amado desesperadamente por postulado anterior. Não há ódio como o que pode existir entre dois irmãos ou uma nação despedaçada pela guerra. Bem, é porque eles se amaram tanto um ao outro. Logo podem odiar-se com violência. Mas de que depende o seu ódio a não ser o facto de se terem amado? Logo, se temos alguém que odeia loucamente alguém chamado Bill, nós diremos, „Agora, obtém a ideia de amar Bill”. Ele iria, Grrrrr. „Agora, obtém a ideia de amar Bill”. Grrrr. „Obtém a ideia de amar Bill”. Grr. „Obtém a ideia de amar Bill”. „Bem, ele não é mau tipo”. Nós não necessariamente restabeleceríamos o amor, mas banimos certamente o ódio por Bill.

CAPÍTULO DEZASSETE

COMUNICAÇÃO DE DUAS VIAS E
PROBLEMA DE TEMPO PRESENTE

Embora descobrindo, ao examinar a existência, que a consideração é sénior a todas as outras coisas, você tem em qualquer preclaro que vive no universo físico e ainda associado a um corpo, uma *mecânica forçada*. Por outras palavras, as mecânicas da existência são constante e continuamente forçadas sobre ele. Por isso as mecânicas são muito mais importantes para este indivíduo do que as considerações. Ele segue para uma inversão. Vê-se que ele não está realmente a considerar, não está a fazer um postulado tornado algo verdade, está a tentar julgar a quem culpar, que é uma das coisas principais que está a tentar. Está a tentar determinar quando é que aquela crista, que está na frente da cara, vai sair dali. Ele está à espera que o auditor faça algo espetacular.

Ele está a fazer muitas coisas, mas primeiramente é contactável no campo das mecânicas, e não no campo das considerações. As considerações são anteriores às mecânicas. Isto é óbvio. Mas o seu preclaro chegou a um ponto de inversão no assunto, e, pelo seu dia-a-dia, está mais próximo do contacto com mecânicas do que com considerações, e, contudo, lá está ele a considerar.

Bem, ele nunca vai recuperar coisa alguma *a considerar*. Poderia pensar que está longe da armadilha. Poderia pensar que está longe disso, mas contanto que aproximemos o problema realmente como um problema puramente mecânico de um jogo de convicções em lugar de considerações, teremos êxito com o preclaro.

E a primeira das suas convicções é que comunicar é muito aberrante. Disto tem ele a certeza. Pode ter muitas outras certezas, mas dessa está mesmo muito seguro, e nós descobrimos que a única coisa punível neste universo é a comunicação. A não-comunicação não é punível.

Nós descobrimos que o objecto inanimado não é culpado. O objecto animado é que foi culpado. Nós descobrimos que o motorista mais rápido do que o outro é sempre de culpar.

A propósito, isto nem sequer vagamente é verdade. É só a maneira das pessoas verem as coisas para as manter de costas voltadas de forma que não tenham que tomar responsabilidade e fazer tudo desaparecer.

Logo, nós descobrimos, à medida que examinamos este problema, que o nosso preclaro está seguro de que se comunicar será castigado. Ele comunicou no passado. Tentou falar com as pessoas. E encontrou-se com a maior contribuição da psiquiatria, por exemplo, a lobotomia pré-frontal. Faria tão bem picar os miolos de alguns bezerros da montra do magarefe, como picar o cérebro de alguém, e a psiquiatria sabe disto. Eles sabem-no muito bem. Nunca curaram ninguém com lobotomias pré-frontais, ou leucotomias transorbitais.

Eles continuam a fazer isso porque a condição de um psicótico é desesperada, e a computação, é claro, é que têm que desesperar para tratar isso. Por isso não têm mais do que fracassos sólidos atrás de si. Não é uma condenação. É apenas a verdade.

A propósito, a única razão porque eles fazem a lobotomia pré-frontal é que as pessoas podem frequentemente *sobreviver* a ela. É o que é declarado na história clínica original.

Da mesma maneira que eu mencionei esse assunto, poderia dar alguns dados sobre ele. A primeira história original clínica disto, e a única história clínica citada em psiquiatria, é do idiota ajudante de ferreiro que se aproximou da forja, a forja explodiu, e uma alavanca voou e entrou-lhe pela têmpora direita e saiu-lhe pela esquerda, e ele sobreviveu a isto. Você procura em vão naquela história clínica se aconteceu alguma coisa à idiotice dele. Nós achamos que nada mudou a respeito da idiotice dele. Mas uma parte do cérebro tinha sido removida e ele sobreviveu, e esta é a autoridade exclusiva hoje em dia para fazer lobotomias pré-frontais.

Noutro caso fizeram uma lobotomia pre-frontal num fulano, eles exibiram-no e alguém perguntou se notaram alguma mudança como resultado da lobotomia pre-frontal. E eles olharam em volta muito solenes e um pouco encobertamente e disseram: „Sim. Aprendemos a calar a boca”.

De forma que é a lição básica que qualquer pessoa aprende neste universo. Eles aprendem a calar a boca, e é a lição errada. Quando em dúvida, fala! Quando em dúvida comunica! Quando em dúvida atira! E terá muito êxito por aí fora se apenas se lembrar disto.

Não há compromisso com isto. Um theta está tão bem quanto possa comunicar, e não mais do que isso. E quando surge uma restrição na sua comunicação, ele começa então a acabar com tudo, e termina, e isso é o seu fim. Logo, o nosso preclaro senta-se ali e está seguro de que se comunicar será castigado. Seja o que for que ele diga será usado contra ele. Disseram-lhe isso durante muitas vidas. Qualquer coisa que ele cuide trazer a lume, sabe que a pessoa a quem o traz vai zombar com isso, mergulhar nisso, desafiá-lo com isso, e assim por diante. Ele está certo disto, e que se acontece revelar qualquer segredo imediato da sua existência, sabe que estará indubitavelmente na rádio pelas quatro dessa mesma tarde. Logo ele abordará uma sessão com considerável desconfiança. Não estará seguro do que deveria dizer. Como extremo de coacção humana, que se pode usar para ilustrar isto, vejamos o caso de um psicótico. Esta pessoa tinha uma obsessão terrível. Era mesmo uma obsessão fantástica. Ele não falaria porque sabia que se dissesse qualquer coisa, a pessoa a quem o dissesse guardaria isso cuidadosamente e esperaria o momento certo para o usar contra ele. E isto era só o que esta pessoa lhe diria! Esta pessoa proferiria aquele sentimento de uma maneira ou de outra, uma dramatização cem por cento psicopata que fica atravessada na sua linha de comunicação. Esta pessoa estava totalmente louca, não podia tomar conta do corpo nem executar tarefas subalertas nem nada, e ainda passaria repetidas vezes aquele registo: „bem, se eu dissesse algo você guardaria isso, esperaria o momento certo e usaria isso contra mim”. E então a pessoa calaria a boca. Tente pô-la em comunicação outra vez. Ela passaria por esta mesma rotina.

Bem, deixe-me assegurar-lhe uma coisa: um sujeito não tem que ser psicótico para ter aquela manifestação básica neste universo. Nem sequer vagamente são psicóticos e têm isso. Eles adjudicaram a sua própria sanidade sabendo quando falar e quando não falar, e isso começa a descascar até um ponto em que eles sabem. Eles sabem quando não falar, e quando falar. E então eles sabem QUANDO NÃO FALAR, já se vê, e quando falar. E depois, silêncio. E é assim que o ciclo funciona.

Logo não suponha por um momento que o Passo 1 (Entrar em comunicação de Duas Vias com o preclaro) é incluído só como forma cómoda de começar uma sessão. É processamento.

O seu preclaro é vulgarmente acessível na Terceira Dinâmica, grupos. Esta é provavelmente a última dinâmica a falhar. Eles têm transportado consigo uma dinâmica social. O próprio processamento é uma situação de Terceira Dinâmica, logo é aberração. É o theta mais o corpo que podem provocar um estado aberrante. É o theta mais a Sexta Dinâmica, o universo físico, que causam uma dificuldade, e assim por diante.

Certo, nós temos então Comunicação de Duas Vias como Passo 1 simplesmente porque é o passo mais difícil. É o passo mais árduo. E é o passo que foi esquecido por todos desde os esculápios (os médicos romanos) até à mais recente psiquiatria de Wundt, Leipzig, 1869.

Por volta daquele tempo, na Alemanha, eles eram iniciados na primeira ideia de que a mente poderia ser abordada numa base científica. Isso era a premissa original da psicologia, e era boa, trazida por um fulano chamado Wundt. Não havia nada errado com isto. Era um bom palpite.

Nunca foi seguido por esse campo particular.

A metodologia científica não foi de facto, então, imediatamente atribuída, e se ele se tivesse sentado e classificado a coisa como metodologia científica naquele momento, teria estado certo. Mas o que eles fizeram foi experiências desreguladas, descontroladas, impraticáveis, aturdindo-se a colecionar quantidades enormes de dados, dados esses que um dia deveriam importar alguma coisa. Mas aquele campo nunca pôde fazer nada no campo da comunicação de Duas Vias, nunca soube as partes da comunicação e não o fez até hoje. Eles são cada vez mais „Sós”. Nunca resolveram a comunicação, logo não entram em comunicação. Não têm o Passo 1.

Quando chegamos à psicanálise vemos que naquele campo eles usaram vários métodos... originalmente Breuer e Freud fizeram-no, para produzirem uma comunicação de Duas Vias, e então vieram todos, e decidiram... eh pá, se você pudesse só pôr alguém a falar, mas a primeira abordagem foi do hipnotizador, e isso é uma abordagem muito pobre e não é só uma abordagem muito pobre, mas uma abordagem muito inibidora.

Se você alguma vez teve como preclaro alguém que tivesse sido hipnotizado, apreciaria isto, por exemplo, correndo 8D. (8D: Procedimento Operacional Padrão 8D, 1954. Primeiro, para casos pesados, a meta deste procedimento era „levar o preclaro a tolerar qualquer ponto de vista”. Veja *A Criação da Capacidade Humana* por L. Ron Hubbard). Ao correr isto em „Onde é que um... estaria seguro?” poderia pôr „hipnotizador”. Você obteria alguma ideia da natureza aberrativa do hipnotismo.

Em psicanálise não resolveram na verdade a comunicação de Duas Vias. Têm um sistema pelo qual alguém simplesmente falava eternamente, e falava, e falava, e falava, e não havia qualquer comunicação do analista. Você pode ter visto a caricatura onde um analista está alegre e ele esteve assim todas as tardes à hora de sair, e o outro analista disse: „Meu Deus. Como é que você pode estar tão alegre ali sentado a ouvir esses pacientes o dia todo?” e o outro disse: „alguém os ouve?” A psicanálise tinha esta ideia de que se pudessem fazer a pessoa só efluir, efluir, efluir, efluir, isso resolveria. Mas isso não resolve.

É comunicação de DUAS VIAS. Qualquer sucesso que a psicanálise tenha tido foi só devido ao facto que eles se especializaram em pôr meter alguém em comunicação de qualquer maneira. Mas, outra vez, não tinham qualquer ideia da anatomia da comunicação.

E nós avançámos para vários pensamentos e empreendimentos filosóficos neste assunto, e vimos que um indivíduo muito raramente se encontra num bom estado de comunicação quando se senta no sofá, e não me interessa quem esta pessoa é, ela não está mesmo num bom estado de comunicação. Ou está a comunicar obsessivamente, ou está inibida, elas não têm um bom equilíbrio neste assunto. E você pega no preclaro mais comum do mundo, e ele dará normalmente só respostas sociais. Você diz „Como estás?” e ele dirá: „estou bem”, QUARENTA e cinco minutos depois o que é estranho é esta pessoa dizer: „sinto-me horrível”. Você obteve primeiro uma resposta social, e então o preclaro respondeu à pergunta. A pergunta, às vezes, se notar cuidadosamente, surgirá inteiramente como non-sequitur, e, por exemplo, QUARENTA e cinco minutos depois pergunta-lhe como está e ele *diz-lhe*. E o fosso intermédio está cheio de respostas sociais. É só respostas sociais treinadas... uma pequena máquina. De

forma que não é comunicação de Duas Vias em absoluto com o preclaro, pois não? Você está a falar com maquinaria social.

Bem, você fez tudo isto muito frequentemente, muito mais do que deveria, em plenas actividades sociais. Você foi pedir a alguém um empréstimo ou perguntou-lhe alguma coisa, e continuou a falar, e esta pessoa continuou a falar, e de facto você não estava a falar com ninguém, e então você acorda com um grande choque descobrindo que só esteve a argumentar com alguém, ou a tentar melhorar alguém, ou a ser gentil consigo, ou a ser mais amável com os vizinhos ou algo do género, e depois de uma longa dissertação no assunto, e pensar que teve uma comunicação de Duas Vias com esta pessoa, ela surge com um comentário completamente desgarrado, embora pareça ter estado a concordar consigo. Ele parecia ter dito: „Sim, está bem, vou ser melhor”, ou algo do género. Você nunca alcançou mesmo um acordo, porque a verdade é que se tivesse alcançado um acordo com ele, ele seria uma pessoa melhor. Você não estava a falar com ninguém. Você estava a falar com alguma maquinaria social. Bem, isto é só no mundo social.

E um auditor? Deverá ele poder localizar isto? Bem ele deve, mas nunca o localizaria se não reconhecesse muito definitivamente que havia ali alguma coisa a localizar, e isso é: quem está a falar? Estamos a falar com o preclaro? Ou estamos a falar com a uma educação de Harvard? Estamos a falar com o preclaro, ou estamos a falar com a Mãe? É bonito ter uma atitude muito, muito alta na escala de tom para com preclaros, mas há um ali ponto onde a coluna (Quadro de Atitudes) se inverte, onde no topo está Confiança e no fundo Desconfiança. Quando está a trabalhar preclaros, você acompanha todos os botões do topo do Quadro de Atitudes menos um: você inverte a coluna. Vai directo a... Desconfiança é o topo para um auditor, quanto a um preclaro, e é notável quantas vezes você pode de facto rachar um caso se disser simplesmente: „como é que estás a fazer isso?” ou „o que é que estás a fazer?” „quem está a falar?” „tu fizeste isso?” „quem tocou na parede?” „como é que fizeste isso?” De vez em quando você achará um Arquivista (*Arquivista*: gíria de auditores de Dianética para o mecanismo da mente que age como monitor de dados. Os auditores poderiam obter respostas instantâneas ou „relâmpago” directamente do „arquivista” para ajudar a contactar incidentes) ou algo do género, e ele obtém cada resposta que ele dá como resposta relâmpago do Arquivista. Se foi treinado em Dianética ele às vezes fará isto, excluindo qualquer resposta *dele próprio*. Bem, estas são respostas sociais, e isso não é uma comunicação de Duas Vias. Isso é talvez comunicação de Duas Vias entre você e um circuito, ou entre você e uma máquina, mas não é uma comunicação de Duas Vias entre você e o preclaro, e diz especificamente no Passo 1 que iniciamos uma comunicação de Duas Vias com o preclaro. Bem, quantas maneiras poderiam haver de começar uma comunicação de Duas Vias com o preclaro?

Uma das maneiras de fazer isso é falar dos problemas dele. Ele está bastante interessado neles, e você foge às suas respostas sociais.

E ele está ali porque está a ser um problema, logo nós temos o passo 2 como uma assistência ao Passo 1. Passo 2: PROBLEMA de Tempo presente. Mas, é claro, o Passo 2 é mais importante do que isso. Você às vezes falha com um preclaro processando-o quando ele está cansadíssimo, ou emocionalmente transtornado, ou algo muito mau ocorreu e ele quer ser processado para poder fugir disso, e se você não lhe pergunta se tem ou não algum Problema de Tempo presente, por vezes falhará, e tem toda uma sessão, ou duas, ou três sessões, perdidas. Eu lembro-me de processar alguém que parecia bastante frenético, e ele veio finalmente com um facto surpreendente. O caso não estava a fazer progressos e eu fiquei muito interessado nisto, e a pessoa não me daria... simplesmente não me daria pista nenhuma. E eu apenas continuei a martelar nisso e a martelar nisso e a falar disto, de qualquer perturbação que a pessoa teve na

vida presente, ontem ou hoje, ou algo que acontecerá amanhã, eu apenas continuei a falar disto, e a dizer: „está alguma coisa a acontecer que eu deveria saber?”, e assim por diante, porque o comportamento do caso diz simplesmente que este caso é tão rebelde e tão perturbado que não parece ouvir os meus comandos de audição e parece estar sempre distraído por alguma coisa, e certamente esta pessoa, ou está completamente fora da base, ou é realmente um psicótico, ou tem algum Problema de Tempo presente muito tormentoso. E finalmente o sujeito recebeu a minha comunicação e deu-me uma resposta. Aquela série de sessões de processamento estava a ser muito interrompida porque ele estava num processo de divórcio. Estava num processo de divórcio no período em que eu o tinha estado a processar. E ele saía dali e descia e falava com os advogados, e ele queria manter isto muito em segredo, e pensou que isso era um coisa horrível, logo nem sequer falaria disso ao auditor. Agora, ele é castigado por comunicar, e por isso nós voltamos já a isso. Não dá os dados do que está a acontecer porque seria castigado por comunicar.

Às vezes você encontrará alguém por quem a medicina poderia fazer alguma coisa. A pessoa tem uma doença aguda de um tipo ou outro, e tem tanto medo de qualquer tratamento médico que lhe possa oferecido, porque o tratamento médico pode não ser particularmente delicado, que não falou disso a ninguém.

Isto dar-lhe-á outra vez um Problema de Tempo Presente suficiente para que não progride bem em audição, e é a mais importante razão porque você não audita uma pessoa que deveria estar a manejá-la uma condição passível de ser manejada medicamente. Mas é o facto de que neste universo ele é castigado por comunicar que faz esta coisa cuidar e garantir que uma situação médica seja manejada medicamente antes de qualquer audição.

Para que qualquer ganho ou libertação aconteça só por causa de comunicação em qualquer tipo de assunto, tem que haver comunicação de *Duas Vias*, e não de uma via.

Por isso, o truque mais limpo em todo o livro de truques de audição é saber como começar e continuar uma comunicação de Duas Vias.

É dependente da perícia da capacidade do auditor conceder entidade, e de facto falar de ambos os lados da conversação.

A comunicação é aberta, antes de mais nada, por qualquer percepção sensória. *Qualquer* percepção sensória. Mande o preclaro *tocar* alguma coisa e você abriu comunicação com o preclaro. Se pudesse pegar na mão dele e ele pudesse registar a pressão da sua mão na mão dele, e isto no caso de uma pessoa semi-consciente é muito funcional, você estaria a comunicar com o preclaro. Uma comunicação de Duas Vias não tem nada a ver com palavras, a não ser bastante acidentalmente. É uma *comunicação*. Você está ali. Ele está ali. O problema dele é comunicação inibida, e os apuros em que se vai meter é iniciar uma comunicação de Duas Vias. Qualquer percepção pode ser usada numa comunicação de Duas Vias. A *visão* é bastante. Se ele simplesmente regista o facto de você estar ali na sala com ele, se apenas olhar para si, isso é comunicação. Se definirmos comunicação por: *consciência através de uma distância*, não importa quão diminuta a distância entre o preclaro e o auditor, nós descobrimos que iniciar uma comunicação de Duas Vias é realmente muito fácil.

Continuando com exemplos, „o pior” tipo de situações, sem que sejam estas as que você auditará, se quer começar uma comunicação bastante perfeita, é claro, simplesmente duplicará fisicamente o que o preclaro está a fazer. Ele fica quieto, você apenas fica quieto. Você ficaria surpreendido como isto lhe parecerá estranho a ele pouco depois. Ficará realmente curioso em relação a si. Ele entrará em comunicação consigo. Apanha a cadeira e atira-a contra a porta com um estrondo formidável. Você apanha a cadeira e atira-a contra a porta com um estrondo

formidável. É um nível de entrada em comunicação do fundo da escala, a mímica, porque, é claro, duplicação entra na fórmula.

Mas se o seu preclaro está sentando ali em completo silêncio, você pensa que se despejar um grande fluxo de palavras está a entrar em comunicação com este preclaro? Não, porque ele já está a emitir uma comunicação: *silêncio*. Se de repente você admite isso como uma comunicação, perturbá-lo-á um pouco, e é provável que o agite para comunicar. Se se sentar ali silencioso enquanto ele se senta ali silencioso, mais cedo ou mais tarde você vai entrar em comunicação. Você pode fazer um preclaro entrar em comunicação consigo fazendo simplesmente o que o preclaro está a fazer.

Agora é necessário você virar-se e fazer o preclaro registrar uma comunicação *de volta*. É tão importante o auditor entrar em comunicação com o preclaro como o preclaro entrar em comunicação com o auditor, e o auditor pode fazer isso através de mímica, porque ele sabe como. É mais duro para o preclaro fazer isso. Tempo gasto no começo de uma sessão só para obter uma comunicação de Duas Vias até você saber que está a falar ao preclaro, e que ele está a falar consigo, é algum do melhor tempo que você gastou.

O Procedimento de Abertura 8-C é uma assistência considerável para isto.

Uma melhoria de comunicação é a chave de toda a audição.

CAPÍTULO DEZOITO

PROCEDIMENTO de ABERTURA de 8-C

É absolutamente fascinante o que você pode fazer com um processo aparentemente tão permissivo como o Procedimento de Abertura SOP 8-C. Os detalhes exactos do processo são dados na Emissão 24G do Jornal de Cientologia.

O número de factores de caso que são manejados em 8-C é fascinante, porque aqui você está a processar directamente para a simplicidade.

Nós sabemos que o que está errado com uma pessoa é o seu universo subjectivo. Isso entrou em apuros. Ora, devido ao facto que ele poderá imaginar uma tremenda quantidade de espaço, se tiver que o fazer, ele poderá imaginar montes de energia, ele poderá imaginar objectos, e ele poderá fazer isto qualquer número de vezes. Então, a razão porque que anda a arrastar uma coisa chamada „o seu próprio universo” é um pouco difícil um homem razoável compreender, e ainda assim é o que as pessoas estão a fazer. Você tem como que a ideia de alguém que anda com um grande número de cadeias estridentes, latas velhas, velhas pontas de charutos e assim sucessivamente, chamando a isto haveres. „O universo dele” parece uma caixa de brinquedos de uma criança. Se você alguma vez reparou nos haveres mais escolhidos de três anos, é quase a ordem de havingness que o theta arrasta consigo.

Ele desiste destas coisas com a maior das relutâncias, e, contudo, toda a sua saúde, poderia dizer-se, depende da sua capacidade de fazer, ter, coisas novas, e fazer quase qualquer coisa que ele queira com elas.

Mas, lembre-se, foi-lhe sempre muito, muito difícil obter um objecto em circunstâncias tais que o objecto fosse de facto de outrem. Arranjar um objecto de outrem é o que ele tem que fazer para ter esse objecto. Se nós olharmos as quatro condições de existência, o „Isnes”, descobrimos exactamente por que é que foi tão difícil. Estas coisas são tão valiosas porque elas significam um período em que ele estava de facto em comunicação com theta como tal, e ele poderia culpá-los, e se os pudesse culpar então poderia ter alguma coisa. E se não os pudesse culpar então e não podia ter nada, a menos que se duplicasse a si próprio, tendo assim outro theta para culpar. Deste modo ele obteria persistência, ele obteria sobrevivência em termos de movimento. Caso contrário tudo lhe surgiria completamente imóvel.

Agora, outra vez, todas estas coisas são simplesmente considerações, e devido ao facto que todas elas são considerações, podemos ser enormemente confundidos pelo facto dessas considerações poderem ser tão importantes.

Lembre-se, elas são só importantes por causa das considerações comuns às de outros.

Uma coisa seria simplesmente mudar as considerações próprias por todo o lado, totalmente outra coisa seria fazer isto quando a pessoa tem uma série de considerações completamente em acordo com outros.

Logo, o theta, com as suas velhas pontas de charutos, cartas de jogar rasgadas e cadeias estridentes, você vê que ele tem estado em comunicação uma vez por outra, e o sistema de comunicação está todo estabelecido e por isso ele poderia ter uma alter-determinação, tão verdadeira e convincente, que nem mesmo ele poderia questionar a sua convicção. Por isso ninguém poderá questionar o valor desses objectos que ele carrega consigo.

Simplesmente é, então: ele terá alguma razão para culpar outrem por ter posto ali aquela massa de energia, e então aquela massa de energia persistirá. Se não puder culpar ninguém, bem, também pode facilmente fazer As-is e assim desaparecer. A alterdeterminação torna-se vital.

Agora, quando nós examinamos este problema, descobrimos que um indivíduo só pode ir até aqui nesta linha, e então torna-se inválido. Ele começa a contar com alterdeterminação cada vez mais e mais pesadamente para produzir a sua própria sobrevivência. Nós podemos ver isto em termos de atenção. Um indivíduo, nesta sociedade, sem qualquer atenção de ninguém, não teria muita oportunidade de sobreviver. Um indivíduo, só na base da comida, teria grandes dificuldades, mas ele foi arriado para onde esses objectos realmente têm que ser sólidos, e assim nós obtemos este universo físico, e as partículas deste universo físico estão tão lindamente perdidas, tão completamente confusas, tão deslocadas do ponto de origem, que podem ser sujeitas a uma lei da física conhecida como a lei da *conservação da energia*: essa energia não pode ser destruída, só pode ser convertida. Qualquer coisa perdida, extraviada, confusa, só pode ser convertida, a menos que você descubra o ponto onde de facto foi feita.

Este universo fica por isso valioso. Fica valioso porque nós tivemos tantos problemas por perder bastantes coisas que temos então uma Continuidade de objectos.

Um thetan que ficou transtornado com os vários acordos de existência acredita que já não pode comunicar com alguma coisa. Ele é um nada, por isso tem que comunicar com um nada, pensa ele. A fórmula de comunicação coloca-o em falso.

Aqui nós temos um indivíduo que está a viver através da fórmula de comunicação, e contudo não pode recuperar facilmente a sua própria capacidade de seguir o básico da comunicação que é: todas as coisas estão no mesmo ponto. Quando faz uma consideração você descobre que não tem qualquer dimensão, qualquer que seja. E um thetan não tem qualquer dimensão. Logo ele teve muito trabalho para fazer um universo, que é tão pesado como este aqui. E ele põe toda a culpa em Deus, e culpa tudo em várias direcções, e fez algo que importou num considerável investimento. Fez um grande investimento. E já foi tão longe que, tendo feito este investimento, já não pode olhar para ele porque tem que seguir a fórmula de comunicação. Ele não pode ocupar o mesmo espaço de um objecto. Dois objectos não podem ocupar o mesmo espaço. Por isso ele não é um thetan-mais-corpo. Ele é um corpo.

E de vez em quando encontramos algum materialista, em processamento, e só o mais crudos pensamentos de que ele é algo diferente de um corpo, é completamente, completamente contraditório para ele. É totalmente ameaçador. Poderia pensar-se que lhe tinha apontado uma arma e pedido o dinheiro dele. Ele ficará muito excitado. „Eu sou um corpo. Eu sei que sou um corpo. Isso é o que eu sou. Eu sou um...”, ponto de exclamação, ponto de exclamação. Ele fica realmente preocupado com isto.

É ao mesmo tempo provável que esta pessoa seja uma das que têm mais a ver com Deus. Curioso não é? Bem, ele tem que ter uma alterdeterminação. Tem que evitar responsabilidade. O seu campo de consciência será, a propósito, relativamente negro.

Isso não é uma crítica ao indivíduo. É só o estado em que ele está. Porque é que ele está assim? Ele sabe que duas coisas não podem ocupar o mesmo espaço. Obviamente, se ele está ali e o corpo também está ali, então ele deve ser o corpo. Isso é a coisa mais elementar que nós poderíamos reunir. Este indivíduo imaginou-se como alguma coisa, e está a ser tão completamente alguma coisa que não se pode dissociar disso. Logo, você diz-lhe que vá para um metro atrás da cabeça dele, e ele não pode ir para um metro atrás da cabeça dele.

Agora, nós estamos a processar alguma coisa que tem quatro partes:

(1) o thetan, (2) a maquinaria, (3) o corpo, e (4) o banco reactivo. O banco reactivo é uma máquina de estímulo-resposta de alguma magnitude.

O corpo é na verdade alguma coisa capaz de colectar um número enorme de moléculas e electrões, e converter energia e fazer todos os géneros de coisas interessantes.

Um auditor comete às vezes um erro grosseiro na medida em que processa qualquer destas coisas em vez do thetan.

Então há tantos engramas? Bem, isto, que estas coisas existem, assalta tanto as nossas sensibilidades que temos que os derrotar e fazê-los todos, um por um, desaparecer? De facto o que nós queremos é melhorar a capacidade do thetan para manejar bancos reactivos.

Ou um auditor vem e começa a processar „o corpo”. O corpo, o corpo, o corpo, um caso de fluxo nasal. Que tipo de auditor seria este?

Seria um auditor que tinha que ter *alguma coisa*. Este auditor não pode ter nada, e se está a auditar, ele está a auditar de facto um nada. Ele está a tentar libertar um nada. E se ele não pode conceber um nada e tem que ir na direcção de uma qualquer coisa, na verdade não auditará o preclaro.

De vez em quando um preclaro tem tal observável excesso de maquinaria do thetan, que um auditor não pode aguentar abandonar essa maquinaria. Não pode mesmo aguentar isso. Ele tem é que entrar ali e tirar todos estes mecanismos do caminho, tudo liquidado e varrido, e a próxima coisa que você sabe é que o thetan está de facto muito, muito triste. Olhe para todos os anos que ele gastou a culpar outrem por esta maquinaria. Mas uma vez que atravessou o processamento de toda essa maquinaria, de qualquer maneira o que é que você fez? Você processou só alguma maquinaria. E *isso* não era doença!

Logo nós temos estas quatro partes principais, mas estamos a processar o thetan. Ele não tem massa, ele pode fazer espaço, ele pode fazer energia e pode localizar objectos no espaço. Ele tem capacidades muito definidas. Capacidades muito positivas, definidas. E, pela melhoria destas capacidades, nós melhoramos a sua capacidade de comunicar, e assim, ao melhorar a capacidade de comunicar, nós capacitamo-lo para manejar, não só o banco reactivo com que está misturado no momento, não só o corpo que acontece estar a habitar ou por perto no momento, e não certamente o seu banco de maquinaria. Nós possibilitamos-lhe manejar extensas quantidades de coisas, a maquinaria de outras pessoas e seja o que for. É muito interessante o que ele pode fazer. Mas não pode ficar pendurado na base de: „duas coisas não podem ocupar o mesmo espaço”. Ele não pode ficar pendurado nisso. Outra coisa em que não pode ficar pendurado, se você o separar facilmente, é que é tudo *alterdeterminado*. Você vê, se é tudo alterdeterminado então ele dependeria de outras coisas para o colocar no espaço, e se está dependente de outras coisas para o colocar no espaço ele senta-se ali e „espera que o auditor o exteriorize”. Logo, o nosso ponto de abordagem aqui é *o thetan*. Agora, a maneira mais fácil de abordar isto é simplesmente *estabelecer e quebrar comunicação com o ambiente imediato*.

O ambiente é o universo físico, segurança, está aí mesmo, é sólido. Este é o espaço da sala, o chão, o tecto, as paredes, os objectos, e se acontece olharmos através destas coisas, então são as paredes da próxima sala, e para cima através do telhado, o ar por cima da casa, e por aí abajo é a terra debaixo da casa. E o ambiente significa a que distância este indivíduo se apercebe com grande certeza do universo físico. E é nisso que estamos interessados quando dizemos ambiente. Não temos o preclaro em Chicago, por exemplo, e então, porque ele é um habitante de Iowa, processá-lo no ambiente de Iowa. Agora soa demasiadamente estúpido que qualquer pessoa pudesse fazer isto, mas, acredite, aconteceu. E o que é que eles estariam a processar? Estariam a processar um jogo de fac-símiles.

Há uma relação directa entre a quantidade de fac-símiles ou massas de energia que uma pessoa tem, e a sua capacidade de comunicar. Quanto mais massas de energia e mais fac-símiles uma pessoa tem, sejam brancos verdes ou púrpura, ou cortinas negras ou objectos, verdadeiros sólidos aparentes, não interessa o que são, quanto mais massas de energia o indivíduo tem, menos ele é capaz de comunicação. Um fulano corre um conceito e obtém um fluxo pela face. Ele sente alguma coisa a mexer pela face. Ah, nós temos um caso de massas de energia. Como é que chegaram ali? Chegaram ali porque o thetan dirigiu a atenção dele para várias direcções, manufacturando entretanto energia, e você vai processar este caso como um preclaro, este thetan, de tal maneira que ele boriffe novas massas de energia à volta do corpo? Isso seria uma coisa curiosa não seria? E você sabe, há processos que poderia correr, nenhum listado em Procedimento Intensivo, que conduziriam imediatamente um indivíduo a fazer mock-ups de mais, e mais, e cada vez mais massas de energia na vizinhança do corpo. Você poderia de facto tornar artificial a sua condição.

Ele está tanto melhor quanto não tiver massas de energia.

Um preclaro tem que ter massas de energia na medida em que acredita que não pode criar espaço e energia. É um índice directo. Logo, nós encontramos alguém que tem extensas cristas flutuantes, e esse tipo de coisas, e este indivíduo está só com essas dificuldades. Isso está fora de questão e sem excepção. Não importa que manifestação ela exiba neste momento particular, uma pessoa está tanto pior quanto tiver estas massas de energia, não localizadas, mas a flutuar. Poderia dizer-se que são “massas de energia” flutuantes porque, para onde quer que vá, ele tem-nas. Agora ele está tanto melhor quanto simplesmente puder pegar ou largar as paredes e outros itens do universo físico, onde quer que ele se encontre. Ele pode-os pegar ou largar, ver ou não ver à vontade. Estará muito *bem* quando puder fazer isto.

Que processo é que você talharia a fim de realizar isto? Bem, poderia mandar um preclaro sentar-se numa cadeira e olhar ao redor da sala, simplesmente localizando pontos um após outro. É uma técnica fantástica. Fará bastante por um preclaro, só mandá-lo fazer isto. E de facto você está a ir mais além Na SUA aplicação quando o manda levantar-se e ir ESCOLHER os pontos, e TOCÁ-LOS, e então, à vontade, QUEBRAR A COMUNICAÇÃO com eles. E SOP 8-C é de facto uma escala gradiente, e O Procedimento de Abertura 8-C é uma escala gradiente para fazer isto.

Há um processo adicional que poderia ir junto com isto. Você poderia mandá-lo fechar os olhos e começar a verificar pontos no ambiente.

O caso que ligou a sua percepção muito completamente, e então prontamente a desligou e nunca mais a ligou, simplesmente se assustou, ficando praticamente fora de si. A percepção ligou e isso foi muito Is-ness. Foi um gradiente muito íngreme. Ele podia ver tudo muito claramente, e isto enervou-o, transtornou-o, perturbou a digestão do thetan e fê-lo muito infeliz. E o que é isto? Isto é simplesmente um caso de demasia, e instantaneamente ele disse: „não é”. Ele fez „Not-is”. Deu uma olhada a todo este ambiente e disse: „embota. Embota mesmo. É melhor isto por aqui ser irreal. É muito luminoso, é muito alto”, e assim por diante.

Bem, o que acontece se nós temos esta pessoa sentada ali na cadeira de olhos fechados, e apenas o mandamos dar uma olhada e localizar pontos na sala, e surge um fac-símile? Nós apenas o mandamos continuar a localizar pontos em seja o que for que possa ver. Não paramos de repente e dizemos: „oh, tu tens muito negrume. Localizemos alguns pontos no negrume”. Não, ele apenas continua a perseguir algum tipo de percepção da sala. Isso é o que você quer. E ele continua a localizar pontos na sala, e a localizá-los e a localizá-los e a localizá-los e a localizá-los. Só isso e nada mais. Localizá-los atrás dele, acima dele, abaixo dele. Se você não o observa um pouco, ele localiza-os todos na frente. Você tem que lhe dirigir a atenção para

trás. Um thetan tem uma visão periférica de 360°. Não há nenhum „atrás”, ou ir para trás de si, do thetan.

Agora, temos então aqui num thetan uma possibilidade de, no momento em que ele realmente vê a sala, deixar de a ver outra vez. Ele vacilaria. E então você continuaria logo a processá-lo na direcção da sala. Já se vê o que isto seria. Ele vacilaria, a sua percepção pereceria, e você apenas pega nisso a partir dali e o manda localizar pontos na sala. Então ele diz que toda a sua percepção pereceu. Bem, você apenas o manda encontrar algo que ele possa aperceber. Ele diz: „penso que é um fac-símile. Não sei o que é, realmente. Não me parece terrivelmente real...” Você diz só: „fecha os olhos. Agora localiza alguns pontos na sala”. O preclaro diz: „eu... o que quer dizer com fechar os olhos e localizar...?”

„Bem, podes ver alguma coisa ali com os olhos fechados?”

„Não... é claro que não”.

„Bem, porque é que não olhas em volta. Obtém uma impressão de qualquer coisa?” „Mmmm. Bem, quem diria. É tudo negro”. Ele nunca tinha notado isto.

Você diz: „bem, certo. Que tal isto agora? Dizes que está tudo negro, bem, há algum lugar onde o negro está mais fraco?” Atrás de ti, por exemplo, ou por cima, ou por baixo de ti? Não distingues nada em absoluto nesta sala?”

„Não”.

„Bem, como estás aí sentando com os olhos fechados, sabes a localização de alguma coisa nesta sala?” „Sim, bem, sei onde está o meu corpo”.

É claro que um caso assim provavelmente afirmará violentamente, se não estivesse preparado de outra maneira, que ele é um corpo, tinha sido sempre um corpo, sempre seria um corpo, nunca tinha sido outra coisa senão um corpo, e que só se vive uma vez. E também diria que durante o estudo de *Ciência e Sanidade* de Korzybski concordou inteiramente que duas coisas não poderão ocupar o mesmo espaço. Ele dir-lhe-á todas estas coisas. Seria uma conversa *muito* informativa se o deixasse prosseguir. Você, a propósito, só o deixou prosseguir com tal conversa o bastante para manter uma comunicação de Duas Vias, e então mandá-lo *fazer* qualquer coisa.

„Certo”, você diria: „bem, sabes a localização de algum objecto nesta sala?” E o fulano diz: „bem, há uma mesa ali mesmo, eu sei isso”.

„Certo. Olha para essa mesa”.

Provavelmente os olhos estalarão, escancarados, e ele fitará isso, mas você tem que manter os olhos dele fechados. Você obteria uma permuta algo como isto... ele sabe que há ali uma mesa, e você diz: „localiza algumas pontos nela”.

Ele diz: „não posso localizar nenhum ponto na mesa, se não a vejo”.

„Sabes que está ali?”

„Sim, eu sei que está ali. Vi-a quando entrei”.

„Bem, certo. Localiza algumas pontos nela”.

„Mas terei que abrir os olhos”.

„Prossegue e localiza algumas pontos naquela mesa”.

Ele finalmente fá-lo. E o negrume começa a ficar cinzento à sua volta, e então cintila, e a percepção surge, e de súbito ele fica consciente do facto que tudo é real, e então fecha convulsivamente toda a percepção e deixa-a ligar outra vez, e fecha-a outra vez, e então ele vacila deste modo, e vacila daquele modo. Porquê? Ele sabe que é perigoso olhar as coisas. Ele sabe disso. Ele sabe, outra vez, que é perigoso comunicar. E ele fecha isso antes de qualquer outra coisa o fechar. Ele está ali à frente dos acontecimentos. Mas depois de abrir e fechar e de abrir e fechar algumas vezes, é provável que seja mais perturbador para ele nessa altura, porque é provável que esteja a ficar mais real. É provável que a sala esteja a ficar cada vez mais real, cada vez mais sólida.

Agora você não o deixa voar completamente pelas portas e paredes afora neste processo, e nem localizar coisas a distâncias irreais... localizar a mil metros, quando mil milímetros seria uma distância muito, muito grande, e três milímetros é mais ou menos o que ele pode tolerar. Logo nós mantemo-lo no ambiente imediato, e quando dizemos ambiente queremos dizer universo físico, e queremos dizer objectos que ele tem bastante certeza que estão lá, e nós apenas o trabalhamos naquela base, e então, a primeira coisa que você sabe é que as paredes começarão a desaparecer-lhe, e então elas flamejarão outra vez e deixarão de flamejar, e a coisa fica cada vez mais real, e ele fica transtornado com isto e então fica tranquilo com isto, e passa por muitas variações, e a fazer o quê? Sentado ali mesmo onde está sentado, e a si não lhe importa onde é, a localizar pontos na sala, quer a sala seja negra, verde, púrpura, ou que ele tenha fac-símiles ou não do que realmente está a localizar. Não importa o que este preclaro está a fazer contanto que continue a localizar pontos. Se obteve um fac-símile ali plantado, e mudar a sua atenção do fac-símile, ele solta-lo-á. Vê-se livre de alguma desta massa.

Se ele realmente só está a localizar coisas no negrume, mudando realmente a direcção da sua percepção, então Buuum, ele começará a olhar *através* do negrume. Se você o manda olhar para o negrume e localizar pontos no negrume, você está a validar estas massas de energia, cujo *thetan* está tanto pior quanto as tiver. O que ele está a testemunhar com todas estas possessões e massas de energia é a sua própria inabilidade de realmente fazer mock-up de algo mandá-lo pertencer a outrem. Isso é o que ele está a testemunhar.

Então há aquele processo. E deste básico você obtém o Procedimento de Abertura 8-C. Mas você pode fazer também Procedimento de Abertura 8-C com o *thetan*, sem mover o corpo. Você poderia mandar o *thetan* tocar coisas na sala. Mas de facto você não o manda tocar e largar coisas, manda-o é olhar para a coisa e olhar para fora. E você pode executar todos os passos exercitando mais ou menos o *thetan* na sala, com o preclaro ali sentado de olhos fechados, e este procedimento torna-se tremendamente exequível.

De facto a na sua forma mais simples é só dizer-lhe que feche os olhos, e se ele souber de algum objecto em absoluto na sala enquanto tem os olhos fechados, localiza pontos nele.

Agora o clássico exemplo disto, o Processamento de Grupo, é um muito simples, e é: „Três pontos no corpo, três pontos na sala”. Mande-os localizar três pontos no corpo três pontos na sala, três pontos no corpo três pontos na sala, de um lado para outro, e, no fim de deste tempo, no fim de uma hora de processamento de grupo em pessoas perfeitamente verdes, você terá exteriorizado quatro ou cinco dos vinte... o percurso habitual das pessoas que encontra.

Contudo, 8-C feito com o corpo e sem mais truques, os seus comandos de audição mais elementares conforme o Procedimento Intensivo, é o único processo... por favor anote este aqui, por favor lembre-se disto, é o único processo para o caso muito, muito baixo ou difícil. Vamos anotar isto e reconhecer que quando um preclaro de nível muito inferior aparece, já está determinado exactamente o processamento que ele vai ter. Está abaixo de Dois na Escala de Tom, e o que é preciso para manejar este caso é o Procedimento de Abertura 8-C, porque, na

essência, é uma pureza de comunicação, e é um processo muito simples, mas não significa que você não tenha que ser um artista para o utilizar.

CAPÍTULO DEZANOVE

PROCEDIMENTO DE ABERTURA POR DUPLICAÇÃO

Isto tirará qualquer caso pendurado e com dificuldades, e elevá-lo-á rapidamente através de sucessivos níveis de tom. Não deveria supor-se que um caso não se move na escala. Auditores houve que se sabia terem tido a meta de um bom preclaro, sossegado, em ordem, numa sessão de audição. Eu nunca tive essa meta particular, mas, por outro, lado tenho escrupulosamente evitado técnicas que produziram meramente um efeito e não um resultado.

Bem, eis uma técnica que produz um efeito e produz um resultado, porque quando você atravessou isto, o nível de comunicação de alguém foi *elevado*. Quando fez Procedimento de Abertura por Duplicação, qualquer coisa acima de meia hora, você verá uma mudança de tom no caso. Agora esta pode ser a mudança de tom da G.E. (*Entidade genética*: UM composto de toda a experiência celular registada ao longo da banda genética do organismo até ao presente corpo. Tem a manifestação de uma única identidade. Não é o ser theta, ou o „Eu”). A G.E. pode mudar de tom, o theta pode mudar tom. Mas onde nós temos uma G.E. a mudar de tom, podemos estar então preparados para uma pequena derrapagem no tom depois de temos feito Procedimento de Abertura por Duplicação. Digamos que fizemos isso durante uma hora com considerável pirotecnia. Parámos naquele momento e não avançámos. Fizemos outra coisa qualquer. O fulano parecia estar em bastante boa forma. Podemos esperar alguns dias para ter outra vez à vista alguma semelhança de tudo isto porque a G.E. está em revolta, momento em que nós simplesmente faríamos aquilo outra vez. Isto não significa que um preclaro se afunde por ser corrido nisto. Ele nunca volta ao mesmo estado em que estava, mas a condição deteriora ligeiramente o que atingiu se não fizer nada mais na sessão do que Procedimento de Abertura por Duplicação. Logo, nós não deveríamos considerar o Procedimento de Abertura por Duplicação uma coisa acabada e final com um caso até o fazermos várias vezes.

É deste modo. Nós entramos em comunicação com o preclaro. Naturalmente se o seu preclaro está extremamente em baixo na escala, entrar em comunicação exigirá mímica e outras actividades que tais da sua parte, qualquer coisa que seja comunicação. Nós entramos em comunicação de Duas Vias com este preclaro e falamos com ele o bastante para manter a comunicação e obter alguma ideia de algum tipo de problema de tempo presente. Vemos se ele tem algum. Isso é principalmente no interesse de... você está interessado nele e está agora em comunicação sobre alguma coisa que é real para ele.

Tendo prosseguido até ali, nós tentaríamos resolver então abruptamente este problema cara a cara. Agarraríamos *qualquer possibilidade deste indivíduo ser incapaz de duplicar um comando muitas vezes*, iríamos para o Procedimento de Abertura e faríamos Procedimento de Abertura como tal, muito ligeiramente durante muito pouco tempo. Mandávamo-lo pôr a mão na mesa e localizar alguma coisa real na sala, e ir lá pegar nisso, e afastar-se disso, e púnhamo-lo a andar pela sala durante um curto espaço de tempo. Quero dizer um *curto* espaço de tempo, porque que estamos a chegar é à razão porque ele não pode executar o Procedimento de Abertura muito facilmente.

O PROCESSO

Vamos encontrar duas localizações na sala e colocaremos um objecto em cada localização. Teremos um livro na mesa, e noutra mesa auxiliar ou peitoril ou algo assim, teremos outro

objecto, de preferência um objecto dissimilar. Poderíamos ter um chapéu, ou um cinzeiro, qualquer tipo de objecto. Um objecto na mesa, um objecto dissimilar nalguma outra localização da sala. Não use dois livros, por exemplo.

Agora pedimos ao preclaro para ir até ao primeiro objecto, e pedimos-lhe que o apanhe, e que o descreva. Perguntamos qual a sua cor, a sua temperatura, o seu peso. Então mandamo-lo poisá-lo. É claro que uma repetição de „poisa-o” não parece coisa boa e é como que uma técnica repetitiva em si mesmo (*Técnica Repetitiva*: refere-se à técnica de Dianética que usa a repetição pelo preclaro de uma palavra ou frase a fim de produzir movimento da banda do tempo para um engrama que contém aquela palavra ou frase), mas o facto é que aquele comando funcionará neste processo à medida que o caso prossegue.

Então mandamo-lo poisá-lo, e então ir para a janela e apanhar o objecto dois, e olhar para ele, descrevê-lo... mandamos descrevê-lo para o manter em comunicação de Duas Vias. Mandamos descrevê-lo verbalmente e sentir o seu peso, e obter a sua temperatura, e então mandamo-lo poisar exactamente onde o apanhou. E então mandamo-lo ir até ao objecto um, e mandamo-lo apanhar e descrever e sentir o seu peso, e a sua temperatura, e realmente averiguar isto. Queremos garantir que ele averiguou isto, e é uma coisa nós perseguimos através deste processo, que é ter a certeza que ele realmente sente o seu peso, que realmente obtém a sua temperatura, que ele realmente lhe diz as cores e a aparência do objecto. E ele poisa-o e vai para a posição dois e apanha o segundo objecto e obtém o seu peso, a sua cor e a sua temperatura, e mandamo-lo poisar no mesmo lugar onde o apanhou, (seja muito insistente nisso), e então manda-o voltar à posição um.

Quanto tempo fazemos isto? Fazemos isto até que ele o possa fazer cerca de dez minutos, feliz como um passarinho, sem uma única perturbação, até que o pode fazer vez após vez e com a mesma alegria.

Quanto tempo vai levar isto? Quinze horas? Bem, é claro, você vê que um indivíduo sabe que morreria se lhe pedissem que fizesse isto durante quinze horas, e que o auditor dava um tiro na cabeça muito antes! Você percebe que é assim, e então prossegue e faz isso durante quinze horas se necessário. O mínimo que eu o pude levar a fazê-lo foi efectivamente uma hora. Levei o preclaro desde apatia, lágrimas, lágrimas reais (também apatia real, a propósito), uma dor de estômago horrível, falta de apoio nos pés a certo ponto, e o preclaro estava absolutamente seguro disto, através de ira, antagonismo, desprezo, aborrecimento, apatia outra vez, medo, ira, antagonismo, desprezo, apatia, desgosto, medo, antagonismo, entusiasmo, apatia, e outra vez por aí acima para a primeira vez que o sujeito tinha estado no primeiro nível da Escala de Saber a de Sexo, para excitação sexual, para símbolos, para ira, para riso, para apatia, para sexo outra vez, e comer surgiu ali tão claro quanto poderia ser. „Bem, acho que poderia *comer* o livro. Acho que é o que você quer que eu faça agora. Comê-lo. Bem, não vou comê-lo, assim, ali”. E outra vez, o outro objecto, „acho que agora devo usar isto para propósitos sexuais. Isso é o que você quer. Não é?” Estas várias manifestações... até finalmente o caso simplesmente arrancar para cima na escala de tom e ficar lá em cima. Ele passou por sexo, entrou em esforço e então disse: „Bem, não sei, é um *exercício* andar de um lado para outro”, e subiu para emoção. Começou a ficar muito interessado no facto de ter tido *emoções* relativas a este processo, e que este processo o tornaria emocional era agora curioso. Ele ficou bastante curioso sobre o processo, a primeira vez que entrámos em curiosidade, mesmo que vagamente, e, de súbito, subiu para... conectou um víscio tremendamente brilhante (*Víscio*: a capacidade de ver em forma de fac-símile alguma coisa que a pessoa tinha visto antes, de forma que ela o vê outra vez da mesma cor, à escala dimensional, brilho e detalhes, como foi visto originalmente) então foi mais adiante até que apanhou o sónico (*Sónico*: a capacidade de recordar um som de forma que

a pessoa o possa ouvir outra vez como o ouviu originalmente, por completo, tom e volume) e ficou intolerável, e então fechou-se outra vez num nível tolerável.

E o máximo que levei a fazê-lo num caso foram cinco horas e meia. É muito tempo. De facto, enquanto eu estava a correr isto nunca tive qualquer tendência real para ficar muitíssimo enfadado. É extremamente interessante quantos tipos de reacções este simples processo produz.

Uma das coisas que eles verificam imediatamente é que você está a tentar pô-los sob completo controlo. Estão seguros disto. Eles ficam seguros de várias coisas, todas elas más, em relação a si como auditor, se estão a passar um mau bocado. Um caso que está sob bom controlo pode fazer isto em meia hora bem-controlado, emocionalmente estável, a fazê-lo mesmo bem, e então fica em pedaços, não pode aguentar mais, e é tudo. E assim você pode esperar, acho eu, que a entrada para muitos casos seria você ter um preclaro muito bem comportado por momentos, que estava a ser social, e então, eh pá, ele fica anti-social.

Agora este procedimento, é claro, utiliza duplicação ao ponto de ser árduo e cruel. A duplicação é uma parte essencial de qualquer comunicação, e, se quer entrar em comunicação com seu preclaro, o melhor é torná-lo capaz de duplicar. Este processo faz duas coisas. Produz um efeito, você pode estar seguro disso, mas também produz um resultado que é a única razão porque nós estamos a usá-lo, e produz aquele resultado mais rapidamente do que qualquer outro processo que eu conheço.

Agora todos nós sabíamos que o Procedimento de Abertura era satisfatório, mas a parte do Procedimento de Abertura que era realmente quente, é que você poderia correr *qualquer coisa* em 8-C, qualquer passo de SOP 8-C poderia ser corrido pelo Procedimento de Abertura. Você poderia fazer um sujeito andar à volta e fazer fosse aquele passo o que fosse. Precisaria um pouco cálculo da parte do auditor para obter isto, mas é um facto. Bem, duplicação é tremendamente importante. Apenas não pode ser sobre-enfatizada num caso. E quando Procedimento de Abertura colidiu com Duplicação nós obtivemos uma enorme eficácia, e onde não se usou para nivelar a duplicação, mas para produzir actividade fortuita, não foi tão eficaz, nem perto. Logo nós temos este procedimento agora construído neste ponto. Nós temos: Comunicação de Duas Vias, descobrir se há um Problema de Tempo Presente, então poderíamos fazer só um pouco de Procedimento de Abertura 8-C só para os habituar à ideia de andar às voltas e sem se embarcaçarem, porque estão a fazer alguma coisa tipo estúpido, pensam eles frequentemente, andar pela sala, pôr a mão na mesa e assim por diante, para Duplicação por Procedimento de Abertura com dois objectos, apanhando-os, sentindo-os, descrevendo-os, poisando-os no mesmo lugar, apanhando o segundo objecto, descrevendo-o, poisando-o no mesmo lugar, e assim por diante.

O que acontece a um corpo quando você corre muito Procedimento de Abertura? Você está a trazer o corpo para cima na escala como entidade. Por quanto tempo virá ele escala acima como entidade? Até ficar muito inquieto. Bem, temos o nosso ponto, onde o seu Procedimento de Abertura colapsa um pouco, ou cai para trás, por isso não é um processo definitivo, ou é? Você poderia provavelmente correr Procedimento de Abertura num corpo, o bastante para finalmente exteriorizar a G.E. do corpo, se ela vir aquele tipo de complexidade. Mas, contudo, você corre-o, e tudo contra o que o corpo se revoltou é provável vir imediata, íntima e abruptamente à superfície. Está sujeito a ficar bastante violento. O que é que o corpo está a fazer? Há muito tempo que corpo tem ameaçado estas revoltas. O theta tem bastante vulgarmente o corpo em controlo indiferente, e o corpo, é claro, percorre tudo através destas coisas, explode através de algumas das cristas, e o theta descobre que pode manejá-lo corpo independentemente do que ele está a fazer. Isso é o que o theta descobre, e é por isso que o seu Procedimento de Abertura por Duplicação é eficaz. É mais eficaz com o theta

exteriorizado do que interiorizado, muito mais eficaz. Mas se corréssemos isso tempo bastante no próprio corpo, e se nos dirigíssemos ao próprio corpo para o correr, obteríamos provavelmente alguma manifestação esquisita, surgindo algum fenómeno novo, acontecendo algo estranho. Não estaríamos totalmente preparados para dizer exactamente o que aconteceria. Em primeiro lugar não há possibilidade de auditar isto directamente no corpo. O próprio corpo é um animal. Num nível de estímulo-resposta tem pouca inteligência, mas se você começasse a exercitar essa inteligência de qualquer forma, teria que surgir através de muitos estratos.

Mas o ponto é:

- (1) O Procedimento de Abertura por Duplicação é violento.
- (2) A condição atingida depois de mais ou menos hora e meia de Procedimento de Abertura por Duplicação pode esperar-se deteriorar-se no dia seguinte ou algo assim, mas não para o nível onde o tom do corpo do preclaro estava originalmente, e teria que ser repetido nessa medida a fim de apanhar e estabilizar o tom.

Eu fiz isso em três sessões, cada uma com cerca de cinco dias de intervalo, e na última sessão havia uma estabilidade atingida simplesmente por este processamento.

Mas isto não é um processo definitivo. Este processo põe o caso em forma de modo que ele faça um bom trabalho seguindo a suas instruções, e faça um bom trabalho de comunicação, e isso apanha o tom de comunicação do indivíduo. Por isso o tempo que você dedica a correr isto como auditor é claramente encurtado.

Se fosse um processo definitivo, seria assim que o corria. Você corria-o hora e meia, ou duas, ou algo assim e esperaria um, dois, três dias, algo assim, corria-o outra hora ou duas, parava três ou quatro dias, e corria-o outra vez no preclaro quinze minutos ou meia hora. Então teria atingido um estado estável e melhorado a sua condição. Corrido daquela forma é um processo definitivo, mas não realmente da forma em que o correria como Procedimento de Abertura.

Mas vejamos agora como se combina num procedimento para tirar o preclaro da sua explosão incipiente, de forma que isso não se atravesse no seu caminho como auditor. E considere só o Procedimento de Abertura por Duplicação, embora em si mesmo seja muito benéfico, como algo pelo qual você, o auditor, vai monitorar o preclaro de forma que ele realmente possa fazer o que você diz.

Se um caso achasse consistentemente difícil comunicar consigo, se um caso visse tudo consistentemente negro, se um caso fosse consistentemente ocluso e distorcesse as suas ordens e assim sucessivamente, você simplesmente teria que... não teria nenhuma outra escolha a não ser sentar-se e remoer com Procedimento de Abertura por Duplicação neste caso até ele de facto sair do mato. Agora, e a necessidade de um lapso de tempo entre sessões? Bem, de facto não é absolutamente necessário. Estou a falar agora de audição profissional. É assim que programaria estas coisas optimamente. Você faria só um pouco menos de progresso fazendo isso um par de horas por dia durante dois ou três dias. Investiria talvez mais trinta por cento de tempo de audição, porque o caso não tinha tido oportunidade de assentar, mas você chegaria lá. Dois ou três dias, duas ou três horas por dia. Deixando o fulano assentar opõe-o de novo ao ambiente e você economiza tempo a longo prazo. Ele regressa ao seu ambiente, é restimulado, volta então para uma sessão de audição e estoira a coisa. Ele entra outra vez no ambiente, e você de facto, dia a dia, está a obter outro tipo de ambiente que corre fora do preclaro. Seria um processo definitivo se o fizesse deste modo. Seria uma resposta em si mesmo, só Procedimento de Abertura por Duplicação. É só o que faria com o preclaro.

Bem, é um processo fantástico da maneira como estoirará um caso. Se um caso explode ou estoira sob o efeito disto, não há nenhum outro processo conhecido que solte uma linha de comunicação encoberta que esteja a distorcer um processo. Se um caso estoira significa que esse caso tinha tendência para distorcer um processo, porque, não podendo duplicar inteiramente, escapa-lhe das mãos, e contanto que lhe possa escapar das mãos como auditor, ele alterará então um processo cada vez que esse processo o põe a mexer, o que é muito duro para ele, e ele tem que atravessar essa dureza.

E você não o poderá guiar com um conceito. Logo, tem ali o Procedimento de Abertura por Duplicação como a única coisa conhecida neste momento que empurrará um caso por aí fora para numa boa comunicação e capacidade de duplicar os seus comandos de audição. Se você apenas fizesse isto um pouco com um caso, obteria ainda uma linha de comunicação melhorada. Se fizesse isso muitas, muitas horas com um caso em dias ou semanas sucessivos, você obteria uma melhoria total da comunicação da parte do caso. Isto é uma certeza. Mas quando o seu caso estoira, fica transtornado ou excitado, você pode olhar este facto de que tem que ter investido... se tivesse auditado este caso entes com outros processos, você tem que ter investido muito tempo a tentar levar o caso a „quebrar a barreira do som”. O caso não o fez. Agora, porque é que isto exige um pouco de violência? Um das coisas que acontecem é que o indivíduo sabe que não deve exibir violência, e esta técnica leva-o ao ponto de a exibir, e ele descobre que nada lhe aconteceu. Isto em si mesmo dá-lhe uma tremenda confiança. Já viu alguém que se zangou e descobriu que ninguém objectou, e então ficou eternamente arrogante? Bem, o Procedimento de Abertura por Duplicação leva-o ali e poupa-lhe uma enorme quantidade de tempo. A quantidade de tempo economizada nisto é provavelmente em termos de vintenas de horas, se não centenas. Se tem um caso pendurando, pode muito bem continuar pendurado a menos que você fique tão violento quanto o Procedimento de Abertura por Duplicação. E se o caso está pendurado em qualquer grau, bem, você remedeia, é claro, o seu Procedimento de Abertura por Duplicação. Ele tem seu próprio papel. É em si mesmo o seu próprio remédio, mas o que você está a tentar como um auditor é explodir através de lugares onde ele se penduraria, o que poderia levar anos para atravessar inteiramente.

Logo, este processo não é só um pensamento passageiro. Parece conter todos esses elementos que vão estabilizar um caso, e por isso é bastante importante para o auditor. Mas se um auditor o trabalha sem esperar violência, se ele trabalha isto sem esperar um mau bocado com alguns preclaros, bem, ele é mesmo mais optimista do que eu, o que é impossível.

CAPÍTULO VINTE

A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO DE DUAS VIAS DURANTE O PROCEDIMENTO DE ABERTURA POR DUPLICAÇÃO

Quando dizemos *theta* estamos a falar de um ponto de emanação. Nós estamos a falar de uma pessoa. Ele escreve cartas, ele saúda-o de um modo disparatado, ele faz isto, ele faz aquilo. Examinemos, para variar, o fim desta linha de Causa. Muito frequentemente a pessoa examina só o fim da linha de Efeito, porque é onde o interesse é centrado. Quando examinamos o fim da linha de Causa descobrimos alguma coisa de tremendo interesse: Causa, se ele deseja obter algo como um efeito de ARC no ponto de Efeito, tem que levar em conta o facto de que o ponto de Efeito é frequentemente bastante incapaz de se imaginar como Causa.

Eis aqui CAUSA–DISTÂNCIA–EFEITO. Agora, para obter uma duplicação perfeita é preciso que Efeito *se imagine* de modo a receber a duplicação desta Causa, a fim de receber a comunicação em absoluto.

Para lhe dar um exemplo disso, você é um americano na França. Agora um Francês vem e diz: „zomberfiel Blotheree, ello blfthblorerup”. E você diz: „Huh”. Você não foi efeito em absoluto, realmente, não o tipo de efeito que ele tencionava. Ele queria que você pusesse a bagagem na carrinha ou algo assim. E você de certeza obtém um tipo de sentimento único enquanto fica a pensar nisto, e surgem pessoas que não falam inglês, nem linguagem de surdo-mudo, nem sinais de Escuteiros. Mas eles lançam-lhe montes de verbalização na cara que deveria significar alguma coisa, e você não comprehende nada disso. Além disso, está intensamente consciente do facto que os costumes deles são provavelmente insondáveis. Por exemplo, na França, se você for americano, a sua ideia de canalização e a ideia francesa de canalização são duas coisas inteiramente diferentes. Duas coisas *inteiramente* diferentes. O único problema de tentar entrar em qualquer civilização é de facto o problema de ser capaz de se imaginar a si próprio. Você não se dispõe a imaginar-se como um francês. Não se dispõe a imaginar-se como parte e pacote de todos estes costumes estranhos e chocantes. Você poderia compreender isto bastante facilmente no ponto de Efeito, mas e o ponto causa? O ponto causa tem, muito mais do que o ponto Efeito, de se imaginar a si próprio, porque o mockup do ponto Efeito está a ser ajudado por Causa, mas o mockup do ponto causa não está a ser ajudado, e é este facto, de que não está a ser ajudado, que faz as pessoas pensar que precisam de ajuda.

Elas estão habituadas ao lado do Efeito, e quando se encontram no lado da Causa, dizem: „Onde está toda a ajuda?” Assim, inventam um analisador e um computador e um Banco Reactivo e todos os tipos de coisas, a fim de estar aqui no ponto causa, porque o ponto causa tem que se imaginar a si próprio tal como o ponto Efeito, ou pontos Efeito subordinados, que não são realmente capazes de qualquer grande mudança, que não são capazes de se imaginar a si próprios e nunca lhes será comunicado nada, a menos que Causa se imagine a si própria.

Logo, a fim de entregar um efeito, Causa tem que poder imaginar-se a si própria com uma autodeterminação muito mais alta do que Efeito, porque Efeito é ajudado no mockup por Causa.

A capacidade para estar no ponto causa é necessária a uma boa comunicação. Você tem que poder *ser*. Por outras palavras, tem que se poder imaginar a si próprio. Se, abordado por este Francês, se imaginasse instantaneamente como oficial francês, você seria capaz fazer isto, acharia de repente que estava „tudo em casa”. De facto alguma coisa sairia de um intercâmbio deste carácter, e você diz de repente: „o que é que você está a fazer sem a sua identificação?”

ou algo assim, e ele diria: „Oui, Oui, merci, muito obrigado, não... uh... adios...” ou seja o que for. Você tem que se imaginar como alguma coisa que ele reconheça como Causa, mas que tipo de segunda visão seria necessário? O que é que este Efeito reconhece como Causa? Você imagina-se como o que este ponto de Efeito regularmente reconhece como Causa, e isso põe-o no fim da linha de Causa. É, por isso, o fim da linha de Causa que você deverá examinar, porque é onde, como auditor, você está a tentar pôr o preclaro. Você realmente não está a tentar pôr o preclaro no fim da linha de Efeito. Agora, se compreender isso completamente, você está a ver o que queremos dizer com aumento de autodeterminação. Nós queremos dizer que estamos a aumentar a capacidade deste preclaro para estar ao fim da linha de Causa.

Se o preclaro entrasse na sala de audição e tudo o que ele dissesse fosse: „Hehehehehe”, bem, você reconheceria que ele não estava totalmente no fim da linha de Causa. De facto, ele provavelmente também não estaria no fim da linha de Efeito, mas, provavelmente, no meio dos dois pontos *sendo uma partícula de comunicação*.

Um indivíduo pode desgarrar-se do ponto causa, pode seguir a própria linha, e pode tornar-se uma partícula na linha. Se você chegassem até ele na rua e lhe escrevesse um endereço no peito e lhe pusesse um selo na frente e o metesse numa caixa de correio, ele ficaria perfeitamente contente. Tais casos tornaram-se partículas de comunicação. Eles são mensagens. Nem sequer têm uma mensagem, eles são uma mensagem. O mensageiro exausto lançando-se do cavalo e morrendo aos pés do rei ao mesmo tempo que anuncia a derrota, está a ser a mensagem. Não há qualquer razão para uma pessoa matar cavalos ou mensageiros só para dizer a algum rei que perdeu um par de bens imóveis, mas eles faziam sempre isso. Por outras palavras, estas pessoas podiam muito facilmente ser partículas de comunicação, e não causa ou efeito em absoluto.

O declínio é simplesmente de Causa capaz para Causa fixa, e então eles começam a cavalgar a linha. De um Efeito que podem receber, para um Efeito que têm que receber, para um Efeito que não receberão. *Desejado, forçado, inibido*. Finalmente alguém se encontraria evitando todas as causas, e evitaria ser Causa evitando qualquer outra coisa que fosse Causa. Fizesse o que fizesse, montava finalmente na linha como partícula ou símbolo. Eles vão de Causa para o estado de Símbolo, vão de Efeito para o estado de Nenhum Símbolo, mas montam na linha, deslizam, e obtêm massa, significado, mobilidade. Agora não há nada totalmente mau nisto. Mas restabeleçamos a capacidade deste preclaro.

Quando você encontra uma pessoa incapaz de se dirigir, física ou verbalmente, de qualquer maneira aceitável que torne uma comunicação fácil, é porque ela não pode mudar. Está fixa. Se você, ou o guarda prisional, ou a soda entornada na drogaria do canto, ou o Presidente dos Estados Unidos entrasse, encontrar-se-ia no mesmo estado fixo.

Bem, se ele não pode mudar, está continuamente à espera de vir a ser Efeito. Logo, nós temos ali um preclaro e é: „bem, avance e audite. Eu serei efeito”. Eles sentam-se ali sobre „não poder mudar”, pouco dispostos a ser Causa. Logo, é consigo levar o preclaro ao ponto onde ele esteja pelo menos consciente de que está a mover alguma coisa, de que não está a ser movido. É por isso que você o manda tocar paredes e objectos ali à volta.

Mas a essência disto está contida na duplicação. Esta pessoa não o pode duplicar à entrada, por isso não pode falar consigo, mas isso é a verdade e de toda a sua vida. Ele reconhece a sua inabilidade de duplicar a vida, e reconhece que não pode seguir com ela numa base de comunicação de Duas Vias de tal maneira que ela seja então assistida na sua recepção. A vida receberá as suas mensagens se reconhecer que você é uma fonte de comunicação. Como é que ela faz isso? Bem você tem que ser como ela. Tem que a ajudar na duplicação.

Isto não significa que um auditor tenha que se deitar no chão e rastejar e duplicar todas as possíveis coisas esquisitas e estranhas que um caso poderia fazer, porque de facto o que você está a duplicar ali é o circuito (*Círculo*: uma parte do banco de um indivíduo que se comporta como se fosse alguém ou algo separado dele, e, ou dita ordens, ou toma conta das suas acções. Os circuitos são o resultado de comandos engrâmicos). Mas certamente um auditor poderia ser chamado a duplicar qualquer movimento típico. A pessoa fecha as mãos, o auditor fecha as mãos. Ele vê então que um gesto físico é duplicado.

O denominador comum desta inabilidade é o factor duplicação. Em toda essa dificuldade de comunicação há basicamente esta inabilidade de duplicar, tanto assim que a realidade poderia ser chamada, e reformulada e redefinida como: *o grau de duplicação*. A afinidade é de facto *a distância e o tamanho da partícula*. A comunicação é, é claro, *Causa-distância-efeito*. E o grau de duplicação é o que faz a realidade. Você é tão real para os que o rodeiam quanto eles o podem *receber*. Já teve algum tipo de suspeita de que na sua família não estavam a receber o que você estava a dizer? Bem, é porque há muito que fixaram nas suas mentes o facto que não o estavam a duplicar. Você era *pequeno*. Isto seria por si só suficiente para tornar a família incapaz de receber informação sua. O avô é um industrial bastante bem sucedido, e tem visto este neto correr ali à volta enquanto ele estava na meia idade, e a criança vai e estuda promoção de vendas, com todo o vigor da juventude e um bom antecedente, e uma boa herança em toda esta linha e, eh pá, ele podia dar os cartões do Avô e cartas no assunto da promoção. Ele passa à esfera de actividade do Avô e está no seu trabalho e põe um memorando de sugestões na secretaria do Avô. Você pensa que alguma vez é lido? Há, ha é só do Jimmy. E o Jimmy sai e começa a trabalhar para outra companhia, e começa a vender todo o campo e aniquila o Avô. „Ele não sabia o que dizia”. O avô já tinha a ideia de que a pequenez de Jimmy não é uma duplicação. E que a ser a sua ideia primária conectada com este indivíduo, ele sabe então que tudo que ele realmente pode receber deste indivíduo é „Ga-ga-ga-ga”, „dá-me um chupa-chupa” e „dá-me um níquel”. Alguma coisa desta ordem estaria dentro da sua linha de comunicação básica com esta criança, por isso depois não poderia levar a sério a linha de comunicação da criança. Mas a criança muda, cresce. A impaciência principal que você sempre teve com pais ou qualquer pessoa à sua volta, é a sua ideia fixa de que você é pequeno. Então você aparece mais tarde e os seus pais estão a envelhecer e estão aflitos e você diz: „porque é que vocês não...” e dá-lhes alguma sugestão sensata... você vai-os ajudar, e descobre que quase qualquer coisa que sugira é inaceitável, porque eles sabem que não podem duplicar ninguém do seu tamanho. Eles sabem, se é que sabem qualquer coisa, que você tem cerca de 30 ou 60cm de altura, onde quer que eles estejam presos na banda quanto a si. A mãe está muito frequentemente presa no nascimento da criança, na primeira visão da criança, e depois disso a criança apenas não tem nunca uma solução sensata para nada. Mas a criança está de facto melhor adaptada ao ambiente moderno do que a Mãe.

Por isso poderia acontecer uma coisa estranha, se um auditor não estivesse completamente consciente deste factor de duplicação da entidade do preclaro. Ele poderia estar na ilusão que o preclaro está a melhorar, quando o preclaro está de facto simplesmente a ficar *mais como o auditor*. Bem é em cima disso que todo o campo da psicanálise é construído: se pudéssemos conseguir que o paciente fosse como o analista, bem, então estariámos todos feitos. Eles passam aparentemente por alguns ritos mágicos, como eu fui ensinado, a fim de realizar o quê? O paciente está passar para a valência do analista. Bem, a assunção pelo preclaro de uma entidade diferente da sua, uma valência, não é a meta de um auditor. A meta de um auditor é devolver ao preclaro cada vez mais autodeterminação. É torná-lo capaz de estar no ponto causa e no ponto de Efeito por sua própria escolha autodeterminada.

De quantas dúzias de maneiras poderia correr Duplicação? Você poderia corrê-la da maneira básica. Altamente estilizada, técnica muito pura e simplesmente a corre assim. É o mais eficaz de todos os processos que nós conhecemos sobre duplicação.

Se um auditor falhasse com este processo seria porque não manteve comunicação de Duas Vias. Ele deixa o preclaro continuar uma corrida de resistência automática sem descobrir, de facto, o que o preclaro realmente sente, o que realmente experimenta, de que se trata, que sensações. Isto não significa que o auditor varie, nem vagamente, os comandos de audição. Os comandos de audição são sempre os mesmos. Eles são dados na ordem exacta em que se encontram em R2-17: Procedimento de Abertura por Duplicação. Mas deixe o preclaro falar consigo! Essa é a diferença. Se não o chega ao ponto causa da linha de comunicação, você falhou. Logo nós fazemos o preclaro falar.

Como é que nós fazemos isto? Damos o comando exacto. Esta é uma coisa que um auditor tem que aprender para se manter continuamente em comunicação de Duas Vias, enquanto correr qualquer processo sem de facto variar ou sair um milímetro do processo, enquanto você lança na linha de comunicação, o que é conhecido como „revestimento”, os materiais que se põem ao redor da carga para a manter direita num navio.

O preclaro vai tonto e apanha o livro. Você diz: „Olha para ele”. Peça-lhe que o descreva.

Ele diz: „Livro?” Algo está errado com a comunicação deste homem? Não, não há nada errado em absoluto. Veja, você só tem que dar exactamente esses comandos, ali, na ordem pela qual eles estão. Você tem que o levar para o livro, para a garrafa, para o livro, para a garrafa, para o livro, para a garrafa. Só, exactamente. E então, se não exigisse resposta não insistindo para que a acção fosse realizada conscientemente, e não ouvisse quando o preclaro dissesse alguma coisa, você perderia. Ele apanhou o livro pela 565^a vez e, de súbito, toda a sala fica purpúrea, e ele diz: „meu Deus!” E você diz: „qual é o seu são peso?” Bem, corte a sua garganta, você já cortou a do preclaro! Então, quando ele diz „Ooohhhh”, e você diz „o que aconteceu?” não vai fazer qualquer bem. Você perdeu isso.

Quando vir que alguma coisa lhe acontece, *descubra o que é*. Se vir que ele realmente está a passar por isso como um autómato, por Deus, abane-o. Ele disse-lhe pela 55^a vez, „está bom”. Eu não estou contra um pouco de comunicação de Duas Vias ali, conseguindo que ele diga alguma coisa. Durante cinquenta e cinco vezes, automaticamente, ele esteve a dizer „Óptimo”, „Óptimo”, „Óptimo”. Ele não já estava a sentir isto. Ainda estava a correr o comando que você lhe deu cinquenta e cinco vezes. Agora se não o faz comunicar, se não o manda descrever e se não o ouve, entra tudo numa automação. Apenas continua, e continua, e continua... e eu juro que se ele o corresse numa automação total, você poderia corrê-lo durante 250 horas sem mudança no preclaro, a não ser que ficaria cansado das pernas.

Agora a chave para esta coisa é que cada momento deve ser um momento novo. Cada acção deve ser uma acção nova. E gradualmente ele descasca estas acções para que sejam acções diferentes, de forma que cada momento seja novo, e isso é a manifestação primária do Procedimento de Abertura por Duplicação. A novidade de cada momento.

Logo, quando ele apenas fica repetitivo, repetitivo, você fica suspeitoso. Você diz: „qual a cor desse livro?” Fui mesmo ao ponto de dizer a um preclaro que tinha descrito o objecto como „um livro”, „um livro”, etc., „descreve-o como objecto”. Uma nova moldura de referência. „Bem... é um... é... é um... rectangular... é um objecto rectangular... de papel... pano... pano no lado de fora. Que tal isto! Já sabe, livros, são de pano do lado de fora”. Ele volta a ter interesse no processo. Eu vi este processo ser corrido, a propósito, com duas máquinas de

escrever! Isso é incorrecto. Têm que ser dois objectos distintos. O preclaro fica muito mais forte.

Você poderia até pôr *isso* em automático. Mas no momento em que estas respostas ficam monótonas você saberá que o seu preclaro se sentou para ser simplesmente Efeito. Você está a tentar levar o seu preclaro a ser Causa. Façamo-lo originar comunicações para si relativas ao objecto. Isso não significa que cada nova comunicação tenha que ser nova e original, mas ele tem que lhe dizer que está a experimentar aquele momento e não outro qualquer.

O Procedimento de Abertura por Duplicação rompe com todos os momentos de uma banda do tempo. Rompe com eles por causa da duplicação. A menos que cada momento seja um momento novo, isso não lhe acontece. Livro, garrafa, livro, garrafa, livro, garrafa buuuu, é um livro! Não é uma palavra! Reparos muito difíceis passam para um preclaro.

Você tem que saber que o seu preclaro pode falar, e ele tem que falar, e ele tem que descrever o que lhe está a acontecer a ele. Quando alguma coisa acontece espera-se que ele chame isso à sua atenção, espera-se então que você preste um pouco de atenção a isso.

Isso não significa que saia do processo. Mas deixe-o falar dele.

Um preclaro vai exteriorizar em Procedimento de Abertura por Duplicação. E quando ele está quase pronto a exteriorizar e quer falar desse facto ao auditor, não é o momento de dar o próximo comando de audição, ou de não se mostrar interessado. No momento em que o auditor não está interessado não há qualquer audição em curso. Eu vi preclaros que ficaram „mortos nas suas cabeças” por não lhes ser permitido comunicar.

O auditor não está ali para suprimir a comunicação do preclaro.

Lembre-se que um efluxo obsessivo não é uma comunicação. Você tem que saber isso. Mas a verdadeira comunicação do preclaro não deve ser suprimida pelo auditor. Assim, há o truque, e ele mostra-se no Procedimento de Abertura por Duplicação, porque você tem que manter os exactos comandos do processo. Ele tem que passar repetitivamente por estes movimentos exactos. Mas você tem que ter a certeza que ele está a experimentar estas coisas. Você faz isso a comunicar e verá que o Procedimento de Abertura por Duplicação funciona muito mais rapidamente do que nunca. Você não está a olhar pela janela fora quando um preclaro tem um enorme lote de notícias para dar. Você não se senta e olha para fora da janela, como que auditando na brincadeira: „vai até ao livro, agora toca aquela parede”, ou algo deste género, sem deixar o preclaro comunicar, porque o preclaro tem uma baixa de tom muito súbita como resultado disto. Na verdade isso colá-lo-á à cabeça. Desligou-lhe a percepção. Fará todos os tipos de coisas.

Deixar o preclaro falar e realmente exigir que a coisa seja descrita mantendo isso fora da categoria de máquinas automáticas, fazer cada momento novo e fresco em Procedimento de Abertura por Duplicação e nunca variar os comandos de audição, é como você ganha neste processo. Você pode dizer outras coisas, digamos, para além dos comandos de audição, mas isso não lhe dá licença para variar o processo.

Você apenas garante que uma comunicação está em curso.

CAPÍTULO VINTE E UM

FIO-DIRECTO DE PONTO DE VISTA

Este é um processo muito simples, muito fácil de usar e faz avanços contínuos. Não é misturado com outros processos, não faz parte de qualquer Procedimento Operacional Standard. Não faz parte de qualquer coisa que você vulgarmente faria. Não se aplica particularmente a um qualquer nível de caso. É um processo independente em si mesmo muito simples de ministrar.

A fórmula deste processo é: *Todas as definições e Axiomas, arranjos e escalas de Cientologia deverão ser usados de maneira a provocar uma maior tolerância de pontos de vista da parte do preclaro.* Isso significa que qualquer escala, qualquer arranjo de fundamentos de pensamento ou entidade, poderia ser dado num processo de fio-directo que provocaria um estado mais alto de tolerância da parte do preclaro.

Para fazer isto mais inteligível você deverá compreender o que um grande número de preclaros estão a fazer, e a razão porque um auditor entra às vezes em apuros, com uns preclaros mais do que com outros. Estão a ser processados preclaros em grande número só e inteiramente porque são incapazes de tolerar um número enorme de pontos de vista, e sendo incapazes de tolerar estes pontos de vista eles desejam processamento para que se possam afastar deles e não ter que os observar, o auditor está a auditar alguém que está em completa retirada e à Cientologia está a ser pedido para ser cúmplice da retirada tirando, por exemplo, a carga fora de um engrama. Se, ao mesmo tempo, o auditor fizer isto, dá ao preclaro alguma coisa na forma de mudança de ponto de vista, na medida em que apaga alguma coisa para que o preclaro não tenha que a ver mais.

Bem, como se pode ver, esta é uma fraca direcção. O que o auditor está a fazer é, então, manter em questão, até certo ponto, a capacidade do preclaro tolerar pontos de vista. *O próprio tempo* pode muito bem ter sido provocado por uma intolerância de pontos de vista passados. Uma pessoa não quer pontos de vista no passado, e logo, a uma taxa uniforme, ele abandona esses pontos de vista passados, e quando já não está a seguir esta taxa uniforme, mas a abandoná-los mais depressa do que a taxa uniforme, ele começa a ficar apertado e obcecado com o tempo, muito agitado, começa a apressar-se, faz força contra os eventos do dia, sente que não tem tempo bastante para realizar tudo o que deve realizar, e isto cai numa curva muito rápida para um ponto onde simplesmente se sentará por ali inactivo, completamente ciente do facto de que ele não tem tempo para fazer nada. Logo não faz nada, mas sabe que deveria estar a fazer alguma coisa, e não pode fazer nada porque não tem tempo. Esta é a própria idiotice, mas é o estado em que se encontra um grande número de pessoas.

Tempo é o único arbitrário que entrou na vida, e que vale bem a pena um auditor investigar. Uma repugnância de tolerar pontos de vista causará um aperto de tempo. Quanto mais pontos de vista um indivíduo tolerar, maior a sua oclusão e pior será o seu estado de ser geral. Como eu disse, um auditor pode remediar isto de várias maneiras. Ele pode apagar elos, secundários e engramas (*Elo, Secundário, Engrama*: um *elo* é um quadro de imagem mental de uma experiência não-dolorosa, mas perturbadora, que a pessoa teve e cuja força depende de um secundário e engrama anteriores que a experiência estimulou. Um *secundário* é um quadro de imagem mental que contém mal-emoção [desgosto enquistado, fúria, apatia, etc.] e uma perda real ou imaginária. Estes não contêm dor física, são momentos de choque e tensão cuja força depende de engramas anteriores que foram estimulados pelas circunstâncias do mesmo

secundário. Um *engrama* é uma figura mental de uma experiência que contém dor, inconsciência, e uma ameaça real ou imaginária à sobrevivência; é uma gravação na mente reactiva de alguma coisa que de facto aconteceu a um indivíduo no passado e que continha dor e inconsciência, ambos registadas no quadro de imagem mental chamado *engrama*). E, apagando estes, pode possibilitar ao indivíduo „tolerar a visão”, como a encontra no seu próprio banco. Ou, um indivíduo pode ser processado, como na exteriorização, para que possa olhar para várias coisas e descobrir que não são tão más.

Agora, vejamos só o meio entre estes dois, e que uma pessoa que não exterioriza é alguém que não quer um ponto de vista exterior. Ela não sente que pode tolerar um ponto de vista exterior. Pode ter muitas razões para isto, e um das razões principais que dará é a consideração de que alguém lhe pode roubar o corpo. Por outras palavras, tem aqui um ponto de vista tremendovalioso que é provável que o perca se exteriorizar. Os pontos de vista devem ser então escassos, os pontos de vista são obviamente muito válidos para serem usados. E isto ocorre porque os pontos de vista ficam intoleráveis. Vejamos alguém que está a observar a família a ser chacinada por soldados ou algo deste género, índios ou outros selvagens. Ele ficaria depois disso tão intolerante neste ponto de vista que se fixaria nele. É o facto de que ele recusa tolerar o ponto de vista que o fixa a ele. Agora a razão para isto assenta nas várias escadas de Acordo-Desacordo das palestras do Curso de Doutoramento de Filadélfia, no facto de que se você quiser qualquer coisa neste universo, não a pode ter, e de que se você não a quer, vai tê-la. É uma inversão, e cada vez que esta inversão ocorre um indivíduo encontra-se saturado em seja o que for da sua determinação. Se ele começa a desejar alguma coisa descobrirá imediatamente que não a pode ter. De facto, *ele próprio* dará passos para ter a certeza que não pode ter essa coisa. Quando quer alguma coisa a afluir, ela eflui, quando quer alguma coisa a efluir, ela aflui. Não há nada mais patético, por exemplo, do que observar um psicopata a tentar largar um objecto material... tentar que eles entreguem ou larguem, ou deitem fora uma possessão, como um Kleenex antigo, quase qualquer coisa, *tente* só obrigá-los a largá-lo. Não, não, eles apenas não farão isso. Agarram isso a eles e eu juro que se você lhes desse uma máquina de somar, eles a agarrariam contra o peito com unhas e dentes. Qualquer coisa que surja, deitam-lhe imediatamente a mão e acabou.

Agora, você como auditor, cada vez que está a tentar fazer com que alguém largue alguma coisa, está a pedir-lhe que largue um ponto de vista compulsivo. Verá que cada vez que pedir a alguém para largar alguma coisa é provável que ele se agarre mais a essa coisa.

Agora há muitos processos. Há um grande número de processos, todos os Procedimentos Operacionais Standards, e, em boas mãos, todos eles funcionam. O Processamento de Universos, o Procedimento de Cursos Avançados, o Processamento Criativo, por aí fora sem parar, um tremendo número de técnicas que podem ser aplicadas com bom senso a preclaros. Há um número enorme de processos de Fio-directo, Fio-directo antigo. O Fio-directo mais antigo que nós tivemos, o qual, a propósito, foi um avanço marcado na análise Freudiana, era assim: digamos que notámos que o preclaro tinha medo de gatos. Nós diríamos: „recorda um momento em que tiveste medo de gatos”, depois: „recorda alguém que tinha medo de gatos”, e depois: „encontra um momento em que alguém disse que eras como essa pessoa”. Era mais ou menos a sua fórmula, só Fio-directo, e pulverizava com muita suavidade estas valências. Contudo, exigia muito bom senso da parte do auditor.

Um auditor tornar-se-ia de vez em quando um perito em Fio-directo, e fazendo apenas perguntas minuciosas, e fazendo o indivíduo recordar certas coisas, ele provocaria muito alívio no caso. Porque é que o alívio aconteceu? O indivíduo andava totalmente convencido de que não poderia tolerar um certo ponto de vista, e o auditor veio e demonstrou-lhe que esse ponto

de vista estava no passado e por isso tolerável. Ali, em essência, estão os fundamentos do tal Fio-directo. Você obtém keyouts disto (*keyout*: Libertaçāo ou separaçāo da mente reactiva ou de parte dela), o indivíduo sobe para *tempo presente* para que não esteja a olhar para o passado assumindo um ponto de vista passado. Isto é uma meta de um grande número de processos, e é bastante diferente de „varrer o passado para não ter que o olhar ou experimentar”.

Nós temos em Fio-directo de Ponto de Vista um tipo de pensamento muito, muito novo. Isto não se deve confundir com o que nós temos feito todos estes muitos anos. Nem tem qualquer conexão com isso. Tem é uma meta inteiramente diferente de qualquer processo que você alguma vez fez a um preclaro. Tem o benefício da exteriorização e reduz isso a Fio-directo. Nós pomos um indivíduo a correr o universo para olhar para as coisas, observar coisas, experimentar coisas. É a Grande Volta (*Grade Volta*: O processo R1-9, em *A Criação de Capacidade Humana* por L. Ron Hubbard). Esse tipo de exercício, e aqui nós reduzimos isso a Fio-directo, que é feito interiorizado ou exteriorizado.

Avançamos simplesmente na base de que o preclaro está no estado em que está porque não tolera muitos pontos de vista, e a única meta do processo é trazê-lo para um ponto onde ele tolerará pontos de vista. É só o que há quanto ao processo.

O fraseado chave do processo é „tu não te importarias...”. Porque é que eu anuncio isto como algo importante, algo novo, algo muito útil para si? Há muitas variedades de pontos de vista. Se nós pegássemos na Sabedoria Total e a espremêssemos, veríamos que estávamos primeiro a entrar no *espaço*, o qual seria percepção. Nós temos que perceber para saber. Isto está ao nível da Visão. Agora, se condensarmos *isso*, descobrimos que temos que ter Emoção para saber. Uma pessoa tem que ter emoção. Nós esprememos a percepção e entramos em Emoção para saber. Agora, se espremermos e condensarmos ainda mais, obtemos Esforço, e se condensarmos ainda mais o Esforço obtemos Pensamento, e se condensarmos e empacotarmos Pensamento, nós obtemos Símbolos. Como exemplo disto, o que é uma Palavra senão um pacote de pensamento? E se fôssemos condensar Símbolos, nós obteríamos de facto a mais ampla definição de símbolo, nós obteríamos animais. Você está a pensar nisso provavelmente em termos de um ponto de vista de um corpo, se não o vir claramente, mas a definição de símbolo é uma massa com significado, e que é móvel. Isso é um símbolo, e, é claro, isso é também um animal. Um animal tem uma certa forma que lhe dá um certo significado, e ele é móvel, e, se você vir que o Pensamento se condensa então numa forma, você compreenderá a arte. Só numas tantas palavras, uma coisa muito simples.

Nós temos Pensamento que se condensa em Símbolos, ideias que se condensam em objectos realmente sólidos, e quando estes são móveis, nós temos símbolos, e quando estes símbolos são observados vê-se que acabam juntos com outros símbolos e arranjam um sócio, associam-se com um e com outro, e tiram coisas a um e a outro, e você obtém Comida. Isto é uma grande, grande faixa que nós estamos ali a cobrir, é tudo sobre: „eu tenho uma ideia sobre uma forma neste espaço e matéria, e vou pôr tudo junto, e vou juntar toda esta massa”. Bem, o momento em que fizemos isso, alguma coisa foi criada. Agora não espere que a coisa que foi criada crie alguma coisa. Esta é uma coisa que não está a criar, e por isso tem que subsistir num intercâmbio de energia, e nós obtemos comida. Agora pegamos na comida e condensamo-la, quer dizer, tornamos a comida escassa e muito difícil de obter, e obtemos uma *condensação* que escapa completamente ao próprio tempo, e você sai para fora do tempo e obtém Sexo.

Quer dizer que fora de tempo presente você obtém tempo futuro, o qual é sexo.

Um indivíduo está imediatamente fora a banda do tempo entre Comida e Sexo, e nada flutuará numa banda do tempo como um engrama sexual. Eles flutuam mesmo por toda a banda do tempo. Não se pregam em absoluto. São muito móveis.

O indivíduo, em Comida, começa a deslizar para fora de tempo presente só por este indício, (as pessoas estão terrivelmente preocupadas) como é que elas vão comer amanhã? E quando *reduziram isto à gastronomia*, você chegou a um ponto onde: „não posso resolver o problema de comer amanhã, por isso é melhor deixar tudo para outrem e deslizar para dentro na linha genética do protoplasma e subir um pouco pela linha, obter outra forma, e ser essa forma. É a melhor maneira de resolver a questão da comida, viver só amanhã e talvez amanhã haja mais comida”.

Um teste prontamente disponível demonstrará isto. Repare nesses países do mundo que procriam mais rápida e duramente do que outros. Nós temos a Índia e a China que fazem isto mesmo. E sabemos que são dois países com escassez de comida extrema, e crónica. Agora nós podemos dizer: bem olha, eles têm a maior escassez de comida porque continuam a procriar, e isso leva toda a sua comida. Não, é ao contrário. Eles consomem toda a comida, logo procriam à doida. Isto também pode ser testado com animais. Se você “esfomear” um animal, ele procriará mais rapidamente. Se, por exemplo, você desse a uma qualquer família de homo sapiens uma dieta de hidratos de carbono com um conteúdo muito, muito baixo de proteína, isto seria, a propósito, diria, terrivelmente desfavorável à produção de estrogénio, andrógeno. Está provado que é uma dieta muito improdutiva destas hormonas, mas se lhes der uma dieta de proteína muito baixa, alta em hidrato de carbono, a seguir eles começarão a ficar muito ansiosos com procriar. Isso porque você lhes está a dizer, na essência, mesmo onde podem compreendê-lo, nos seus estômagos, que eles são incapazes de obter bastante comida hoje, logo têm que comer amanhã. Por isso temos países do hemisfério Ocidental que têm uma dieta muito pesada em amido, e você descobre que estes países são os mais ansiosos com procriar e com amanhã. Não há razão para estar ali a provar isto durante horas. É só a escala de Saber-a-Sexo. Sabedoria condensada.

„Eu não sei como me vou dar hoje, por isso é melhor procriar à doida e aparecer amanhã e talvez então eu saiba”... quase o último fosso. Bem, se reparar, a morte tem que vir, nesta faixa, acima de sexo. Uma pessoa pressupõe a sua própria morte para se meter na linha do protoplasma. E assim nós obtemos pessoas como Schopenhauer e *O desejo e a Ideia* associadas de perto a sexo e morte, e temos certos animais e insectos que associam tão de perto sexo e morte que consumam a morte quando realizam o sexo. Mercadores do Medo (*Mercadores do Medo*: personalidades aberrantes. Era uma descrição antiga do que é conhecido como Pessoa Supressiva, ou Personalidade Anti-social) gostam de lhe falar da aranha viúva negra. Não sei porque é que a aranha viúva negra é uma besta tão atraente para algumas pessoas, mas aparentemente assim é. Eu notei que existia principalmente na Califórnia, Califórnia Meridional. Muitas viúvas negras ali em baixo, e a maior parte das meninas da Califórnia, se você entrar em qualquer tipo de discussão de segunda dinâmica, o informarão mais cedo ou mais tarde que a viúva negra fêmea come o seu macho depois da consumação do acto sexual. De qualquer maneira, a coisa principal é que, de facto, quando desce esta escala, embora não pertença à escala, você encontrará morte logo antes de sexo. Saber, Olhar, Emoção, Esforço, Pensamento, Símbolo, Comer, Morte, Sexo. Morte não pertence ali, mas isto mostra onde entra este mecanismo.

Agora, *entidade* também poderia estar algures nesta escala. Entidade poderia estar nesta escala, e se estivesse, você teria tendência para a procurar lá para o topo, mas a verdade é que está de cima abaixo na escala, e não há entidade como a entidade dos Símbolos. Você encontra o género humano feito numa forma, uma massa, significado, mobilidade. Uma massa com significado que é móvel, que é um corpo, que é uma palavra num dicionário, que é uma bandeira em cima de um edifício, que pode ser movida e tem significado. Verá que os seres humanos se metem muito, muito fortemente a serem símbolos. Bem, você encontrará por aí pessoas também

a serem objectos sexuais. De forma que esta escala como que engrena na entidade. Um fulano poderia ser algum esforço, e de facto nós não encontramos entidade em absoluto no topo da escala, encontramo-la bem lá em baixo na escala, logo quando um indivíduo chega ao ponto de ter que ser alguma coisa, ele está praticamente no fundo. Um exame adicional teria que dar entidade pelo menos a Símbolos. Uma pessoa *torna-se* coisas naquele nível, e se encontrar um preclaro que é principalmente o nome dele, onde é que ele está?

Procurando mais vemos que há diferentes tipos de pontos de vista. Há algo a que se poderia chamar ponto de *saber*. Isso seria sénior a um ponto de vista. Um indivíduo não teria dependência de espaço ou massa, ou de qualquer outra coisa. Ele simplesmente saberia onde está. Haveria um ponto de vista, que é um ponto de percepção, que consistiria de olhar, e cheirar, e falar, e ouvir, e todos os géneros de coisas poderiam ser introduzidos, sob esta categoria de ponto de vista. Vulgarmente nós queremos dizer só *olhar* naquele nível da escala, mas você pode lançar todo o resto das percepções naquele nível da escala.

Descendo um pouco dali nós obtemos alguma coisa que poderíamos chamar um ponto de *emoção*. Seria aquele ponto a partir do qual e em relação ao qual uma pessoa fica emotiva. Então haveria qualquer outra coisa chamada ponto de *esforço*, e o ponto de esforço seria aquela área a partir da qual uma pessoa exerceu esforço, e a área na qual essa pessoa recebeu esforço. E à medida que descermos um pouco daí, acharemos um ponto de *pensamento*, e ali, é claro, temos o „matutar-matutar-matutar”. A pessoa está ali a pensar, e não a olhar. E se descermos um pouco mais abaixo do que um ponto de pensamento, nós temos um ponto de *símbolo*, e ali, realmente, temos propriamente palavras. E abaixo disso temos um ponto de *comer*, e abaixo disso temos um ponto de *sexo*.

Se você considerasse cada um destes pontos abaixo de Saber como *um esforço para fazer espaço*, muito do comportamento humano faria sentido. Vejamos um indivíduo que está simplesmente a tentar fazer espaço com palavras. Palavras não fazem bom espaço. Logo um indivíduo que tenta fazer espaço com palavras, mais cedo ou mais tarde entra em má condição. Muito inferior a isso seria uma pessoa que tenta fazer espaço com comer. É claro que é inverso, não é? Então há a pessoa que tenta fazer espaço com sexo, e isso é realmente inverso. Vai para ambas os lados a partir do meio. A parte inferior da escala de comer é excreta e urina. As pessoas tentarão fazer e farão espaço com isso. Por exemplo, os cães estão sempre a tentar fazer espaço daquela maneira.

Há pessoas que estão a tentar fazer espaço com esforço. É o uso de força é... Ghengis Khan a sair e sacrificar aldeias. Ele está a tentar fazer espaço. Você nota que o espaço já tinha que existir *antes* que ele pudesse ir a qualquer lugar.

E nós subimos um pouco mais acima, e talvez você tenha conhecido alguém que tenha tentado fazer espaço com emoção. E subimos um pouco mais acima e chegamos à maneira como se faz espaço, que é *olhando*. E de facto você *faz* espaço sabendo. Se você apenas soubesse que havia algum espaço, haveria algum espaço, e isso seria tudo. Assim tão simples. É uma maneira eficaz de abordar isto, e olhar é outra maneira eficaz de abordar isto, e quando nós descermos para emoção, é ficar ineficaz. As pessoas que tentam fazer espaço com emoção não vão longe. Isto literalmente, de facto, figurativamente, ou de qualquer outra maneira que queira olhar isso. Está muito condensado, e dá coices. Contudo está acima do indivíduo que faz espaço a trabalhar no duro, ou a insistir no duro, ou a exercer força.

Por outras palavras nós vemos que há ali um pouco de faixa, em esforço, e que eles ficam menos distantes do que as pessoas que tentam fazer espaço com emoção. E agora nós entramos na faixa de pensamento, e das pessoas que tentam fazer espaço com pensamento, o que é quase a actividade mais inexequível que qualquer pessoa poderia exercer.

Quando descemos para fazer espaço com símbolos, eis uma nação a tentar desfraldar a sua bandeira sobre todo o mundo, o que não faz muito espaço, e então entramos em comer, e um indivíduo a tentar fazer espaço oferecendo coisas para serem comidas. Por exemplo, um pecuário está a fazer isto. Ele está a fazer espaço com gado. E um gordo está a tentar fazer espaço com comida, e assim por diante. Agora, quando descemos a sexo, é claro, se um indivíduo pudesse procriar bastante, bastante depressa e muito, ele iria acabar com todos os géneros de espaço, pensa ele. É claro, ele acaba sem espaço. Esta a actividade mais condensada que você pode exercer: sexo. Você pode ver o banco de alguém todo em curto-circuito, obstruído no sexo. Mas lembre-se, nós estamos a olhar para uma escala gradiente que vai de Sexo para cima através dos vários níveis até Saber.

E se alguém vem e lhe diz que sexo é a única aberração, por favor ria-se. Você poderia responder: sim, isso foi como nós entrámos no problema, descobrimos que as pessoas estavam malucas quanto a sexo. Logo, examinámos mais o problema, e, tendo examinado o problema por muitos anos, foi descoberto que sexo fazia parte de uma escala gradiente da experiência humana da qual é basicamente uma actividade de tentar fazer espaço, e as pessoas tentam fazer espaço de várias maneiras. E quando descem muito abaixo na escala, elas estão a abandonar a presente vida, e naquele ponto afundaram-se para o nível de Sexo. Estão a tentar deste modo obter algum futuro ali em cima na banda, e é realmente um caos. É uma tentativa para derivar experiências de fontes externas, e de puxar experiência.

Quando examina esta faixa e suas inversões de cima abaixo na escala, você vê que nos dá um enorme número de perguntas de Fio-directo.

A pergunta básica reduziria isto primeiro a partir *do ponto de vista de toda a escala*, e aí é onde habilmente você apanha o seu preclaro. Você apenas toma o ponto de vista da escala, ponto de vista de sexo, ponto de vista de esforço, e assim sucessivamente.

As perguntas sistemáticas que entram nesta linha seriam como segue: você pede ao preclaro para dar:

„Alguma coisa que não te importarias de saber”.

„Alguma coisa para que não te importarias de olhar”.

„Uma emoção que não te importarias de observar”.

„Algum esforço que não te importarias de observar”.

„Algum pensamento que não te importarias de observar”.

„Alguns símbolos que não te importarias de ver”.

„Alguns e comeres a que não te importarias de inspecionar”.

„Algum sexo para que não te importarias de olhar”.

Tão suave e silenciosamente como isso. E isso é Fio-directo de Ponto de vista.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

REMÉDIO DE HAVINGNESS E LOCALIZAR PONTOS NO ESPAÇO

Localizar Pontos no espaço e o Remédio de Havingness são em si mesmo um processo total. Tem muitas ramificações. É, poderia dizer-se, uma família de processos. Há muitas dessas famílias de processos, mas de facto pertence à família que nós chamaríamos Procedimento de Abertura 8-C, ou a família de Procedimentos de Abertura. Esta é de facto uma ordem inferior de Mudança de Espaço, logo também pertence a outra família, a uma família de Duplicação, uma vez que Mudança de Espaço é de facto uma dramatização da fórmula de comunicação. Em Mudança de Espaço você dramatiza a fórmula de comunicação com o preclaro exteriorizado. (Você manda-o estar num certo ponto, depois noutro ponto, depois no primeiro ponto e no segundo ponto, etc.).

Esse primeiro ponto é usualmente o ponto fonte de alguma coisa, logo, sendo ele causa e então efeito, e descobrindo que há uma vasta distância está entre si, fica bastante à-vontade com a coisa toda. Mas poderia dizer-se então que Localizar Pontos e Remediar Havingness são primos de duas famílias: Mudança de Espaço e Procedimento de Abertura.

A razão porque o relacionamos com Procedimento de Abertura é que é assim que você vai produzir o maior efeito com ele. É como se fosse o Procedimento de Abertura.

A primeira prova é levar o preclaro a encontrar um ponto no espaço. É essa a primeira prova. O preclaro andará ali à volta e encontrará locais extensos, 60 ou 90 cm de diâmetro. Dará a volta e só achará locais que até então saem apenas das paredes. Ele não pode encontrar um local independente da própria sala. Esses locais contêm energia, contêm massas, contêm cor, têm tamanho. Por outras palavras, ele vai de encontro a muitos problemas. Se encontrar um local é capaz de ser „suspenso a 1m ou 1,5m do chão em cima de alguma coisa que parece um suporte de microfone”.

As várias manifestações são bastante fascinantes, mas todas elas são completamente inúteis. Você quererá passar o preclaro por cima disto tão rápido quanto possível.

Para isso manda-o simplesmente localizar mais uns poucos de pontos no espaço. E é tudo. Espaço, onde? No espaço da sala. E você manda-o localizar estes pontos de modo a que possa ir lá pôr-lhes o dedo em cima. Agora, quando o capacitou para localizar dois ou três pontos, você usualmente disparou contra o seu havingness e desfê-lo em tiras. Logo, tem que remediar o havingness imediatamente. Se ele começar a ficar nauseado, doente, de qualquer forma transtornado, remedie o seu havingness.

Não há nada mais destrutivo para o havingness do que localizar alguns pontos no espaço.

Esta é uma acção de precisão. Você quer que ele localize uma ponto no espaço e então poder localizá-lo outra vez. Aquele ponto é só uma localização. Não tem massa, e você quer que ele possa pôr-lhe o dedo em cima, e tirar o dedo, e pôr-lhe o dedo da outra mão, e tirá-lo, e mover o corpo para dentro dele, mover o corpo para fora dele, e assim sucessivamente. Isto é uma localização, e quanto mais certo está destas localizações melhor ele está, e, a seguir, bem, ele pode tolerar espaço. E você realiza isto *remediando* havingness em toda a linha.

Agora suponhamos um indivíduo que travava uma luta enorme para localizar algumas pontos no espaço, e os primeiros pontos que localizasse fossem bastante extensos, e você apenas continuasse a importuná-lo até que ele finalmente obtivesse de facto uma localização no espaço,

e ele começasse a ficar como que perturbado. O remédio de Havingness ainda não foi feito, e ele sente-se bastante nauseado com coisa toda. Então você diz: „certo, imagina (faz um mock-up) alguma coisa aceitável para ti e puxa isso”, e ele diz: „*que* mockup?” E você diz: „Bem, põe só alguma coisa ali fora, um corpo morto”, e ele: „*Que* corpo morto?”. Você: „Para que é que estás a olhar?”. Ele: „Nada”. Você: „Para que é que estás de facto a olhar?”

Uma prova interessante entrará neste ponto conseguindo que ele lhe diga para que está a olhar. Ele está neste caso usualmente a olhar para negrume, e não lhe dirá que está a olhar para negrume. Isto é „nada” quanto a ele, mas ele está a olhar para negrume, e conseguir que ele lhe diga finalmente para que na verdade está a olhar faz parte da sua primeira prova. „Para que é que estás a olhar?” Bem, não faz muito bem a um indivíduo que não pode obter nenhum fac-símile, mockups, nem nada do género, imaginar alguma coisa e puxar isso, porque vai passar um mau bocado.

Mas supondo que ele pode obter além uma imagem vaga ou indistinta, é suficiente? É suficiente sim senhor. Mande-o imaginar algumas dessas e puxá-las para o corpo, e depois continuar então a localizar pontos no espaço.

Mas supondo que não pôde obter nada. Zero.

Então entra em cena esta única interessante pergunta de fio-directo. O acordo entre o Universo MEST e o preclaro desceu a um ponto em que o preclaro concordou inteiramente que duas coisas não podem ocupar o mesmo espaço, e depois disso não consegue puxar nada para si, o que é a maior armadilha que temos, porque a forma como um preclaro faz algo desaparecer, fá-lo desaparecer totalmente puxando-o todo para si, e se não puder puxar nada desse modo, isso continua a persistir. Como é que alguém fixaria um ser de forma a ficar enfardado em massas de energia? Conseguindo que concordasse que duas coisas não podem ocupar o mesmo espaço, e depois disso ele não poderá destruir qualquer massa de energia à sua volta. Inteiramente maquiavélico. Bem, Count Alfred Korzybski dedicou um livro a isto chamado, „Ciência e Sanidade”, e há outros que escreveram sobre isto, mas regressam a Korzybski, e: „é totalmente impossível duas coisas ocuparem o mesmo espaço”. E se aquele livro tem uma mensagem que diz: *diferencie as suas palavras, declarações e pensamentos*, e, *duas coisas não podem ocupar o mesmo espaço*. Quase acumula Semântica Geral quando diz essas duas coisas. Agora, há muito a dizer sobre isto. Ele examinou as suas mecânicas, mas examinou-as em completo acordo com o universo físico. Com alguém que estudou Semântica Geral, você tem um piquenique nas suas mãos ao fazer um Remédio de Havingness. Você não terá percebido ou reconhecido isso, mas tem. Ele não pode puxar nada para si. Não pode remediar havingness, e por isso não pode destruir energia. Porque não? Bem, duas coisas não podem ocupar o mesmo espaço, logo se ele quisesse fazer o mockup de um carro acolá para o puxar para si e remediar a sua própria massa, é claro que não poderia fazê-lo porque ele já está a ocupar o ponto onde o carro entraria, por isso não podia remediar o seu havingness. O mockup desaparece logo antes de chegar a ele, e o acordo subjacente a isso é que duas coisas não podem ocupar o mesmo espaço. Isto, é claro, é uma falsidade absoluta.

Acontece ser uma condição que, quando imposta, resulta neste universo físico. Aquela lei é o que mantém separadas as partes, e pacotes, e espaços, e planetas deste universo. É uma diferenciação forçada deste universo, que faz espaço para este universo. É a lei que mantém o espaço estendido neste universo. Logo, é claro, Korzybski envolveria tudo na diferenciação. A diferenciação que na base do universo MEST o mantém à parte. *Bem, isso não é nenhuma diferenciação*. Como resultado você terá neste momento apuros com qualquer pessoa que tenha estado em Semântica Geral. Eis este mockup que desaparece logo antes de lhe chegar a ele, por

outras palavras, ele não está a remediar o havingness. Agora, como é que você sabe que ele não está a remediar o havingness? Porque ele fica transtornado, é claro. É tudo.

Ele localizou alguns pontos no espaço, e „eles não são nada que possa sentir”. Apenas o fez sentir como que frenético e perturbado, e indisposto do estômago, manifestações comuns, e então você diz-lhe: „imagina um... aceitável”, e ele diz: certo. E você diz: „bem, tens aí um corpo morto, ou o que é que imaginaste aí?” e ele diz: „bem, não sei, um carro destruído”, e você diz: „bem, está bem. Puxa esse carro para dentro do teu corpo. Agora puxa outro para dentro do teu corpo, e puxa outro para dentro do teu corpo, e puxa outro para dentro do teu corpo”. E você diz: „como é que te sentes?” „Sinto-me... tão frenético como estava”, e assim por diante. Ele não está a introduzir nada no corpo. A coisa está é a desaparecer antes de lá chegar, está a dissipar-se, e estão a correr ali outras coisas, de forma que o seu havingness não está a ser remediado.

A propósito há um processo total para isto. Você manda simplesmente o fulano fazer o mock-up das coisas puxá-los para dentro do corpo, e quanto mais massivo melhor, até que tem planetas e estrelas e sóis negros e todos os tipos de coisas a serem puxadas para o corpo, e, pouco depois, você começará uma coisa chamada avalanche, e os planetas começam a entrar com um rugido, e é um fenômeno muito interessante. Eu vi um ser corrido durante três ou quatro dias. Eles explodem todos os fac-símile que se atravessam no caminho, e explodirão qualquer padrão de comportamento de energia do preclaro, se lhe continuar a remediar o havingness.

Mas se remediar o havingness não o corrigir é porque ele concordou neste único acordo, que acontece não ser verdade, de que duas coisas não podem ocupar o mesmo espaço. Ele concordou com isso tão completamente que não pode remediar o seu havingness.

A razão porque eu estou a acentuar isto é para que você se lembre da razão porque se faz esta pergunta ao preclaro (e que é esta a pergunta, e que não há qualquer outra pergunta) e essa pergunta é simplesmente isto: „o que não te importarias que ocupasse o mesmo espaço que tu estás a ocupar?”

Bem, ele tem que mudar de ideias de imediato, e para duas coisas *poderem* ocupar o mesmo espaço a fim de cumprir esta condição sem lhe explicar como, ele teve que mudar de ideias.

Às vezes leva cinco minutos, às vezes leva cinco horas, mas ao caso mais duro que eu conheço neste momento teve que ser dado isto durante duas horas antes que ele finalmente pudesse aceitar alguma coisa no seu próprio espaço. Quer dizer, até poder encontrar algo que ele não estava indisposto a que ocupasse o seu próprio espaço. E esta pergunta foi feita a este caso repetidas e repetidas vezes. Este caso nunca tinha podido remediar o havingness, nunca tinha sido capaz de obter mockups, nunca sido capaz fazer isto, nunca sido capaz fazer aquilo. Bem, ele remediou o seu havingness, ficou com bom aspecto e de facto muito bem. Isto mudou o caso dele. Se está a fazer muita Mudança de Espaço, você remedia o havingness do thetan. Mande-o colocar oito pontos âncora e puxá-los para ele próprio, e mais oito e puxá-los para ele próprio, e mais oito e puxá-los para ele próprio. Quando o corpo ficar transtornado e insurrecto, nós fazemos simplesmente isto. Se realmente ele os puxar bem lá para dentro, eles desaparecerão. É como se fazem desaparecer as coisas. Todo o espaço é uma ilusão, por isso se você puxar todos os pontos âncora, é claro que não há espaço, então o que é que aconteceu aos pontos âncora? Bem, em primeiro lugar eles não existiam, logo, se você os faz ocupar o seu próprio espaço eles desaparecerão, e de facto o reconhecimento depende simplesmente de *ocupar o mesmo espaço de...* É por isso que o Processamento de Entidade funciona.

Com este factor de reconhecimento e sabedoria em termos de entidades e fac-símiles, etc., nós obtemos simplesmente isto: ele está disposto a ocupar o mesmo espaço como tal? E se está, estoirará, e se não está não estoirará. Logo, se temos um caso que não pode remediar o havingness e por isso incapaz de destruir um conceito, um elo, um secundário e um engrama, se ele não pode remediar o havingness não pode ocupar o mesmo espaço de... se não pode ocupar o mesmo espaço de... concebe naturalmente que está a fazer espaço, por isso ele tem validade. E não puxará tudo lá para dentro.

Este processo é muito elementar, mas poderia ser estragado muito gloriosamente através de sobrecorrer o preclaro com localizar pontos no espaço, até ele ficar bem e embriagado, transtornado e bastante doente, e depois esperar que ele funcione de algum modo. Bem, você tê-lo-á guiado pela escala de tom abaixo para um ponto onde ele quase não pode agarrar nada tempo bastante para fazer alguma coisa. Logo, você vai remediar *agora* o seu havingness e fazer o resto? Não, você faz isto *antes*. Remedeie-lhe o havingness muito antes que ele precise. Não espera pelos sinais. Poderia fazê-los aparecer se quisesse, mas faz apenas isto como processo rotineiro. Sempre que localiza um ponto no espaço remedeia o havingness, e é tudo.

O processo em que estamos interessados é este: localizar Pontos no espaço. Nós realmente não estamos interessados em remediar o havingness só porque isto é dramatizar a sua dependência dele, logo nós estamos só a dar aqui prioridade à coisa importante, e a prioridade é o ponto no espaço, que é o que importa. O remédio de havingness é incidental.

Porquê é que o seu havingness está a mascar? Deve haver algo muito errado com a maneira como este fulano está a manejar energia, para o seu havingness mascar ao tentar simplesmente remediar-lo. Certo, o que é que fazemos aqui especificamente? Perguntamos-lhe o que poderia ocupar o mesmo que ele está a ocupar. Se tivéssemos qualquer dúvida sobre isto, (e é aqui que obtemos a resposta à sua pergunta sobre isso) pegaríamos neste problema *antes de* andar às voltas com qualquer ponto no espaço. Olharíamos para este fulano, e ali está ele emagrecido e definhado ou inchado, ou qualquer coisa estranha da sua fisiologia, e nós diríamos: „eh, este sujeito tem problemas com havingness”. Você sabe, ele é banqueiro, ou algo assim. Poderíamos dizer a profissão. É um comissário do povo, banqueiro ou um general? Há algo errado com o havingness deste sujeito, caso contrário não estaria onde está, e isso é óbvio, uma vez que tem que ter de alguma outra maneira do que simplesmente ter, usando um sistema como „tornar-se general”. Isso é um método de ter, já se vê. Você vai para Oeste Point e não dá cavaco, forma-se e não dá cavaco, e entra para um posto do Departamento de Guerra e não dá cavaco, patrulha a costa e não dá cavaco, e então você tem, é claro, que ficar cada vez mais suprimido sobre quão famoso você tem que ser, e a seguir, bem, começará a acumular tropas para remediar o seu havingness... e você tem um General Americano. Não faz nada com as tropas, só as acumula. Isto não é só a ser malicioso para com generais. Você pode olhar para alguém e dizer se tem ou não muitos problemas de havingness. Se tem problemas de havingness, então seria muito sábio apenas navegar naquela base. Reparemos isso rapidamente antes de o sujeitarmos a qualquer coisa. Seria uma boa ideia.

Mas o que é importante neste processo é Localizar Pontos no Espaço. O que é que nós fazemos com todos estes pontos no espaço? Apenas os localizamos, é o que é. Bem, eu sei, mas o que é que você faz com eles depois de os localizar? Bem, você localiza-os. Bem, depois de os localizar o que é que você faz com todos estes pontos no espaço? Bem, você localiza mais uns poucos. É isso que você faz.

Não procure nenhuma significância mais profunda na técnica excepto isto: o preclaro está instalado em três significâncias centrais, (1) está ali mas tem que ir embora, (2) está ali fixo para sempre, fixo contra vontade, e (3) „estava ali naquele local, mas já se foi embora”. Três

considerações da banda ali muito aberrativas. Bem, você poderia correr estes com este processo. Localiza um ponto na sala e manda-o passar o ponto para o corpo dele. Mande-o estar ali de pé. Você diz-lhe: „agora obtém a ideia de que não podes permanecer aí. Certo. Encontra outro ponto. OK. Agora sai do ponto onde estás e passa este próximo ponto para o teu corpo. Percebeste? Certo. Agora obtém a ideia que não podes ficar aí”.

Faça apenas isto em sequência. Ele está no ponto, „agora obtém a ideia que...” e você está fazê-lo dramatizar a fórmula básica da autodeterminação, a localização de objectos no espaço. E se o faz localizar objectos um após outro no espaço, ele terá ganhos consideráveis. Coloca esta consideração nisto, que ele não pode ficar ali, e manda-o mover-se para o próximo ponto. Apenas localiza o ponto e manda-o mover-se para lá, e pode percorrer a consideração que ele não pode ficar ali.

E mandamo-lo mover-se para um ponto, e então obter a ideia que está ali fixo e não se pode mover, então mandamo-lo mudar de ideias, não só quebrar ou desobedecer ao postulado dele, nós mandamo-lo *mudar de ideias* e escolher um novo ponto, e mudar-se para lá, e obter a ideia que tem que ficar *lá* para sempre, e então mande-o mudar de ideias sobre ficar ali para sempre e obter um ponto novo e metê-lo no corpo, e obter a ideia que vai ficar ali para sempre. Você ficaria surpreendido com a agonia e cansaço e fadiga em que este aqui incorre.

O próximo nível é mandá-lo localizar o ponto, e obter a ideia que alguma coisa muito preciosa acabou de sair dali, o que ele nunca mais verá. Você manda-o fazer isto: andar só à volta e localizar estes pontos, e obter a ideia que cada um deles acaba de ser desocupado. Há a manifestação do fulano tentar preencher os pontos com energia; o mecanismo a que ele está sujeito, e que tem tendência para estoirar isto.

Assim, há três condições, e há provavelmente outras, mas estas são condições certamente importantes. Porquê? Bem, o que é a manifestação do *fac-símile*? A manifestação do fac-símile é não ser capaz de permanecer num ponto, tendo que sair e malvadamente levar uma imagem dele de forma que possa dizer que ainda está ali. Isso é a razão por trás do fac-símile. O fac-símile é a solução do problema.

Então, o que é esta coisa chamada Irrealidade? A irrealidade é aquela actividade em que o preclaro se empenhou sempre que foi forçado a ficar onde não queria estar. A sua resposta foi tornar tudo irreal para que realmente não soubesse que estava lá. Ele está de qualquer maneira a tentar ser autodeterminado, e a maneira dele ser autodeterminado é tornar tudo irreal. Ele poderia dizer: „embora eu seja forçado a ficar aqui na prisão, paredes de pedra não são uma gaiola”. É por isso que eles metem psicóticos em celas. (Bem, isso não constitui nada uma solução. É apenas uma razão tão razoável como qualquer outra, naquele campo, que tem a ver com maluquice, logo não espere que seja razoável).

Certo, então ele fará coisas irreais, se forçado a ficar no mesmo lugar. Obscurecerá as suas percepções das coisas. Isto diz meramente que ele está pouco disposto ficar ali.

Agora o que é esta coisa chamada oclusão? Uma oclusão surge como consequência de perda. Alguma coisa preciosa desapareceu, e, se a pessoa ainda pudesse ver notaria que tinha desaparecido, e isto seria mais do que ele poderia aguentar, logo, a melhor coisa a fazer seria cobrir tudo com negrume e pronto. Seria uma boa solução, não seria? Vamos mas é esconder a coisa toda. Vamos mas é esconder o problema e então abandonar toda a ideia, e então, já se vê, *ainda poderíamos fingir que ainda lá está*.

Esta é também a base de „é bom demais para usar”. As pessoas chegarão ao ponto de, se você lhes der algo extremamente precioso, não o usarem. Eles escondem-no prontamente. Bem, é porque eles sabem, se é que sabem alguma coisa, que perdem coisas como essas. Lembro-me

de ter dado um dia a uma querida senhora, minha avó, um presente, porque ela andava com um relógio que era uma vergonha, muito aviltante, eu dei-lhe um relógio novo e ela continuou a usar este antigo relógio aviltante. Mais tarde, eu andava à procura de alguma coisa e abri uma gaveta, e ali escondido no fundo da gaveta estava este excelente relógio novinho em folha, muito bonito, e, a propósito, bastante indestrutível. Perguntei-lhe por que razão não o usava e ela disse, „Oh, é bonito demais para usar”. E assim comecei a pensar nisto um pouco, e voltei atrás e olhei de relance para algumas das coisas dela, e sabe que ela tinha mais coisas bonitas demais para usar? Era uma tremenda abundância. Não podia usar as coisas, se bem que tudo fosse muito bonito.

Bem, as pessoas fazem isto de outra maneira. Quando perdem algo elas põem tudo negro. Escondem-no e escondem o facto que o perderam. Isto também é „irresponsabilidade” e outros factores. E a oclusão contribui para *considerações a mais*. De facto a oclusão básica é mistério. Imprevisibilidade. „Foi-se e eu não previ se iria embora, logo... é tudo negro”. Bem, aqui você está a fazer o preclaro *prever* que alguma coisa vai desaparecer.

Assim, há estes métodos de manejo de pontos no espaço, e estas são as considerações principais. Agora, nem por um momento acredite que há oitenta e cinco outras considerações que possam ser adicionadas àquele tipo de processamento. A Pre-lógica básica na qual isto é baseado é uma coisa muito precisa. Diz: *Theta localiza coisas no tempo e no espaço, e cria tempo e espaço, e coisas para localizar neles*. A autodeterminação é a *capacidade de localizar coisas no tempo e no espaço*, e isto é processar directamente a autodeterminação, para que não vá em todas as direcções. Está aí mesmo, e está nessas três considerações: a consideração de perda, a consideração de „tenho que ficar aqui logo torno tudo irreal”, e a consideração de „bem, já não posso ter aquele lugar, logo levarei uma imagem dele”. A maior parte dos seus preclaros, quer saibam isso ou não, andam por aí com uma casa da infância na cabeça. Eles não já não podem ter aquele lugar, o lugar de orientação, logo pensam que para o ver têm que andar com ele às costas.

Agora Localizar Pontos e Remendar Havingness... Entre os dois o mais importante é Localizar Pontos, e a consequência de Localizar Pontos é ter que Remendar o havingness. Mas por que razão é que ele tem que remediar o havingness? Porque não pode criar energia.

Há obviamente muitos métodos de, de uma maneira ou de outra, levar alguém a criar energia. Por exemplo, depois ter sido descoberto algo de que o preclaro estava perfeitamente disposto a ocupar o mesmo espaço, o próximo pensamento foi: „bem, vejamos agora. Se há essa... isso é energia... penso que vou... vou arranjar uma máquina qualquer para remediar o meu havingness”, e arranjou um gerador, que então foi para uma estação eléctrica e daí para sóis. Por outras palavras o preclaro foi logo remediar todas as considerações, segundo as quais a sua energia dependia de qualquer outro tipo de coisas, e começou ele próprio a produzi-la. De forma que é o produto do remédio de havingness. Por outras palavras, ele estaria a dizer que, se você apenas mudar as considerações sobre isso em toda a linha, é um procedimento muito bom. Este é obviamente um procedimento finito. Você não continua a remediar havingness para sempre.

Logo, porque é que não remedia a condição que o faz remediar o havingness? Há, então, um processo indicado. Isto ligará mockups e percepções e tudo mais: „de que é que não te importarias de ocupar o mesmo espaço?” E assim nós temos o Remédio de Havingness e Localizar Pontos no Espaço.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

PROCESSAMENTO DESCRIPTIVO

Acontece que este é o assunto mais importante que você cobrirá em audição. Pode não ser o assunto mais importante do universo, mas é o assunto mais importante da audição. É um Passo Um, Procedimento de Comunicação de Duas Vias. Este é o procedimento relativamente avançado de administrar uma comunicação de Duas Vias, e quem não tiver nenhum conceito das quatro condições de existência, não será remotamente capaz de percorrer este processo, por isso não virá muito cedo no estudo, embora o próprio Passo Um entre cedo no treino.

Cada ferro que você possa lançar no fogo requer *comunicação de Duas Vias*.

É preciso todo o seu conhecimento de Cientologia, toda a teoria e prática, para administrar uma adequada comunicação de Duas Vias com o preclaro, porque se o fizer você pode, só por isso e sem qualquer processo adicional, solucionar o caso num tempo relativamente curto. Logo, este processo de que estamos aqui a falar deve ser extremamente importante. Exige tudo da sabedoria que você tem de Cientologia. É feito por um auditor inteligente. Não é um processo a ser feito por um fulano que, como último esforço de cognição para o preclaro, leia uma série de comandos. Exige uma comunicação contínua com o preclaro, uma comunicação de Duas Vias com o preclaro. Exige que você a estabeleça, que a mantenha e que a administre de tal maneira que os elementos que compõem as dificuldades do preclaro se desvaneçam. Basta continuar com uma comunicação de Duas Vias com o preclaro para qualquer dificuldade, como não-exteriorização, como irresponsabilidade noutras Dinâmicas, e assim por diante, quaisquer dificuldades... você pode administrar uma comunicação de Duas Vias de tal maneira que essas dificuldades desapareçam. Terá tanta sorte com este processo quanto estiver disposto a ser um auditor inteligente e seguir as suas regras exactas.

A dificuldade primária com este processo de Comunicação de Duas Vias é que ele é aparentemente totalmente permissivo, pode aparentemente divagar para qualquer campo, tópico, assunto, direcção, qualquer coisa, e assim um indivíduo que não está ciente dos seus muito, muito precisos fundamentos, teria descaminho imediato. Ele levaria tanto descaminho como os homens levaram descaminho. É um processo no qual você pode facilmente ficar emaranhado. É um processo no qual você pode ser questionado.

Uma comunicação de Duas Vias poderia ser um campo muito vasto, mas tem uma área de precisão particular onde você, como auditor, se pode concentrar. Se conhece as mecânicas exactas do que está a fazer, habilmente usadas, este torna-se o melhor processo de sempre. Quando não sabe as suas mecânicas e não as usa habilmente, torna-se o mais pastoso, o mais mal-entendido e emperrado tipo de processo que você encontrou. Então, outra vez, eis um processo que exige julgamento, e contudo muito fácil de fazer.

À parte da Comunicação de Duas Vias que estamos aqui a tratar, poderia ser-lhe dado um nome próprio, e nós chamar-lhe-íamos PROCESSAMENTO DESCRIPTIVO. Poderia ser-lhe dado este nome, mas é provável que se perca se nos referimos a ele sempre por este nome. Em primeiro lugar Processamento Descritivo não seria todo o seu nome descritivo. Teria que ser Processamento DESCRIPTIVO AGORA MESMO. Mas foi melhor chamar-lhe um processo conhecido como Comunicação de Duas Vias, que é exactamente como é rotulado no Passo Um de Procedimento Intensivo, (*Procedimento Intensivo: O Procedimento Operacional Standard, 1954*, dado em *A Criação da Capacidade Humana* por L. Ron Hubbard) e isto entra a esta

distância neste material porque usa cada simples coisa que você sabe de Cientologia. E a coisa principal que usa é este factor: *se você estabelecer o As-is-ness da condição do seu preclaro, essa condição desaparecerá para satisfação dele*. E você *não* estabelece o seu As-is-ness localizando as suas consequências, os seus fundamentos, as suas significâncias, descobrindo o que fica sob a coisa que fica sob a coisa que fica sob a parte de trás para lá do outro lado, ou „vamos mudar tudo, mudar tudo, mudar tudo”, porque, o que acontecerá? O processo persistirá não é? Isto é então enganador. É um processo que de facto e manifestamente processa e alcança Alter-Is-ness, usando nada mais do que As-is-ness. Você pode obter uma mudança de caso do preclaro bastando muito simplesmente tomar o caso dele como ele está *agora mesmo*. Nós queremos agora mesmo, nenhum outro lugar, queremos saber como está agora mesmo.

A pergunta chave deste processo pode ser codiificada. O processo não é desleixado, não está espalhado por todo lado, é altamente preciso e a pergunta chave é:

Como é que te parece agora?

Você poderia continuar a fazer só esta pergunta. É só isso que você quer do preclaro. Como de facto lhe parece agora mesmo. Se ele lhe fala da sala, ou de uma manifestação de algum tipo, ou de algo que ele gosta, ou de algo que o repugna, ou de algo que ele sabe ou não sabe, seja o que for, o que você quer, e tudo aquilo que você quer do preclaro neste processo é: como é que de facto lhe parece *agora mesmo*.

E fazendo exactamente isto você obtém mudanças, mudanças, mudanças no preclaro, a uma taxa muito alta, a fazer o quê? Pedindo nada mais do que um As-is-ness. A condição como está neste preciso momento.

Se fosse um auditor muito, muito inteligente, tudo o que teria que fazer era pegar nesta pergunta básica, “como é que te parece agora?”, e formulá-la com mil diferentes aspectos, apontando sempre, sempre directamente para esta coisa que nós queremos que este indivíduo discuta, exactamente como é. Nós queremos saber disso. E não queremos nenhum romance, não queremos nenhum bordado, não queremos nenhuma alteração para obter a nossa simpatia. Não queremos qualquer super-pressão sobre nós para que façamos alguma coisa. O que queremos saber é como é. E isso precisa de audição inteligente.

É fascinante observar um preclaro entrar em cognição, e não reconhecimento, porque ele provavelmente nunca soube isso antes (re-conhecimento seria: „eu sabia isso mas esqueci-o”). As condições existem através dele, ao redor dele, acima dele, abaixo dele. Considerações existem segundo as quais ele não tem cognições. Estas surgiram sem qualquer compreensão da parte dele. Ele nunca tinha visto isso antes e contudo estão aí mesmo, logo nós estamos interessados é na cognição, *olhando* para a coisa, e queremos o As-is-ness de toda e qualquer condição deste fulano.

O preclaro começa a mudar muito rapidamente. A primeira coisa que acontece é ele dizer: „bem, não há nada errado com a garganta!... „A parte de trás da cabeça está perfeitamente viva”. Se ele não sabe a fórmula do que você está a fazer, não a localiza em absoluto e não sabe a Cientologia, você deixou naquele momento de ser inteiramente humano para ele.

Agora eu corri este processo em preclaros intensamente resistentes à audição, que sabiam que nada poderia acontecer, que geralmente terminavam as sessões dizendo que nada aconteceu, e eu recebi o mais surpreendente resultado. A pessoa soube que alguma coisa tinha acontecido. A cognição ocorreu. E ocorreu com acção considerável. A pessoa soube extremamente bem que alguma coisa tinha acontecido. Você não pode correr isto em *alguém* sem que a sua condição mude. É impossível fazê-lo. Mesmo que o corresse pobremente, você mudaria a sua condição.

Ao correr este processo você poderia às vezes fazer isto. Você poderia introduzir *onde e quando*. Não frequente ou repetitivamente, mas *de vez em quando*. (Não o vamos colar lá atrás na banda do tempo). E reconhecer bem que, se ele localizar esta coisa mesmo que vagamente no tempo e lugar onde começou, é provável que toda uma cadeia de coisas estoure, mas nós não nos interessamos principalmente por isso, porque *onde, e o que*, é *tempo presente*. Tempo não é só iniciação e infinito. Assim pareceria, mas tempo é um postulado contínuo. É um postulado que continua a ser postulado. Todo o tempo é agora. O que nós chamamos futuro, o que é inteiramente hipotético, é *o que será*, e isso não é As-is-ness. Você poderia ter um As-is-ness *sobre* o futuro, como: „eu estou preocupado com o futuro”, mas não tem um futuro de facto naquele preclaro. E quanto ao passado, não tem mais real validade do que o futuro. Tudo o que existe do passado é o que está no presente. E se não está no presente, o que é que interessa? Você poderia dizer, bem, eu deveria *entrar* no presente. Não, não deveria. Não, se tiver o presente em ordem. Se tiver um preclaro num estado contínuo de entidade, neste presente, a subir e a melhorar, e a sua cognição é cada vez melhor e melhor e melhor, você está a ligar a sabedoria dele. E se ligar a sabedoria dele do presente, a sabedoria dele do passado aumentará notadamente.

Eu tive um preclaro que começou com uma declaração como: „eu sou um corpo, eu sei que sou um corpo e nada mais que um corpo”, e diz-me que „ouvii coisas de Cientologia e exteriorização” e assim sucessivamente, e recita todos os tipos de coisas que apanhou dos médicos materialistas. Bem, eu li uma vez num texto psiquiátrico (este é o nível de sabedoria deles) que as pessoas tinham às vezes a ilusão que não estavam nos corpos, e essa psiquiatria usava choques eléctricos para os meter do novo nos corpos. Este seria mais ou menos o nível de prática de macacos pendurados pelos rabos... eles realmente não deveriam estar a brincar com coisas como o espírito. Estes médicos sentavam-se nas suas cadeiras durante cinquenta anos e durante, diria eu, vários milhões, se não bilhões de horas, e não notaram isto? Bem eles partiram da premissa básica que o homem é lama, é lama, é lama, ele é um corpo, e de qualquer maneira não há nada a fazer sobre isto, e abordando isso deste ângulo não era provável que descobrissem muita coisa, excepto o facto de ali haver um pouco de lama.

O As-is-ness do preclaro era o que estava no caminho de todas as aproximações materialistas ao campo da cura. Isto não implica que um médico seja incapaz de tratar ossos partidos, obstetrícias e coisas tais, por outras palavras, a estrutura mecânica, mas quando se põe a fazer alguma coisa sobre a mente, ele tem que lidar com o espírito porque não há mente nenhuma. Isso é o que eles nunca aprenderam. Não descobriram que o que estavam a estudar não existia. Estavam a estudar um pedaço de uma máquina de computação feita de neurónios e ciclotrões ou algo do género. Bem, eles poderiam tê-la estudado para todo o sempre e nunca descobrir nada sobre ela, porque não tem As-is-ness. Poderiam continuar a descrevê-la para sempre, e, é claro, continuaria a persistir porque ela própria é um Alter-Is-ness.

Bem, não cometa o mesmo erro com um preclaro. Não vá à caça de todas as intermináveis significâncias e sintomas, por outras palavras, Alter-Is-ness, Alter-Is-ness, Alterar-Is-ness, não cometa o erro de se dirigir a isto, porque tudo que fará será perpetuar a condição. Não cometa mesmo aquele erro. O que você quer fazer é totalmente outra qualquer coisa.

Você quer descobrir como lhe parece agora mesmo. Não quer nenhuma acção da parte deste preclaro que quer ir à caça de significâncias. Ele está tão fixo na ideia de ser um observador que... deixemo-lo observar. Assim que há uma área *branca*. Ele diz: „Uh... não sei... a parte de trás da perna está como que branca e a frente está como que escura. E parece haver algo a disparar através da perna”. „Bem, como é que te parece agora?” Mantenha-o a olhar para a coisa, mantenha-o a olhar para a coisa *agora*. Você apenas quer que ele a descreva, e a descreva,

e a descreva. E então comunica, e comunica, e comunica, e comunica, e não nos importamos se parecer que desperdiçamos algum tempo com isso. Logo, ele sai para uma excursão, algo como: „bem, parece-me como... não sei, não consigo olhar para a sala com essa dor. Eu *tento* olhar para a sala. Não sei porquê. Não sei porquê. Especulei muito sobre isto”. Você pode deixá-lo falar durante algum tempo. É queimar tempo, mas lembre-se que está a preservar uma comunicação de Duas Vias, e que ao longo deste processo está a preservar uma comunicação de Duas Vias, e isso é a tónica, e é por isso que continua a funcionar tão facilmente. O seu preclaro não parece estar nunca sob coacção. Acredite, ele está interessado nas condições dele! Em Processamento Descritivo usa simplesmente isso demais para o levar a descrever as coisas como são.

Mas isto exige de um auditor uma certa sensibilidade. Ele tem que saber quando o preclaro começa a tecer histórias caprichosas.

Como é que ele vai saber isto? *A condição não se altera*. Interessante, não é? Ele está a descrevê-lo como horrível. Ele vai e descreve isto, e descreve isso e descreve isso e descreve isso durante três ou quatro minutos, e não há qualquer mudança em absoluto. Ele descreve isso mais alguns minutos e não há qualquer mudança em absoluto.

Não lhe dê um tiro.

Você poderia perguntar-lhe *como é que os pés* lhe parecem. Tire-o desse assunto, porque bateu uma máquina de mentir, e se apenas lhe tirar a atenção disso, bem, talvez obtenha algumas respostas correctas.

É aqui que você aprende a conhecer as pessoas. Mas em que contexto é que está a aprender a conhecer pessoas? Você vai inteiramente ao material muito, muito básico das quatro condições de existência. Verá uma pessoa correr este ciclo repetidas vezes à medida que faz Processamento Descritivo. As pessoas ficam fantasticamente padronizadas, elas são previsíveis quando começam este tipo de coisa, e muito fáceis processar. Isto não é restimulativo, porque você não está a tentar mudar o preclaro. Está é a tentar descobrir como ele é. Você pode fazer isto durante horas. Vão ocorrer cognições, como, ele ter tido de facto uma enxaqueca durante anos e nem sequer sabia, a não ser que de súbito parou. De súbito, ele disse: „Espera. O que é que aconteceu a esta dor? Nem sequer sabia que tinha aqui uma dor”. Este género de coisas acontece neste tipo de processamento.

„Descrição Agora Mesmo” Processamento, Comunicação de Duas Vias: Passo Um. É assim que você os mete em comunicação, como vos mantém em comunicação e a razão porque os mantém em comunicação nesta linha particular. Você poderia executar isto em Procedimento de Abertura8-C, mas está simplesmente a manter uma Comunicação de Duas Vias. „Como é que isto (parte da sala) te parece agora?” Está a tentar obter a condição exacta do momento em que ele a está a observar. Obterá uma mudança contínua. Está a desfazer toda a mudança que ele pôs na condição. Mas desfaz-se com grande rapidez, logo há um pouco de esperança, afinal de contas.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

PROCESSAMENTO DE GRUPO

Existe um assunto de considerável interesse para nós, um assunto notável que é audição de grupo. Há várias coisas a saber sobre isto.

Um auditor de grupo é aquele que está em pé na frente, senta-se na frente, ou transmite para um grupo através de um sistema de altifalantes (e um grupo consiste de duas ou mais pessoas), auditando-os para melhorar a sua condição de ser como thetans. Esta é uma definição plena, completa, de um auditor de grupo.

Se está ali para melhorar a condição deles, ele vai é claro fazer bem a sua audição de grupo. Se está simplesmente ali especado a dar comandos de rotina, ele também poderá fazer alguma coisa, porque as mecânicas de audição levarão longe. Mas se ele realmente quer fazer indivíduos mais alegres e melhores, ponha-os numa faixa operativa, mude a sua condição, torne o capaz mais capaz, então ele reconhece, à medida que audita um grupo, que está a auditar vários preclaros, e ele está a auditar colectiva e individualmente todos de uma vez, e um bom auditor de grupo reconhece que isto não é diferente de conduzir uma equipa de vinte mulas. É um truque. Logo, alguns são bons auditores de grupo. Eles reconhecem o que é preciso para o fazer, não vacilam e podem fazê-lo. E há alguns que se levantam na frente de uma sala e dão comandos de audição, mas a quem você dificilmente chama auditores de grupo. Agora sob que condições é que audição de grupo é mais bem feita?

Primeiro a atmosfera deverá ser calma. E os métodos de acesso à sala de audição de grupo, como portas, janelas, chaminés e clarabóias, deverão ser policiados em certa medida, de forma que não hajam pessoas a entrar no meio da sessão. E isto incluiria, em sub-título, o facto que as pessoas não venham tarde para uma sessão de audição de grupo. Um auditor de grupo que conhece o seu trabalho segue simplesmente isso como regra. Não deixa as pessoas chegarem tarde. Elas apenas não vêm. Quando lá chegam verão que a próxima sessão de audição de grupo é quinta-feira que vem, facto que poderá ser anunciado na porta. Ele imprime nas pessoas e no seu grupo o dever de não andar a tropeçar quinze ou vinte minutos depois da audição de grupo ter começado, cair sobre um par de cadeiras, cair sobre um par de preclaros, deitar abaixo um par de cinzeiros, pisar um par de cinzeiros, e então deixar cair a carteira, virar a cadeira, acotovelar o fulano da frente para poder pedir licença, e, por outras palavras, interromper a sessão. Isso por causa das coisas que podem acontecer por essa razão. Você poderia ter alguém ali sentado na parte de trás da sala onde estas pessoas entraram e se sentaram, que estavam nesse preciso momento a entrar nalguma coisa bem dura de manejar, e que tinham que lutar consigo próprios. Você estava a ali ajudá-los como auditor de grupo, é verdade, e o seu próximo comando teria tendência para alinhar isto, mas este indivíduo começou a tropeçar em tudo, e, de súbito, alguém chega e o ajuda caindo por cima dele. Isto introduz uma imprevisão de movimento no ambiente não conducente a uma melhoria de caso daquela pessoa.

Logo, o Auditor de Grupo tem um Código todo seu, o qual acontece ser o Código do Auditor, mas o Código do Auditor de Grupo tem mais umas coisas. E entre essas coisas está: *as pessoas nunca chegam tarde a uma Sessão de Audição de grupo.*

Vou só dar alguns outros pequenos itens neste Código: *ele não audita com processos que estabeleçam longas demoras de comunicação.* Evita os processos que fazem isto em preclaros individuais. Se souber que um certo processo produz uma longa demora de comunicação em

preclaros individuais aqui e ali, certamente que o evita ao auditar um grupo. Ele audita principalmente com técnicas que ponham alerta cada pessoa do grupo ao fim de uma hora de processamento. E isso certamente não inclui nada que proporcione a alguém umas vinte e duas horas de demora de comunicação.

Outra parte do Código é: *ele deve estar disposto conceder entidade ao Grupo*. Ele não é um domador de leões que se senta ali em cima com um grupo de leões quase a atirarem-se a ele. É alguém que está na frente de um grupo disposto a conceder entidade àquele grupo. E na medida em que concede entidade ao grupo, o grupo recupera. Se estiver disposto conceder entidade a um grupo, um grande número de coisas entra na linha imediatamente. E estas coisas são: ele dá os comandos numa voz clara, distinta, e se notar que há pessoas numa ou noutra parte da sala a olhar de repente para ele depois de ter dado o comando, ou a olhar interrogativamente, simplesmente repete o comando para todo o grupo. Por outras palavras a sua missão é fazer passar aquele comando e fazê-lo registar.

Ele reconhece, e tem que reconhecer, que as pessoas para quem está a falar neste grupo não são uma audiência. São várias pessoas que estão em maior ou menor grau envolvidas com reconhecer, olhar para ou solucionar problemas relativos à sua entidade, e, como tal, é claro, ligeiramente fora de comunicação com ele. Tem que reconhecer isto da mesma maneira que numa sessão individual tem que dar os comandos claramente, distintamente e obter as respostas. Numa sessão de audição de grupo ele não obtém a resposta. Não obtém aquela resposta que diz: „sim, percebi”. Sim, já terminei, e assim sucessivamente. Por isso tem que fazer toda a audição numa base tal que obvie essas respostas. Você vê, ele dá um comando, e não vai obter uma resposta do preclaro, logo *tem que tomar precauções enormes, precauções na verdade muito exageradas, para ter certeza que cada palavra que diz é claramente registada pela pessoa mais anaten de todo o grupo* (Anaten: uma abreviatura de „analítico atenuado”, significando uma diminuição ou enfraquecimento da consciência analítica de um indivíduo por um breve ou extenso período de tempo). As suas palavras têm que ser registadas. Ele também deve ter o cuidado de *dar os comandos de tal maneira que não dê azo a vários fracassos de um ou mais indivíduos do grupo*. Por exemplo ele diz: „agora obtém um lugar, obtém um lugar onde tu não estás... contacta já esse lugar”. E ele não deverá dar outro comando contraditório até estar seguro que toda a gente no grupo encontrou pelo menos uma localização. Vejamos um exemplo disso. Ele diz: „obtém um lugar onde tu não estás”. E ele espera um momento, e várias pessoas do grupo já localizaram este lugar com precisão, então ele diz: „obtém um local com certeza, e depois mais alguns”. Agora, o que ele fez foi levar essas cinco, seis, oito pessoas do grupo que não encontraram aquele lugar nesse momento, de imediato, e achar certo que eles continuem com demora de comunicação. E ainda considerou certo que o resto do grupo continuasse a obter outros lugares.

Não é preciso ter um palavreado estilizado para fazer isto, mas acontece que é um palavreado muito estilizado. „Obtém um lugar, um lugar sem dúvidas... e quando obtiveres esse lugar, obtém mais e mais alguns lugares”. Agora, se o auditor está disposto a conceder entidade ao grupo, ele será ouvido por todo o grupo, e se não está disposto a conceder entidade ao grupo, não será ouvido por todo o grupo.

Além disso, se não está disposto a conceder entidade ao grupo, encontrar-se-á, quer queira quer não, a mudar de processo a meio. Ele decide de repente que seria melhor correr outra coisa. Seria melhor correr alguma coisa intrincada. Seria melhor correr alguma coisa sensacional. Nós estávamos a fazer tudo bem, estávamos a localizar as paredes da sala, a fazer o Procedimento de Abertura de Grupo que, tirado do Manual do Auditor de Grupo (*Manual do Auditor de Grupo*: uma compilação de 1954 de sessões audição de grupo resultante dos Cursos Clínicos

Avançados daquele ano), é um processo muito preciso. O auditor pôs isso a andar bastante bem, tinha começado mesmo bem, e decide: bem, vamos mudar para alguns... Ah! Duplicação por Atenção! Certo. Olha para a parede da direita, olha para a parede da esquerda, olha para a parede da direita, olha a parede esquerda, olha para a parede da direita, olha para a parede da esquerda... uh... não sei, não me parece que isto vá muito longe. Vejamos o que realmente deveríamos fazer. E ele muda para outro e para outro processo.

O grupo está por esta altura a ficar como que inquieto. Qual é basicamente o problema aqui? É o facto que o homem não sabe o que está a fazer? Bem, poderia ser ligeiramente isso. Mas porque é que ele não sabe o que está a fazer? Cada simples comando e teoria subjacente a isso podem ser encontrados nas publicações de Cientologia. *O que é que ele está a fazer sem saber o que está a fazer?* Bem vou dizer o que está a fazer. Ele está a tentar não conceder entidade àquele grupo. E haverá pessoas nesse grupo que estão temerosas com conceder entidade ao grupo, e que todas estas pessoas fiquem luminosas e progressivas, e que se tornem thetaans que, voando à volta, ataquem demoniacamente as pessoas e... „você não deveria libertar assim toda a gente, você sabe”.

E estas pessoas tropeçarão em cinzeiros, derrubam cadeiras, chegam tarde, levantam-se no meio de uma sessão de grupo e abrem e fecham janelas, abrem e fecham portas, e então nós descobrimos, é claro, que *eles não querem que a sua entidade lhes seja concedida*. Mas particularmente, eles estão preocupados com a sessão de grupo em curso, com este indivíduo que está a conceder toda essa entidade a todas estas pessoas, e a melhorar todas estas pessoas, e se todas estas pessoas melhorassem, bem, sabe-se lá o que aconteceria, alguma coisa horrível aconteceria, a competição ficaria muito alta ou algo do género, ou algo assim terrível iria acontecer. É a computação em curso quando são usados maus comandos de audição, e nunca pense o contrário. Não, não diga. Bem, ele não sabe e pronto. Cada um desses homo sapiens, individualizado como está para uma Uma-Só computação, tem alguma faceta da *sua* entidade que *recusa* conceder entidade. Todo o homem vivo tem isso até certo ponto, caso contrário nunca teria um jogo ou um contacto. Há sempre „o outro lado”. Ele não vai conceder qualquer entidade ao grupo de futebol de Princeton... esse tipo de coisas. E quando exagera nisto constante e continuamente, você terá alguém que não quer ceder qualquer entidade em parte alguma a pessoa alguma, e assim, logo antes de fazer qualquer audição de grupo, ele não se dará ao trabalho de ler tudo como você, E, se o ler, fará qualquer outra coisa. Não estudará o assunto, não examinará as pessoas, e não auditará de maneira a elas melhorarem ou vencerem, e você verá, a propósito, que a sessão de grupo não terá uma boa assistência. A sessão de grupo de um auditor de grupo só pode ter uma boa assistência. Eles terão continuamente boas assistências, e aumentá-las-ão na medida em que o indivíduo está disposto a conceder entidade às pessoas, por outras palavras, a fazer um bom trabalho.

Isso é o muito e o pouco disso, é uma declaração muito inflexível e poderia dizer-se que há muitas coisas que mitigam esta declaração, mas eu provo. A verdade é que a coisa se reduz a conceder entidade. Ou ele o faz, ou não o faz.

Agora, isso pode ser remediado nele? Sim, quando tiver um pouco mais liberdade. Só uma sessão de audição standard conforme o Manual do Auditor de Grupo o trará até um ponto onde ele possa conceder mais entidade à pessoas. Isso fá-lo-á.

Você poderia correr isto como processo directo, como sessão de grupo, é só: „concede alguma entidade às paredes da frente”, „...alguma entidade às paredes de trás”. Poderia fazer isto se quisesse. Mas outra vez isto é introduzir muita significância no processo.

A razão porque alguém não está a conceder entidade é que ele próprio está acorrentado e escravizado, e sente-se atacado em certa medida pelo ambiente, e você tem que o levar até ao

ponto onde ele tenha um pouco mais de margem operacional na sua própria sobrevivência, e tendo ele uma pequena margem de sobrevivência, se disponha deixar outrem sobreviver. Ele começa a tratar a sobrevivência como um artigo. Há só cinco continentes no mundo, e ele fica danado se alguém tirar qualquer parte desses cinco continentes, porque ele *sabe* que precisa deles todos. Mesmo neste ponto você pode distinguir imediatamente um auditor bom de um mau. Assim há uma computação de caso no fundo da capacidade de audição de grupo.

Um indivíduo que tem medo de esforço é uma medida precisa disto. As pessoas reconhecem instintivamente que medo de esforço, uma repugnância para fazer esforço, anda de mãos dadas com „debilidade”, „não conceder entidade”, „ter que atrasar também os outros”. Logo, temos nós um auditor de grupo que se senta para trás, põe os pés na secretária e audita um grupo? Oh não, não temos. O grupo não melhoraria, não recuperaria, não faria nada. Porquê? Eles sentavam-se ali e correriam os comandos porque ouviram dizer que a Cientologia é uma coisa boa, mas dirão: Este sujeito está-se nas tintas. Ele não está interessado.

Não há aqui necromancia nenhuma. Não temos um raio de energia que saia do auditor do grupo e pouse como uma estrelinha sobre a cabeça de toda a gente. Não é o caso. Mas há outro caso:

Há a simples questão da *duplicação da comunicação*. Porque é que as pessoas reconhecem bastante instintivamente que uma pessoa não se importa, se não tiver energia ou esforço. Bem, eis este indivíduo. Ele parece ter um pouco de vitalidade. A linha de comunicação tem como Ponto Fonte a VITALIDADE. E haja o que houver no ponto Efeito no princípio, pelo menos acabará com vitalidade. Se já falou durante algum tempo com alguém num tom de voz bastante aborrecido, encontra-o pouco depois aborrecido. Isto é só „Q&A” (Q&A: De „Question (Pergunta) e Answer (Resposta)”. Este termo referia-se originalmente ao facto de que *a resposta à pergunta é a pergunta*. Q & A foi usado para significar „mudar quando o preclaro muda”. Aqui refere-se ao preclaro que duplica a entidade do auditor). Já ouviu alguém muito electrizante, um tipo de orador como William Jennings Bryan, a dar murros na mesa e a berrar e assim sucessivamente, e quando você olha para uma audiência a que falaram deste modo... eles estão despertos, estão definitivamente despertos. O homem não disse nada de lógico em absoluto em momento algum durante todo o tempo que esteve a falar, e contudo só o facto de que eles estão a duplicar um orador que parece ter alguma vitalidade, esta passa para a audiência e parece dar-lhes alguma vitalidade. Mas dá-lhes alguma vitalidade? Não, eles estão simplesmente a duplicá-la.

Agora um auditor de grupo poderia sentar-se e falar com o grupo. De facto (é muito perigoso dizer isto a um auditor de grupo) isto na verdade provoca uma duplicação um pouco melhor, porque o grupo está sentado. Mas se ele estiver sentando, pense em quanto a voz dele tem agora que fazer. Ele não pode depender de qualquer outra coisa para fazer alguma coisa por ele. *Tudo* o que ele faz deve estar contido na sua voz. Tudo o que ele PENSA deve estar contido na voz. Oh, você diz, então isto requer um actor. Sim, sim. Se não está disposto a *ser* várias coisas, e se não pode ser várias coisas à-vontade, você na verdade nem sequer tem nada a ver com audição. Porquê? Porque nesse caso está a tentar *impedir* coisas de ser. E a primeira pessoa que está a tentar impedir de ser é você próprio. E se está a tentar impedir-se *a si próprio* de ser num grau marcado, você vai, numa base de duplicação, restimular este facto no outro extremo da linha. Impedirá outros de ser. Logo, um auditor de grupo *poderia* sentar-se. Não quer dizer que ele deva ou tenha que o fazer.

O facto é que os melhores resultados que eu alguma vez consegui em sessões audição de grupo foram na verdade a andar para cima e para baixo na frente de um grupo, apanhando-os de vez em quando isoladamente... „percebeste isto bem?”, etc. E o tom do grupo apenas começa

a *subir*, e então o facto de que estão a fazer exercícios que são mesmo dinamite, é claro, neles próprios, arrancá-los-á praticamente logo das suas cabeças. Numa das últimas sessões abrangentes de audição de grupo que fiz, larguei o microfone e fiquei simplesmente a falar com a turma, e realmente eu estava a tentar fazer alguma coisa pelos seus casos e assim sucessivamente, e estava bastante interessado porque estava a chegar ao fim da série de sessões de grupo. E obtive o relatório depois: houve mais pessoas exteriorizadas durante aquela sessão particular do que em qualquer outra sessão que eu tinha dado. Bem, aqui eu estava a sentir-me mais vivo, interessado, premente sobre o que estava a acontecer, e que estava a comunicar, e estava a comunicar muito fortemente.

Um auditor de grupo que não tem qualquer desejo de fazer alguma coisa acontecer será contudo desapontado se ele se sentar ali e ler para uma turma os comandos numa voz mortiça, monótona, contrária ao Manual do Auditor de Grupo. Ele ainda obterá alguns resultados. Isto foi testado. Nós pegámos no pior auditor de grupo que já se viu, ou de que se ouviu falar, e demos-lhe alguns comandos que não estavam muito bem escritos e mandámo-lo auditar. O estilo dele era: „bem, tenho agora aqui alguns comandos ... eu tenho alguns comandos... vejamos agora... ah... vejamos... ham... ah... olha para frente da sala... diz aqui... olh para a parede da direita...” E este sujeito ainda obteve alguns *resultados*!

Logo, o que estamos a fazer só com os processos próprios é fabuloso.

Alguma coisa importante a saber sobre audição de grupo é isto: se tem medo de uma turma, você não quererá conceder-lhe entidade, porque é *por isso* que tem medo. Você tem a certeza que eles estão a ponto de o interromper. Você tem a certeza que eles estão a ponto de saltar dos assentos e atacá-lo. Se está nesse estado de espírito para com um grupo, você não será claramente ouvido pelo grupo, terá tendência para mudar as técnicas, e a sua falta de atenção fá-lo-á provavelmente tombar cinzeiros, perder-se no texto, e outras coisas más.

Agora vejamos esta coisa chamada „terror do palco”, e como uma pessoa o poderia solucionar. Uma forma de o solucionar seria simplesmente com algum tipo de processamento criativo. Faça só mockups de estar morto de medo, e a audiência a saltar-lhe em cima, e assim sucessivamente, mas é uma maneira muito crua de manejá-lo.

A *melhor* maneira de curar terror do palco é subir para um palco perante um vasto número de pessoas e fazer o melhor, e depois de fazer isso algumas vezes reconhecer que isto é um *As-is-ness*, esta condição, e, geralmente, tudo o que está conectado com isso, a tensão e assim sucessivamente, voará. Você apenas reconhece claramente que está sob tensão quando fala para esta audiência. Só que está sob tensão e depois.... „então eu estou sob tensão quando falo para a audiência” já não ficará. É só medo do que fará, de poder fazer alguma coisa imprevista, ou de poder ocorrer algo estranho, e depois de fazer isto algumas vezes você descobre que não ocorreu nada estranho, que se safou sempre. Você sobrevive, e fica bastante realizado.

Há outra coisa que poderia fazer para melhorar as suas capacidades como auditor de grupo. E isso é entidade... se pudesse só praticar entidade. Você poderia ser os actores e poderia ser os terapeutas e poderia ser gurus e poderia ser este tipo de coisas e poderia ser aquele tipo de coisas, e trabalhar nisso num tipo de escala de gradiente até obter a ideia de que poderia ser qualquer coisa. Você poderia ser corrido nisto em processamento, e isso também manejaria o terror do palco, porque uma pessoa com terror do palco está a ser alguém que tem terror do palco. É só isso. A resposta ao problema é o exacto problema.

O assunto de Audição de grupo, então, não envolve hoje tanto um conhecimento da técnica, mas uma presença em palco da parte do auditor de grupo e o seu comando sobre o próprio grupo. Se está disposto a que o grupo faça ganhos, ele fará ganhos. Se está interessado em lhes

dar ganhos, eles terão ganhos. Se está interessado em ter um grupo, tê-lo-á. É uma coisa muito estranha, mas os melhores auditores não têm dificuldade alguma de juntar grupos.

Agora, de facto, você não pode ter um sentimento de embaraço para com o seu semelhante e poder dirigir-se a ele na rua e dizer -lhe qualquer coisa, ou conseguir que ele faça qualquer coisa. Contanto que tenha um embaraço para com as pessoas, você terá dificuldade de juntar um grupo ou de liderar um grupo ou qualquer coisa deste género. Bem, qual é a quantidade a que chamamos embaraço? É uma questão de exibição.

Aqui nós temos *aparecimento* e *desaparecimento* como dicotomia. E um auditor de grupo é alguém que tem que estar disposto a *aparecer*, e se a pessoa foi obrigada a aparecer muitas, muitas vezes contra a sua vontade, uma das frases favoritas da mãe poderia ter sido, „Olha para ti. Estás sujo da cabeça aos pés e eu acabei de te limpar. Olha! Pareces... seu porquinho!“ Alguma gentil educação deste tipo tenderá a promover embaraço. Mas você não deveria ir à procura da resposta para o embaraço em significâncias de fundo. O embaraço é que o fulano está ali como que a desculpar-se pela sua presença, e ao mesmo tempo a tentar desaparecer. Isso é o As-is-ness do embaraço. E isso é *mesmo* um As-is-ness. Não interessa de onde veio. Ele está a desculpar-se. Logo uma das primeiras coisas que poderá fazer é simplesmente não se desculpar pela sua presença. Você poderia esperar que as pessoas se desculpassem pela delas, mas não se desculpe você pela sua. Você está aqui, e a dura sorte deles é que eles estão ali também, ou sorte a deles que estão ali.

Mas se um fulano está em realmente boa forma, bem, isto é tipo uma atmosfera que passa por uma sessão de grupo, e esta atmosfera diz: „eu estou aqui e você está mesmo aí, e eu estou realmente contente de o ver, e você está aí sentando, e isso é um azar terrível para si se estiver doente porque vai melhorar de qualquer maneira, e você poderia entrar e sentar-se e não correr nenhum dos comandos em absoluto e ainda assim melhorar, naturalmente. Isso é uma evidência. E lamento que você tenha algumas coisas de que se envergonhar, mas, você sabe, eu não tenho uma única... esse tipo de atmosfera. Uma atmosfera bastante tranquila em lugar de uma atmosfera excitante, extática. Mas mesmo uma atmosfera excitada, extática, ou uma atmosfera de guru, ou uma de Aimee Semple McPherson é melhor do que alguém estar ali especado e a dizer: „sabem, desculpem eu estar visível aqui em cima“.

Logo, a melhor maneira de entrar na rotina da audição de grupo é pôr o seu caso em forma exactamente como você *poria* o seu caso em forma, só com processamento padrão, nada de peculiar, nada de enviesado, nada de estranho ou incomum. Só que à medida que fica em forma você fica um pouco mais livre, e à medida que fica mais livre, é então mais competente para se deixar aparecer.

E a outra coisa que dá com isso e não depende de ter o seu caso em forma, é o facto de continuar a aparecer em público e a fazer audição de grupo a pessoas com este postulado: toda a gente está contente por me ver, por me ouvir, e eu estou aqui e sei ao mesmo tempo que estou morto de medo e isso é o As-is-ness disso, e depois?, mas, de qualquer maneira, estou a organizar um bom espectáculo, e a seguir, bem, tudo isso desapareceu, todo aquele sentir e tensão se foi, e vais continuar e dar ao grupo uma sessão.

Mas você dá sessões às pessoas para as melhorar, não para ser alguém especado num palco a debitar um conjunto de palavras. Você tem uma razão, propósito e significado no que está a fazer, e considera uma afronta pessoal se alguém neste grupo não foi de imediato totalmente melhorado depois de um par de horas de processamento. Isso é uma afronta pessoal, e você trata isso como tal quando eles lhe falam disso. „Quer dizer que você veio a uma das minhas sessões e não teve grandes ganhos? Humph!“ e, „Bem eu deixo-o vir a outra sessão, mas não puxe esta conversa outra vez“.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CIENTOLOGIA E A VIVÊNCIA

A aplicação da Cientologia à vida quotidiana é um assunto vasto, e o melhor método de fazer isto é simplesmente usar o triângulo A-R-C, com o seu consequente Quadro de Avaliação Humana, no dia a dia. Isto leva em conta a maior parte das manifestações visíveis e que se podem avaliar rapidamente.

Isto, é claro, inclui a Fórmula da Comunicação, e uma compreensão daquela Fórmula de Comunicação seria uma compreensão de Causa, Distância, Efeito e o facto que a pessoa que está no ponto causa ou Fonte é muito frequentemente muito relutante a ser Causa, e que a pessoa que está no ponto Efeito é muito frequentemente muito relutante a ser Efeito, em ambos os casos, de qualquer coisa.

Logo eles farão várias coisas em comunicação, como meter-se na *distância entre* o ponto Causa e o ponto Efeito, tornando-se assim uma *mensagem*. As pessoas são presas muito facilmente com isto. Você pode levar toda a sabedoria que quiser, a qualquer lugar, a qualquer pessoa, sem você próprio *ser uma mensagem*. Tenha a mensagem na mão, ponha a mensagem na linha, mas não seja você próprio a mensagem. As pessoas, à medida que avançam entre estes dois pontos, ficam cada vez mais próximas da chegada, e há o fulano que não ousa chegar, *não ousa chegar àquele ponto de Efeito*, e há o fulano quem não ousa partir, ou ir além desse ponto causa, e afasta-se então cada vez mais de *ser Causa*, e será cada vez mais Efeito. E você poderia reunir estes dois pontos cada vez mais firmemente até, embora não sendo totalmente o mesmo ponto, obter esta série de manifestações.

Uma compreensão da Fórmula de Comunicação é muito útil na vida diária, muito útil para compreender a vida. Você verá alguém que, de tudo aquilo de que ele é a causa, ele torna-se o efeito. Isto vai bem fundo na banda. „A Segunda Lei da Magia”, poderia ter sido dita assim: *não sejas o efeito da tua própria causa*. Bem, é claro, é impossível não ser o efeito da sua própria causa, de forma que isto é em si mesmo uma esparrela. Um fulano é parvo se pensar que pode provocar alguma coisa sem se tornar o efeito dessa coisa, de uma forma ou de outra. Ele pode provocar o que quiser contanto que esteja disposto ser efeito do que provocar. Você é um estático, você é uma personalidade, você não tem massa e significado ou mobilidade como ser (você está a usar um corpo em lugar de ser um corpo) e é naturalmente capaz de causar quase qualquer coisa, mas suponhamos que estava ali a proteger um corpo, a ser um corpo, a esconder num corpo, e provoca alguma coisa que não gostaria de que acontecesse ao corpo. Supondo que apanham um livro e o atira a alguém e lhe provoca uma grande contusão na cara, ou algo do género, você não gosta do efeito, logo começa a resistir a ser efeito, e resiste cada vez mais a ser efeito. De facto você está a fazer um corpo resistir a ser efeito, e pouco depois, por causa do feitio deste universo onde finalmente (*Qualquer coisa a que resistas obténs, Qualquer coisa a que resistas tornas-te isso*, o lema favorito deste universo), você se torna isso. Na ausência de processamento e compreensão, (modifiquemos isso nessa medida), se você compreender isto e se houver processamento, isso deixa de ocorrer. Mas aqui nós temos pessoas que se tornam muito, muito pouco dispostas a ser a causa de qualquer coisa. Você verá que elas não darão ordens a ninguém porque elas próprias não querem ser o efeito de receber ordens. Elas farão todos os géneros de coisas muito notáveis para evitar perturbar as pessoas da vizinhança. Porquê? Porque têm medo de ser perturbadas. Aprenderam por experiência a sequência overt-motivador (*Sequência overt-motivador*: a sequência em que alguém que

cometeu um acto prejudicial ou contra-sobrevivência tem que reivindicar a existência de „motivadores”, sendo então provável que sejam usados para justificar mais actos overt). Se você quer saber a razão porque as pessoas ficam nervosas, é só porque, quando cometem o mais vago acto overt, elas têm este pacote de fac-símiles tremendamente exagerado a dizer-lhes: não, não, não, não. „Oh, não, é melhor não falar com essas pessoas com uma dureza assim, senão isso vira-se realmente contra si”. Bem isso é bastante normal numa sociedade. Uma coisa é ser cortês porque se pode ser cortês, totalmente outra coisa é deixar-se espezinhar, e ainda totalmente outra coisa é estar reactivamente em apatia.

Há outra manifestação até mais curiosa, a qual verá de vez em quando, que é: qualquer coisa que aconteça na sua vizinhança em absoluto, a pessoa *sabe que ela é a causa*. Agora isso começa com qualquer coisa que lhe aconteceu e que ele basicamente sabe que foi ele que provocou, o que, é claro, acontece ser uma verdade evidente. É verdade que qualquer coisa que lhe aconteceu foi ele basicamente a causa, mas isso é *em cima na escala* do quadro, e agora ele apenas sente reactivamente que se tornou efeito, por isso ele o provocou. Mesmo automaticamente. Você tem Causa e Efeito aqui tão juntos que entram em curto-círcuito. Se há um efeito, ele provocou-o, e isso propaga-se por todo o ambiente, até que encontra um louco, preocupado como um louco, por ter sido causador de tudo da Segunda Guerra Mundial. Ele deve ter feito alguma coisa, porque a Segunda Guerra Mundial existiu. Deverá ter sido ele. Ele está a brincar muito duramente ao “Único” neste momento. Às vezes até as crianças reagirão a isto. Na morte de um aliado (*Aliado*: uma pessoa que simpatizou ou pareceu ajudar a sobrevivência de um indivíduo quando ele estava doente, magoado ou inconsciente, pessoa essa que agora ele vê reactivamente como indispensável à Continuidade da sua existência e bem-estar) nós vemos uma criança preocupada e a pensar o que terá feito neste planeta que matou a avó, ou a irmã ou quem quer que seja. Ela *tem que* ter feito alguma coisa. Ela foi o efeito disso, não foi? Tem que ter feito alguma coisa.

E nós temos isto como uma cunha a penetrar na superstição. „Vejamos, eu sou uma vítima, por isso devo ser culpado de alguma coisa”, e arranjam alguma coisa da ordem do „pecado original”. É tudo mau, por isso você deve ser o efeito disso, e isso torna-se „arrepende-te, arrepende-te”. Bem, de facto um indivíduo só precisa de aceitar a responsabilidade pelos seus próprios actos. Isto tomará muito bem conta das coisas, e se ele reconhecer claramente os efeitos que de facto provoca, e se estiver perfeitamente disposto a causar efeitos e ousar ser efeito dele próprio, ele pode caminhar através deste silvado e roçá-lo com grande facilidade mesmo como corpo. Há um modo de conduta disponível.

Bem, eu quero chamar sua atenção para o Quadro de Avaliação Humana organizado muito cedo em 1951, que têm várias colunas e que dá características de comportamento. É traçado matematicamente na base de ARC. Quando eleva a afinidade de uma pessoa você elevará a sua realidade e a sua comunicação. Quando eleva a comunicação elevará a afinidade e a realidade. Quando eleva a realidade de alguma coisa, você elevará a afinidade e a comunicação. É um quadro muito bom para antever as pessoas. É particularmente importante para um auditor, mas é um quadro que pode ser usado na vida do dia a dia.

Um auditor tinha estudado num curso este quadro uma só vez como teoria. Achou-o bastante interessante. E tendo estudado tudo isso, bem, nunca lhe ocorreu que era verdade, ou real, ou algo assim. Estava perfeitamente de acordo com ele como estudo matemático.

Então um dia bateu-lhe o pensamento que poderia ser aplicável à vida em geral. E se este quadro for *verdade*? É claro que as pessoas realmente não agiriam assim. Mas ele entrou num banco e olhou em volta, observando as pessoas que entravam, e observando as pessoas atrás das secretárias, falou com um par de pessoas e assim por diante, e começou a colocá-las na

escala de tom. Bem, fez isto toda uma manhã e voltou à aula bem apavorado. Este Quadro era absolutamente exacto! Aplicava-se a todas essas pessoas que ali estavam. Mas o que o apavorou não foi o Quadro, mas o facto de as pessoas obedecerem *sempre*, consistentemente, a estes níveis, *não* sabendo que o estavam a fazer ou o que estavam a fazer, e sem a mais leve suspeita do que se estava a passar. Um fulano era 1.5 (1.5: equivalente numérico no Quadro de Avaliação Humana da pessoa que está em Hostilidade Aberta. Raiva é o seu estado standard. É capaz de tomar acção destrutiva e está especificamente a tentar parar coisas). Estava a agir exactamente como 1.5 deveria agir, reagindo segundo o Quadro. Este auditor foi ao ponto de, no fim da manhã, perguntar ao fulano que só estava casualmente em 1.5, como estava a artrite, e o fulano disse: „Oh! está terrível!” A artrite *seria* uma maneira de parar alguma coisa, não *seria*? Um auditor localiza estas coisas no quotidiano tão casualmente quanto o apanharia num mata-borrão.

Mas este auditor tinha entrado de súbito num *mundo completamente previsível!* Isso é bom, mas você quer se precaver desta armadilha: evitemos só „a razão porquê”. A razão porque eles estão a fazer o que estão a fazer é ARC, e as razões que eles *dão* são as razões que os justificam contra o padrão social em que eles vivem. Essa é a totalidade de „a razão porquê”. Por exemplo, um polícia age da maneira que age porque é um polícia. O presidente do banco tem que agir da maneira que age porque é um presidente de banco. A primeira desculpa dele é a sua entidade ou posição, e as próximas algumas desculpas dele para baixo na linha, poderiam ter sido coisas causativas da vida dele. É verdade que uma pessoa colocada numa posição que exige por exemplo, 2.0 (antagonismo), é provável *dramatizar* pelo menos 2.0 através de todo o Quadro, mas esta é a coisa curiosa: é que ele também não tem que acreditar nisso. Você vê, ele poderia estar em 2.0 na escala de tom, mas não tem que acreditar nisso. Só quando se torna tudo isso seriamente é que ele entra nesta escala. Lembre-se que é ARC, então, e não razões. Se cai nas razões, você só pode matutar-matutar com o resto dessas razões para sempre.

Olhe só este rácio: quanto é que espaço a pessoa tem nessa Fórmula de Comunicação? Quanto espaço é que ela tem? Qual a sua afinidade geral para com a vida em geral? Qual a sua realidade? Com que é que ele está basicamente de acordo? E nós olhamos para isso e de facto vemos estes três cantos do triângulo que formam um plano, e à medida que o espaço fica maior ele vai logo para cima na escala, e para o topo da escala, e à medida que o espaço fica menor, bem, o Ponto Fonte e o Ponto Recepção da Fórmula de Comunicação quase se juntam, mas é como andar meio caminho de cada vez para Chicago. Se andar meio caminho de cada vez, é claro que nunca chega a Chicago. O Ponto Fonte e o Ponto Recepção nunca coincidem. Eles podem, e irão coincidir perfeitamente, no topo da escala, momento em que você alcançou uma condição que poderia ser bastante poeticamente declarada como fraternidade com todo o universo, mas isso é uma afinidade *total* e não uma afinidade forçada ou impelida. A afinidade compelida e forçada não persiste, mas desce simplesmente na escala. Uma livre afinidade pela totalidade da vida é uma coisa realmente diferente.

Agora, de vez em quando um indivíduo pode começar preocupar-se com a sua simpatia pela vida. Ele repara que tem alguma vaga ideia do que as formigas pensam e fazem. E sabe que um cacto também tem uma certa emoção sobre isto, e é provável que comece a preocupar-se com isto e tenta retirar. Teme tornar-se nestas coisas fixamente, se entrar em simpatia com todas essas coisas.

Mas o passaporte para liberdade é a simpatia pela vida e as suas formas. Não compulsiva, mas só a sua livre simpatia. Se ele estivesse a ser forçado a sentir simpatia por rapazes, seria certo que por fim, se ele fosse um theta, se tornaria um rapaz.

Nós reconhecemos neste quadro que temos um método bem sucedido de previsão, e em geral temos em ARC uma boa escala de previsão, e um indivíduo ciente destas coisas pode prever a actividade dos que o rodeiam.

Devido ao facto destes três itens, A, R e C se combinarem, de serem sintomáticos da compreensão, o grau de compreensão que uma pessoa tem da existência é o grau em que ela tem distância, possível na Fórmula de Comunicação, por isso nós vemos a compreensão da existência aumentar cada vez mais à medida que ele vai pela escala acima, e diminuir cada vez mais à medida que vai pela escala abaixo. É claro que nós poderíamos adicionar a isto cada factor da Cientologia, mas adicionemos entidade a isto e veremos que um indivíduo está, a princípio a meio da escala, completamente livre para ser qualquer coisa, e então, à medida que vai pela escala abaixo, ele está a ser cada vez mais compulsivamente levado a ser alguma coisa, e encontra-se sendo *alguma coisa*, e isto fá-lo infeliz porque sente que não é por sua própria escolha. Nós na verdade sabemos por As-is-ness e a necessidade de alterar As-is-ness que ele teve que designar uma alterdeterminação para manter alguma coisa, e isto fá-lo infeliz porque sente que não foi por sua própria escolha. Nós na verdade sabemos por As-is-ness e a necessidade de alterar As-is-ness, que ele teve que designar uma alterdeterminação para manter alguma coisa, para a coisa continuar a persistir, e ele está a evitar cada vez mais a imobilidade, porque a imobilidade é perigosa para ele. Por isso uma entidade consistente, ininterrupta, como alguma coisa, é alguma coisa que ele começa por temer, e quando um indivíduo vai ao ponto do sentimento horrível de que, se ficasse parado por muito tempo num lugar, como que criava raízes, ou se fizesse algo peculiar deste tipo, alguma coisa má lhe aconteceria. Ou se tivesse dores por ter que ficar um bocado parado, teria ali uma condição em que tem uma entidade compulsiva a debater-se com este medo de imobilidade, que é a mesma coisa, e esse medo de imobilidade está a torná-lo cada vez mais imóvel. Quanto mais freneticamente este indivíduo entra em movimento, mais ele se torna um símbolo. E, é claro, quanto mais se torna um símbolo mais massa e mais significado acumula. E quando você o desce para cerca de 0.5 (apatia) naquela escala de tom, as suas „razões”... seriam totalmente nonsequitur, mas, caramba, elas seriam *significativas*! Massa, significado e mobilidade, então, ajustam-se ali. Entidade ajusta-se ali. Para compreender a vida e os seres humanos em geral deveria reconhecer-se que todo ser humano é um *thetan a ser um ser humano*.

Um indivíduo nunca se teria tornado selectiva e obrigatoriamente um ser humano se não tivesse actos overt contra corpos humanos. Ele tem inúmeros overts contra corpos humanos, e, como resultado, é muito, muito pressionado quanto a proteger corpos. Não deve deixar um corpo ser efeito de coisa alguma. Tem agora que proteger o corpo de coisas tais como ele próprio. À medida que desce na escala de tom, enquanto que ele possa adorar algum espírito poderoso que lança raios de luz sobre ele, tratando-se de thetans individuais, deixar que alguém fique um metro atrás da cabeça ou algo assim, é intolerável para ele e significa que um corpo poderá ser atacado. Está a ver? „Thetans atacam corpos”. Ele sabe. Eles são maus. No assunto da exteriorização esta pessoa usará um truque assim: „fica um metro atrás da tua cabeça”. „Estás um metro atrás da tua cabeça?” „Bem, tens a certeza que agora estás lá?”, etc. E ele dirá nesse mesmo momento: „bem, põe a atenção no teu nariz. Faz o teu nariz descer um pouco”... e a pessoa está ali sentada e diz: „O quê?” Uma mudança súbita de ritmo. E pendurará o preclaro naquele momento particular. Nós obtemos aquele tipo de manifestação.

Então há o assunto algo-ou-nada. Um thetan tem perfeita liberdade de ter todo os “alhos” que quiser e qualquer dos “nadas” que quiser. Ele pode comunicar com alhos com grande facilidade. Um thetan é alguma coisa que está acima de algo-e-nada. Um thetan não é só um nada, já se vê. Ele é alguma coisa que pode *monitorar* alhos e nadadas. Bem, se é o caso, então nós achamos que as pessoas fariam uma de duas coisas quando descem extremamente na escala.

Ou tentariam concentrar-se em todos os algos, ou começariam concentrar-se em todos os nadas. De facto, à medida que descem na escala, eles fazem isto alternadamente. Eles abandonam tudo o que é algo, algo, algo, e entram nuns estratos onde *não dever ser nada*, nada, nada, tem que ser algo, algo, algo, e então não DEVE ser nada, e então TEM QUE ser algo, e descendo através destes estratos você encontrará os seres humanos ali à volta totalmente compelidos a desfazer corpos em nada, desfazer carros em nada, manuscritos, qualquer observação que você faça, qualquer acção. Eles têm que desfazer isso em nada. Só os mataria se eles não pudessem ridicularizar isso. Ridicularizar é um método muito mais leve do que esbofetejar até partir. Você virá com uma piada favorita, foi sempre engraçada para outras pessoas e, de súbito, uma pessoa desmonta-a com uma observação maliciosa. Ou você acaba de vencer a prova de corrida e saltos e fica seguramente contente. Fica com uma faixa de cerca de um metro e está orgulhoso disso, e tudo bem. E uma pessoa diz-lhe: „os seus sapatos estão cheios de lama, e também tem sujidade na cara”. NADA. Fazer nadas ali tanto quanto possível. Bem, este é o nada mais permissível que eles podem fazer, e estão a ser impedidos de desfazer coisas em nada. Não conhecem nenhum mecanismo para desfazer coisas. Realmente é através de esforço, de energia. Têm que desfazer coisas em nada com energia. Quanto mais tentam isso mais para baixo eles vão. Agora, quando eles têm fazer *alguma coisa*, porque têm que ter alguma coisa, entrarão no mesmo tipo de situação. Um *thetan* que está em muito boa forma pode imaginar uma sólida pirâmide de aço, e se estiver numa forma *maravilhosa*, poderá provavelmentevê-la também. Mas em baixo na escala, ele só compulsivamente imagina alguma coisa, então todo a sua automação passou para fazer alguma coisa e ele está a opor-se a isso. Está a opor-se a cada parte disso à medida que desce. Para compreender as pessoas, então, nós teríamos que compreender em que tipo de ciclo em que essa pessoa está. Está num ciclo de algos ou num ciclo de nadas? Nenhum deles é pior que o outro, mas a verdade é que as pessoas sãs, e nós categorizamo-las acima de 2.0 na escala de tom, fazem algos e nadas à vontade. Não têm que o fazer. Fazem-no para obter alguma acção, vida, e assim sucessivamente. E podem mudar de ideias. Não estão continuamente a fazer algos e nadas compulsivamente. A sua conduta contém alguma casualidade e diferença.

Realmente não há condição tal como „insanidade”. Realmente não há condição tal como neurose. Estas duas palavras simplesmente arbitrárias, que foram lançadas na sociedade e nunca definidas, a sociedade comprehende-as tão diversamente que crianças tão sãs como qualquer pessoa, ficam ali a chamar-se malucas umas às outras. É só uma gíria. Há contudo uma emoção chamada „*Glee de Insanidade*” („*Glee de Insanidade*”): Também chamada „glee de irresponsabilidade”, manifestação que toma a forma de uma verdadeira emanação de onda, basicamente o resultado de um individuo dramatizar a condição; „tem Que alcançar–não Pode alcançar, tem Que afastar–se–não Pode afastar–se”), uma coisa intolerável para uma pessoa.

Se, digamos, uma pessoa num estado tal em relação à energia que não pudesse tomar conta de si própria, não se pudesse alimentar devidamente ou tomar conta do corpo, nós poderíamos chamar *essa* pessoa de louca. Mas outra vez isto é só uma coisa arbitrária. Realmente não há qualquer definição nesta sociedade.

Mas para compreender e prever as pessoas em geral basta saber se elas fazem algos ou nadas das coisas, e então lembre–se se faz favor que a sua conduta é consistente. Elas poderiam ter muitas razões. Elas poderiam estar a fazer alguma coisa impossível de prever. Mas têm um motivo subjacente à sua conduta só nesta medida: *algo, ou nada*. Estão a fazer uma coisa ou a outra.

Agora há duas outras categorias de seres humanos, e uma é a categoria de cima da escala onde as coisas podem ser más e boas, à vontade. As categorias de Saber a Sexo na escala superior podem ser boas, mas quando estão em baixo na escala, tudo de Saber a Sexo, e a escala

inferior é toda Mistério, é MAU. E quando tem alguém em que tudo na Escala de Saber a Mistério é mau, você tem um caso muito inverso. Está bem abaixo de 2. É tudo mau. É por isso que „temos que fazer nadas”. É o seu 1.5. Ele está de facto ali a operar cem por cento. Só pode operar em emergências. „Nós estamos a ponto de ter este tremendo desastre e por isso vamos ter que ter esta legislação de emergência”, e por isso, „podemos fazer este exército enorme”, para fazer nadas.

Eles perderam o conceito de fazer alguma coisa, porque é divertido, e eis a sua última tónica. Indivíduos que podem fazer coisas, não importa se boas se más, indiferentes ou ultrajantes simplesmente porque são divertidas, um indivíduo que pode livremente e com um coração claro fazer coisas porque são divertidas, é uma pessoa muito sã. Está em forma.

Você pode notar a quantidade de riso de uma pessoa. O riso tem várias harmónicas pela linha abaixo, mas nós não estamos a falar das harmónicas. Este é o riso de escala bastante alta. Ele não ri porque está envergonhado. Ri porque pensa que alguma coisa é engraçada, e se uma pessoa ri bastante frequentemente, e o riso é muito fácil, você tem um homem sã. Para baixo na escala eles riem cada vez menos, ou riem com mais embaraço, ou compulsiva ou obsessivamente, cada vez mais, à medida que chegamos ali ao fundo, e ali a pessoa apenas não ri. Também não vive. Ela apenas fica ali, massa, significado e nenhuma mobilidade. Já nem sequer é um símbolo.

Ali, em essência, se tiver o cuidado de o estudar, está o Quadro de Avaliação Humana, e se tiver o cuidado de aplicar esta informação como um todo á vida, você descobrirá que pode conhecer os seres humanos.

Mas lembre-se que não deverá esperar que eles o conheçam a si. Se a sua distância nessa fórmula de comunicação for muito curta, eles não o compreenderão, mas isso não o impede a si de os compreender.

GLOSSÁRIO

„1.5”: equivalente numérico no QUADRO DE AVALIAÇÃO HUMANA á pessoa que está em Hostilidade Aberta. Fúria é o seu estado standard. Ela é capaz de acção destrutiva e tem a característica de tentar parar coisas.

„ALEGRIA DE INSANIDADE”: Também chamada „alegria de irresponsabilidade”. Manifestação que toma a forma de uma verdadeira emanação de onda que resulta basicamente o de uma dramatização individual da condição: „ter Que alcançar–não Poder alcançar, ter Que retirar–não Poder retirar”.

„PROCESSO ESGOTADO”: Um processo é continuado contanto que produza mudança e não mais, momento em que o processo está „esgotado”.

„V NEGRO”: Um caso pesadamente ocluso caracterizado por imagens mentais que consistem de massas negras. Trata-se do „Passo V” dos antigos procedimentos como o Procedimento Standard Operacional 8.

ACTO OVERT: Uma acção prejudicial, ou contra-sobrevivência, contra uma ou mais dinâmicas.

ANATEN: Uma Abreviatura de analítico atenuado, significando a diminuição ou o enfraquecimento da consciência analítica de um indivíduo por um breve ou extenso período de tempo. Se suficientemente grande, pode resultar em inconsciência. Vem da restimulação de um engrama que contém dor e inconsciência.

A-R-C, PRINCÍPIO DE: O triângulo „A-R-C” é Afinidade, Realidade e Comunicação. O princípio básico aqui é que conforme a pessoa sobe ou baixa quaisquer dos três cantos deste triângulo, os outros sobem ou baixam, e que o ponto de entrada chave para estes é Comunicação. A Compreensão composta de A-R-C.

ÁREA ENTRE-VIDAS: As experiências de um theta entre a perda de um corpo e assunção de outro. Segundo *Uma História do Homem* por L. Ron Hubbard (ver lista de livros).

ARQUIVISTA: Gíria dos auditores de Dianética para o mecanismo da mente que age como monitor de dados. Os auditores poderiam obter respostas instantâneas ou „relâmpago” directamente do „arquivista” para ajudar no contacto de incidentes.

AUDIÇÃO: A aplicação dos processos e procedimentos de Cientologia a alguém por um auditor treinado. A definição exacta de audição é: a acção de fazer uma pergunta a um preclaro (a qual ele possa compreender e a que possa responder), obtendo uma resposta àquela pergunta e acusando a recepção àquela resposta.

AUDITOR: Cientólogo Treinado. Significa: „aquele que ouve” e é uma pessoa que aplica a tecnologia de audição de Cientologia aos indivíduos para seu melhoramento.

BANCO DE ENGRAMAS: Um nome coloquial para a mente reactiva. Aquela porção da mente de uma pessoa que funciona numa base de estímulo-resposta.

BANCO DE FAC-SÍMILES: Quadros de imagens mentais; os conteúdos da mente reactiva; coloquialmente, „banco”.

BANCO: UM nome coloquial para a Mente Reactiva.

CICLO DE ACÇÃO: A criação, crescimento, conservação, decadência e morte ou destruição de energia e matéria no espaço. Ciclos de Acção produzem tempo.

CIRCUITO: Uma parte do banco de um indivíduo que se comporta como se fosse alguém ou algo separado dele e dita ou assume as suas acções. Circuitos são o resultado de comandos engrânicos.

CRISTA: Acumulação sólida de antiga energia mental inactiva suspensa no espaço e tempo.

DEMORA DE COMUNICAÇÃO, E „DEMORA DE COMUNICAÇÃO ESGOTADA”: O tempo que um preclaro leva a dar uma resposta à exacta pergunta de audição, ou a levar a cabo o exacto comando de audição. „Demora de comunicação esgotada” é o ponto em que a pergunta ou comando de audição já não produz mudanças na demora de comunicação.

DIANÉTICA: Significa através da alma. Dianética é a mais avançada escola da mente, e é aquele ramo da Cientologia que trata da anatomia mental.

DINÂMICA: O impulso, propósito de vida, **SOBREVIVER!** nas suas oito manifestações.

A PRIMEIRA DINÂMICA é o impulso para a sobrevivência do eu.

A SEGUNDA DINÂMICA é o impulso para a sobrevivência através do sexo, ou crianças.

Esta dinâmica tem na verdade duas divisões. Segunda Dinâmica (a), o acto sexual em si, e Segunda Dinâmica (b) a unidade familiar, inclusive a criação de filhos.

A TERCEIRA DINÂMICA é o impulso para a sobrevivência através de um grupo de indivíduos, ou como um grupo. Poderia ser considerado que qualquer grupo ou parte de uma classe inteira são uma parte da Terceira Dinâmica. A escola, o clube, a equipa, a cidade, a nação são exemplos de grupos.

A QUARTA DINÂMICA é o impulso para sobrevivência através de todo o género humano e como todo o género humano.

A QUINTA DINÂMICA é o impulso para sobrevivência através de formas de vida como animais, pássaros, insectos, peixes e vegetação, e é o impulso para sobreviver como tal.

A SEXTA DINÂMICA é o impulso para a sobrevivência como universo físico e tem como seus componentes Matéria, Energia, Espaço e Tempo dos quais nós derivámos a palavra MEST.

A SÉTIMA DINÂMICA é o impulso para a sobrevivência através de espíritos ou como espírito. Qualquer coisa espiritual, com ou sem identidade, viria sob a Sétima Dinâmica. Um subtítulo desta Dinâmica é ideias e conceitos como beleza, e o impulso para sobreviver através destes.

A OITAVA DINÂMICA é o impulso para a sobrevivência através de um Ser Supremo, ou mais exactamente, Infinidade. É chamada a Oitava Dinâmica porque o símbolo de Infinidade na vertical faz o número „8”.

DRAMATIZAÇÃO: Pensar ou agir de uma maneira que é ditada por massas ou significâncias contidas na Mente Reactiva. Ao dramatizar, o indivíduo é como um actor representando a sua parte ditada, passando por toda uma série de acções irrationais.

ELO, SECUNDÁRIO, ENGRAMA: Um *elo* é um quadro de imagem mental de uma experiência não-dolorosa mas perturbadora que a pessoa experimentou e cuja força depende de num secundário e engrama anterior que a experiência restimulou. Um *secundário* é um quadro de imagem mental que contém mal-emoção, desgosto enquistado, fúria, apatia, etc., e uma perda real ou imaginária. Estes não contêm dor física. São momentos de choque e tensão cuja força que depende de engramas anteriores restimulados pelas circunstâncias do secundário. Um *engrama* é um quadro de imagem mental de uma experiência que contém dor, inconsciência, e uma ameaça à sobrevivência real ou imaginária.

ENGRAMA: Um quadro de imagem mental de uma experiência que contém dor, inconsciência, e uma ameaça real ou imaginária à sobrevivência. É uma gravação na mente reactiva de alguma coisa que de facto aconteceu a um indivíduo no passado e que continha dor e inconsciência, ambas as quais estão registadas num quadro de imagem mental chamado engrama.

ESCALA DE SABER-A-MISTÉRIO: A escala de Afinidade de SABER para baixo através de OLHAR, EMOÇÃO, ESFORÇO, PENSAMENTO, SÍMBOLOS, COMER, SEXO, e por aí fora para não Saber, MISTÉRIO. A ESCALA de SABER-A-SEXO era a versão anterior desta escala.

ESCALA de TOM EMOCIONAL: Veja ESCALA de TOM.

ESCALA DE TOM: Uma escala que mede e relaciona os vários factores de comportamento, emoção e pensamento com os níveis da escala. (O livro, *Ciência da Sobrevivência*, por L. Ron Hubbard contém uma descrição completa da escala de tom e suas aplicações à vida).

EXTERIORIZAÇÃO: O estado do theta que está fora do corpo. Quando isto é feito, o sujeito alcança uma certeza de que é ele próprio e não o corpo dele.

FAC-SÍMILE: Um quadro de imagem mental.

FIO DIRECTO: Processos de memória directa, ou uma classe de processos encontrados nos procedimentos de audição de Dianética e Cientologia.

FÓRMULA DE COMUNICAÇÃO: Comunicação é o intercâmbio de ideias ou objectos entre duas pessoas ou terminais. A Fórmula de Comunicação e sua definição precisa é: Causa, Distância, Efeito com Intenção e Atenção e uma duplicação em Efeito do que emanou de Causa. (A capacidade de comunicar é a chave do sucesso na vida, por isso, esta definição deverá ser completamente estudada e compreendida. Leia *Dianética 55!* por L. Ron Hubbard para um completo tratado prático de comunicação. Veja a lista de livros de Cientologia a seguir).

G.E. (ENTIDADE GENÉTICA): Um composto de toda a experiência celular registada ao longo da linha genética do organismo até ao presente corpo. Tem a manifestação de uma única identidade. Não é o ser theta ou o „eu”.

GRANDE VOLTA: O processo R1-9 do livro *A Criação da Capacidade Humana*, por L. Ron Hubbard.

KEY-IN (verbo): Um momento anterior de perturbação ou experiência dolorosa é activado, restimulado pela semelhança de uma ou mais situações, acções ou ambiente recentes.

KEY-OUT: Libertação ou separação da pessoa da mente reactiva ou de parte dela.

LIBERTO DE DIANÉTICA: Uma pessoa que atingiu bons ganhos e estabilidade de caso em audição de Dianética, e pode desfrutar da vida. Tal pessoa está „desligada” ou, por outras palavras, liberta dos mecanismos de estímulo-resposta da mente reactiva.

MANUAL DO AUDITOR DE GRUPO: Esta foi uma compilação de sessões de audição de grupo de 1954 que são o resultado dos Cursos Clínicos Avançados daquele ano.

MENTE REACTIVA: Aquela porção da mente de uma pessoa que funciona numa base de estímulo-resposta, que não está sob o seu controlo volitivo e que exerce força e poder de comando sobre a sua consciência, propósitos, pensamentos, corpo e acções.

MERCADORES DO MEDO: A personalidade aberrante. Era uma descrição antiga do que é conhecido como Pessoa Supressiva, ou Personalidade Anti-social.

MOCK-UP: Um modelo, construção ou imagem mental criada por um theta. Um mock-up é distinto de um fac-símile na medida em que é criado voluntariamente, não necessariamente copiado de experiência prévia, e está sob o controlo do theta.

NÍVEL de ACEITAÇÃO de: O grau da verdadeira disposição da pessoa para aceitar pessoas ou coisas, monitorizado e determinado pela sua consideração do estado ou condição em que essas pessoas ou coisas têm de estar para que ela seja capaz de o fazer.

O MANUAL DO AUDITOR: Era o manual corrente na ocasião das Conferências de Fénix que continha os Axiomas e os processos de Procedimento Intensivo Rota Um e Rota Dois. Forma as bases e está todo inserido em *A Criação da Capacidade Humana* por L. Ron Hubbard, com muito material adicional. *A Criação da Capacidade Humana* é um texto primordial e está disponível em todas as livrarias da Organização de Cientologia.

OITO D (8D): Procedimento Standard Operacional 8D (1954). Primeiramente, para casos pesados, a meta deste procedimento era „trazer o preclaro a tolerar qualquer ponto de vista”. Veja *A Criação da Capacidade Humana* por L. Ron Hubbard.

PRECLARO: UMA pessoa que através do processamento de Cientologia está a descobrir mais sobre ele e a vida.

PROCEDIMENTO 30: O procedimento de audição especial do qual o Procedimento de Abertura por Duplicação (R2-17 de *A Criação da Capacidade Humana*) é o primeiro passo.

PROCEDIMENTO INTENSIVO: O Procedimento Operacional Standard, 1954, dado em *A Criação da Capacidade Humana* por L. Ron Hubbard.

PROCESSAMENTO: Aquela acção ou acções de um auditor, governada pelas disciplinas técnicas e códigos de Cientologia, de administrar um processo a um preclaro a fim de o livrar ou o libertar.

PROCESSO: Um conjunto de perguntas feitas por um auditor para ajudar uma pessoa a descobrir coisas sobre ela ou sobre a vida. Mais completamente, um processo é uma acção moldada, feita por auditor e preclaro sob a direcção do auditor e que é invariável e inalterável, composta de certos passos ou acções calculadas para livrar ou libertar um theta. Existem muitos processos, e eles são alinhados com os níveis ensinados aos estudantes, e com os graus aplicados a preclaros, os quais conduzem o estudante ou o preclaro gradualmente a uma compreensão e consciência mais altas. Qualquer processo só é corrido desde que produza mudança e não mais.

Q & A: De „Question (Pergunta) e Answer (Resposta)”. Este termo referia-se originalmente ao facto que *a resposta à pergunta é a pergunta*. Q & A foi usado como termo para „mudar quando o preclaro muda”, e é referido no Capítulo Vinte e Quatro ao preclaro que duplica a entidade do auditor.

QUADRO DE ATITUDES: Um quadro no qual em 1951 L. Ron Hubbard traçou, com os valores numéricos da Escala de Tom Emocional, o gradiente de atitudes que caem entre os estados mais altos e mais baixos de consideração sobre a vida. Exemplo: topo, CAUSA, fundo, EFEITO TOTAL.

R2-40: Rota Dois, Processo Número 40, Conceber um Estático. Veja *A CRIAÇÃO DA CAPACIDADE HUMANA* por L. Ron Hubbard.

SEQUÊNCIA ACTO OVERT-MOTIVADOR: sequência Overt-motivador: A sequência em que alguém que cometeu um overt tem que reivindicar a existência de „motivadores”. É então provável que os motivadores sejam usados para justificar actos overt adicionais.

SOMÁTICOS: Percepções originárias do Banco Reactivo, de dor física passada ou desconforto, restimuladas em tempo presente.

SÓNICO: A capacidade de recordar um som de forma que a pessoa o possa ouvir outra vez como o ouviu originalmente, tom e volume completos.

SOP: Procedimento Operacional Padrão.

TÉCNICA REPETITIVA: Refere-se à técnica de Dianética que usa a repetição pelo preclaro de uma palavra ou frase a fim de produzir movimento na banda do tempo de um engrama que contém aquela palavra ou frase.

THETA CLEAR: Um indivíduo que, como ser, tem a certeza da sua identidade, aparte o seu corpo, e que habitualmente opera o corpo de fora, ou *exteriorizado*.

THETAN: De Theta, o Estático. Palavra tirada da letra grega Θ, theta, símbolo tradicional do pensamento ou espírito. O thetan é o próprio indivíduo, não o corpo, espírito ou qualquer outra coisa, aquilo que está consciente de ser consciente, a identidade que É o indivíduo.

UNIVERSO MEST: O universo físico. (Das iniciais de **M**aterialia, **E**nergia, **s**paço, **T**empo).

VALÊNCIA: A assunção por um indivíduo de uma entidade diferente da sua própria.

VÍSIO: A capacidade de ver em forma de fac-símile alguma coisa que a pessoa viu antes, de forma que a vê outra vez da mesma cor, escala de dimensão, brilho e detalhes como foi vista originalmente.